



SUSAN FOX

UM SONHO PERFEITO

◆ AUTORA DO BEST-SELLER DE REPENTE, O AMOR ◆



SUSAN FOX

UM SONHO PERFEITO

Tradução

Júlio de Andrade Filho



Diretora
Rosely Boschini

Assistente Editorial
Carolina Pereira da Rocha

Produção Editorial
Rosângela de Araujo Pinheiro Barbosa

Controle de Produção
Fábio Esteves

Tradução
Júlio de Andrade Filho

Preparação
Geisa Mathias de Oliveira

Projeto gráfico e diagramação
Osmane Garcia Filho

Revisão
Vero Verbo Serviços de Editoração

Capa
Osmane Garcia Filho

Imagens de capa
solominvictor e Studio Smart/
Shutterstock

Produção do ebook
[Schäffer Editorial](#)

Única é um selo da Editora Gente.

Título original: *Home on the Range*

Copyright © 2013 by Susan Fox

Publicado por acordo com Kensington Publishing Corp. NY, NY
USA.

Todos os direitos reservados.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Gente.

Rua Pedro Soares de Almeida, 114

São Paulo, SP – CEP 05029-030

Tel.: (11) 3670-2500

Site: www.editoragente.com.br

E-mail: gente@editoragente.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)



Fox, Susan

Um sonho perfeito / Susan Fox ; [tradução Júlio de Andrade Filho]. — São Paulo : Única Editora, 2014.

Título original: *Home on the Range*.

ISBN 978-85-67028-44-6

1. Romance canadense I. Título.

14-07745

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura canadense em inglês 813

SUMÁRIO



Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Nota da autora

CAPÍTULO 1



— **VOCÊ FICOU MALUCO?** Eu, ir a uma fazenda?

Evan Kincaid olhou por cima da mesa para o homem que tinha sido, até dois minutos antes, seu cliente favorito.

— Calma. Não faça cena.

Gianni Vitale, um homem atarracado de meia-idade, estendeu a mão em um gesto extravagante que englobava o restaurante inteiro. O olhar de Evan seguiu aquela mão. À uma hora da tarde em uma quinta-feira, o Gramercy Tavern estava lotado de pessoas bem vestidas: homens de negócios, como eles próprios, pessoas que faziam compras que pararam para uma pausa, e turistas que olhavam extasiados os murais de Robert Kushner e a decoração elegante.

A atmosfera estava carregada de alho e fofocas, e ninguém estava olhando para eles. Por que faziam isso, afinal? Que interesse teriam dois homens de negócios, típicos de Manhattan, de terno e gravata?

Evan se virou para Gianni e olhou-o de novo.

— Eu não estou fazendo cena. E não irei a uma fazenda, rancho ou o que seja, de maneira nenhuma.

— Você não está me ouvindo. O Crazy Horse não é uma dessas fazendas que você está pensando, é um hotel fazenda! Você não vai ter de bancar o cowboy!

Uma fazenda era uma fazenda.

— Não terei de bancar nada porque não irei.

Gianni soprou o ar.

— Você está pior do que eu, quando Elena me contou onde havia reservado nossas férias. Acredite em mim, você poderá andar a cavalo todos os dias e aprender

um bocado sobre eles.

— Andar a cavalo? Sem chance.

Quando crescera na pequena Hicksville, ele havia jurado que nenhuma força no mundo o obrigaria a montar em um cavalo, e ele continuava preso a esse juramento.

— E ainda tem um spa maravilhoso. As instalações e os funcionários são de primeira linha — Gianni baixou a voz. — A comida é ainda melhor do que a daqui. Você desfrutará dos melhores dias de sua vida. É tudo muito chique. Rústico chique — e tomou um gole de seu dry Martíni.

— Rústico chique? — Evan repetiu incrédulo. — Gianni, pode tirar seu cavallinho da chuva, não vai conseguir me convencer. — Seu cliente não sabia que Evan havia crescido em uma fazenda no interior e que detestava isso.

Gianni se inclinou para a frente, os cotovelos sobre a mesa, e encarou o outro com firmeza.

— Evan, há cinco anos você tem sido meu consultor de investimentos. Quando o pessoal da Addison & Carruthers o indicou, no começo, eu protestei...

As sobrancelhas de Evan se levantaram.

— Eu não sabia disso.

— É verdade. Mas Winston Addison me disse que você era uma estrela em ascensão e que seu estilo me serviria. Foi o que aconteceu. E quando você saiu da A & C para criar o próprio negócio há três anos, fui seu primeiro cliente.

Era verdade. Quando o perfil de Evan divergiu para longe do estilo tradicional da A & C, eles chegaram a um acordo amigável. Um acordo que lhe permitiu levar alguns poucos clientes da antiga empresa em troca de indicar outros apropriados para a A & C no futuro.

— Eu ainda não perdi minha memória.

— Você precisa se lembrar de certas coisas. Eu lhe trouxe milhões de dólares do meu negócio e mais de uma dúzia de clientes para sua empresa.

— E desempenhei meu papel muito bem para você e seus colegas, apesar da recessão. Você recebeu seu dinheiro de volta e mais algum, de lucro.

Ainda assim, um sentido de obrigação e agradecimento para com Gianni cutucava a consciência de Evan. Não havia muitos bilionários que teriam deixado a segurança de uma empresa estabelecida, como a A & C, para arriscar sua fortuna em um recém-chegado, especialmente em uma economia instável como a atual.

Gianni se inclinou para ainda mais perto.

— Eu gosto de pensar que nós nos tornamos mais do que cliente e conselheiro financeiro. Não somos amigos?

Ele sabia que Gianni jogaria essa carta.

— Você está partindo meu coração.

Evan sabia que suas palavras não tinham convicção. Gianni não era exatamente um amigo, o relacionamento entre eles, contudo, era mais do que uma relação apenas comercial. E isso era raro para Evan. Embora tivesse superado sua estranheza de infância, a sociabilidade ainda não acontecia com facilidade para ele. Além disso, havia pouco tempo para o desenvolvimento de amizades quando a pessoa buscava a via rápida para o auge no mundo dos negócios. E quem precisava de amigos, afinal? Ele tinha tido uma amiga certa vez, e veja só como as coisas haviam acabado...

— E você vai partir meu coração, Evan, caso não dê a essa oportunidade uma avaliação justa.

— Eu não disse que não avaliaria, só falei que não será *in loco*. Peça a esse cowboy que mande um e-mail pra mim com sua análise financeira, seu plano de negócios, suas projeções e darei plena consideração. Embora eu deva dizer que estou surpreso. Isso não é seu tipo de investimento usual. Como é que o chamou, mesmo? Andar a cavalo sem frescuras? O que significa isso?

— Há desses ranchos para turistas nos quais os hóspedes podem brincar de cowboys, e os hotéis fazenda como o Crazy Horse, em que Elena e eu fomos. TJ Cousins quer abrir um campo para equitação que se concentre apenas em cavalos e equitação, sem distrações. Aulas de equitação todos os dias, passeios de trilha, cuidados com os cavalos, comunicação com os cavalos, e...

— Sim, sim, entendi. — Evan o interrompeu quando uma imagem surgiu em sua mente.

Uma menina com cabelos castanhos presos em um rabo de cavalo, sentada em frente a ele na lanchonete do colégio, contando-lhe seu mais recente sonho com os cavalos.

Como sempre acontecia quando pensava em Jess, Evan sentiu-se inundar por um turbilhão de emoções. O predominante era uma sensação de perda. Sentiu aquela emoção pungente a cada vez que algo importante acontecia em sua vida, e seu primeiro instinto, bizarramente, era contar tudo para uma garota que não via há dez anos.

Um aborrecimento, com si próprio e com seu cliente, deixou sua voz aguçada.

— Por Deus, Gianni, isso me lembra uma garota que conheci quando era mais novo. Ela e seu TJ Cousins parecem duas ervilhas de uma mesma vagem. E vou lhe dizer uma coisa, essa vagem pode muito bem ter vindo de outro planeta.

Não era justo comparar o desconhecido TJ Cousins com Jess Bly, porém, essa coisa de andar a cavalo sem maiores frescuras parecia o mesmíssimo tipo de esquema excêntrico com o qual sua velha amiga teria sonhado. Jess havia sido a garota mais

doce e gentil que conhecera — e qualquer felicidade em sua infância ocorrera por causa dela. Entretanto, Jess definitivamente não era a pessoa mais prática do mundo.

Quando tinha oito anos, ela queria criar cavalos de corrida, montá-los ela mesma e ganhar a Tríplice Coroa. Havia acabado de ler o *National Velvet*. Aos dez anos, a ideia era abrir uma escola de equitação, na qual os alunos aprenderiam o idioma e a montar, ao mesmo tempo. Com doze anos...

Ah, o que isso importa? Jess Bly fazia parte de seu passado. A parte em que ele tentava não pensar. Ele tinha estragado tudo, e para valer. E pagado o preço, durante todos esses anos. Havia perdido sua melhor amiga. Verdade, ele não merecia o perdão depois de ter agido como um porcaria, mas mesmo assim achava que todos aqueles anos de amizade na infância valeriam muito mais do que um e-mail frio de despedida, daquela Jess de dezessete anos. Ela havia dito que eles deveriam romper de uma vez, e se esquecer do passado.

Esquecer-se do passado? Ele se perguntara se Jess havia conseguido fazer isso. Para ele, embora raramente pensasse em Caribou Crossing ou em seus pais, tinha sido impossível esquecer-se de Jess.

Gianni esticou o braço por cima da mesa e estalou os dedos, exigindo a atenção de Evan.

— Eu não quis preencher um cheque, preferi vir falar pessoalmente. As ideias são excelentes, a mulher é impressionante e preciso de você para me dizer se é um investimento realista. Não espero grande retorno, mas quero uma perspectiva razoável de sucesso.

Deixando de lado seu sentimento de culpa, Evan dedicou-se novamente a seu cliente.

— De quanto dinheiro você está falando?

— Investir entre três e quatro milhões, eu acho. Ela já tem a propriedade. Pretendemos começar com alguns bangalôs, uma loja, o local para o treinamento e, claro, ótimos cavalos. Seria expandir a partir daí. Além disso, a ideia básica de TJ é ter uma escala sobre os preços, para que os hóspedes paguem quanto puderem.

Evan bufou. Ah, sim, aquilo era tão eficiente como um dos velhos esquemas de Jess. Não era possível, será que Gianni havia deixado seu cérebro lá no Crazy Horse?

— Como eu disse antes, peça para a senhora Cousins me encaminhar suas informações.

Gianni balançou a cabeça com ênfase.

— Você tem de ir lá.

— Isso é um absurdo. — Evan empurrou seu prato de entrada, inacabado. Por mais delicioso que estivesse, tinha perdido o apetite.

Gianni apontou um dedo acusador.

— Você não entende. E não vai entender, não aqui, em Manhattan. Eu não teria entendido se Elena não tivesse me arrastado para Crazy Horse. Você deve falar com TJ pessoalmente e ver o trabalho com os cavalos. Seu método é baseado nas técnicas de Monty Roberts e...

— Poupe-me dos detalhes.

Aquilo seria como falar com Jess, lá atrás, quando os dois eram crianças com seus grandes sonhos. Evan lembrou-se das centenas de horas que passaram juntos, enquanto ela falava entusiasmada sobre seus sonhos com cavalos e ele expunha a maneira como seria o rei da montanha na Big Apple. Eles tinham se amado e se apoiado. Jess foi a única coisa boa em Hicksville. Tinha sido sua primeira... *Droga!* Evan puxou os freios nessa linha de pensamento.

— Deixe-me ver se entendi — disse ele. — A senhora Cousins trabalha para o Crazy Horse e está falando com os hóspedes para investir em uma empresa concorrente?

— Não, não — Gianni balançou a cabeça com vigor. — Não são concorrentes. As duas operações serão complementares, como sua empresa e a A & C. O conceito que ela desenvolveu tem mais apelo para aqueles que querem se tornar cavaleiros de fato. E não, ela não está falando com os hóspedes, é que aconteceu de conversarmos um dia.

Ah, lógico. Depois que essa Cousins pesquisou no Google e descobriu quanto esse Gianni era rico.

— Eu nunca lhe pedi um favor pessoal — disse seu cliente.

Droga, de novo. Gianni estava usando todas as cartas.

— Você tem trabalhado demais, Evan. Precisa de uns dias de folga. E eu vou lhe dar umas férias pagas.

Agora ele tinha completado a pressão.

— Cynthia e eu estávamos em Paris no mês passado e em Tóquio no anterior.

— Foram viagens de trabalho. Sua honrada namorada não tira férias de verdade. Nem você.

Evan deu de ombros. Ele não tinha pensado nisso dessa maneira, mas o que Gianni disse era verdade. Cada viagem dessas era a trabalho no mínimo para um deles, e muitas vezes, para os dois. O emprego dela como advogada de empresas e o dele como consultor de investimentos quase sempre os levavam a uma mesma direção. Realmente, eles se conheceram em um congresso em Genebra.

Sim, eles costumavam planejar suas viagens com um ou dois dias extras para fazer compras e visitar museus e galerias, mas nunca tinham tirado férias de verdade.

Umas férias... Por um momento, a ideia pareceu tentadora. Ah, não, não essa ideia de ir a um rancho idiota que lembraria sua infância horrível, mas talvez ficar numa praia no sul da França e... Não, o que ele estava pensando? O que é, tinha perdido a cabeça? Ele prosperava no trabalho. Claro que de vez em quando sofria de estresse e uma dor de cabeça ocasional, mas um bom treino na academia lidava com isso. Seu personal trainer até mesmo tinha lhe ensinado um conjunto de alongamentos para fazer no escritório, para aliviar essas tensões.

Droga, Gianni deveria ser a primeira pessoa a entender que esses feriados não tinham lugar no caminho rápido para o sucesso.

— Quando foi a última vez que teve um período de férias no campo? — Perguntou seu cliente.

— Nunca. — Quando ele morava em Caribou Crossing, aquilo podia ser tudo, menos férias. — Isso me parece a boca do inferno. Onde fica esse diabo desse Crazy Horse? No Texas?

— No Canadá. No interior de British Columbia. Eles o chamam de Cariboo. Você voa até Williams Lake, e então é uma hora ou duas de carro.

O coração de Evan parou. Caribou Crossing — Hicksville, como ele chamava — ficava a uma hora ou duas a partir de Williams Lake.

Ele estava vagamente consciente de ter visto Gianni acenar para o garçom, e em minutos, dois martinis chegaram. O garçom levou o copo vazio de Gianni. Evan não costumava beber álcool no meio do dia, mas sua mão se estendeu automaticamente e pegou a taça. Caribou Crossing, diabos... Quilômetros e quilômetros de campo aberto, cavalos, Jess Bly. Sua mãe...

Sua mão se afastou com rapidez da taça de martini. A mãe e o abusivo e fugitivo pai eram a razão pela qual ele tomava tanto cuidado com o álcool.

Inferno! Ele não precisava dessas lembranças.

E com certeza não precisava de um feriado. Ele trabalhava duro, sim, mas não estava com excesso de trabalho ou estressado. Ele havia alcançado seu sonho de infância e o adorava, podendo construir seu negócio para que ficasse maior e melhor — e não apenas ajudava seus clientes a ganhar mais dinheiro, mas também apoiava muitas instituições de caridade. Ele e Cynthia levavam uma vida de alta sociedade. Tinham amigos com quem podiam jantar em Paris e Roma, Hong Kong e Tóquio, Londres e Sydney. Ele morava em Nova York, a melhor cidade do mundo, a cidade dos mais ousados e mais corajosos, o único lugar que sempre o atraía, e que ainda o encantava e o impressionava a cada dia. Ele estava vivendo seu sonho. De jeito nenhum voltaria para o buraco em que a pura miséria tinha gerado esse sonho.

— Está com medo de cair de um cavalo? — Perguntou Gianni com falsa inocência.

— Não seja ridículo.

— Elena está muito a favor do investimento. Ela diz que sou um novo homem desde as nossas férias. Parte do acordo com o TJ é que teremos um chalé reservado para nós durante um mês por ano, um lugar para relaxar e montar. Para sentir o cheiro das rosas, como se costuma dizer no Crazy Horse.

Evan reconhecia uma ameaça quando Gianni a ouvia.

— Você está dizendo que se eu não for até lá para conversar com essa caipira e analisar a proposta, irá deixar Elena o convencer a jogar vários milhões de dólares pela janela?

Gianni sorriu com prazer e esticou a mão rodeada de diamantes sobre a mesa.

— Que bom que você vai, Evan... Eu sabia que você protegeria meu dinheiro.

— Espere um minuto.

Gianni retirou a mão e fez uma careta.

— Onde exatamente fica esse lugar?

Não havia nenhum rancho ou hotel fazenda chamado Crazy Horse perto de Caribou Crossing enquanto ele morou lá.

Um encolher de ombros.

— Nunca procurei em um mapa. Qual é a diferença?

Tendo se transformado num consumado habitante de Nova York, Evan não confessaria que Caribou Crossing tinha sido sua casa na infância.

Ele deu de ombros.

— Só por curiosidade...

Respirou fundo e deixou o ar escapar. TJ Cousins... Tinha havido um monte de Cousins em Caribou Crossing — ele mesmo tinha tido três desses na escola, incluindo Dave, o astro do basquete e presidente da classe —, mas nenhum TJ. É bem capaz que esse Crazy Horse ficasse longe de Caribou Crossing. Mesmo que ficasse perto, ele nunca teria de procurar Jess. Ou visitar sua mãe.

De fato, Gianni era seu melhor cliente; além disso, era o mais próximo que podia chamar — exceto Cynthia — de amigo. Ele não podia deixá-lo jogar fora milhões de dólares em algum esquema louco só porque sua esposa, uma mulher normalmente sã, tinha desenvolvido uma paixão temporária por andar a cavalo e cheirar rosas.

— Tudo bem — disse ele de má vontade —, estou dentro.

Dessa vez, foi ele que estendeu a mão do outro lado da mesa. Gianni a agarrou e puxou com entusiasmo, enquanto Evan se perguntou em que havia se metido.

— Libere sua agenda para duas semanas — ordenou Gianni.

Evan bufou.

— Dois dias.

— Não, você vai precisar de todo o tempo para aprender tudo o que precisa. Não quero que vá como meu consultor de investimentos e fique apertando a TJ. Você vai disfarçado, entendeu? Como um hóspede comum. Vá com calma, sinta como ela é e como são seus métodos. Não entenderá como funciona um rancho desses sem compreender o contexto, o ambiente, a pessoa por trás dele.

Evan franziu o cenho. Por mais que odiasse admitir, Gianni tinha razão. O sucesso ou o fracasso de um novo empreendimento não se baseia apenas no plano de negócios, mas também na pessoa por trás dele. Sua empresa foi um excelente exemplo. Contudo, alguns dias, uma semana no máximo, devia ser o suficiente.

— Peça para Angélica me ligar e passarei os detalhes — disse Gianni. — Vá o mais cedo possível, porque Elena e eu estamos ansiosos para começar logo com isso, desde que você aprove. O pacote de equitação começa em um domingo, dura duas semanas e você voltará em um sábado. Um dia depois, venha ao nosso brunch de domingo no apartamento, agradeça pelas férias e nos conte tudo o que achou de TJ e seus planos.

Evan apertou a mandíbula. Ele não estava acostumado a entregar o controle.

— Ah, antes que me esqueça... — os olhos escuros de seu cliente brilharam.

Evan estudou Gianni desconfiado.

— Leve Cynthia, se quiser.

A chique Cynthia no rancho Crazy Horse. A mandíbula de Evan se soltou e sua risada se juntou ao sorriso de Gianni.

Os dois deixaram o restaurante juntos, então se separaram. Depois de uma curta caminhada, Evan chegou ao seu elegante e moderno escritório. Ele pediu a Angélica, a assistente, que ligasse para Gianni e pedisse as informações sobre o Crazy Horse. Depois, que telefonasse para lá para ver se era possível fazer reservas para uma semana. Com alguma sorte, o maldito lugar estaria reservado para o resto do verão.

Perto do final da tarde, os saltos de Angélica clicavam sobre o piso de mármore.

— Você está com sorte. Houve um cancelamento para a próxima semana no... Crazy Horse.

Os lábios de Evan se contorceram quando os lábios da eficiente assistente, coloridos de um roxo bizarro que ele assumiu estar na moda, hesitaram com o nome do lugar. Ficou claro que Angélica pensava que “louco” se aplicava ao próprio patrão. Evan mal podia esperar para ver a reação de Cynthia, quando lhe contasse sobre isso no jantar. Talvez ele repassasse a sugestão de Gianni de ela se juntar a ele, só para ver sua expressão horrorizada.

— Reservei por duas semanas.

— Eu disse uma...

Angélica levantou uma mão.

— Eles só fazem reservas de pacotes de duas semanas no Crazy Horse. E sempre é possível encontrar uma desculpa para sair mais cedo. Como cair de um cavalo e quebrar uma perna? — Ela falou isso com o rosto impassível, mas Evan pensou ter visto um brilho no olhar da moça.

— Você é uma grande ajuda — resmungou ele.

— O senhor Vitale me disse que cobrasse tudo no seu cartão, que, depois, ele fará o reembolso. Ele não quer que nada apareça em seu nome, uma vez que você irá à paisana... Foi assim que ele falou... À paisana.

Ela entregou uma pasta de arquivo.

— Aqui está o e-ticket e seu número de confirmação no Crazy Horse. Lá é tudo incluído. Custando seis mil por semana, é certo que a pessoa espere que seja. Percebi que esse lugar é conhecido no mundo todo e é muito exclusivo. Troquei algum dinheiro em dólares canadenses para o caso de você querer fazer algumas compras, embora eu não consiga imaginar algum lugar para gastar — os olhos dela estavam bem abertos, e não era de inveja.

— Nem eu...

— O Crazy Horse me mandou uma brochura e eu a imprimir. Você deveria saber que... — ela tossiu e Evan achou que sua assistente estava sufocando uma risadinha. Era um pensamento surpreendente, porque ele nunca havia ouvido a risadinha da supereficiente Angélica. — Hã... No que diz respeito à roupa, você tem de ter... — ela engasgou e dessa vez ele sabia que era uma risadinha.

— Pode falar. Isso não pode ficar pior, pode?

Ela deixou a risadinha escapar, que subiu alegremente entre ambos.

— É possível — ela engasgou novamente. — Cowboy... Botas. Você tem de ter... Botas de montaria. — Ela gaguejou por alguns instantes, em seguida, conseguiu dizer: — Acrescentei uma lista de lojas em Manhattan que as vendem.

— Obrigado. — Ele a observou, tão elegante e chique. — Você alguma vez montou em um cavalo?

— Eu tinha um namorado que andava no Central Park e fui com ele uma vez. Eu quebrei uma unha e voltei com minhas roupas cheirando a cavalo. Meio nojento... E você?

— Nem uma única vez na minha vida.

Sim, ele tinha vivido dez anos no paraíso dos cavalos, e sua melhor amiga era a maior adoradora de cavalos de todos os tempos, mas ele se recusou a montar em um.

Em parte, por saber que ele, um menino tão pouco atlético, poderia se envergonhar na frente de Jess, e também por ter uma impressão instintiva de que montar seria render-se. Seria aceitar que sua vida, a vida totalmente miserável em Hicksville seria tudo o que teria.

Montar. Droga, agora ele teria de fazê-lo. Agora, porém, ele era um adulto, saberia como lidar com isso. Com certeza não iria se transformar em um cara do campo, e mesmo que se mostrasse como alguém que mal sabia cavalgar, dessa vez não haveria nenhuma Jess para assombrá-lo. Além disso, ele não era mais um desajeitado, e faria o dever de casa.

Evan estava prestes a enviar Angélica para a livraria quando seu cérebro piscou de volta para Jess, quando o ironizou por ele tentar aprender a andar de patins lendo um livro sobre o assunto.

— Tudo bem — disse ele. — Acho que já vou indo — ele olhou para o relógio. Quase cinco horas. — A primeira prioridade para amanhã é limpar minha agenda para a próxima segunda e terça-feira. Talvez quarta. Isso deve dar-me tempo suficiente para aprender o que preciso sobre o investimento proposto por Gianni. — Levantou-se e vestiu o paletó.

— Você está indo embora agora? — Angélica parecia atordoada.

Não era de admirar. Era raro Evan sair do escritório antes das sete da noite, depois de trabalhar seguramente treze horas por dia.

— Indo às compras, eu tenho de achar as tais botas de cowboy, não é? — Respondeu com ironia.

Ela deu um grito e saiu dando risada.

Evan sacudiu a cabeça. Será que as surpresas nunca terminariam? Primeiro, seu cliente Gianni o havia convencido a fazer algo que, se alguém lhe tivesse perguntado naquela manhã, ele teria respondido que era inconcebível. Depois, a ultrachique Angélica tinha sido reduzida a risos. E, por fim, Evan Kincaid, a quintessência do nova-iorquino, estava saindo para comprar botas de cowboy e algum livro com instruções sobre como montar cavalos.

No caminho, quando passou pela mesa de sua assistente, perguntou:

— Alguém mencionou alguma cidade próxima?

— Deixe-me pensar... Algo a ver com veados, ou alces, não sei... Espere, sim, caribus. Caribou Crossing. Pitoresco, não?

— Caribou Crossing.

O nome havia ficado fixado em sua mente desde que Gianni tinha começado a falar de cavalos, e agora o atingira como um potente direto no estômago.

— Há alguma coisa errada?

— Não... — murmurou, pensando que as coisas não poderiam dar mais errado do que já deram.

Então, endireitou os ombros. Quer dizer então que o tal rancho Crazy Horse ficava perto de Caribou Crossing. Bem, como ele tinha resolvido antes, não havia nenhuma razão no mundo para ele colocar os olhos sobre sua mãe. Ou sobre Jess Bly.

A não ser que ele quisesse. Coisa que certamente não aconteceria.

CAPÍTULO 2



FOI A BUNDA que Jess Cousins notou em primeiro lugar.

Era segunda-feira e o mais recente grupo de hóspedes se apressava e tagarelava como um bando de gralhas nervosas na frente do estábulo. Em meio a eles havia esse cara parado, de costas para ela, enquanto estudava a fileira de cavalos amarrados a uma das traves. Ela teve impressões agradáveis da altura, dos braços compridos, da largura dos ombros e das pernas longas, e de um verdadeiramente notável bumbum. Muitos dos hóspedes do Crazy Horse eram rechonchudos e alguns, bem magricelas. Era raro ver uma admirável compleição física, e era ainda mais raro ver alguém tão classudo e...

Jess bufou baixinho. O que diabos ela estava fazendo, cobiçando o traseiro de um hóspede? Era só porque ela não fazia sexo há tanto tempo que quase tinha se esquecido de como era, ou porque aquele traseiro em questão era realmente tão notável? Ela estava arrastando o olhar para longe do objeto de sua admiração revestido de brim, quando o homem se virou.

— Ev?

O nome dele ficou preso na garganta, emergindo com um guincho. Ele havia mudado muito em dez anos, mas ela o reconheceu num instante. Apesar de sua expressão assombrada.

Ele caminhou em direção a Jess enquanto a boca formava o nome dela.

Seus músculos a firmaram no lugar quando ele se aproximou, e tudo o que seu cérebro conseguia fazer era ficar repetindo *Evan, meu Deus, é Evan*.

Contudo, logo se recompôs para enfrentar a situação.

— O que você está fazendo aqui? — Disse ela, ao mesmo tempo em que ele pronunciava as mesmas palavras.

Evan a agarrou por um ombro e a levou para mais longe do grupo. Vagamente, Jess notou que os demais hóspedes estavam olhando, mas era difícil se preocupar com alguma coisa além do fato de que aquele homem estava na frente dela, a mão dele queimando pelo algodão de sua camisa bordada. O coração de Jess batia tão depressa que ela mal podia respirar e sua mente era um amontoado de pensamentos. Por mais que tentasse, não conseguia liberar um pensamento sequer para ser capaz de formar uma frase coerente.

O olhar desceu até sua mão e só então Evan percebeu onde ela estava descansando. Então, ele a puxou de volta o mais depressa que conseguiu, como se tivesse tocado um touro atrás da cerca.

Evan estava no Crazy Horse. Será que ele havia descoberto seu segredo, há tanto tempo guardado? Ele estaria ali por ter enfim descoberto sobre Robin? Essa possibilidade roubou o fôlego que lhe restava. Então, conseguiu sugar o ar e forçar a saída de algumas palavras cautelosas.

— Eu trabalho aqui.

— Ah... — Ele pareceu estar pesando a informação com mais cuidado do que de fato merecia. — Eles disseram que o vaqueiro-chefe viria nos encontrar aqui. TJ Cousins. Ele... Não é você?

A respiração dela se acalmou um pouco. Ele parecia mesmo surpreso ao vê-la. Não, ele não poderia saber sobre Robin. E ela não devia dizer nada que pudesse denunciar seu segredo.

Ela assentiu.

— Eu não uso Jessica em meu trabalho. As pessoas continuam fazendo comentários do tipo *Herança de um valente* e isso me deixa louca.

Ele deu de ombros, claramente perplexo.

— Hã?

Ela não o tinha obrigado a assistir a esse filme, há alguns anos? Não, ela deve ter tido o bom senso de saber que o Senhor Urbano não estaria interessado em um filme sobre cavalos e cowboys no sertão da Austrália. Ele não tinha ideia de que a heroína resoluta e amante de cavalos se chamava Jessica.

Agora que pensava sobre isso, concluía que eles dois não tinham assistido a muitos filmes. Quando ele não estava estudando e ela não estava lá fora cuidando dos cavalos, os dois passavam a maior parte do tempo conversando. Compartilhando sonhos. Os sonhos que sempre souberam que os levariam em direções opostas.

Agora ele estava de volta em seu território. Mais como um homem em vez de um menino. Um homem notável, em vez de um menino fofo, mas nerd. Um garoto que ela acreditou ser o amor de sua vida, embora se visse obrigada a abrir mão dele.

O pai de Robin.

Jess tinha partido seu coração por causa de Evan Kincaid. Como ele se atrevia a voltar?

Ele tinha fugido, e então, finalmente, mandado alguns e-mails de Cornell para se desculpar. E-mail, nem sequer teve a decência de telefonar! Ela não se lembrava das palavras exatas que havia digitado com tanta dor e deliberação, mas sabia qual era a essência da mensagem que enviou: suma e não apareça.

— Cousins? — Disse ele com um tom de revelação. — Dave? Você se casou com Dave?

Ela ergueu o queixo.

— Sim.

Não havia necessidade de dizer-lhe que já tinham se divorciado.

— Vocês eram amigos no colégio, andando com aquela turma... — disse ele de maneira tão depreciativa agora como dizia na época —, mas não pensei que os dois...

Ele parou de repente e ela sabia o que estava pensando. Dave e ela tinham sido amigos, mas não romântica ou sexualmente interessados.

Evan estava se lembrando da noite em Zephyr Lake — quando Jess tinha tido relações sexuais com ele, e não com Dave. Mesmo depois de todos esses anos, ela ainda poderia ler sua mente.

Não, é claro que ela não poderia, nem queria fazer isso. Entretanto, o lago era tão óbvio. Um elefante cor-de-rosa em seu curral. Será que ambos ficariam como se estivessem pisando em ovos, fingindo que nunca existiu?

Ele pigarreou.

— Eu nunca conectei TJ com Jessica.

Isso mesmo. Evan estava andando na ponta dos pés. Tudo bem, para ela seria melhor assim, porque sua língua estava bem amarrada e apertada com os fios de emoções conflitantes. Seu coração ferido a instava a avançar sobre ele por tê-la rejeitado todos aqueles anos, ainda que — se quisesse ser justa sobre isso — ela também o houvesse rejeitado. Ela recusara sua proposta de manter a amizade contínua a longa distância. Como teria sido possível a uma jovem como ela escrever cartas para ele enquanto estivesse tentando curar um coração partido e mantendo o grande segredo da existência de Robin?

Sim, Jess havia feito tudo certo, e mesmo assim, sentira muito a falta de Evan. Tanto é, que parte de seu coração amolecido ansiava por aconchegar aquele homem em um abraço gigantesco.

Entretanto, a emoção mais forte, de longe, foi o instinto maternal. Ela devia proteger Robin, o produto daquela noite no Zephyr Lake. *Jesus, ele é o pai biológico de*

Robin. Tinha pensado que nunca iria revê-lo, mas ali ele estava forte e sólido e muito masculino.

Mais uma vez, o medo prendeu sua respiração. Por que ele estava ali? Evan, que tinha a própria empresa de aconselhamento de investimentos lá em Nova York... Sim, havia pesquisado sobre ele no Google. Evan, que tinha jurado nunca pôr os pés em Hicksville de novo. E se ele tivesse de alguma maneira descoberto tudo? E se tivesse vindo para reivindicar sua filha?

Mas por que diabos Evan faria isso? Ele nunca quis ter filhos...

Jess não podia mais suportar a incerteza.

— O que, com mil diabos, você está fazendo aqui? — Exigiu ela, a voz um toque abaixo do grito.

Ele lançou um olhar para os caras que conversavam nervosamente enquanto olhavam os cavalos amarrados aos postes. Jess baixou a voz:

— Você não é um hóspede?

Ele deu de ombros, desconfortável.

— Na verdade, sou.

— Na verdade — Jess repetiu a palavra, exagerando o sotaque que ele cultivara desde que o vira pela última vez —, você é a última pessoa que eu esperaria ver aqui. Lá no colégio, você mal podia esperar o dia em que poderia sacudir a poeira do interior. — Ela fez uma pausa, roubando outra lembrança. Essa última desencadeou uma onda de afeto, uma resposta tão inesperada quanto inegável. — Sobre os mocassins de couro polido que você comprou em Williams Lake, depois de ter ido de carona até lá, na segundo ano do ensino médio.

De repente, aquele amontoado de questões não resolvidas voou para fora de sua mente. Tudo o que podia pensar, naquele momento, era que aquele ali na sua frente era Ev, o cara que tinha sido seu melhor amigo durante anos.

Ela sorriu abertamente e, depois que sua boca se abriu em surpresa, ele sorriu de volta.

— Deus, Jess, é você mesma, e parece tão... — ele a olhou de cima a baixo. — Tão bem!

Ela leu a sinceridade em seus olhos azul-esverdeados. E algo mais, algo que fez seu sangue ferver.

Agora vinham as lembranças assustadoras. A memória de sentimentos que ela nunca tinha experimentado da mesma maneira com qualquer outro homem. Nem mesmo seu ex-marido, Dave. Ela umedeceu os lábios que, de repente, tinham ficado secos.

— Você também parece muito bem.

A camisa de brim vincada e a calça jeans de grife abraçavam um corpo bem trabalhado. Ela sempre o achara um cara atraente, um garoto magrelo com belos olhos e orelhas um pouco grandes demais para sua cabeça, mas naquele momento ele era uma gostosura total. Seu rosto estava marcado e os olhos eram devastadores. Para seu desgosto, ela se lembrava desses olhos com perfeição, os tons de azul e verde como o da água de um riacho correndo sobre as pedras cinzentas, e salpicados por reflexos dourados dos raios de sol.

Jess fechou os olhos brevemente, então olhou de novo. Ele era mais que bonito, era perfeito. E sexy.

Uma imagem passou por sua mente. O corpo jovem e desengonçado de Evan elevando-se acima dela, a lua em seus ombros, enquanto ambos faziam amor na margem do lago. Jess prendeu a respiração e, sentindo medo de que ele pudesse ler seu rosto, baixou o olhar.

Felizmente, a nova imagem a trouxe para a Terra de volta. De maneira literal. Ela viu o couro castanho requintadamente trabalhado das botas Tony Lama. E pigarreou.

— Sei que não são mocassins, mas vejo que não perdeu seu toque para calçados brilhantes. Odeio dizer isso, mas o pó vai grudar nelas. E temos coisa muito pior para limpar do que a poeira, em Crazy Horse — ela inclinou a cabeça e atreveu-se a olhar para seu rosto de novo.

Ele olhou para baixo, onde seus pés estavam plantados em uma mistura de terra e esterco. Sua careta de desgosto era tão típica de Ev, que ela deu uma gargalhada.

— Tudo bem, playboy da cidade, chega de conversa fiada. Tenho trabalho a fazer — Jess caminhou em direção aos outros hóspedes, confiando que o hábito iria distraí-la por completo.

Evan Kincaid. No Crazy Horse. Isso não poderia estar realmente acontecendo, poderia?

Ele não havia mencionado Robin. Se Evan tivesse vindo por causa dela, teria dito alguma coisa naquela altura, é certo.

Jess tomara a decisão de não lhe contar nada quando descobrira que aqueles poucos minutos apressados no lago, somados ao preservativo velho demais de Evan, tinham resultado em uma gravidez. Um bebê teria arruinado todos os sonhos que ele vinha acalentando há tanto tempo. Não era justo fazer uma coisa dessas com o rapaz e, além do mais, as coisas não dariam muito certo entre ambos. Evan teria passado o resto de sua vida culpando ao bebê e a Jess por aprisioná-lo num lugar que ele chamava, com desprezo, de Hicksville.

Seus sonhos eram mais flexíveis, e poderiam, com facilidade e alegria, se acomodar para incorporar uma criança. Ela é a filha de Evan.

Não, de Evan não. O pai de Robin, o homem que a criara e que a amara, era Dave Cousins.

Evan nunca quis ter filhos. Ele não teria desejado saber sobre Robin todos aqueles anos e não a merecia. Nem naquela época nem naquele momento. E Jess também não poderia deixar sua filha saber que seu pai e sua mãe haviam mentido para ela desde que nascera.



Para Evan, parecia que Jess — ele não conseguia pensar nela como TJ —, em algum momento prévio, tinha inventariado os hóspedes quanto à experiência em andar a cavalo, seus objetivos e receios, e procurado combinar tudo isso com cada cavalo. Ele admirava sua capacidade de se relacionar com cada pessoa, de lidar com suas questões, de acalmar a ansiedade, e ainda obter a informação de que precisava.

Evan tentou empurrar de lado a culpa que o inundara assim que pôs os olhos nela. Para todos os efeitos, e para usar uma frase sempre dita nessas bandas e que evitava usar, “tinha pensado mal dela”. Ele a havia julgado mal. Primeiro, por fazer amor com Jess, cedendo à loucura de sua luxúria e traindo a amizade deles, especialmente quando sabia que logo estaria indo embora dali e partindo para a universidade. Em segundo lugar, ao entrar em pânico e abandonar Jess em Zephyr Lake quando percebeu que o maldito preservativo tinha se rompido. Terceiro, ao se mudar para Cornell antes do tempo, sem conversar com ela sobre o que aconteceu. Não era só um idiota, era um idiota ao cubo.

Evan não sabia o que dizer para Jess, por isso pegou o caminho mais fácil e nem sequer tentou. Contudo, aquele caminho terminou não sendo de fato o mais fácil. Assim que chegou a Cornell, percebeu que sentia muita falta de Jess, e que não era melhor do que esterco — e levantou um pé para olhar para sua bota que uma vez estivera limpa.

É claro que não conseguiu apagar da mente aquele preservativo rasgado. Certamente uma única e apressada relação sexual não poderia ter resultado em gravidez; mas ainda assim, isso era uma coisa que ele deveria descobrir. Então, alguns poucos meses depois de ter saído de Caribou Crossing, Evan lhe mandou um e-mail pedindo desculpas e perguntando como se encontrava, esperando com todo seu egoísta

coração que a resposta não fosse “grávida”. Esperando também que ambos pudessem manter a amizade nos trilhos, a única amizade verdadeira que ele conhecera.

Foi naquele momento que Jess respondeu que estava muito bem e que cada um deveria seguir o próprio caminho. Tudo bem, pensou Evan, ela queria que ele rastejasse um pouco mais, e claro que tinha esse direito. Então, ele respondeu com outro e-mail e disse que esperava de verdade que pudessem ficar em contato e ainda compartilhar suas vidas e seus sonhos.

Aí, ela respondeu:

— Sempre soubemos que esse dia viria, Ev. Que você iria para Nova York e eu ficaria aqui. Você era quem queria ir embora, então vá embora, droga! Vá embora de uma vez e esqueça o passado.

Ele não podia acreditar. Eles haviam visto um ao outro quase todos os dias, durante dez anos. Como sua amiga poderia descartar isso assim com tamanha facilidade?

Em todos os anos de convivência, Evan nunca tinha visto esse lado frio de Jess. Eles sempre haviam prometido que, uma vez que ele partisse para a universidade, os dois trocariam e-mails o tempo todo. Assim, a única coisa que ele poderia pensar é que ela estava muito chateada com ele porque, literalmente, Evan tinha conseguido estragar o relacionamento dos dois. Porque havia levado esse relacionamento para um lugar que ela não queria e então toda a amizade se perdera.

Naquele momento, seu olhar seguiu Jess enquanto ela se movia com agilidade entre os cavalos e os hóspedes, entrando no estábulo e retornando com chapéus e protetor solar, e trocando palavras rápidas com sua assistente, uma bonita adolescente canadense nativa com longos cabelos pretos e lisos sob um chapéu de cowboy.

Jess tinha uma postura profissional e assertiva, ainda que sem dúvida feminina e atraente; atraente o suficiente para que ele sentisse o desconcertante despertar de sua luxúria adolescente. Ela usava jeans desbotados, uma camisa branca bordada com costura vermelha e botas marrons de vaqueiro que eram simples e bastante golpeadas pelo uso. Ela cresceu exatamente como ele teria esperado que acontecesse, e parecia que continuava alimentando aqueles sonhos loucos de infância.

Ele deveria ter imaginado que TJ Cousins fosse Jess. Evan pensava sobre as coisas do passado, e lembrou-se de que Jessica era seu nome do meio e que seu primeiro nome era algo que ela odiava tanto que nunca o compartilhou com ninguém, nem mesmo com ele.

Mal olhando para ele, Jess apontou-lhe uma besta enorme com uma pelagem estranha, marrom-rosado com algumas manchas brancas. Se Evan um dia tivesse uma visão de si mesmo em cima de um nobre corcel, Jess certamente poria um fim nisso.

Sem dúvida, ela devia estar se vingando pela maneira como ele a tratou quando ambos tinham dezessete anos, e ele merecia. No entanto, tinha mesmo que lhe dar o cavalo mais feio?

Como se estivesse lendo sua mente, o cavalo olhou de soslaio para ele com um olho castanho, mudou de posição e arremessou um casco gigantesco na ponta da bota de Evan.

— Ai! — Evan empurrou o cavalo, sem sucesso.

O animal abriu a boca, revelando dentes assustadoramente grandes, e bocejou. Evan se afastou daqueles dentes gigantes e da rajada de ar com cheiro de grama. Ou pelo menos até onde conseguiu se arrastar, tendo em vista que estava ancorado por um pé.

— Rusty! — Era a assistente de Jess.

Ela se apressou e deu um suave golpe no pescoço do cavalo. Ele bocejou mais uma vez e mudou de posição novamente, liberando o pé de Evan.

— Você está bem? — Perguntou a menina.

Sua bota estava imunda e cheia de riscos, os dedos dos pés estavam, sem dúvida, machucados, suas narinas se contraíram em protesto contra o cheiro de cavalo.

— Vou sobreviver — respondeu com secura.

— Você deve ser firme com ele.

— Vou me lembrar disso.

Como se tivesse alguma ideia de como ser “firme” com um cavalo. E enviou uma maldição silenciosa em direção a Gianni. Essa não era a primeira a fazer essa rota nos últimos dias, e ele sabia com certeza que não seria a última.

Cavalo já era uma coisa péssima o suficiente. Pelo menos, tinha sido capaz de antecipar esse evento, e fazer algumas leituras preparatórias. No entanto, não tinha antecipado a presença de Jess.

Lá atrás, quando ambos tinham seus dezessete anos, e graças aos hormônios adolescentes e à estupidez, Evan tinha ferrado com a melhor coisa que ele já tinha conhecido.

O cavalo feio olhou de lado para ele novamente.

— Tudo bem — murmurou. — Mesmo que ela tenha me descartado daquela vez, eu lhe devo um pedido de desculpas cara a cara. Farei isso assim que tiver uma oportunidade, e depois voltarei para casa.

O cavalo mudou de posição, desviou o olhar e bufou.

Evan estava tentado deixar de lado esse passeio, mas isso, era certo, levantaria perguntas. Ele não queria deixar vir a público seus assuntos pessoais com Jess. E olhou para onde ela ainda estava, envolvida em emparelhar os cavalos dos hóspedes. Ela era

tão distante de seu tipo de mulher, que não fazia sentido que a simples visão dela acelerasse sua respiração e enviasse uma pulsação pesada de excitação pelo seu sangue.

Jess empurrou o chapéu de cowboy marrom de sua cabeça para que ele se pendurasse por um cordão pelas costas e riu de alguma coisa que uma mulher lhe disse.

Deus, como ele sentira falta daquela risada contagiante. Parecia que saía borbulhante de alguma fonte de dentro de sua alma. De repente, seus joelhos enfraqueceram e ele se inclinou contra o cavalo. Lembrou-se de quantas vezes, ao longo dos últimos anos, Jess Bly tinha estado em seus pensamentos. Que tinha sido sua melhor amiga, sua leal aliada desde seu primeiro dia na Escola Fundamental de Caribou Crossing. Evan estava com sete anos; sua família havia se mudado para a cidade três dias antes. Os pais — Brooke, com cara de boneca Barbie, e Mohinder, de pele escura — estavam de ressaca e brigando, como sempre, e ele caminhou sozinho para a escola. Um pária, como sempre. Odiando estar em um novo lugar; odiando a poeira e os mosquitos; odiando ter pais que cheiravam a bebida velha, pais que batiam nele e um no outro.

Então, aconteceu a mágica. Uma menina com um rabo de cavalo e um ensolarado sorriso fez amizade com ele.

Essa mesma menina, agora mulher, com o mesmo cabelo e o mesmo sorriso, prendendo o chapéu de volta na cabeça e gritando:

— Tudo bem, gente, agora escutem.

Evan se afastou do cavalo e tentou concentrar-se, mas seus pensamentos estavam mais ligados em Jess do que naquilo que ela estava dizendo. Superficialmente, ela não parecia muito diferente do que fora quando adolescente. Magra, ereta, não muito alta. Cabelos castanhos espessos que cobriam os ombros, amarrados com uma tira de couro e, por isso, caindo numa cauda brilhante. Era o rosto que tinha mudado mais. Ela não tinha rugas, mas ostentava uma maturidade que afirmava que agora Jess era uma mulher. Era por isso que ele se sentia tão desconfortável e tão sexualmente consciente dela? Isso era quase tão inquietante quanto lá atrás, quando notou que sua amiga de infância estava começando a ter seios.

— Tudo bem — chamou Jess mais uma vez.

Evan concentrou-se nela novamente. Jess estava dando instruções e ele tinha perdido toda a lenga-lenga. Coisa pouco típica. Evan tinha uma mente que parecia uma armadilha e pegava tudo — era assim que Cynthia brincava.

— Montem. Basta fazer como eu disse, e Madisun e eu os ajudaremos. Quando estiverem prontos, verifiquem os estribos e então tragam o cavalo aqui pela porteira.

— Montem... — murmurou Evan.

Ele poderia não ter ouvido as instruções da mulher, mas tinha feito leitura dinâmica de um livro sobre equitação durante a longa viagem da Big Apple até Hicksville. E seria capaz de fazer isso. Pé esquerdo no estribo esquerdo. A única coisa que o livro não tinha mencionado é que o estribo podia ficar a um metro do solo.

— Suba! — Disse a assistente Madisun, alegremente.

— Para você, é fácil dizer.

Ela riu e deu um tapinha no pescoço do cavalo.

Evan segurou o estribo e conseguiu forçar a ponta da bota outrora brilhante dentro dele, então fechou a mão apertada na sela e se arrastou, centímetros dolorosos para cima. Logo se acomodou numa engenhoca de couro duro, empoleirado a cem metros longe do chão e em cima de uma fera que, obviamente, tinha rancor secreto contra ele.

— Ótimo! Você foi perfeito — a garota entregou-lhe as rédeas. — Rusty é o nome dele, um cavalo tão gentil quanto um cordeiro.

— Diga isso aos meus pés.

Ela riu, seus olhos castanhos brilhando ao sol.

— Vai ficar tudo bem. Agora, como estão os estribos? Tudo bem?

As botas pinçavam os pés, seus dedos estavam congestionados dentro daquela desajeitada armação de metal, as pernas retorcidas em um ângulo antinatural, e para somar um insulto a essa injúria, ele estava sentado em cima de um cavalo.

— Está perfeito — repetiu Evan, com os dentes cerrados.

A garota virou a cabeça do cavalo em direção ao portão fechado da cerca de madeira que estava fora do estábulo, e lhe deu outro de seus suaves tapas, na garupa. Rusty caminhou até onde os outros vaqueiros estavam se reunindo.

Evan tentou se concentrar quando Jess deu mais algumas instruções, porém sua mente ainda não se acomodava. Ele daria seu Rolex — não, daria um ano de sua vida — para estar de volta em Manhattan, em suas disputas e embates por trás das paredes de vidro de seu escritório.

— Alguma pergunta? — Perguntou Jess em voz alta e clara.

Ah, sim, ele tinha muitas. Perguntas sobre seu plano de negócios, sobre porque sua mão formigava ao tocar o ombro dela, perguntas sobre que diabo ele estava fazendo ali. Quanto às perguntas sobre andar a cavalo, Evan não estava disposto a confessar que não estivera prestando atenção. Além disso, ele tinha lido o livro e sabia o básico: calcanhares para baixo, costas retas, segurar as rédeas em uma mão. Aquilo não podia ser muito difícil... Com alguma sorte, não faria papel de bobo na frente de Jess, e aquele seria o primeiro e único passeio a cavalo que teria em sua vida.

— Estarei na frente da fileira — disse Jess aos dez hóspedes — e Madisun estará por último. Falem alto se tiverem alguma preocupação. Iremos bem devagar durante os primeiros dez minutos para esquentar os cavalos e deixar todo mundo mais confortável. Depois, faremos um trote lento bem divertido. Não tenham medo e peguem o touro pela unha!

Jess saltou para a sela de um cavalo preto alto, seus movimentos graciosos e sem esforço.

— Depois do primeiro quarto de hora vamos parar e Madisun e eu iremos verificar como vocês estão se saindo.

Ela estendeu a mão para destravar o portão, empurrou-o para abrir e o atravessou, sinalizando para um dos hóspedes que a seguisse.

Enquanto Rusty caminhava para tomar seu lugar na fila única de cavalos, Evan pensou nervosamente sobre o termo de renúncia que tinha assinado antes, assim como todos os demais hóspedes. Aquilo era uma coisa que ia contra sua natureza, renunciar aos seus direitos, mas provavelmente a coisa não ficaria de pé se um dos colegas de Cynthia, especializado em litígio, colocasse os dentes no documento.

Não que Evan planejasse sofrer um acidente. Ele enrolou a mão no pito da sela quando os cavalos tomaram o rumo de uma trilha de terra sinuosa através de uma floresta de árvores altas. Sempre-vivas, ele imaginou. Evan lembrou-se de alguma coisa que falava sobre as agulhas das folhas das sempre-vivas, mas isso era algo de ciências do terceiro ano do ensino fundamental. Ele nunca se preocupara em aprender mais alguma coisa sobre a vegetação que crescia em torno de Caribou Crossing.

Depois dos primeiros minutos, o rapaz percebeu que nada mais ia acontecer. O cavalo se arrastou, um movimento não exatamente confortável, mas nada que o pudesse deixar nervoso. Naquele momento, ele podia entender porque Rusty andava bocejando. Depois de aliviar seu aperto no pito, afagou o pescoço do animal.

— Bom garoto.

Olhou para sua mão e depois a levantou para perto de seu rosto. A poeira vermelha já estava abrindo caminho por entre os vincos da palma da mão e havia um odor forte de cavalo nela. Evan torceu o nariz e passou a mão em seu jeans. Graças a Deus, o Crazy Horse tinha um serviço de lavanderia.

Seu cavalo era o terceiro atrás de Jess e, de vez em quando, Evan tinha um vislumbre de seu chapéu ou ouvia sua risada enquanto a garota conversava com a pessoa que vinha logo atrás. Aquela risada de novo, saudável e contagiante.

Quer dizer então que TJ Cousins era Jess Bly. Antes que ele fizesse uma fuga precipitada para Nova York, antes que ele deixasse seu cliente Gianni na mão, seria necessário analisar aquela situação por completo.

Ele tinha vindo predisposto a rejeitar o investimento na proposta de TJ. Em Manhattan, a proposta parecia coisa de alguém que vivia no mundo da fantasia. No entanto, ali, sabendo que TJ era Jess, a proposta parecia de alguém que, além de viver no mundo da fantasia, ainda estava com a cabeça nas nuvens. Jess e ele tinham sido um tanto sonhadores, mas ele tinha mantido um pé bem firme no chão. Afinal, com pais como Brooke e Mohinder, a realidade era difícil de ignorar. Assim, ele tinha feito sua lição de casa, criado um plano detalhado e desenvolvido a disciplina e o tino comercial para transformar seu sonho em realidade, que era o oposto da vida que conhecera quando criança.

Jess, por mais que gostasse dela, nunca tinha conseguido transformar nenhum de seus sonhos em um plano sólido, pelo menos não durante os anos em que estiveram próximos. Evan olhou em frente, tentando pegar outro vislumbre dela, mas a trilha vinha torcida por meio das árvores e a garota estava escondida da vista. Havia alguma chance de que ela tivesse mudado?

As pessoas mudavam. Olhe para ele. Nos dois primeiros anos de universidade, com a bolsa de estudos de Cornell, ele havia se transformado de um caipira em uma cópia bastante razoável de um cavalheiro culto. Talvez Jess tivesse se transformado de uma adorável sonhadora em uma mulher com visão de negócios. Ele riu. E seu cavalo pesado podia voar...

Não, ele sabia que Jess era apenas uma garota que gostava de brincar com sonhos. Se o mais recente deles não desse certo, ele duvidava que fosse uma grande surpresa ou uma grande perda para ela. Seu trabalho de vaqueira tinha as duas coisas que ela sempre havia considerado como essenciais: o foco estava centrado em torno dos cavalos e estava situado às “franjas da floresta”, como costumava dizer. Não, nunca houve dúvida sobre suas prioridades.

Não que houvesse qualquer dúvida sobre as prioridades dele: Evan sempre sonhou em dar uma bela mordida na Big Apple. Durante os últimos dez anos, tinha conseguido realizar seu sonho. Fizera universidade e pós-graduação, conseguira um emprego de prestígio em uma empresa de investimentos que estava entre as “tops”, então se demitira de lá para abrir o próprio e bem-sucedido negócio.

Respirou fundo. O ar ali tinha um cheiro peculiar. De poeira e de plantas e de cavalos. Uma distância enorme do cheiro de Manhattan, em que odores de uma dúzia de cozinhas de restaurantes são misturados ao escape dos automóveis e o cheiro de charutos caros queimando. Manhattan podia feder, mas esse era o cheiro da vida. Vital, cosmopolita, uma vida no centro do universo. Nunca havia momento de tédio. Rusty não teria tempo para bocejar.

De repente, o cavalo deu um salto para a frente. Evan fez uma desesperada menção de agarrar o pito da sela com força. Por que Rusty estaria fugindo?

Evan recuperou a compostura o suficiente para perceber que Rusty ainda estava na fila, assim como todos os outros cavalos que pegaram ritmo. Era aquilo que devia ser o trote. Devia ser o movimento mais desconfortável no mundo. Ele fez uma careta cada vez que seu traseiro bateu no assento de couro inflexível. E não era apenas sua bunda que estava apanhando. Sombriamente, começou a se perguntar se essas batidas estavam causando danos irreversíveis ao seu equipamento masculino. Dava para se sentir mais miserável?

Quando voltasse a Manhattan, ele mataria Gianni. Não, iria dizer a ele para investir no projeto de TJ e assim assistir a seu cliente ir à falência com rapidez. Fazer isso, porém, seria violar seu orgulho profissional e sua ética. Evan deixou-se cair, gemeu, aprumou-se novamente. Teria de ser assassinato mesmo...

Por fim, tão misteriosamente como começaram, os cavalos pararam de trotar e se acomodaram de volta num ritmo de passeio. Então, aquilo era andar a cavalo... Doloroso e chato. Evan não conseguia entender por que algumas pessoas ficavam tão animadas com isso.

Como Jess, que sempre gostou. Quando ele a conheceu, a menina já cavalgava havia anos. Jess se gabava de que aprendera a andar a cavalo antes mesmo de aprender a andar, e Evan acreditou nela. Especialmente depois que conheceu seus pais, amantes de cavalos, também.

Olhando para trás, ficou maravilhado com sua amizade. As duas crianças não tinham nada em comum, mas de alguma maneira se tornaram os melhores amigos. Os pensamentos na garota serviram de sustento sobre a cama flácida em que dormia, por tantas noites miseráveis, no barraco degradado que os pais tinham alugado.

Naquele momento, Evan percebeu que Rusty tinha parado. Todos os cavalos tinham parado, numa fila única que atravessava um prado. Que alívio. Seu joelho esquerdo estava doendo, então ele tirou o pé fora do estribo e esticou a perna. Cristo, eles estavam andando por apenas quinze minutos. Supostamente, Evan deveria estar em boa forma, de acordo com seu instrutor.

Jess cavalgou de volta ao longo da fila para ter uma palavra rápida com cada hóspede, seu cavalo negro empinando e agitado. Evan adivinhou que o cavalo estava tão inquieto quanto ele.

Quando Jess chegou a Evan, ela disse:

— E então, como está indo?

Ele odiava admitir fraqueza, mas o joelho realmente o estava matando. E aquela seria uma cavalgada de hora e meia. Evan apontou para baixo.

— Joelho dolorido.

— Coloque o pé de volta dentro do estribo.

— Isso não vai ajudar.

Ela deu um grunhido exasperado no fundo de sua garganta.

— Faça isso, Ev.

Depois que ele obedeceu, ela balançou a cabeça.

— O estribo está curto demais. Você não estava ouvindo quando falei sobre o comprimento do estribo?

— Eu, hã, achei que estava tudo bem assim e...

— Bem, este não está. Erga sua perna.

— Hã?

Ela revirou os olhos.

— Tire o pé do estribo e suspenda a perna para a frente da sela, desse jeito — ela demonstrou e ele obedeceu meio sem jeito.

Em seguida, ela se inclinou e levantou a tampa de couro que cobria o estribo. Ele olhou para baixo e viu que o estribo estava preso junto à sela por uma tira de couro que dobrava como se fosse um cinto. Jess puxou a tira de couro para fora da fivela. A aba de seu chapéu escovou o quadril dele enquanto os dedos ágeis da garota trabalhavam com o couro a apenas alguns centímetros de sua coxa. A consciência de ver Jess como uma mulher surgiu por ele; Evan respirou fundo quando seu equipamento masculino provou que ainda era totalmente funcional, endurecendo sob a braguilha.

Jess fechou a fivela, puxou o estribo para baixo, recolocou o retalho de couro por cima e lhe deu um tapinha.

Quando ela se endireitou, dizendo: “Agora você está pronto”, as bochechas estavam vermelhas. De ficar se curvando, ou ela tinha notado a excitação dele?

Por um momento, os dois ficaram olhando nos olhos um do outro.

Evan se sentiu como quando ainda era um adolescente, quando seu corpo notou que aquela moleca com quem tinha crescido havia se transformado durante a noite em uma garota muito desejável.

Deus, como ele a desejara, e como ainda a desejava. Na época, tal pensamento tinha sido irracional, quando os sonhos de ambos os levavam em direções opostas, e naquele momento era impossível. Ela era casada, ele praticamente noivo, e quase certo de que iria pisar no sonho mais recente de Jess do mesmo jeito que Rusty tinha esmagado seu pé.

Jess apertou a mão em seu chapéu, ancorando-o com mais firmeza, e voltou sua atenção para a mulher atrás dele. Evan descobriu que estava segurando a respiração, e

agora soltou o ar com um pequeno suspiro.

— O quê? — Perguntou Jess por cima do ombro.

— Nada, eu... Meu joelho está melhor agora. Obrigado.

— Certo, preste atenção da próxima vez.

Ele sorriu. Jess poderia ser paciente, mas não aguentava os tolos de bom grado. Devia ser difícil trabalhar com essa gente da cidade. Ela era uma vaqueira naturalmente qualificada e a inaptidão dos hóspedes devia deixá-la às raias da loucura.

Como ele, quando menino. Evan nunca tinha tido o tipo físico, nunca se encaixara como um menino do campo e nunca pretendeu que isso acontecesse. Jess tinha desistido de tentar atraí-lo para a atividade física quando viu que nas poucas vezes em que conseguiu convencê-lo a andar de bicicleta ou patinar num lago congelado, seu amigo sempre caía.

Estranhamente, foi quando já estava em Nova York que aprendeu o valor de manter o corpo em dia. No início, era uma necessidade, quando as dores de cabeça e nas costas acabavam por prejudicar sua capacidade funcional. Uma vez que tinha fortalecido alguns músculos e se sentido melhor, acabou fígado. Evan nunca seria um verdadeiro atleta, mas foi uma gratificação perceber que não era um caso tão sem solução como sempre acreditou que fosse. Ele era apenas um semiatleta tardio, só isso — disse a si mesmo, com orgulho de seus bíceps enquanto puxava ferro ou dava uma surra na ágil Cynthia na quadra de squash.

— Se eu sou capaz de jogar squash, sou capaz de cavalgar — murmurou a Rusty quando a fila de cavalos começou a se movimentar.

De jeito nenhum ele iria cair na frente de Jess.

Ela era boa em seu trabalho. Tinha encontrado seu nicho e devia ficar aqui. Ainda assim, se voltasse para casa e dissesse a Gianni que não deveria investir, estaria puxando o tapete e afogando o sonho de Jess. Estaria fazendo isso não baseado em quem ela era naquele momento, mas em quem ela tinha sido há muito tempo — e mais, para ser honesto, em seu desconforto em estar ali perto dela.

Não seria justo. Nem para ela, nem para Gianni. E seria violar um de seus princípios básicos: não julgar um livro pela sua capa e contracapa, porém só depois de ler as páginas intermediárias. Evan já havia tratado Jess de modo medíocre uma vez. Devia isso a ela, mas o que ele devia a ela era uma avaliação objetiva. Não estaria fazendo um favor se endossasse seu pedido de financiamento e o negócio falisse.

No entanto, será que Gianni ainda ia querer que ele ficasse no Crazy Horse uma vez que soubesse da antiga... Amizade de Evan com TJ Cousins? Isso poderia ser visto como um conflito de interesses. Ele precisava telefonar para seu cliente assim que o passeio tivesse acabado.

Isto é, se o telefone estivesse disponível. O único telefone público daquele maldito lugar. O Crazy Horse poderia ser um resort de renome internacional, mas ainda era Hicksville de muitas maneiras. Sua pitoresca acomodação, um chalé decorado de maneira encantadora no estilo que Gianni chamaria de “rústico chique”, contava com inúmeras comodidades: bebidas saudáveis no frigobar, um leitor de CD com uma pilha de música country e western e CDs de relaxamento ao lado, um edredom de penas de ganso na cama de dossel, toalhas grossas e um roupão, e uma grande variedade de produtos de banho feitos de ervas.

Evan se preocupava mais com o que *não* tinha. Sem sinal de celular, sem telefone, sem internet, nem mesmo uma televisão para que ele pudesse manter-se a par dos acontecimentos mundiais. Quando ele incredulamente indagou Will, um dos coproprietários, que tinha lhe mostrado o quarto no qual Evan ficaria, Will disse que havia um telefone público e uma TV no salão, além de um computador que os hóspedes poderiam utilizar.

— Só isso? — Perguntou Evan, incrédulo. — Esses são todos os meios disponíveis pelos quais seus hóspedes podem se conectar com o mundo exterior?

Será que ele teria viajado no tempo por mais de meio século? E um telefone público? Sério? Ele estava pagando seis mil dólares por semana, e teria de usar um telefone público?

O homem mais velho, um sujeito robusto com cabelo desgrenhado, tinha respondido com alegria:

— Isso. O que estamos oferecendo é um refúgio de férias.

Evan tinha fechado os olhos, sentindo uma tensão se construir em uma dor de cabeça.

— Um refúgio? — O que ele queria era ficar longe daquele lugar.

— Claro. Afinal, você está aqui para relaxar, e não temos pudor em lembrá-lo de parar e cheirar as flores.

Como diabo Evan poderia relaxar sem a internet e seu iPhone? Que tipo de lugar não tinha uma torre de celular? Ah, claro: Hicksville.

Rusty tropeçou numa raiz, chamando Evan de volta de seus pensamentos.

— Cuidado aí, rapaz — ele murmurou para o cavalo.

Droga, se ele permanecesse ali, ficaria maluco.

Ele percebeu que os cavalos à frente dele estavam todos entrando de volta pela cerca que estava à volta do estábulo. Jesse tinha parado seu cavalo ao lado da porteira e estava trocando uma palavra com cada hóspede que passava por ela.

— Como vai, cowboy? — Ela se demorou com Evan. — Rusty tomou conta direitinho de você?

Suas bochechas brilhavam. Será que Jess ficaria mais bonita cada vez que ele olhasse para ela? Antes que ele pudesse se concentrar e chegar a uma resposta mal-humorada, o cavalo caminhou para o estábulo e sua oportunidade tinha ido embora.

Por que Jess o fazia se sentir como um adolescente com tesão? Aquilo era absurdo. Ele era um homem saudável, com apetites sexuais normais e uma namorada que o satisfazia completamente. Lá estava — ele devia pensar em Cynthia. Cynthia, elegante e inteligente, maravilhosa com seus cabelos loiros curtos e olhos azuis frios.

Não devia pensar em Jess, casada, que era a síntese de todo aquele jeito do interior que ele sempre estivera tão ansioso para se livrar. Não em Jess, com aquela risada contagiante e aqueles cabelos castanhos brilhantes caindo em cascata sobre os ombros. Não em Jess, com aqueles lindos e calorosos olhos cor de chocolate.

Se ficasse, aquela seria uma semana muito longa.

CAPÍTULO 3



NO FIM DA TARDE, enquanto dava uma aula particular no curral externo a uma mulher chamada Joan, Jess ficou surpresa de ter conseguido sobreviver àquele dia. Graças a Deus pela rotina. Ela havia seguido o mesmo padrão de atividades por tantas vezes que poderia fazê-las até dormindo, ou num dia como aquele, quando seu cérebro estava numa confusão e seu corpo — e suas emoções — imersos em um turbilhão.

De uma coisa ela sabia, e era a mais importante de todas: Evan não estava ali por causa de Robin. Ele não tinha dito uma palavra sequer, não tinha deixado escapar nenhuma dica. Realmente, Evan não sabia que ela trabalhava no Crazy Horse. Aquilo era um grande alívio, mas havia outra questão importante: o que ele estava fazendo ali? Caribou Crossing era o último lugar no mundo que ela imaginou que ele pudesse querer visitar.

E, deixando de lado a maneira como ele preenchia um par de jeans, estava bastante claro que o rapaz não havia mudado. Ele odiava cada minuto em que tinha de estar ali.

Assim como ela odiava cada minuto tê-lo ali. Especialmente porque ela ainda estava atraída por ele.

Embora nunca o tivesse esquecido — e como poderia fazê-lo, tendo Robin como um lembrete diário —, Jess tinha certeza de que há muito havia solucionado todos os sentimentos, tanto os positivos quanto os negativos. Agora, porém, diabo, revê-lo, em carne e osso, tinha despertado cada um deles. E, por falar em carne, ele tinha despertado seu corpo também.

Quando ela se inclinou para ajustar seu estribo, algo que tinha feito centenas de vezes ao longo dos anos para os vaqueiros de fim de semana, pela primeira vez tomou consciência da intimidade do ato. Ela queria tocar a coxa firme que estava esticada contra o jeans desbotado, correr os dedos sobre a perna em direção à intrigante protuberância sob a braguilha. A protuberância que seria apenas uma reação física automática ao seu toque, não uma indicação de que ele estivesse de fato atraído por ela. Ele provavelmente era casado com alguma elegante nova-iorquina chique. Ou, considerando que não estava usando aliança, devia ter meia dúzia delas como amantes.

— Pensarei sobre ele mais tarde — murmurou para si mesma.

Embaixo dela, Knight mudou de posição impaciente. Ela acomodou o cavalo inquieto e deu instruções encorajadoras para Joan, que circulava naquele curral montada num cavalo branco e preto chamado Mickey, em homenagem a Mickey Mouse.

O primeiro dia com um novo grupo de hóspedes era sempre cheio de exigências. Ela usou o passeio da manhã para uma avaliação inicial, depois fez os ajustes necessários entre cada cavalo e cavaleiro. Cada cavaleiro passaria as duas próximas semanas de estada com um cavalo, aprendendo sobre a ligação que pode existir entre ele e um ser humano.

Após o passeio e continuando até a parte da tarde, cada um dos hóspedes teve uma aula particular. Fora isso, ficaram por conta própria, recebendo uma massagem, fazendo uma sauna, nadando na piscina coberta ou na descoberta, participando de aulas de técnicas de relaxamento e Pilates, ou apenas ficando sentado ao sol com uma bebida gelada.

Jess temia ter de enfrentar Evan de novo, e por isso tinha marcado sua lição como a última, depois de Joan. Será que ele apareceria? Talvez agora que descobriu que a instrutora era ela, cancelaria suas férias.

Joan, uma mulher de trinta e poucos anos, com um penteado elaborado e que estava esmagado sob um chapéu de cowboy comprado na loja de presentes do Crazy Horse, chamou:

— Podemos parar agora? Este novo jeans está me apertando...

— Tudo bem, vamos então encurtar esta aula. E se tiver algum jeans mais usado, venha com ele amanhã.

Jeans de marca, novinho em folha. O que a mulher estava pensando? A brochura dizia que o hóspede deveria trazer roupas bem usadas. A própria Jess foi quem escrevera essas dicas. Por que as pessoas não levavam seus conselhos a sério?

Enquanto ela e Knight conduziam a mulher e Mickey ao estábulo, Jess começou a pensar no guarda-roupa de Evan. O jeans que abraçava seu corpo tão sedutoramente

podia ser caro e de marca, mas estava desbotado e usado. A camisa bege de brim era nova, assim como as botas. Ela apostava que o garoto da cidade nunca teve nenhuma dessas botas de montaria, e provavelmente não tinha camisas de mangas compridas apropriadas para usar no campo. Ela havia especificado mangas compridas, para proteger os hóspedes de queimaduras do sol e arranhões.

Ele tinha lido o folheto. Nenhuma surpresa nisso, Evan aprendia por leituras, ao passo que ela aprendia fazendo. Essa era apenas uma das muitas diferenças entre eles. Uma vez Jess pensara que as diferenças eram legais, que os opostos se atraíam, porém ele provou que estava errada.

Madisun encontrou-se com Jess e Joan no estábulo, e ajudou a aluna cansada a desmontar. Joan foi embora mancando e então a jovem começou a tirar os arreios de Mickey.

— Rusty está lá fora, amarrado na sombra — informou a Jess.

— Obrigada. Quando você terminar com Mickey, vá para casa. Cuidarei de Rusty e Knight quando a última aula acabar.

Jess entrou no estábulo e inalou com alegria o perfume familiar: uma mistura inebriante de feno e couro, maçãs e cavalos. No banheiro minúsculo, ela pegou um copo de água e saboreou cada gole gelado, descendo por sua garganta. Fazia algum tempo que tinha tirado a camisa e ficado apenas de camiseta e agora ela espirrava água fria no rosto e nos braços. Em seguida, apoiou-se na porta do banheiro, abanando-se com seu chapéu enquanto Madisun pendurava os arreios de Mickey e começava a escová-lo.

Talvez Evan estivesse a caminho de casa em Nova York. Se existia um cara que sabia como fugir de Jess e de Caribou Crossing, esse cara era Evan Kincaid. Ela ainda se lembrava do quanto tinha ficado ferida, depois de sua noite no Zephyr Lake.

Jess tinha feito amor pela primeira vez, e com o menino que havia considerado o amor de sua vida. E ele reagiu como se ela tentasse prender um ferro em brasa no seu flanco.

— Jess? — Era a voz dele no estábulo.

Quer dizer que ele não tinha fugido. Pelo menos ainda não.

— Já vou.

Ela teria de limpar a atmosfera. Nem mais, nem menos. Há anos, ele se desculpara — em dois estúpidos e-mails — e ela respondera que ele devia continuar com sua vida. Contudo, aquilo, obviamente, não fora suficiente para qualquer um deles, porque o ar entre ambos parecia pesado, tenso, como fica um pouco antes de uma tempestade, carregado... Se ele ficaria, então seria preciso lidar com isso.

Jess saiu do estábulo e ficou cara a cara com ele. Um pescoço forte, cachos de cabelos alourados... Ela deixou cair os olhos e se viu olhando encantada para seu antebraço. Um antebraço musculoso. Novamente ela se admirava de Ev ter adquirido aquele corpo novo e absolutamente fascinante.

— Nós temos de conversar.

Lutando contra o impulso de correr os dedos sobre o braço firme, ela levantou seu olhar com determinação e encarou os olhos do rapaz.

Ele assentiu com a cabeça.

— Jess, eu lhe devo um pedido de desculpas.

Um pedido de desculpas ao vivo. Seu coração esperava uma década por isso. Então, por que ela estava irritada? Provavelmente porque tinha estado tão tensa e pronta para mergulhar no seu pescoço e ele a nocauteou logo de saída. Jess olhou em direção à cerca na qual Madisun estava escovando Mickey. Satisfeita de que a menina estava longe demais para poder ouvir a conversa, ela abriu a boca para falar.

— Fui um completo idiota — disse ele. — Por favor, aceite minhas desculpas. Você pode me perdoar?

— Eu... Hã... Do que exatamente você está se desculpando?

De fugir, de mandar e-mails em vez de telefonar, de acreditar nela quando ela mandou que sumisse?

— Por violar nosso relacionamento, e então fugir como um covarde.

Violar... Que diabos esse cara estava falando?

— Violar nosso relacionamento?

— Jess, você era minha melhor amiga. A partir do momento em que a conheci, senti uma conexão forte, e quando éramos crianças era ótimo — o rubor estava tingindo suas maçãs no rosto forte. — Então, quando fiquei mais velho, os hormônios assumiram e... Olhe, eu sabia que um dia eu sairia da cidade e você ficaria. Nunca pretendi ser nada mais do que seu amigo. Mas então, naquela noite, no lago, tomamos algumas cervejas a mais e eu... Perdi o controle. Eu traí você.

Era por isso que ele tinha fugido logo depois que fizeram amor? Ele pensou que tinha traído sua amizade? Para ela, isso tinha sido honrá-la.

— E traí seus pais — ele continuou.

— Meus pais? — Resmungou Jess. — O que meus pais têm a ver com isso?

— Eles foram tão bons para mim. Eles confiaram em mim e então eu... Aproveitei-me de você.

Ah! Que idiota ele era! Ele não tinha ideia do que realmente havia acontecido. Jess olhou para ele.

— Eu seduzi você.

— O quê?

Jess teve o prazer de ver como ele parecia estúpido de boca aberta. Hah! Tudo bem, ele podia tê-la derrubado no portão de entrada, mas ela o deixou estirado no chão.

— Eu tinha uma queda boba por você — disse ela. — Você agia como se não estivesse atraído por mim, mas nunca acreditei nisso — ela começou aguda e cheia de certezas, contudo foi desacelerando à medida que se lembrava de como tinha sido quando menina. Uma queda? Ela tinha estado totalmente apaixonada, mas de jeito nenhum ela iria lhe dizer isso. — Eu queria uma noite com você, Ev. Queria que você — ah, isso parece tão bobo agora que estamos crescidos, mas... — eu queria que percebesse que gostava de mim. Não porque eu quisesse que continuasse morando na cidade. Eu absolutamente não queria que desistisse de seus sonhos. Só precisava saber que os sentimentos eram mútuos.

Evan abriu a boca, mas ela se apressou a continuar a falar.

— Preparei tudo. Menti quando disse que haveria uma festa no lago, e depois quando disse que tinha cometido um erro sobre a data. Levei a cerveja, pensando que soltaria suas inibições. Eu até trouxe a c- camisinha.

Sua voz gaguejou sobre a última palavra.

A maldita camisinha. Jess a tinha comprado de uma máquina no banheiro das meninas na escola e a levado no bolso da calça jeans por tanto tempo, a tocado tantas vezes, que não admira que a estúpida coisa tivesse se partido quando chegou a hora de usá-la.

Jess sempre se perguntara se Evan tinha percebido que a camisinha tinha rasgado. Ele era tão inexperiente quanto ela. Quando mandou o primeiro e-mail, a pergunta tinha sido se ela estava bem, e não se estava grávida. E sua resposta foi no mesmo tom, que estava ótima, fantástica, nunca se sentira tão bem.

Bem, e o que importava se ele soubesse? O que importava era que ela não tinha contado a ele sobre Robin, na ocasião, e não tinha a intenção de dizer agora.

Com medo de que ele pudesse ler seus pensamentos, ela disse:

— Sim, Ev, seduzi você. Eu era uma idiota e... Bem, peço desculpas — e deixou escapar um longo suspiro, sentindo-se como se tivesse cruzado a linha de chegada.

— Mas... — Ele balançou a cabeça, ficando uma volta atrás. — Não entendo...

Jess respirou trêmula.

— Foi como você disse, havia uma conexão entre nós. Era uma espécie de ligação entre irmão e irmã, quando éramos crianças, mas, uma vez adolescentes, transformou-se em algo diferente para mim, e pensei que para você também. Eu precisava descobrir.

Sem pensar, ela esticou a mão para lhe tocar o ombro.

Evan olhou para Jess, e então o ar entre os dois ficou espesso com a tensão.

As mãos dela ficaram conscientes do músculo e do osso através do tecido da camisa dele.

O verde-azulado dos olhos de Ev se acentuou e um músculo estremeceu ao lado de sua boca.

Jess se viu com falta de ar. Droga, como poderia esse homem ter tal efeito sobre ela?

Apressadamente, ela baixou as mãos e afastou-se dele.

— Certo, admito ter ficado chateada quando você sumiu de Caribou Crossing e, depois, quando enviou um e-mail, em vez de me telefonar. Mas isso é passado... Vamos deixar essas coisas lá atrás...

Jess deu mais um passo para se afastar de Evan.

— Então, me conte, afinal, como é Nova York? É tudo o que você esperava? E sua carreira? Você está indo bem, vai alcançar seus objetivos? — Ela estava balbuciando, mas cada palavra a fazia lembrar-se de que ele não pertencia àquele lugar, não pertencia a ela. De jeito nenhum, ela iria se permitir sentir as antigas emoções de novo.

Ele estava franzindo um pouco a testa enquanto a olhava, porém sorriu como se tivesse aceitado o convite de Jess para seguir em frente.

— Tudo está perfeito. Nova York é a melhor cidade do mundo. Sinto-me tão vivo lá.

Sim, ela podia perceber aquilo pela maneira como seu rosto tornou-se mais animado enquanto falava.

— E, quanto à minha carreira, sou um consultor de investimentos, e isso é tudo que sonhei ser.

— Que ótimo, estou feliz por você — e ela disse isso com toda a sinceridade. No entanto, achou curioso Evan nada falar sobre a vida pessoal. Talvez ele não quisesse ferir seus sentimentos. Ela forçou um sorriso, determinada a provar que já havia superado aquilo. — E você se casou? — O Google não tinha fornecido essa informação.

— Ainda não. Estou em um relacionamento, no entanto. O nome dela é Cynthia Jefferson.

É claro que ele estava em um relacionamento. Como era louco sentir-se decepcionada.

— Tenho certeza de que ela é simplesmente adorável — elogiou Jess. — E brilhante. Isso nem precisa dizer... — Ao contrário de si mesma, que só tinha passado raspando na escola porque Evan a ajudou com a lição de casa.

— Ela é tudo isso.

Jess sacudiu a cabeça.

— Bem, acho que chega de conversa. Acho melhor continuar com nossa aula de equitação.

Sabendo que soava como uma idiota total, Jess apertou os lábios e caminhou ao redor do estábulo.

Em silêncio, provou o nome de Cynthia — linda, brilhante, *tudo* que era Cynthia —, o que a deixou para lá de irritada.



Evan ficou olhando enquanto Jess se afastava. Ela o havia surpreendido com a guarda baixa e o deixara desequilibrado. Ainda estava tentando fazer seu cérebro compreender a informação de que ela o havia seduzido, sem mencionar o impacto físico causado por aquele toque no ombro.

Que droga esse Gianni, por ter insistido para que ficasse. Quando Evan encontrou um tempo, no meio do dia, para poder fazer a ligação sem ser ouvido e admitiu que tinham sido amigos no passado — sim, foi tudo o que disse: que ambos tinham sido amigos — o cliente afastou de lado a questão de conflito de interesses. Gianni afirmou que tinha certeza de que Evan faria uma avaliação objetiva, desde que não revelasse a TJ Cousins o verdadeiro motivo de estar ali no Crazy Horse.

Para ser capaz de fazer a tal avaliação, Evan teria de passar muito tempo com Jess, o que estava se provando inquietante. Ele também estava desconfortável com a insistência de Gianni em não deixá-la saber que o tinha enviado. Esse tipo de truque ia contra sua natureza, e ele detestava especialmente ter de enganar Jess. Aquilo o faria sentir-se um idiota, mas não poderia violar a confiança de seu cliente. Toda aquela história era uma confusão, sem contar sua atração por Jess, que estava se fortalecendo no momento.

— Evan — ela o chamou de algum lugar fora de vista. — Por que a demora?

Ev se recompôs e foi encontrá-la. Ela estava acariciando Rusty, que fora amarrado a um varão debaixo de uma árvore frondosa.

— Quer dizer que tenho de continuar com esse cavalo?

Rusty levantou a cabeça e Jess olhou sobre o ombro.

— Ele é um dos nossos melhores. Eu mesma o treinei.

— Ele...

— O que há? — A garota virou-se para encará-lo, seu rosto mostrando exasperação pura.

— Ele pisou no meu pé — à medida que as palavras saíram, ele percebeu que parecia um menino impertinente.

Os lábios de Jess se contraíram e ele teve de sorrir em resposta. Não demorou muito e ambos estavam uivando de tanto rir. Enfim, o ar tinha se limpado.

— Então — disse Jess quando foi capaz de falar de novo —, a primeira lição a ser aprendida é sempre ficar atento às patas de um cavalo. Como você já teve essa lição, vamos prosseguir.

Dizendo isso, desatou as rédeas do palanque.

Evan se colocou ao lado dela, e quando Jess se virou, os braços roçaram. O calor surgiu pelo corpo dele, que se afastou ao mesmo tempo em que ela.

— Onde está o chapéu? — Jess exigiu. — O folheto diz para trazer um chapéu. O sol da tarde é quente e você não quer ficar com insolação.

— Eu não uso chapéus e você também não costumava usar — a menina dizia que gostava de sentir o vento em seus cabelos. — Mas aqui está você em um Stetson.

— É um Resistol e faz parte do trabalho. Cor local. Vou lhe arrumar um chapéu de reserva. Ou será que você prefere um capacete? — Acrescentou em tom de provocação.

— Não preciso de um capacete. Não estou prestes a tentar qualquer coisa perigosa.

— Andar de bicicleta não é perigoso — ela provocou — e ainda assim você conseguiu cair.

Irritado com a lembrança, ele disse severamente:

— Sem capacete e sem chapéu.

— Tudo bem, você tem cabeça dura. E assinou o documento isentando o rancho no caso de se acidentar por não usar o que recomendamos. Monte e vamos rodar pelo curral.

Evan se lembrou de algo que tinha lido.

— Hã... Seria bom apertar a cilha?

— Hã? — Jess ficou boquiaberta, como se ele tivesse começado a falar grego. Depois, estalou os dedos. — Claro, você viu isso em um livro.

Com tristeza, ele disse:

— Você me conhece bem demais.

Ela piou de tanto rir.

— Ainda não consigo acreditar que você achou mesmo que aprenderia a andar de patins lendo um livro.

Ele se encolheu, então convocou um sorriso irônico.

— Peguei Brooke durante um dia bom e ela me comprou patins de segunda mão — sua mãe o ensinara a chamá-la de Brooke porque “mãe” a faria se sentir velha; ela era apenas quinze anos mais velha do que o filho. — Eu praticava patinação no tapete, noite após noite.

— E então foi patinar no lago congelado e caiu de bunda no gelo. Foi hilário.

— Tenho certeza que sim — Evan pensou por um momento e depois continuou, por alguma razão querendo que ela soubesse a verdade. — Para mim, no entanto, foi horrível. Não queria confessar que não sabia patinar, tentei aprender e não consegui. Os moleques riam e tive de passar o resto do inverno fingindo para minha mãe que patinaria. O pior, porém, era que eu acreditava que era um desajeitado completo.

A risada se desvaneceu dos olhos de Jess enquanto ele falava, mas quando ele terminou, ela sorriu de novo. Suavemente.

— Ev, você tem um cérebro brilhante, mas deve admitir que é realmente um desajeitado.

Ele balançou a cabeça.

— É aí que você se engana. Você sabe o que é uma profecia autorrealizável? É o que você e eu criamos. Mas isso não é verdade. Sou tão bom em esportes quanto qualquer outro cara. Não sou tão natural quanto você, mas também não sou péssimo.

A boca de Jess formou um “oh” silencioso.

— E sobre cavalgar... Não estava tentando aprender a fazer isso a partir de um livro. Só queria um pouco de informação, de contexto.

— Informação é bom — a voz dela soava um pouco abafada e havia umidade nos olhos. — Puxa, Evan, sinto muito. Julguei-o mal. Sinto-me como... — e fungou — como se tivesse estragado sua infância.

Ele riu. Essa era a boa e velha Jess de sempre. Suas emoções corriam muito perto da superfície.

— Não precisa dramatizar demais, também. Uma pessoa tende a viver de acordo com as expectativas dos outros, certo? Bem, então, mantenha suas expectativas sobre mim bem altas!

Jess deu uma fungadela de novo e depois sorriu com timidez.

— Tudo bem, farei isso. — Então, ela tocou seu antebraço. — Notei que você tem... Hã... Que desenvolveu alguns músculos.

O braço de Evan formigava. Ele olhou para baixo e viu três dedos sujos descansando em sua pele nua. Havia sujeira e ele odiava imaginar o que mais poderia haver sob as unhas curtas. Como aqueles dedos podiam ser capazes de enviar tanta eletricidade pelo seu sangue? E diretamente para sua virilha?

— Squash — vangloriou-se ele, movendo o braço e balançando uma raquete imaginária.

As bochechas dela estavam mais rosadas do que tinham estado um momento atrás. Será que ela sentira aquela mesma eletricidade também?

— Correndo numa quadra atrás de uma bola? Uau, isso parece muito divertido!

Evan se recusou a se desculpar por preferir squash a andar a cavalo.

— Isso me mantém em forma. Também corro, faço musculação. Esqui... — longe do toque da mulher, sua pulsação ficou mais lenta. — Acredite se quiser, eu patino no Rockefeller Center todos os invernos.

— Você costumava dizer que o único músculo que um homem deveria desenvolver era o cérebro.

— Meu cérebro ficou tão pesado que tive de fortalecer os músculos para carregá-lo.

Ela sorriu.

— Não sei sobre seu cérebro, mas suas orelhas costumavam ser danadas de grandes.

Eles riram juntos.

— Meu Deus, Ev, senti sua falta. Você sabia disso?

— Eu também.

Agora que ele estava de pé, ao lado dela, Evan não conseguia entender como pudera sobreviver aqueles dez anos sem ela. Ou como viveria nos próximos dez...

O sorriso dela era tão aberto... E, de repente, num piscar de olhos, o sorriso se alterou. Como se Jess tivesse se lembrado de alguma coisa ruim. Droga... Parece que tinha sido demais esperar que eles fossem capazes de largar tudo no passado.

Evan puxou as rédeas da mão da vaqueira.

— Tudo bem, ensine-me o truque de montar nesta besta gigantesca.

— Hum, certo. Você deve apertar a cilha, primeiro.

— Você quer dizer que eu estava certo?

— Sim, estava. Madisun poderia ter deixado meio solta e...

— Mostre-me como se faz.

Lamentou o pedido quando os dedos sujos de Jess pegaram os dedos desajeitados dele e mostraram como apertar a tira de couro na barriga de Rusty. Como mãos imundas daquele jeito poderiam ser tão excitantes?

Ele escalou o cavalo e se ajeitou lá em cima, ela montou no cavalo negro e os dois cavalgaram até o curral de treinamento. Lá, Jess ordenou que ele desse uma volta completa, mantendo Rusty perto da cerca. Simples, repetitivo, aquilo lhe deu tempo

para refletir. Ele sobreviveu ao pedido de desculpas, embora Jess tenha lhe jogado uma reviravolta que o manteria acordado até alta madrugada.

Ela o seduzira? Evan não sabia se devia se sentir lisonjeado ou insultado.

Jess tinha carinho por ele. Não apenas como um amigo, mas romanticamente falando. Claro, ela disse que era apenas uma paixão tola, e a garota não hesitou em despachá-lo por meio de um e-mail apenas alguns meses mais tarde. Ainda assim, ela se importava. Ele também, embora nunca tivesse conseguido resolver quanto era amizade e quanto era luxúria e quanto era... Outra coisa. Uma paixão passageira, como Jess disse.

— Calcanhar para baixo e endireite as costas!

A voz da vaqueira rompeu suas reflexões e Evan obedeceu as instruções. Olhando para ela, parecendo tão bem e em casa, a cavalo, perguntou-se se haveria uma chance de os dois ressuscitarem sua amizade. Depois de reencontrá-la, não estava disposto a perdê-la pela segunda vez.

Jess era casada e, com certeza, Evan poderia superar seus sentimentos totalmente irracionais de atração. Meu Deus, ele estava namorando Cynthia, que era o tipo de mulher de sucesso, classuda e elegante que ele sempre quis.

Entretanto, mesmo que fosse capaz de lidar com aquela questão da atração, o que dizer do esquema entre Jess e Gianni? Ele esticou as costas, que estavam doendo por não fazer nada mais do que sentar num cavalo. Ele esperava que Jess tivesse desenvolvido uma cabeça para os negócios e ele, com toda a boa consciência, poderia então fazer uma recomendação favorável. Droga! Odiava a situação em que Gianni o havia colocado.

E também odiava como Jess parecia sexy, sentada tão à vontade na sela, uma camiseta branca encardida abraçando suas curvas.

— Faça o Rusty trotar! — Gritou ela.

— Detesto trote, dói o corpo.

— Claro que vai doer, se você ficar em cima do cavalo como um saco de batatas. Vamos, Ev, você tem músculos agora. Use-os. Olhe para mim!

Hipnotizado, ele observou as coxas dela, e o bumbum, enquanto ela fazia seu cavalo trotar ao redor da pista. Então, rangendo os dentes, fez uma nova tentativa, e começou a sentir-se um pouco mais apto a fazer aquilo, mesmo que seus músculos gritassem em protesto.

Finalmente, Jess disse:

— Tudo bem, hora de parar. Você foi bem, Ev. Pode haver esperança para você ainda, cowboy.

Ambos cavalgaram juntos até o estábulo deserto. Evan pulou desajeitadamente para fora da sela e estremeceu quando desembarcou no solo.

— Doendo? — Perguntou Jess, saindo com graça da própria sela.

— Estou descobrindo novos músculos.

Ela tirou o chapéu da cabeça, pendurou-o em um poste na cerca e tirou a tira de couro que prendia seus cabelos. Inclinou a cabeça para trás e ergueu as mãos para sacudi-los e deixá-los soltos, sorrindo com prazer. O gesto não foi afetado e era puramente sensual. Aquilo o deixou sem fôlego.

— Você devia fazer uma sauna antes do jantar — disse ela, com as mãos ainda em sua cabeça e alongando o tronco. — Lembre-se, este é um resort e spa. A ideia é se sentir bem e se divertir, e não sofrer.

Ele quase gemeu. Se Jess não quisesse que seu amigo sofresse, não deveria mexer nos cabelos daquele jeito. Não deveria erguer os braços tão altos e se contorcer assim, apertando a camiseta contra os seios.

Tristemente, lembrou-se do motivo que o trouxera a Crazy Horse.

— Então, me diga o que você está fazendo hoje em dia, Jess. Não há mais sonhos de ganhar a Tríplice Coroa?

Ela balançou a cabeça, em seguida, lançou um rápido e conspiratório sorriso.

— Não, mas eu tenho... — Ela parou de falar e seu rosto ficou sóbrio. — O dia foi longo. Tenho ainda tarefas a fazer antes de ir embora e você não tem muito tempo antes do jantar. Você realmente precisa de uma sauna. E aposto que, tão perto do horário das refeições, encontrará um massagista com horário vago. Uma massagem cairia muito bem.

Ah, sim. Cada músculo de seu corpo estava implorando por aquilo. Resignado, ele encolheu os ombros.

— Vamos conversar amanhã, então.

— Claro. Vejo você pela manhã.

— Até mais.

Ele começou a caminhar dolorosamente até o hotel.

— Evan?

Ev se virou para encontrá-la olhando para ele.

— Por que você está aqui em Hicksville?

Ela havia perguntado antes e ele sabia que eventualmente teria de responder, por isso tinha trabalhado uma resposta. Que era em sua maior parte verdadeira.

— Faço parte de uma associação de jovens empresários. Alguns estão prestes a completar dez anos desde que saíram de casa para perseguir a carreira. Então, um deles veio com a ideia de dar uma placa para celebrar essas conquistas. E uma das

mulheres trouxe um desafio. Para que a pessoa possa se qualificar para receber a placa, terá de conseguir realizar algo que tinha medo ou que falhou em fazer quando era criança.

A testa de Jess franziu.

— Que ideia estranha.

Ele tinha pensado assim também, e foi por isso que ele votou contra a proposta de Harriet Prince.

— Você não poderia ter ficado com patinação no gelo? — Perguntou ela. E depois sacudiu a cabeça: — Não, isso seria muito fácil. Tinha de ser cavalgar, mesmo.

Evan assentiu.

— Parece muito ridículo.

— Bem, vocês terão histórias interessantes para contar ao voltar, caras bem-sucedidos.

Fora bem aquilo que Harriet havia comentado. E aquela era outra razão pela qual gostava de Cynthia; ela concordou que a ideia era absurda. Ocorreu-lhe que, se ele realmente aprendesse como montar, poderia de fato ganhar aquela placa estúpida. Não que quisesse.

— Então, você precisa de um troféu para provar a si mesmo quão longe conseguiu chegar — murmurou Jess.

— Claro que não.

Irritado, ele se virou novamente e começou a mancar ao longo da estrada de terra, desejando arrancar as botas e atirá-las no mato. Olhando por cima do ombro, notou que Jess ainda estava lá, parada, olhando para ele. Ele levantou a mão para se despedir e, depois de um momento, ela levantou a sua.

Evan respirou fundo e continuou ao longo da trilha até o hotel. Era uma trilha íngreme, é claro, uma analogia perfeita para aquela experiência maluca no Crazy Horse.

Jess se interrompera quando estava prestes a revelar seu sonho mais recente. Não confiava nele o suficiente para abrir seu coração, como fazia quando era uma menina. A verdade era que ele não merecia sua confiança. Se não fosse capaz de convencê-la a lhe contar sobre seu projeto de hotel fazenda/escola de montaria sem frescuras, como poderia avaliá-lo? Além do mais, ele se sentia como um monte de merda por enganá-la. E culpado demais por estar atraído por ela.

Ele precisava ouvir a voz de Cynthia. Não tinha falado com ela desde que chegara. Quando tentou no dia anterior, seu chamado caiu na caixa postal. Naquele momento, fez o cálculo com rapidez — seria noite em Nova York. Ela provavelmente

estaria fora para jantar. Ah, bem, na pior das hipóteses, ele poderia ouvir sua voz gravada. Talvez aquilo ajudasse a restaurar sua sanidade.

Quando se aproximou do pitoresco casarão feito de troncos de árvores, emoldurado por vasos pendurados exuberantes e um jardim cheio de flores coloridas, tentou avaliá-lo pelos olhos de Cynthia. Lembrou-se do termo usado por Gianni: rústico chique. Sim, era. Se fosse uma estância de esqui na Suíça, Cynthia poderia até gostar, mas quando você combinava essa construção com o calor, a poeira e o cheiro de cavalos, Evan sabia que ela não ficaria nem um pouco impressionada. Por outro lado, as instalações do spa eram de fato de primeiro mundo. Talvez ele devesse sugerir que Cynthia viesse.

O saguão estava tranquilo e ele se acomodou em uma cadeira, perto do antiquado telefone público. Evan posicionou a cadeira para ficar de frente para a janela lateral, porém não havia muito para ver, exceto uma massa de árvores altas, e discou o número de Cynthia.

Uma ave se pendurou do lado de uma das árvores, batendo com o bico no tronco. A palavra pica-pau brilhou em sua mente, surpreendendo-o, porque ele não era nem um especialista em pássaros, muito menos especialista em árvores. Aquela criatura estaria batendo a cabeça contra uma parede de tijolos, do mesmo modo como ele estava fazendo? Não, provavelmente estava caçando insetos, fazendo algo produtivo.

Era uma ave bonita, de garganta vermelha e penas de manchas pretas e brancas.

— Cynthia Jefferson.

— É realmente você. Estava esperando o correio de voz.

Ela riu um ronronar rouco e sexy.

— Querido. Você ligou para falar com meu correio de voz? Devo desligar?

— Não, por favor. Só queria ouvir sua voz, em qualquer forma.

— Com saudades de casa?

— Sim...

E como. Ele estava se sentindo frustrado e inquieto, e agora a saudade bateu nele como um soco no estômago. Parou de ficar assistindo àquele pássaro estúpido. Se ele estivesse em Manhattan, poderia estar sentado agora com Cynthia em um de seus restaurantes favoritos. Imaginou garçons se movimentando ao redor, outros clientes negociando contratos ou flertando na mesa ao lado. Cynthia, cheia de energia, assim como a cidade, contando-lhe sobre a última fusão que havia negociado. Com uma aparência incrível, toda elegante e sofisticada. Imaculada, desde seus cabelos louros cortados curtos e estilosos até as unhas perfeitamente cuidadas.

— Diga que já acabou e que vai voltar para casa — disse ela.

— Bem que eu queria.

— Não dá apenas para você entrevistar essa caipira, pegar o plano de negócios dela, fazer uma avaliação e voar para casa?

— Gianni não quer que revele o motivo de eu estar aqui, e espera que eu faça uma imersão no ambiente. Ele chama de ambiente, eu chamo de bosta de cavalo.

Ela riu.

— Parece absolutamente nojento.

— Muito... E tenho músculos doendo que nem sabia que tinha.

O fato de ter telefonado para ela havia eliminado a possibilidade de uma sauna, então ele tomaria banho e faria os alongamentos que seu personal trainer havia ensinado, embora tivessem sido projetados para um CEO que passava o dia atrás de uma mesa, e não para um vaqueiro iniciante.

— Pobrezinho. Ainda assim, a verdade é que há outros fatores a considerar que não os puramente financeiros, e muitas vezes você pode avaliar melhor observando o cotidiano.

— Você tem razão — admitiu. Ele sempre valorizou o intelecto de Cynthia e sua opinião.

— Assim fica mais difícil enganá-lo. Se essa mulher for tocar o tipo de operação que ela explicou ao Gianni, precisa ter muitas habilidades. Forte capacidade de organização, excelente planejamento de negócios e orçamento, marketing, habilidades no trato com as pessoas, além de um real... Hã... Talento com cavalos, independentemente do que isso represente. Então, o que você acha até agora?

Quanto ele deveria contar a ela?

— Algo inesperado ocorreu. Acontece que essa TJ Cousins é uma garota que conheci quando morava aqui. Você se lembra de eu mencionar Jess Bly?

— Claro. Ela era sua melhor amiga quando vocês eram crianças. Bom Deus, Evan, ela é essa pessoa que anda investigando? Isso vai tornar as coisas bem mais difíceis...

Cynthia não sabia da missa a metade, graças a Deus. Ele nunca contou a ela sobre sua luxúria adolescente, nem sobre a noite no Zephyr Lake.

— Pois é... Estou me sentindo como se estivesse agindo de maneira desonesta.

— Hmm... Claro que você odiaria enganar um velho amigo, mas, Evan, é certo que nesse caso, sua lealdade é para com Gianni. Ele é a única razão de você estar aí.

— Isso é verdade, mas ele deveria confiar em mim. Posso contar a Jess o motivo de estar aqui e ainda fazer uma avaliação objetiva.

— Querido, você é o melhor no que faz, mas nunca teve de analisar uma proposta de negócio de um amigo. Ela vai tentar barganhar com sua velha amizade.

— Ela não é assim.

Outra risada rouca.

— Não seja ingênuo. Todo mundo é assim. O instinto animal de autopreservação. Ela pode nem ter consciência de estar fazendo isso, mas você vai se sentir pressionado.

Era verdade. E ele já estava se sentindo assim. Se, porém, Evan preservasse seu anonimato e Gianni decidisse não investir, Jess nunca saberia que Evan estaria por trás dessa decisão. Ele fez uma careta. Essa era outra coisa com que ele não se sentia confortável. Como poderiam Jess e ele reatar a amizade se a base era uma grande mentira?

— Estou me sentindo entre a cruz e a espada — murmurou Evan.

— E me parece que é onde está, mesmo, mas você tem excelente senso de negócios e tomará a decisão certa.

Ela poderia ajudá-lo a permanecer objetivo, para não mencionar o fato de ser capaz de impedi-lo de ter pensamentos pecaminosos sobre Jess.

— Por que não vem se juntar a mim?

Ele ficou esperando em silêncio por um momento e, então, ela disse, em tom de descrença:

— Você quer que eu vá para esse Crazy Horse?

— Há um spa de luxo. Todos os tipos de algas marinhas e manicure e massagem. Pilates, também. Você adora esse tipo de coisa.

— Eu amo isso porque sou uma advogada freneticamente ocupada que precisa se desestressar de vez em quando.

— Faça isso agora, aqui comigo. Prometo que você nunca teria de montar um cavalo.

— Jamais faria isso, pode apostar. No entanto, falando sério, Evan, você sabe que é impossível. Tenho uma agenda cheia. Por falar nisso, Bob Graham está chegando amanhã. Da Weston Ventures. Ele está pensando em comprar aquela empresa de software que está se desenvolvendo, a Dynamite. Isso pode ser muito emocionante. Confidencial, é claro.

— É claro.

Eles muitas vezes discutiam assuntos confidenciais, confiando um no outro de maneira implícita.

— Agora, querido, devo correr. Estou em um táxi e ele acabou de chegar ao Nobu. Vou jantar com Vanessa e Yul.

— Estou com inveja.

A comida no Crazy Horse, na verdade, era gourmet, mas ele ansiava pela sofisticação dos restaurantes de Nova York.

Depois de desligar o telefone, Evan deitou-se para trás na cadeira e refletiu sobre a análise de Cynthia referente à situação. Ela achava que Jess, de maneira intencional

ou não, iria chantageá-lo com seu relacionamento de antigamente. Uma vez Ev tinha acusado Cynthia de ser cínica demais, e ela lhe devolveu um sorriso condescendente.

— Não, amor. Não sou cínica, sou realista. E essa é outra das coisas que temos em comum, e é parte dos motivos pelos quais somos tão bem-sucedidos.

Evan sabia que aquele comentário de Cynthia estava correto. Embora de fato acreditasse — como sabia que ela também acreditava — que as pessoas decentes poderiam defender seus interesses sem agir de maneira desonesta ou pouco ética. Por isso, ficava tão perturbado em ser obrigado a esconder seus reais motivos de estar ali no Crazy Horse.

Cynthia estava enganada sobre Jess. Ela nunca iria manipulá-lo. Era uma pessoa honesta e completamente sem malícia.

Entretanto, ela o tinha seduzido por meio de uma ilusão bastante complexa, e só confessou dez anos depois.

Droga. Ele não queria pensar em Jess como uma conspiradora, não mais do que ele gostava de manter segredos dela.

Evan se levantou e olhou para fora da janela, percebendo que o pássaro colorido havia desaparecido.

CAPÍTULO 4



JESS SENTOU-SE À mesa da cozinha em Bly Ranch, comendo seu frango assado feito pela mãe e uma segunda porção das batatas cozidas de seu pai, mas principalmente assistindo a Robin jantar e tagarelar sobre seu dia na escola.

Naquela noite, as semelhanças entre sua filha e Evan pareciam mais pronunciadas, embora ninguém jamais tivesse notado. Os toques eram sutis, porque os genes dos Bly tinham dominado as principais características, como a estrutura óssea e a cor dos cabelos e dos olhos, mas a assinatura de Evan estava lá. Quando Robin torceu o rosto numa careta ao contar sobre a piada nojenta que um menino da escola dissera, aquilo refletiu a expressão que Evan fez quando viu o estrume cobrindo suas botas novas Tony Lamas. Quando Rob franziu a testa em concentração quando descreveu o projeto de Ciências que estava planejando fazer, era o mesmo olhar de Evan enquanto ele ouvia Jess explicar a posição correta ao conduzir o cavalo.

Os genes de Evan tinham definitivamente vindo ajudar a criar aquele fantástico ser humano.

Será que ela deveria ter contado a ele naquela época? Ter-lhe dado uma chance?

Não, claro que não. Nos últimos dez anos, ele tinha alcançado a vida que sempre sonhou, e não teria acontecido se ficasse sabendo sobre Robin. Evan, por mais que tivesse defeitos, era um cara honrado. Teria insistido em se casar com Jess, e todos teriam tido uma vida miserável. Desse jeito, estavam todos felizes. Sim, ela tinha feito a coisa certa.

— Mamãe?

Jess veio à tona.

— Sim, Rob?

— Pode me comprar um novo jeans preto para nossa exposição no rodeio? Minha calça está muito curta.

— Você está se esticando como grama — disse o pai de Jess a Robin. — Você vai ser mais alta do que sua mãe.

— Isso mesmo, Wade — concordou sua mãe, Miriam. — A menina tem a compleição da mãe, mas a altura do pai.

A altura do pai. Evan era alto. Mas é claro que seus pais estavam falando de Dave, porque todos achavam que ele fosse o pai de Robin. E ele era mesmo, em todos os sentidos.

— Jeans? — Disse Jess rapidamente. — Sim, com certeza. Escolha essa calça na próxima vez que estiver na cidade para ficar com seu *pai*. — Ela ouviu sua voz enfatizar a última palavra sem necessidade.

Robin passava a metade do tempo com a mãe e os avós no Bly Ranch, e a outra metade com Dave, que vivia em uma confortável suíte de dois quartos no Wild Rose Inn, o encantador hotel que possuía. Embora Jess e Dave fossem divorciados, continuavam bons amigos e adoravam Robin.

Ela deveria dizer a Dave que Evan estava na cidade? Aquilo iria deixá-lo nervoso, mesmo depois de Jess ter assegurado que Evan não tinha ideia da existência de Robin.

Havia alguma chance de os dois homens se toparem em algum momento? Provavelmente não. Dave estava muito ocupado para visitar o Crazy Horse e não era provável que Evan fosse para a cidade. A menos que... Será que ele ia querer visitar Brooke, sua mãe? Seria de fato muito bom se eles se reconcilhassem. Mas quais as chances de isso acontecer? A amargura de Evan era muito profunda, e por boas razões. Ainda assim, ele não sabia sobre a incrível reviravolta de Brooke.

— Mãe!

— Desculpe, o que eu perdi desta vez?

— Eu perguntei se Kimiko pode vir depois da escola amanhã.

— Claro. Você quer convidá-la para o jantar?

Jess não precisava consultar a mãe, que cozinhou a maior parte do tempo. Miriam Bly tinha o maior prazer em fazer comida para qualquer um dos amigos de Robin ou Jess.

— Já convidei.

Jess sorriu. Sua filha operava sob o mesmo pressuposto de hospitalidade.

— Mas ela não pode ficar — Robin continuou. — Seu irmão vai ter algum jogo idiota às sete e os pais a estão arrastando para ir.

Jeff sufocou uma risada. Ela podia imaginar muito bem que, dentro de dois ou três anos, o irmão bonitão de Kimiko, todo atlético, seria o sonho de consumo de sua

filhinha. E estava grata por aquele dia ainda estar bem longe.

Ou quem sabe Robin puxasse sua mãe. Jess nunca tinha ficado impressionada com os atletas. Ela não via graça em jogos, como o futebol e o basquete. Quando você galopava um cavalo por um campo aberto e pulava uma cerca com ele, disputar uma bola parecia ridículo.

Não tinham sido as proezas de Dave no basquete que a atraíram. É que ele era um cara muito legal. O garoto mais legal da escola. Ele a convidou para sair no primeiro ano do ensino médio, mas ela tinha dito que não, justificando que ainda não estava pronta para namorar. A verdade é que seu coração pertencia a Evan, que não demonstrou o menor interesse em namorá-la. Dave era um bom amigo. Quando Jess não estava com Evan, ela passava muito tempo com Dave e seus amigos, um grupo que Evan chamava depreciativamente de “a multidão”.

O máximo que ela e Dave tinham feito era uma troca de beijinhos na bochecha. Ele respeitava os desejos dela e ela confiava nele. Foi por isso que ela o procurou quando descobriu que estava grávida. Evan tinha ido embora há quase dois meses e Jess não tinha recebido nenhuma notícia dele.

Evan a deixou naquela noite no Zephyr Lake, o nada atlético Evan dando um galope acelerado. Ele arrancou o preservativo, puxou as calças e desapareceu na escuridão, deixando-a com o carro velho de sua mãe, sem as chaves, que deveriam estar no bolso da calça. Deixando-a em lágrimas, perguntando-se como uma noite tão bonita poderia ter dado tão errado. Fazer sexo com ela tinha sido assim tão horrível? Ou ele tinha percebido que a camisinha havia rasgado e num instante viu todo seu futuro desabar?

Por fim, ela se recompôs o suficiente para ir até a autoestrada e pedir uma carona para casa. Jess não teve notícias dele por dois dias e, então, a mãe dela voltou das compras no supermercado com as últimas fofocas. Evan havia tomado um ônibus mais cedo do que havia planejado e já estava a caminho de Cornell, cruzando o país. Jess se sentiu totalmente traída. Ele lhe negara a única coisa que ela queria: uma bela lembrança de uma troca mútua de amor. Em vez disso, tinha a memória da própria estupidez, e sua rejeição.

Jess havia pensado que a distância poderia curar as feridas. Ela e Evan tinham brigado muitas vezes ao longo dos anos, mas sempre faziam as pazes com rapidez. Então, esperou que ele telefonasse ou mandasse um e-mail, mas foram séculos até que chegasse aquele e-mail com o pedido de desculpas empolado e a pergunta para saber como ela estava. Como se ele fosse um estranho escrevendo um bilhete de cortesia.

Ainda assim, Jess poderia ter-lhe dado outra chance, mas no dia em que Evan enviou outro e-mail, ela já sabia que estava grávida e tinha planejado manter o bebê.

Como poderia ficar escrevendo para Evan e fingir que tudo estava normal entre eles? Como poderia compartilhar alguns detalhes de sua vida e deixar de fora os mais importantes? Muito melhor um rompimento, por mais doloroso que fosse.

— Jessica!

Ela ficou de pé rapidamente, surpresa ao ver que seu pai e Robin já tinham saído. Sua mãe estava ao seu lado, com as mãos plantadas firmemente em seus quadris.

— Juro que você nunca esteve tão jururu, desde que ficou grávida. Temos contas a pagar e cavalos que precisam ser cuidados. Você vai ficar aí sonhando a noite toda?

Era bem provável que sim. Primeiro, porém, tinha trabalho a fazer. A fazenda era um lugar movimentado e todos tinham o próprio conjunto de tarefas. O que, somado ao trabalho no Crazy Horse, deixava pouco tempo de sobra para perseguir seu sonho de montar um hotel fazenda sem frescuras para seres humanos e cavalos. O sonho que tinha quase começado a contar para Evan naquela tarde.

A mãe apertou seu ombro.

— Sente-se bem, querida?

Jess se afastou com rapidez.

— Tudo bem. Estarei lá fora, no estábulo.

Enquanto percorria o caminho pela horta e pelo jardim exuberante de sua mãe, Jess pensava sobre como começou a se abrir com Evan sobre suas ideias de um centro para equitação. Como nos velhos tempos. Ele tinha sido o destinatário de todos os seus sonhos, exceto aqueles sobre fazer amor com ele. Naquele momento, porém... A verdade nua e crua era que ele a intimidava. Quando ambos eram crianças, foram iguais porque os dois tinham grandes sonhos, e pelo menos Jess pensava assim, uma chance igual de atingi-los. Contudo, dez anos mais tarde, ele havia conseguido e ela... Não, não tinha falhado, apenas não tinha chegado lá. Ainda...

Se ela não tivesse tido uma filha, se ela e Dave não tivessem se divorciado, se o pai não tivesse tido um derrame... Sim, eram muitas desculpas. Mas ela temia que seu sonho de montar esse hotel fazenda soasse como outro sonho infantil para Evan. A mãe dele, Brooke, havia lhe mostrado o cartão de visitas que Evan tinha colocado junto de um dos cheques que a enviava, com regularidade. Ele era dono da própria empresa. Jess imaginou um escritório pomposo, os clientes ricos, investimentos sofisticados, finanças internacionais. Evan estava a quilômetros de seu alcance.

E ele tinha feito tudo isso em dez anos. Sim, o homem merecia uma placa.

Jess apertou sua mandíbula. Ok, então ela não tinha “feito” nada em dez anos. Contudo, ela faria.



O jantar no Crazy Horse na noite anterior, domingo, tinha sido rápido e tranquilo, com a maioria das pessoas cansadas por causa da viagem. Isso tinha sido bom, na opinião de Evan, pois, nessas ocasiões sociais com estranhos, ainda sentia o mesmo constrangimento de quando era um garoto desajustado. Ele poderia falar com naturalidade de investimentos, assuntos mundiais e teatro. Contudo, uma conversa fiada sobre temas pessoais não vinha com facilidade.

Na segunda noite, quando os dez hóspedes estavam sentados em torno de uma mesa de bordo polido, os proprietários, Will e Kathy, a esposa, puxaram cadeiras e se juntaram.

— Tudo bem, pessoal — disse Will. — Está na hora das apresentações. Thérèse e George, que tal vocês começarem, considerando que é a segunda vez de vocês aqui?

Um casal de meia-idade, bem em forma, trocaram sorrisos. Então, a mulher falou:

— Nós somos da Suíça e, no verão passado, queríamos vir ao Canadá — sua fala estava afetada com um charmoso sotaque francês. — E também tínhamos vontade de cavalgar no estilo do Velho Oeste. Pesquisamos na internet um lugar que fosse pequeno e direcionado ao que queríamos.

— Mas que não fizesse os iniciantes arrebanhar o gado e dormir em tendas ao ar livre — acrescentou George, com uma risada.

— Este lugar foi perfeito — disse Thérèse — e, por isso, aqui estamos novamente. No ano passado, viajamos para Banff e Jasper, e neste ano, após a estadia no Crazy Horse, nós iremos visitar Vancouver, e, em seguida, Victoria.

Uma jovem mulher gorda e vibrante disse:

— Vocês deveriam vir mais ao sul e conhecer Seattle, que é de onde venho e posso lhes dar todas as dicas de coisas para ver e fazer.

Ela passou os olhos pela mesa.

— Bem, como já estou falando, agora é minha vez. Sou Sandy, desenvolvedora de softwares. Queria mudar de ares e ficar longe da cidade e dos computadores, e sempre ameí cavalos. Li sobre o Crazy Horse em uma revista que tratava de resorts, e pareceu-me um lugar amigável no qual eu poderia relaxar.

Depois, foi a vez de Sylvia e Aaron de Chicago, advogados, que informaram que seus amigos tinham recomendado o Crazy Horse.

— Os Weissmans, certo? — Kathy perguntou.

— Isso mesmo. Eles viriam com a gente, mas tiveram de cancelar na última hora, porque a mãe dele teve um ataque cardíaco.

— Ficamos tristes sobre isso — disse Will. — Espero que ela esteja melhor agora.

— Ela está se recuperando — disse Sylvia —, o suficiente para reclamar do programa de dietas e exercícios que estão sendo aplicados.

Kathy riu:

— Bem, uma vez que precisaram cancelar, abriram espaço para Evan.

Todos se voltaram para ele.

— Sou de Nova York — ele começou. Contudo, não podia dizer que alguém havia lhe contado sobre o lugar, pois perguntariam quem e ele não queria contar a história tola sobre a placa. Por isso, contentou-se em explicar: — Sou um consultor de investimentos e, como Sandy, precisava de um tempo e pensei em tentar algo diferente.

A bola da conversa passou a Joan, a mulher de cabelos compridos, com trinta e poucos anos, que tinha vindo mancando do estábulo quando Evan passou por ela para sua aula da tarde. Ao passar, ela lhe dissera:

— Espero que você sobreviva melhor do que eu.

Agora, Joan estava dizendo:

— Tenho sido dona de casa e mãe, e meu filho mais novo acabou de voar do ninho. Meu marido, um incorporador, nunca tira férias, então estou me dando um trato, aprendendo a cavalgar e recebendo alguns tratamentos de spa. — Ela franziu o nariz com tristeza. — Quer dizer, eu pensei que seria uma delícia até passar duas horas no lombo de um cavalo.

— Vai ficar mais fácil — disse Thérèse. — Pode confiar no que digo.

E sobravam Ann, cirurgiã ortopédica de Toronto, e duas mulheres de meia-idade, cujos nomes eram Beth e Kim. Elas disseram ser sócias em uma livraria em Vancouver, e pela forma afetuosa como se tratavam, Evan concluiu que a parceria seria também pessoal, além dos negócios. Ann, Beth e Kim confessaram que adoravam a vida ao ar livre, no campo.

Essas pessoas não eram os caipiras que ele havia, por alguma razão, esperado que fossem. Lembrou-se agora que Angélica havia dito que o resort era exclusivo, e famoso no mundo todo, e que o custo da estadia era elevado. Ele deveria ter esperado que os outros hóspedes fossem herdeiros de uma pequena fortuna, ou que a tivessem conseguido trabalhando.

Antes que percebesse, Evan, Ann e George, que era CEO de uma companhia de suprimentos médicos, estavam profundamente envolvidos em uma discussão sobre as diferenças entre os sistemas de saúde em diversos países, e como isso impactava as vendas da empresa de George.

Parecia que os aspectos sociais da viagem não seriam tão ruins, afinal. Quem sabe ele poderia até conseguir algum negócio novo. Embora não devesse esquecer seu

verdadeiro objetivo: sua missão para Gianni.

A missão que exigia enganar Jess, enquanto de alguma maneira tentava persuadi-la a confiar nele novamente.



Evan gemeu quando a água quente do chuveiro martelou nos músculos que tinham endurecido durante a noite. O programa daquele dia era leve: um passeio de trilha de manhã e a tarde livre. Durante o jantar, na noite anterior, os hóspedes fizeram planos para massagens e tratamentos de spa, e Kathy ia dar uma aula de culinária, porém Evan não tinha nenhum interesse em tais coisas. Alguns iam visitar Caribou Crossing, que era a última coisa que ele queria fazer.

Estava sentindo falta de seu trabalho.

A situação toda era um absurdo. O que ele queria era ir para a academia em Nova York e exercitar-se para aliviar as dores nos músculos, e tomar um *espresso* duplo... Sua vontade era trabalhar treze horas no escritório e depois se reunir com Cynthia para drinques e conversas estimulantes. Eles haviam se despedido com um beijo rápido, sem sexo, porque só faziam amor nos fins de semana, quando não precisavam levantar ao romper da aurora no dia seguinte. Em Nova York, sua vida era organizada. Fazia sentido.

Vestiu-se com rapidez e foi para o saguão. Discou o número de seu escritório, e depois de uma conversa rápida de dez minutos com Angélica, sentiu-se ainda mais frustrado. Droga, as coisas estavam acontecendo no mundo e ele estava preso em Hicksville, perdendo tudo isso.

Como havia apenas um computador para os hóspedes, ele não poderia monopolizá-lo, e, além disso, a recepção da internet era lenta e irregular. Ele pediu a Angélica que tentasse resumir tudo em um e-mail a cada dia, com anexos. Ele então iria copiá-lo em seu pen-drive e levá-lo para o quarto, rever tudo em seu notebook, digitar as respostas, depois levaria o pen-drive de volta para o computador do hotel e mandaria o arquivo para ela por e-mail. Desajeitado. Frustrante. Ineficiente. Entretanto, parecia ser o melhor que ele poderia fazer.

O saguão parecia estar voltando à vida, e ele seguiu o aroma até a sala de jantar. Em casa, era comum seu café da manhã ser uma torrada e um café duplo, e ontem o bufê do Crazy Horse tinha sido intimidante. Seu estômago não tinha tido coragem de enfrentar salada de frutas, granola, bacon e ovos, salsichas e panquecas, mingau com açúcar mascavo e creme, e uma cesta de pães e muffins.

Naquele dia, ele ficou surpreso ao descobrir que estava realmente com fome, e a comida parecia tentadora. Evan serviu-se de pequenas porções de vários itens antes de sentar-se à mesa comunal, uma laje de madeira do tamanho da mesa com tampo de vidro de sua própria sala de reuniões.

Socializar-se logo pela manhã era outra raridade, e Evan desejou ter uma mesa privada em que pudesse ficar com o *New York Times* e seu iPhone. No momento em que a mesa ficou cheia de gente, ele já tinha terminado e pediu licença para sair, a voz baixa quase inaudível em meio ao burburinho de conversas animadas.

Evan voltou ao chalé para trocar seus tênis confortáveis por botas. Talvez se descesse aos estábulos mais cedo, pudesse fazer com que Jess lhe contasse sobre o projeto de hotel sem frescuras ou o que fosse...

Suas botas caras pareciam tão boas como se fossem novas. Depois da aula de equitação do dia anterior, ele havia superado seu desconforto e limpado as duas. Quando, porém, tentou enfiar os pés doloridos dentro delas, parecia que as botas ou haviam encolhido durante a noite, ou os pés, expandido. Então, no momento em que saiu do quarto mancando, a poeira marrom-avermelhada subiu como se tivesse sido ampliada, para revestir as superfícies reluzentes de suas botas. Ele andou até o estábulo sentindo-se completamente infeliz, apesar do sol suave da manhã.

Jess e Madisun estavam agitadas com os cavalos, e Jess mal lhe deu um sorriso — que parecia mais evasivo do que entusiasmado. Talvez o clima entre os dois não tivesse se dissipado tanto quanto pensara.

Evan se manteve bem longe dos animais e se apoiou em uma árvore, batendo os dedos com impaciência contra a casca, em seguida, fazendo uma careta quando percebeu que sua pele estava pegajosa. Não era possível que não existisse algo naquele lugar esquecido por Deus que não estivesse sujo.

Depois de um minuto ou dois, percebeu que Jess não chegaria perto dele, e via que ela estava muito ocupada para conversar. Ele rosnou em aborrecimento, e subiu dolorosamente de volta para seu chalé, onde ficou sentado no sofá olhando para o computador, que era praticamente inútil sem a internet.

Quando voltou para o curral, meia hora mais tarde, a maioria dos outros hóspedes estava lá, emparelhada com seus cavalos. Colocou-se ao lado de Rusty, distante das patas do cavalo. Quando Jess gritou “Montem!”, ele deu uma olhada na cilha que corria sob a barriga do cavalo. Ao perceber que sua mão não passava por debaixo da tira de couro, concluiu que Jess ou Madisun a apertou. Com isso, enfiou o pé no estribo e ergueu-se sobre o lombo do animal.

O grupo saiu do curral pela mesma porteira do dia anterior, mas seguiu por um caminho que lhe pareceu diferente. Era difícil dizer; todas as árvores pareciam iguais...

Evan se concentrou nas coisas que Jess lhe ensinou durante a aula particular, resmungando “orelha, ombro, quadril, calcanhar” e “cotovelo, punho, freio” e achou que estava de fato melhorando. Contudo, depois de alguns minutos, a agitação desvaneceu. Ele não estava acostumado a não fazer nada. Era um multitarefa. Em casa, se estivesse andando na rua ou em um táxi, estaria fazendo negócios em seu iPhone. Mesmo quando ele e Cynthia estavam juntos, era frequente que pelo menos um dos dois estivesse lançando questões de trabalho para o outro.

Bem, era possível ser multitarefa ali também. Na hipótese improvável de ele aconselhar seu cliente a investir no projeto de Jess, Gianni teria de abrir mão de alguns de seus interesses atuais. Evan fez uma revisão mental dos negócios em que Gianni participava, avaliando os prós e os contras de cada um.

Ele realmente tinha feito um bom trabalho para Gianni. E Gianni parecia tão interessado nessa coisa de equitação sem frescuras... Ele realmente poderia aguentar algumas perdas. Então, que mal faria dar a Jess sua chance?

Evan balançou a cabeça com vigor. Seria ferir seu sentido de ética. E se o programa falhasse, afetaria não apenas o bolso de seu cliente como a reputação de Jess, sem falar na própria reputação.

Rusty trotou novamente e Evan imaginou o Gianni corpulento saltando em cima daquela sela dura. Gianni era a última pessoa no mundo que ele imaginaria que pudesse abrigar fantasias de bancar o vaqueiro.

A concentração de Evan foi interrompida brevemente, quando os cavalos entraram em médio galope. E ele teve de admitir que apreciou o poderoso movimento de Rusty debaixo dele. Essa marcha foi mais fácil para seu corpo do que o trote.

Quando a fila de cavalos voltou para o ritmo de passeio, Evan dirigiu seu foco para as estratégias de investimento de uma instalação de cuidados para Alzheimer que um cliente começou como projeto de caridade. Evan fazia parte do conselho e — como voluntário e não executivo com salário — era o responsável pela gestão de fundos da fundação. Antes que percebesse, o passeio tinha acabado.

Em meio ao aglomerado de pessoas e cavalos, Evan abriu caminho até Jess.

— Estava esperando que você arrumasse um tempo para a gente conversar.

— Evan, eu tenho trabalho a fazer.

Sua resposta não o surpreendeu. Entretanto, ele tinha um plano B.

— A brochura do resort diz que os hóspedes podem ter cada um algumas aulas particulares extras. Tenho alguma chance de ter essa aula hoje à tarde?

Ela empurrou o chapéu para trás e ficou boquiaberta.

— Você quer andar a cavalo um pouco mais? — Aí, estalou os dedos. — Ah. A placa.

Depois de pensar por um momento, ela disse:

— Devo ir para casa por um tempo, mas poderia voltar mais tarde. Digamos, em torno das quatro?

— Perfeito. Obrigado.

— Não tem problema.

Mas a maneira como ela olhou para ele dizia que Jess pensava que talvez tivesse.

Enquanto caminhava até a pousada, Evan ficou pensando sobre o que ela dissera... “ir para casa”. Onde será que ela e Dave moravam? Aquilo era uma coisa que o irritava, saber tão pouco sobre Jess... E saber que só tinha a ele mesmo para culpar.

No dia anterior, foi quase tentado a perguntar a Will e Kathy sobre ela, mas pareceria invasão de privacidade. Já era ruim o suficiente estar enganando a moça, e não pretendia conseguir informações sobre ela pelas costas.

Evan soltou um palavrão e Joan, que vinha subindo a colina perto dele, lançou-lhe um olhar assustado.

— Desculpe — ele murmurou. — Minhas costas estão me matando.

Ela sorriu.

— Puxa, conheço essa sensação. Quem está me matando são meus pés. Vou para meu chalé colocar os dois em banho-maria.

Parecia uma ótima ideia para ele.

Evan passou a tarde em seu quarto com seu laptop, trabalhando em um e-mail longo de Angélica. Sentiu-se frustrado por estar tão desconectado de tudo e pateticamente grato pelo Crazy Horse ter um computador para os hóspedes. Copiou o arquivo de suas respostas no pen-drive e desceu para o saguão do resort.

Kathy ergueu a sobrancelha ao vê-lo no computador de novo. Então ele disse:

— Estou tentando não deixar o trabalho tão atrasado.

— É uma pena não poder deixar isso para trás e apenas apreciar suas férias — disse ela com simpatia.

Evan ponderou que não cairia bem responder que o trabalho era a única coisa que tornava as “férias” suportáveis, e resolveu ficar quieto.

Meia hora mais tarde, quando Jess colocou a ele e Rusty no ritmo correto no curral exterior de treinamento, ele pensou sombriamente que, quando estivesse de volta em Nova York, seria capaz de reclamar a maldita placa para si, se quisesse. Talvez fosse a única coisa que tivesse para mostrar naquela semana. Sua professora não parecia estar mais inclinada a conversar com ele sobre seus sonhos “cavalares” do que tinha estado de manhã.

O sol, que havia sido gentil de manhã, transformara-se em algo violento. Jess havia tirado a camisa e estava usando uma camiseta regata com o mesmo azul do céu, e não

estava usando seu chapéu. Quando a aula enfim acabou e ela deslizou para fora de seu cavalo e veio ajudá-lo, seu olhar prendeu-se nos ombros nus da mulher e na nuca que espreitava debaixo do rabo de cavalo luminoso.

De repente, lembrou-se de Jess em Zephyr Lake, nua sob o luar. Ela o havia deixado sem fôlego lá, e estava fazendo a mesma coisa ali. Jess era uma mulher magra, mas forte, seus músculos firmes formavam um complemento perfeito para suas curvas suaves. Havia algo inefavelmente feminino sobre seu corpo, algo com cheiro da terra e tão diferente da maciez e da elegância de academia de Cynthia.

A excitação agitou seu sangue e a culpa o consumiu. Evan balançou-se desajeitadamente para descer de Rusty e amarrou as rédeas no palanque, conforme Jess instruiu.

— Ok, tudo feito — disse ela, bruscamente. — Bom trabalho, Evan. Vejo você de manhã.

Ela havia amarrado o próprio cavalo negro à direita dele, e agora lhe virou as costas e caminhou para desencilhar o animal. Evan a observou por cima das costas de Rusty, admirando sua graça natural e a magreza e a destreza dos dedos sujos. Por que ele continuava imaginando aqueles dedos o tocando intimamente?

De modo atrapalhado, começou a soltar a cilha de Rusty. Esperava que aquela atividade fosse domesticar sua ereção crescente, mas seu corpo tinha mente própria.

— Não se preocupe com isso.

Ao ouvir suas palavras, Evan ergueu-se e viu que ela tinha vindo para espiar nas costas de Rusty.

— A sela — disse Jess. — Deixe assim. Você não quer ir descansar e relaxar?

O corpo dele estava realmente lhe enviando aquela mensagem de maneira inequívoca, mas o “relaxar” que ele desejava não era exatamente o mesmo do qual a mulher estava lhe falando. Evan não tinha intenção de sair de trás do cavalo e exibir sua excitação tão descaradamente.

— Eu queria aprender — murmurou ele.

Por alguma razão, precisava provar a ambos que poderia se tornar um pouco menos do que incompetente naquela coisa de cavalos.

— Bom para você. Estou impressionada com sua disposição.

Jess levou a sela de seu cavalo em direção ao estábulo e Evan, observando as curvas firmes de seu bumbum, gemeu. Se ela tivesse ideia de como estava disposto, ficaria chocada.

Evan voltou a lidar com as desconhecidas tiras de couro e metal da sela de Rusty e sua pulsação voltou ao normal.

Jess voltou, carregando algo que ele reconheceu de sua leitura como um cabresto, e dirigiu-se ao cavalo negro.

— Você virá ao passeio de carroça amanhã à noite? — Perguntou ela sobre os ombros.

Passeio de carroça... Poderia haver uma perda maior de tempo?

Como se tivesse falado em voz alta, ela disse:

— Achei que não... Bobo demais, não é?

— Existe alguma coisa que o recomende?

— Um passeio em uma carroça de feno, cantar juntos ao luar, dançar um pouco... Com alguma sorte, teremos um céu limpo e estrelas na viagem de volta. Você tem de experimentar para acreditar.

Ele achava que era uma experiência da qual poderia prescindir. Tirou a sela de Rusty:

— Devo colocar isso no estábulo?

— Obrigada, vou lhe mostrar onde...

Ela prendeu o freio de seu cavalo por cima do ombro e começou a atravessar o pátio.

Levando a sela sem jeito, ele a seguiu.

— E você vai nessa breiguice de passeio de carroça?

Ela lançou um sorriso por cima do ombro.

— Pode apostar que sim. E ainda vou usar uma saia de camurça franjada e um colete.

— Parece... bonito.

Ela bufou.

— Ficar vestindo essas roupas não é minha parte favorita do trabalho, mas ainda acho melhor que usar gravata todos os dias.

— Em sua humilde opinião — retrucou, de modo suave.

Evan usava gravatas de seda, ternos caros, camisas feitas sob medida e sapatos de couro italiano com orgulho, como símbolos de como a vida era diferente da infância miserável que ele havia deixado para trás.

Enquanto entravam no estábulo fresco e escuro, ele achou que o cheiro era agradável — de mato, com tons de couro e maçã. Havia um leve odor de cavalo, mas que se misturava com todos os outros aromas e era bastante suportável.

Jess se virou, e seus olhos brilhavam sob a luz fraca.

— Se você vier ao passeio de carroça, vai poder rir de mim em meus trajes de Annie Oakley.

Evan depositou a cela no local indicado por ela, numa trava de madeira com o nome de Rusty.

— Difícil dizer não a uma oferta como essa, mas esse não é meu tipo de programa preferido.

Jess lhe deu um olhar mais duro.

— Qual é o problema, Ev? Com medo de soltar-se e poder se divertir de verdade aqui em Hicksville?

Ele fez uma careta para o termo depreciativo que uma vez tinha atirado sobre todo mundo com tanto abandono. Por que ela tinha sido tão gentil com ele quando eram crianças, quando ele tinha sido um merdinha assim?

Ela afastou-se para atar as rédeas de seu cavalo. A cavilha ficava acima de sua cabeça e Evan a observou quando Jess se esticou. A barra da camiseta saiu da calça jeans. Ela terminou de amarrar as rédeas, deu um puxão casual na camiseta e a boca de Evan ficou seca.

— Ela é casada — murmurou para si. E então, tardiamente: — E eu estou com Cynthia.

Ele estava fazendo uma bagunça enorme daquilo. Deveria estar fazendo sua lição de casa para Gianni, o que significava pressionar Jess e descobrir sobre seu plano de negócios. Em vez disso, ele estava cobiçando uma mulher casada quando era quase noivo de Cynthia.

Jess foi para fora ao sol, onde mostrou a Evan como trocar o freio de Rusty. Depois, os dois voltaram ao estábulo, com as rédeas penduradas no ombro de Evan. Jess apontou para uma cavilha ao lado da que tinha usado antes.

— Aqui, Rusty fica ao lado de Knight.

— Knight é o cavalo que você monta? Ele é seu?

— Não. Pertence a Crazy Horse. Comprei-o para Kathy e Will, há uns dois meses, e ainda o estou treinando. Ele é arisco. Não está pronto para os hóspedes.

— Você faz todas as compras e o treinamento?

— É uma das melhores coisas neste trabalho.

— Deixe-me adivinhar. Junto com o traje de Annie Oakley, os hóspedes são os piores.

Jess apanhou um par de escovas de borracha e ele adivinhou que deviam ser usadas para escovar os animais.

— Eles têm seus pontos positivos, mas às vezes testam a minha paciência. É ótimo que gostem de cavalos, mas não são daqueles que realmente curtem cavalos. É uma experiência de férias, não a vida real. É por isso que eu quero... — De repente, ela se interrompeu.

Evan sabia que ela estava prestes a lhe contar sobre a ideia de andar a cavalo sem frescuras, para as pessoas ligadas a cavalos de verdade. Mas por que ela evitava falar?

— Este não é o lugar em que você sonhava estar — disse ele, esperando que esse comentário a estimulasse a falar sobre seu projeto mais recente.

Jess caminhou para fora de novo, com ele arrastando-se atrás. Quando chegaram aos cavalos, ela disse “hora da escovação” e entregou-lhe uma escova de borracha com dentes curtos de um lado.

— Trabalhe com essa escova em círculos, tirando a sujeira e massageando a pele. Evite passar no focinho e nas pernas, porque a pele é muito fina.

Ela caminhou até Knight, em seguida, olhou para trás.

— Ainda não desisti de meus sonhos — e desapareceu por trás do cavalo.

— Sêrio? Conte-me o mais recente.

— Fica para outra vez.

Evan franziu o cenho, percebendo que se a pressionasse demais, Jess recuaria ainda mais. Intrigado com o problema, ele enfiou a mão na alça da escova de borracha e começou a massagear Rusty. O movimento repetitivo se mostrou ser surpreendentemente suave. O sol se derramava na cabeça e nos ombros. Rusty se inclinou um pouco para ele, Evan o empurrou para trás com suavidade, e parecia haver um equilíbrio entre eles. Se Cynthia pudesse vê-lo naquele instante.

Cynthia. Ele quase não tinha pensado nela o dia todo. Só quando se sentiu culpado por ter ficado excitado com Jess.

Jess havia dito que tinha uma queda por ele, quando estavam na escola. Isso foi um choque. Graças a Deus ele não tinha percebido naquela época; o conhecimento disso teria deixado seus hormônios completamente fora de controle.

Era óbvio que Jess tinha superado aquela coisa, porque terminou a amizade deles dois meses depois. Em algum momento, ela se casou com Dave. Acabou se apaixonando por Dave.

Muitas meninas em sua classe foram loucas por Dave Cousins. Ele era boa pinta, bom aluno, o capitão do time de basquete, o orador da turma. E, como a cereja do bolo, ainda era uma pessoa agradável e boa gente. Mesmo Evan, o nerd, achava isso. Evan, porém, tinha desdenhado do rapaz, considerando-o um daqueles atletas cheios de músculos, sem cérebro. A verdade é que ele tinha invejado Dave. Na época, Dave tinha tudo. E, mais tarde, ganhou Jess Bly.

— Vocês dois estão prestes a terminar? — Perguntou Jess.

Ele olhou para cima para vê-la segurando uma maçã.

— Ah, obrigado.

Ela golpeou seu ombro.

— Idiota. É para Rusty. Para ajudar vocês dois a criar um vínculo.

— Ah, com certeza. Eu sabia disso.

Ele entregou-lhe a escova de borracha e pegou a maçã, levantando-se com cautela.

— O que eu faço?

Ela demonstrou, alimentando Knight com sua maçã, e então enxugando as mãos em seu traseiro coberto por jeans azul. Evan levou seu olhar para longe daquelas curvas sedutoras e segurou a maçã na palma da mão, percebendo como suas curvas espelhavam as linhas do bumbum de Jess. Ele conseguiu não se afastar quando os enormes lábios de Rusty desceram em direção à sua mão. O cavalo pegou a maçã polidamente e triturou-a.

— Não foi tão ruim — disse Evan.

Rusty olhou para ele com calma, e bufou, soprando uma espuma de suco e farelos de maçã na camisa de Evan.

Jess deu um pio gozador.

— Suco de maçã.

Evan fez uma careta, olhando para si mesmo.

— Que nojo. Graças a Deus este lugar tem serviço de lavanderia.

Jess tocou-lhe o ombro novamente, apertando-o com suavidade e rapidez.

— Você foi muito bem hoje, Ev. Eu nunca teria acreditado. Não estrague tudo começando a dar uma de metido a chique, ok? Por que não vai lá pra cima, tira essas roupas sujas e faz uma sauna relaxante?

Ele se obrigou a respirar profundamente e imaginar um banho frio. O toque dela, somado à sugestão de tirar a roupa, tinha feito seu sangue ferver de novo.

— E você? Vai voltar pra casa?

— Assim que eu levar esses dois caras para o pasto.

Ele estava dolorido e sujo, para não mencionar a luta contra a luxúria. Um banho de água fria, uma massagem de um massagista, e em seguida, uma sauna pareciam uma verdadeira bênção. Ainda assim, viu-se seguindo Jess quando ela levava os dois cavalos para o pasto cercado atrás do estábulo. Aquele traseiro curvilíneo tinha um balanço sedutor naquele jeans apertado...

— E Dave, como vai? — Perguntou Evan abruptamente.

Ele não queria saber, de fato. Mas poderia muito bem ter um palpite. Devia ser o presidente da Câmara de Comércio, sem dúvida. Evan só precisava tornar mais concreto o fato de seu casamento, só isso.

Ela olhou por cima do ombro.

— Dave? Ele está bem. Possui o Wild Rose, o melhor hotel, restaurante e bar na cidade.

— E é presidente da Câmara de Comércio?

Ela lhe deu uma expressão intrigada.

— Não. Ele foi, há alguns anos, mas agora é chefe do Comitê do Patrimônio. E é treinador do time de basquete da escola, como voluntário.

— É claro que sim... — Evan murmurou.

— O quê?

— Eu disse, que bom para ele. E vocês dois são, hã, felizes?

Disse a si mesmo que realmente desejava que Jess fosse feliz. E ele queria — não, ele precisava — pensar nela como uma mulher em um casamento feliz.

Jess não respondeu. Em vez disso, abriu a porta e levou os cavalos para o pasto, onde retirou os cabrestos e deu um tapa na garupa de cada um para enviá-los para longe. Com a cerca do curral entre ela e Evan, virou-se para encará-lo.

— Nós somos bons amigos, mas não estamos mais casados.

Seu estômago embrulhou e seu coração disparou.

— Não sabia... Sinto muito.

— Não tem problema.

Jess não era casada. O que ele vai dizer a seus hormônios agora? Cynthia. Ele devia ficar se lembrando dela.

Jess se virou e assoviou alto e claro. Em um momento, um cavalo apareceu, correndo em sua direção. Jess cumprimentou-o com um abraço, enrolando-se em seu pescoço.

— Falando de bons amigos, este é Conti. Ele é meu. Não é fantástico?

Evan olhou para o cavalo, que se parecia bastante com qualquer outro cavalo.

— Fantástico.

— Ele é parte árabe e parte quarto de milha. Já o tenho há cinco anos.

Evan pensou no primeiro cavalo que Jess teve, que ela havia criado desde que era potrinho.

— Acho que Rascal já...

— Sim. — Ela deu um sorriso nostálgico. — Ele teve uma vida longa e feliz e morreu de velhice, e agora está no céu dos cavalos.

— Lembro-me do Natal em que seus pais lhe deram o cavalo, antes mesmo que ele tivesse nascido. Você estava tão animada...

— Foi o melhor presente que já ganhei.

Ela se virou quando outro cavalo se aproximou dela e cutucou seu ombro. Esse era mais claro e se movia mais lentamente do que Conti.

— Outro dos seus? — Perguntou Evan.

— Não, Petula pertence ao Crazy Horse. Ela está quase aposentada.

Jess abraçou o pescoço do cavalo e beijou-o na testa.

— Você não é uma fofa? — Disse à égua, que balançou a cabeça, seja em resposta ou em um pedido de uma maçã.

Jess mostrou maçãs para ambos os cavalos, então disse à égua:

— Vá ficar com seus amigos, Pet. Amanhã eu vejo você de novo.

Pet se virou e Jess passou pela porteira aberta com o próprio cavalo, Conti, vindo atrás. Ela balançou os cabrestos vazios de Rusty e Knight, mas não colocou nenhum em Conti. Depois de fechar o portão, caminhou até o estábulo com o cavalo seguindo-a como se fosse um cachorro crescido.

— Eu o montei nesta tarde, então vou colocar a sela e iremos para casa.

— Onde você está morando agora, depois de...

— Na casa de meus pais. Voltei depois que Dave e eu nos separamos. A saúde de papai não é o que costumava ser, e eu o ajudo com o rancho. E a mamãe ajuda com... — Ela se afastou rapidamente.

— Perdão? Com o quê?

Jess parou, e um longo momento se passou antes que ela se virasse. Por um raro momento, seu rosto era inexpressivo.

— Com Robin. Minha filha com Dave.

Ela era mãe! Esse foi um choque ainda maior do que o divórcio.

— Eu não tinha ideia. Que bobagem minha... Eu sempre soube que você queria ter filhos.

Dez anos se passaram, e ela tinha sido casada. É claro que ela teria um filho.

— Sim, e agora tenho uma filha que é maravilhosa. E Dave é um pai fantástico!

Ela girou nos calcanhares e saiu para o estábulo, deixando-o em pé ao lado de Conti. Ele a seguiria, mas sua linguagem corporal foi tão eficaz como uma porta batida na cara.

Depois de alguns minutos, ele chamou:

— Você vai sair?

— Eu tenho coisas para fazer. Vá se lavar para o jantar.

Estranho. Mas tudo era assim entre ele e Jess. Conti olhou para ele e Evan deu de ombros.

— Vejo você mais tarde — gritou para o estábulo.

— Sim.

Evan foi embora mancando em direção ao chalé, cada passo deixando-o mais ciente dos dedos dos pés pinçados e dos músculos doloridos. Além disso, ele fedia a suco de maçã e vinha atraindo a atenção de um casal de enormes vespas. Que dia tinha sido aquele... Gianni Vitale iria lhe pagar, e caro.

Um ruído o fez virar a cabeça. Ele viu Jess e Conti irem voando pela estrada em outra direção.

Então Jess tinha uma filha. Evan tinha certeza de que não queria ter filhos, embora esse fosse um tema que ele e Cynthia ainda precisavam resolver. Ainda assim, porém, quando pensou em Jess e sua filha, sentiu uma estranha sensação de saudade.

CAPÍTULO 5



JESS LIBERTOU OS cabelos de seu rabo de cavalo e deixou o vento chicotear por eles enquanto voltava para casa.

Era tão injusto Evan Kincaid ainda a afetar. Quando o viu escovando Rusty, seu coração tremeu. Por um momento, ela quase imaginou um futuro diferente, um futuro em que ele não teria de retornar para Nova York.

Ela não tinha sido tão estúpida assim lá atrás, quando ainda era uma adolescente. Evan estava certo de qual era seu lugar e ela acreditava nele completamente, e queria isso para ele. Seu amor por Evan tinha sido assim tão forte.

Jess não tinha planejado lhe contar que tinha uma filha — sua língua correu mais depressa do que seu cérebro —, mas ao lembrar-se disso ela se alegrou. Alguém, Madisun ou Will ou Kathy, mencionaria Robin, e Ev poderia então perguntar por que ela não tinha dito nada. E, afinal, qual era o problema? Por que ele suspeitaria que a filha de Jess e Dave teria alguma coisa a ver com ele?

Ao mesmo tempo, era melhor se certificar de que Evan e Rob nunca se encontrassem. Ela teria de encontrar uma desculpa para cancelar a apresentação de sábado à tarde, que ela e sua filha tradicionalmente organizavam no Crazy Horse: Jess e Robin em seus cavalos, Conti e Concha, fazendo truques.

Contudo, uma parte de Jess estava curiosa para ver Evan e Robin juntos. Pai e filha. Apenas uma vez. Ela, porém, não podia correr o risco.

Graças a um projeto da escola no ano passado, Rob tinha um amigo de e-mail que morava em Nova York e estava louca pela cidade. Ela ficaria em cima de Evan como esterco fresco sobre uma bota engraxada. Eles poderiam se conectar e então...

E então o quê? Ev não notaria as pistas mais do que qualquer outra pessoa em Caribou Crossing. Rob era a filha de Dave. Ela pegou algumas de suas expressões faciais e de seus jeitos de falar, e compartilhavam uma série de características de personalidade.

O risco podia ser ínfimo, mas Jess não podia assumi-lo. Ela devia aquilo a todo mundo, incluindo Evan. Ele sempre foi claro quanto à intenção de não ter filhos. Quando Jess o tinha visto pela primeira vez no Crazy Horse, entrou em pânico e ficou imaginando se estaria ali por Robin, mas agora que tinha passado um tempo com ele, ouviu-o comentar sobre sua vida em Nova York, ela entendia as coisas de maneira diferente. Estava tão segura agora quanto estivera há dez anos, de que Evan não gostaria de saber que tinha gerado um filho.

Na fazenda de seus pais, encontrou sua filha na cozinha, Taylor Swift cantando no rádio enquanto Robin picava aipo. Robin deu-lhe um grande sorriso.

— Oi, mãe, você acabou de se desencontrar de Kimiko e sua mãe.

— Ah, que pena... — Jess lavou as mãos e o rosto na pia da cozinha.

— Kimiko e eu fizemos nosso dever de casa. Então posso ajudá-la a trabalhar com Mystique hoje à noite, ok?

Essa égua quarto de milha cinzenta tinha sido enviada recentemente a Jess por seu amigo, Ty Ronan, que morava em Fraser Valley. Ele trabalhava como curandeiro, cuidando de cavalos resgatados. Se a personalidade desses animais eram certas para o Crazy Horse, o homem os enviava para Jess depois de fazer suas magias nos animais. O Crazy Horse lhe pagava uma soma simbólica e Jess os treinava para servir na trilha aos hóspedes.

— Parece bom para mim — Jess tinha tanta sorte de sua filha compartilhar o mesmo amor pelos cavalos. — O que você está fazendo? — E olhou na tigela na qual a menina tinha colocado aipo e pedaços de maçã. — Salada Waldorf?

— Isso mesmo. Você pode me dar algumas nozes? — Enquanto Jess ia buscar, Robin continuou. — Sabia que tem mesmo esse hotel superelegante em Nova York, chamado Waldorf Astoria? A avó de Caitlin levou-a lá para fazer um brunch no seu aniversário. Será que foi de lá que a salada tirou o nome?

Será que tudo tinha de lembrar Evan? Pensou Jess...

— Pode ser, devia perguntar a Mitch. Você vai estar com seu pai amanhã, não é? — Mitch era o chef do Wild Rose Inn.

— É... Papai vai me ajudar com a tarefa que tenho de fazer sobre o sistema solar.

Jess sorriu, feliz que Dave tinha assumido isso... Essa era a melhor definição de dividir as responsabilidades parentais.

— Onde estão seus avós?

— O vovô estava cavalgando e foi tomar banho. Ele vai fritar os hambúrgueres para servir com minha salada. E acho que a vovó está ao telefone com a senhora Baxter, planejando a venda de bolos.

Jess sorriu de novo, pensando em como tinha sorte. Embora Evan tivesse uma carreira de sucesso, ela era a que, de fato, havia se “realizado” com uma vida completa e feliz. As pessoas queridas sempre vinham antes do trabalho.

Não que ela estivesse disposta a engavetar seu campo de treinamento de cavalos em breve, nada disso.



Na quarta-feira, Evan acordou cedo, sentindo-se relaxado. Ele era viciado no ritmo acelerado da vida em Manhattan, e ficar assim à toa era o inferno.

Antes do café da manhã, fez uma longa chamada para Angélica, em seguida, tentou falar com Cynthia novamente. Na noite anterior, o telefonema caiu no correio de voz, e o mesmo aconteceu novamente. Ele bateu o antiquado fone no lugar, e então, sentiu vergonha de si mesmo. Cynthia tinha uma carreira movimentada e uma vida social intensa. Ela não centrava sua vida ao redor de Evan. Ele nunca quis uma mulher que fizesse isso, mas essa agitação só enfatizava como a vida dele tinha sido fútil e maçante naquela semana. Ele tinha uma única missão, e não estava perto de realizá-la, como estaria se tivesse ficado em Manhattan.

Ele nunca teria imaginado que Jess, que quando era uma menina ficava tagarelando durante horas sobre seus sonhos, tivesse se tornado tão reticente quando adulta. Outra vez, lembrou-se de que aqueles dias em que os dois eram os melhores amigos tinham ficado dez anos para trás, e por mais que isso lhe doesse, não havia nada que pudesse fazer para mudar aquilo.

Depois do café, voltou para seu quarto. Estava com tempo de sobra, mas não o suficiente para concentrar-se em um projeto de trabalho. Ele fez alguns alongamentos e depois ficou andando, inquieto. O tédio definitivamente não combinava com ele. Mesmo achando que Jess estaria muito ocupada para conversar, decidiu descer até o estábulo.

Apesar dos alongamentos, Evan sentia que seus músculos estavam rígidos, notando isso melancolicamente enquanto caminhava para baixo do morro. Seria um milagre se ele conseguisse levantar a perna direita sobre o lombo de Rusty.

A cena que viu era semelhante à do dia anterior, mas Madisun não estava e o “bom-dia” de Jess foi ainda mais curto, e acompanhado por uma expressão esgotada

em vez de até mesmo um sorriso evasivo.

Não, eles não eram mais os melhores amigos.

Ele ficou de lado, sentindo-se inútil e frustrado, e em alguns minutos ficou surpreso ao ver outros recém-chegados madrugadores, Thérèse e George. Jess, que passou correndo por eles, deu uma saudação também rápida ao casal de suíços enquanto ambos iam até seus cavalos, para alimentá-los com cenouras. Em seguida, a dupla entrou no estábulo, voltou com selas e arreios e começou a preparar seus animais. Eles tinham estado ali no ano anterior, lembrou-se Evan, e sabiam claramente o que deviam fazer. Isso o deixou se sentindo ainda mais desconfortável.

Depois de passar correndo por ele algumas vezes, Jess comenta:

— Você poderia trazer os arreios para fora. Vou arrumar Chipper agora, e você sabe como tudo está marcado.

— Claro — rosnou ele.

Ele era um dos hóspedes e estava pagando. Os funcionários é que deveriam esperar por ele, e não o contrário. Ainda assim, era melhor fazer alguma coisa do que ficar ali parado e irritado. Evan entrou no estábulo, localizou a sela e as rédeas marcadas para Chipper e levou-as para Jess. Depois, ficou observando enquanto os dedos dela voavam em movimentos que obviamente deveriam ter sido feitos por milhares de vezes.

— Onde está Madisun?

— Deve ter se atrasado.

Suas palavras eram casuais, mas um lampejo de preocupação cruzou seu rosto.

— Se uma pessoa tem um emprego, ela deve ser responsável. Talvez ela seja muito jovem.

Jess fez uma pausa.

— Madisun pode ter apenas dezoito anos, mas é muito madura para a idade. — Ele estava só imaginando, ou Jess soou muito carrancuda? Depois de apertar a cilha, disse: — Vou preparar o Mickey agora.

Ele voltou ao estábulo. O que era aquilo? Ele era um office-boy agora? O CEO de sua empresa estava bancando o office-boy de uma caipira de um rancho? Se ele estivesse com um humor melhor, poderia até ter achado engraçado.

Quando voltou, ela disse:

— Faça este e ficarei olhando. Depois disso, você está por sua conta.

— Mas...

— O quê?

— Nada.

Ele não estava acostumado a ficar de mau humor. Isso nunca aconteceu em Nova York. Ou, se aconteceu, estava muito ocupado para notar.

Ele jogou a sela em cima da almofada que já descansava no lombo de Mickey. Era o cavalo de Joan, pensou. Evan estava começando a identificar os animais.

Jess apareceu do outro lado do cavalo, deu um puxão e disse:

— Certifique-se de que está bem alinhado antes de apertar a cilha.

Evan se sentia todo atrapalhado sob o escrutínio da mulher, e estava ciente de sua impaciência mal disfarçada. Por fim, ele tinha o freio preso de uma maneira que a satisfizesse.

— Tudo bem, agora você pode preparar o Rusty.

Ela saiu correndo e ele voltou para o estábulo, imaginando se seu mau humor tinha mais a ver com ela aparentar indiferença para ele do que com ser colocado para trabalhar.

O som de um motor o fez se virar quando um carro todo batido sacudi a estrada acima, um calhambeque que lembrou o velho carro de sua mãe, aquele em que tinha aprendido a dirigir. Madisun saiu e correu para Jess. As duas trocaram algumas palavras, e ele se perguntou se a menina estava recebendo uma repreensão. Se Jess queria gerenciar seus negócios, tinha de saber como disciplinar seus funcionários.

Ele foi para o estábulo e estava descendo as rédeas de Rusty quando Madisun correu ali dentro e agarrou uma sela e rédea.

— Bom dia — disse ele com frieza.

— Bom dia, Evan.

Sua voz soava alegre e ele percebeu que Madisun estava de óculos escuros mesmo na escuridão no lugar. Uma briga com o namorado, e ela havia chorado a noite toda? Ou talvez ressaca? Sua infância lhe tinha dado muita experiência com pessoas de ressaca, por isso ele sabia que o melhor era ficar fora do caminho dela.

O passeio da manhã foi mais longo do que os anteriores, e os músculos de Evan soltaram-se com mais rapidez. Teve algum prazer ao observar que se sentia mais sintonizado com o trote de Rusty, ou mais hábil em “sentar-se” nele, como dizia Jess. Deixando, porém, de lado essas pequenas diferenças, tudo foi igualzinho. Então, em vez de permitir que o passeio fosse uma total perda de tempo, Evan se concentrou em um dos itens que Angélica tinha enviado por e-mail. Ele fazia parte do Conselho de Administração da Gimme a Break, uma fundação que financiava bolsas de estudo para crianças carentes. Angélica tinha enviado a ele e a LeVaughn Duvalle um monte de inscrições.

Graças à considerável doação inicial de LeVaughn, sua competência na arrecadação de fundos e à própria capacidade de Evan de fazer bons investimentos, a Gimme a

Break tinha muito dinheiro para fornecer em bolsas de estudo. O problema era que havia muitas crianças que faziam por merecer, muito mais do que a fundação poderia suportar. O que Evan e LeVaughn procuravam quando avaliavam as inscrições não era tanto as boas notas ou um prontuário limpo. Eles queriam sentir se os candidatos tinham o desejo de sucesso, se não eram pessoas procurando apenas estudar de graça, mas que usariam verdadeiramente aquela oportunidade para fazer algo de seu futuro da maneira que LeVaughn tinha feito. O cara tinha sido um garoto de rua e seu mais provável destino teria sido fazer parte de uma gangue e usar drogas, prisão e morte precoce. Contudo, graças a uma mãe muito forte, um incrível professor-mentor, seu talento e sua disciplina, ele agora era um astro do basquete.

Quando o passeio terminou, a maioria dos hóspedes foi embora mancando para longe, dizendo que eles estavam indo descansar e relaxar antes do almoço. O casal suíço ficou para trás, cuidando de seus cavalos.

Evan ansiava por um monte de coisas — a internet, o bom sinal do celular, e um banho de chuveiro, entre elas —, mas algo o segurou. Disse a si mesmo que, se Gianni queria que ele mergulhasse no ambiente, ele faria isso.

— Posso ajudar?

Jess olhou para ele com ceticismo, então deu de ombros.

— Claro, se você quiser. Obrigada. Precisamos soltar as cilhas, trocar os freios por cabrestos e garantir que os cavalos tenham comida e água.

— Acho que posso cuidar disso.

Ela se afastou e ele notou Madisun encostada a um dos cavalos, como se ele a estivesse apoiando. A garota tinha tirado os óculos de sol. Seus olhos não estavam inchados e vermelhos, mas seu rosto parecia cansado e tenso. Como que para confirmar sua impressão, ela deu um enorme bocejo. Então, percebendo que Evan tinha visto, ela rapidamente cobriu a boca.

— Sinto muito.

— Noite comprida?

Ela passou as mãos pelos cabelos pretos longos e suspirou.

— Minha irmã estava doente. Eu não consegui dormir muito.

Sentiu-se podre por ter achado que aquilo era uma ressaca.

— Que pena. Espero que ela esteja se sentindo melhor.

— Eu também. — Ela fez uma careta. — Precisei deixá-la com os vizinhos. Odiei ter de fazer isso, mas não poderia deixar TJ em apuros.

Onde diabos estavam os pais dessas meninas? Parecia que, além de manter um emprego em tempo integral, Madisun estava fazendo o papel de mãe substituta para a

irmã. Jess tinha dito que ela era uma menina muito madura. Talvez a mãe tivesse morrido, e ela teve de amadurecer mais cedo.

Madisun estava roendo o lábio.

— Não se preocupe — disse ele. — O vizinho vai ligar para cá se tiver algum problema, certo?

Ela sorriu, de repente, olhando menos preocupada.

— Sim, você está certo. Obrigada, Evan.

Enquanto eles conversavam, ele tinha lidado com sucesso com o freio e o cabresto de Rusty.

Madisun tomou as rédeas dele.

— Bom trabalho, cowboy.

Cowboy. Vá esperando que isso aconteça...



Jess foi cuidar de suas tarefas, mas manteve um olho em Evan. Era normal que, ao longo da primeira semana, os hóspedes ficassem mais envolvidos com os cavalos. Ainda assim, ela não esperava algo assim dele. Ela não conseguia entendê-lo. Às vezes, ele parecia ressentir-se de estar lá, embora tenha sido quem escolheu aprender a cavalgar como o desafio para ganhar a tal placa de dez anos. Mas então as coisas mudavam de repente e ele entrava no ritmo da vida no Crazy Horse. Sua habilidade em montar estava melhorando e ele se movia entre os cavalos com mais confiança, enquanto tirava as selas e os arreios e soltava os cabrestos na cabeça dos cavalos.

Quando o trabalho foi feito e Thérèse e George se dirigiram para o chalé para se limpar, Madisun disse:

— Vou correr para casa e ver como está minha irmã. Vejo você de tarde.

Evan tinha acabado com Rusty, desembaraçando sua crina. Deu um tapinha no pescoço do cavalo.

— Vejo você de tarde também, amigo.

Havia outro passeio programado para a tarde, mais curto que o da manhã.

Jess se juntou a ele.

— Eu conheço você, mas não conheço — ela deixou escapar.

Evan deu-lhe um sorriso caloroso.

— Sim, você conhecia um menino, mas agora sou um homem. Eu mudei.

Ela pareceu refletir por um instante.

— De certa forma. Aposto, porém, que no fundo continua o mesmo. Você era um garoto leal, generoso, protetor e...

— Eu era? Para mim, parece que fui um merdinha detestável.

Ela riu, os olhos dançando.

— Isso também. Mas você estava apaixonado, fissurado pelos estudos e pela carreira. Aposto que continua sendo tudo isso, pelo menos as coisas boas, mas com mais confiança e aptidão, mais aberto à experiência e à vulnerabilidade.

— À vulnerabilidade? — Ele parecia ofendido.

— Tentar algo novo e não ficar paranoico em fazê-lo com perfeição.

— Ah... — ele levou alguns momentos para meditar sobre isso, e em seguida, disse devagar: — Não sei se Cynthia concordaria com você em alguns desses atributos. Como ser protetor e vulnerável.

Cynthia novamente.

— Talvez ela não chame essas qualidades em você. Você sempre disse que sua mulher ideal era forte e bem-sucedida.

Ele acenou com a cabeça.

— Sim, e Cynthia é assim. Ela é uma advogada de alto nível de uma das principais empresas em Manhattan. Conosco há quase um senso de competição. Uma competição amigável. Por exemplo, quem consegue um novo cliente paga o jantar. É uma das grandes coisas sobre nosso relacionamento.

— Humm.

Parecia muito diferente daquele seu relacionamento com Dave. Os dois eram uma equipe, um time, assim como quando ela e Ev foram uma vez. Ev parecia gostar disso quando era criança.

— Mas...

— Que foi? Diga.

Ela mordeu o lábio.

— Você nunca quis ser vulnerável? Não quer estar com alguém que possa ser vulnerável? Quero dizer, se nenhum de vocês nunca está vulnerável, então por que precisa do outro? Uma coisa é se divertir juntos, celebrar o sucesso, mas o verdadeiro amigo não é aquele a quem se pode procurar quando está se sentindo deprimido, derrotado ou quando está se sentindo mal? Quando você tiver feito algo estúpido, e você precisa confessar isso a alguém que vai entender? Afinal de contas, todos nós somos capazes de fazer coisas estúpidas, todos nós temos medos, todos nós temos dias ruins. Não é?

— Acho que sim.

Ele não parecia estar compreendendo o que Jess dizia. Ela sentia-se como uma caipira, uma garota do interior com apenas o ensino médio. Cynthia era uma advogada que voava alto em Manhattan.

Mas Jess era obstinada. Ela não se importava se alguém discordava dela, e odiava quando a pessoa não entendia onde ela queria chegar. Hora de parar com as coisas abstratas e dar-lhe algo concreto, algo que possivelmente ele seria capaz de compreender.

— Você e eu, quando crianças, formávamos uma equipe, um time. Certo? Cada um de nós estava bem por conta própria, mas quando você nos colocou juntos lá era algo maior e mais forte e mais brilhante.

Jess parou, distraída pelo pensamento em Robin: o produto dos dois, e a luz mais brilhante em sua vida.

Ela seguiu adiante.

— Quando duas pessoas se preocupam um com o outro, vocês formam algo novo — droga, por que tudo que dizia levava de volta para Robin? Jess rapidamente acrescentou: — Lembra quando eu tinha de fazer aquele discurso no nono ano do fundamental? Eu estava petrificada, tinha certeza de que eu vomitaria no palco, ou esqueceria minhas falas, ou... Bem, eu fiz uma lista de pelo menos uma centena de possíveis desastres.

— Ah, sim, você estava bem atrapalhada — disse ele em um tom apaixonado.

— E você me ajudou. Você me ensaiou e me treinou, brincou comigo e me intimidou, e quando finalmente chegou o dia e eu tive de fazê-lo, não era só eu lá em cima no palco. Você estava comigo. Foi como o verso daquela antiga canção que mamãe adora: você era o vento sob minhas asas, e naquele dia eu voei, Ev. Por causa de você — os olhos dela se enevoaram com a umidade das lágrimas.

Ele estendeu um dedo, um dedo encardido, sujo dos cavalos, seu tipo favorito de dedo, e pegou uma lágrima, uma que transbordou.

— Ainda chora num piscar de olhos — a mão dele permaneceu ali, embalando seu rosto.

Um toque tão suave, tão carinhoso. Era tudo o que ela podia fazer para evitar pressionar a mão dele e pedir mais.

— Lembra quando quebrei a janela da senhora Gutterson? — Perguntou Evan. — Eu tinha brincado com a bola alguns dias antes de jurar nunca mais fazer qualquer esporte. Não pretendia quebrar nada, mas eu era tão desajeitado. Ninguém me viu. Poderia ter fugido, mas me senti horrível, e lhe contei. Você me fez ver que eu devia confessar, quaisquer que fossem as consequências.

Jess assentiu, ela mal conseguia respirar enquanto ele acariciava o lado de seu rosto.

— Você veio comigo — continuou Evan. — Ficou ao meu lado, enquanto ela me xingava, em alemão, e então me ajudou a cortar a grama toda semana, durante todo o verão.

Ela conseguiu soltar uma risadinha abafada.

— É para isso que servem os amigos. Além disso, achei que você provavelmente cortaria um dedo naquela máquina de cortar grama velha e horrível.

A expressão no rosto de Evan era carinhosa.

— Amigos, Jess. Eu valorizava tanto nossa amizade e depois a destruí. Senti muito sua falta.

Ela não conseguia mais resistir ficar assim apoiada na mão dele.

— Quer dizer, você pensou em mim depois que foi embora?

Ele respirou fundo, em seguida, deixou o ar escapar.

— Sim, pensei muito em você. Quando tinha um problema, ou conseguia um triunfo, minha primeira reação sempre foi que teria de contar a Jess...

O coração da mulher deu uma cambalhota, e isso a recordou de sua realidade. Forçou-se a afastar-se dele.

— Até que você conheceu Cynthia, imagino.

Depois de alguns segundos, ele disse, em voz baixa, mas com determinação:

— Mesmo depois que conheci Cynthia.

— Ah...

O calor e a intensidade em seu olhar espelhavam seus próprios sentimentos. O que ele estava dizendo? O que eles estavam fazendo? Evan estava querendo deixá-la desequilibrada, era isso? Ou ela estava desequilibrando Evan?

De jeito nenhum, ela não poderia lidar com aquilo. Rapidamente, atravessou o pátio do estábulo, jogando uma ordem rápida por cima do ombro.

— Vá para seu almoço, Ev. Tenho trabalho a fazer.



Enquanto terminava o almoço, um delicioso churrasco de salmão com salada de arroz selvagem, com torta de morango de sobremesa, Evan inclinou-se para Thèrèse e sussurrou:

— Onde você garimpou aquelas cenouras?

— Garimpou? — Perguntou ela, em seu sotaque francês.

— Pegou, emprestou ou roubou — traduziu ele.

— Ah, sim — piscou a mulher. — Kathy tem uma travessa ao lado da porta da cozinha. E tem maçãs, também.

Evan não queria se arriscar a tomar outro banho de suco de maçã, mas serviu-se de um punhado de cenouras. Depois, foi mancando para seu quarto e afundou-se no sofá. Quanto mais seu corpo poderia suportar? E quanto mais de ociosidade sua mente aguentaria?

Ele checou a agenda da tarde. Um passeio rápido, e depois teria várias horas para dedicar-se ao trabalho, talvez com uma parada para um mergulho. Jantar e, em seguida, o passeio de carroça. Aquela breguice de passeio de carroça. Ele não participaria daquilo, não é?

Enquanto fazia alguns alongamentos, refletiu sobre sua última conversa com Jess. Era verdade que, mesmo depois que conheceu Cynthia, Jess foi muitas vezes a primeira pessoa em que pensou quando queria conversar com alguém. Ah, não sobre os prós e contras de seu trabalho — que era uma área em que Cynthia se mostrava inestimável. Mas se fosse uma questão de sentimentos, como a ansiedade antes da primeira reunião do conselho da fundação, ou sobre o orgulho que sentiu depois, era sempre Jess Bly.

Isso não era bom. Nem era bom o fato de ter contado a ela, ou de ter acariciado o rosto dela, aquela pele bronzeada tão quente e macia sob seus dedos. Ela poderia pensar... O que ela poderia pensar? Que ele estava interessado nela? Bem, dane-se, estava mesmo, e ele certamente nada faria sobre aquilo. Não só ele estava comprometido com Cynthia, como um casal, mas ele e Jess continuavam tão incompatíveis como sempre haviam sido. A caipira do campo e o espertinho da cidade. Não, aquilo não aconteceria.

Conseguiu relaxar após um alongamento e deitou-se na esteira de yoga que havia no quarto, ligando as mãos atrás da cabeça. Por que Cynthia não tinha suplantado Jess em sua mente quando ele queria um amigo para conversar? Considerou aquilo por conta de um persistente hábito de infância. Contudo, os comentários de Jess sobre a vulnerabilidade fizeram-no pensar. Sempre disse a si mesmo que valorizava a independência e queria um relacionamento que fosse uma parceria entre duas pessoas autossuficientes. As pessoas que seriam o oposto completo de seus pais disfuncionais.

Em seu relacionamento com Cynthia, ele não tinha permitido abrir espaço para vulnerabilidades, e tampouco ela tinha feito isso. Ambos consideravam a vulnerabilidade uma fraqueza. Ainda assim, como Jess disse, com certeza todo mundo, até mesmo a mais forte das pessoas, tinha seus momentos. Como sua ansiedade antes da reunião do conselho da Gimme a Break, uma ansiedade que nunca confessou a Cynthia.

Lembrou-se de como ele se sentiu quando Jess fez aquele discurso no nono ano. Enquanto estava sentado na plateia, lutou contra as lágrimas de orgulho e sentiu um brilho quente no coração, sabendo que ele a ajudara a superar seu medo. Ela estava certa. Enquanto tinham sido crianças, os dois formaram um grande time.

E, com um sobressalto de surpresa, ele se lembrou do encontro com LeVaughn Duvalle quando foram montar a fundação Gimme a Break. O astro do basquete valia vários milhões de dólares, mas o garoto de rua ainda estava dentro dele, preocupado que sua falta de finesse pudesse comprometer o sucesso da fundação.

A questão era que LeVaughn era um cara extrovertido, dinâmico, muito mais do que o reservado Evan, e era o perfeito porta-voz. Evan lhe dissera isso, e depois completara:

— Vamos fazer um acordo. Eu dou os fatos chatos, os números, mas antes você fala sobre nossos objetivos e sua própria experiência. Você motiva; eu informo.

Eles tinham cada um suas fraquezas e seus medos, e quando ambos admitiram isso, a solução era óbvia. E sua fundação, para não mencionar seu relacionamento, ficou mais forte depois de cada um confessar suas vulnerabilidades.

Ele fez uma careta. Droga. Sempre foi assim. Sempre que achava que sabia o que estava fazendo, Jess o fazia repensar.

Cynthia fez isso também, mas em assuntos diferentes.

As duas mulheres tinham algo em comum. E por que não teriam? Eram as duas únicas mulheres com quem já se preocupara. Com exceção de sua mãe, mas preocupar-se com Brooke era tempo perdido.

Evan rosnou. Era por isso que ele detestava aquele tempo ocioso. Seus pensamentos não eram uma boa companhia. Seria melhor ele descer até o estábulo e dar as cenouras a Rusty e ajudar Jess e Madisun com os arreios.

CAPÍTULO 6



NAQUELE DIA, DEPOIS do jantar, Evan novamente se dirigiu ao estábulo, agora em companhia de outros hóspedes. Difícil de acreditar, mas ele de fato se sentia relaxado. Até seus dedos machucados pareciam confortáveis em um velho par de tênis.

Ele tinha destrinchado uma pilha de trabalho depois do passeio da tarde, por isso estava se sentindo produtivo. Depois, havia se dado uma massagem de arnica e uma sauna de eucalipto, chegando perto do nirvana. O jantar havia sido excelente, especialmente o carneiro e o *pinot noir*, embora, como de costume, tenha ficado em apenas uma taça. Ao contrário de seus pais, ele controlaria sua bebida, e não vice-versa.

Beth e Kim, de braços dados, passeavam ao lado dele. As duas usavam camisetas da loja de presentes do resort, com o logotipo não oficial de um sinal de estrada que se vê perto das escolas, mas com a silhueta preta do mamífero e os dizeres “Caribou Crossing”. Quando era garoto, ele zombava do logotipo, porque os caribus de verdade tinham se mudado para um território ainda mais remoto, quase um século antes. Jess recordou que adorou o logotipo, assim como o caribu de arame na praça de cidade.

— Estamos realmente ansiosas por esta noite — disse Beth a ele.

— TJ me disse que é especial — respondeu Evan.

E brega, embora ele não tenha mencionado essa parte. O estranho era que sentiu uma onda de antecipação agradável. O que foi aquilo? Uma taça de vinho nunca tinha lhe dado esse tipo de agitação. Será que havia mesmo algum tipo de magia no ar do campo? Ou era Jess?

Aquela semana tinha trazido surpresa atrás de surpresa e, enquanto relaxava na sauna, Evan decidira nem sequer tentar resolver os problemas. Uma mente confusa não poderia tomar uma decisão consciente. Teria de dar um passo atrás e recolher mais informações antes de decidir como proceder. Ele era um analista altamente inteligente. Não havia nenhum problema que pudesse confundi-lo, nem mesmo Jess Bly Cousins.

— Fomos para a cidade esta tarde — disse Kim. — Você sabia que Caribou Crossing começou como uma cidade durante a corrida do ouro?

— Sério?

Claro que ele sabia disso. Era por isso que a cidade era relativamente famosa, e seus habitantes exploravam esse fato ao máximo, junto com toda aquela coisa de vaqueiros e clima do interior. O turismo era um negócio importante em Caribou Crossing. As empresas tinham nomes, como Lucky Strike, Gold Pan e Round Up, o bar que seus pais, e depois sua mãe, costumavam frequentar se chamava The Gold Nugget Saloon. Será que ainda existia? Se existisse, era ali provavelmente onde se poderia encontrar Brooke neste exato momento, pensou com amargura.

— Uau! — A exclamação de Beth o trouxe para fora de seus pensamentos.

Eles estavam se aproximando do estábulo, e lá estava uma enorme carroça de feno. Era puxada por dois cavalos de tamanho considerável, de pelo marrom guarnecido por crinas e cauda mais claras. Jess estava de pé. Ao lado dela, um careca musculoso, quase de sua altura, os dois se esforçando para segurar os cavalos gigantes. Vestida com saia de franjas e colete, um chapéu de cowboy bege e um par de botas enfeitadas, ela fazia uma bela figura. Tão bela que vários dos hóspedes estavam tirando fotos.

— Oi, pessoal — chamou Jess. — Este é Jimmy B e ele é seu cocheiro.

Os hóspedes se aproximaram com cautela dos cavalos.

— Esse Jimmy B mal chega aos joelhos deles — murmurou Sylvia, ao mesmo tempo em que o cocheiro falou:

— Olá, pessoal, não precisam ter medo dessas criaturas. Eles são gentis como gatinhos, não mordem e adoram ser acariciados. Cheguem perto e venham conhecer Harry e Sally.

— Quando Harry conheceu Sally! — Gritou Sandy e o gelo foi quebrado.

Logo todo mundo estava agrupado ao redor dos cavalos, acariciando o pescoço deles enquanto bombardeavam o velho cocheiro com perguntas.

Evan andou até o estábulo, onde Jess fazia anotações em uma prancheta.

— Annie Oakley, eu presumo? — Ele brincou.

— Eu disse que valeria uma risada.

O sorriso dela gerou-lhe uma pontada de desejo. Um desejo complicado, que era uma mistura de afeto e luxúria.

— Não diria que essa elegância seja de fato apropriada para a 5ª Avenida — prosseguiu Evan —, mas aqui é bem coerente.

Ele admirou o trabalho dos detalhes na saia e no colete e na camisa bordada.

Ela fez uma pirueta, as franjas na saia flertaram com a pele nua acima dos joelhos, e ele os admirou também.

— Minha saia de camurça, usada apenas em ocasiões especiais.

Seus olhares se encontraram por um momento, e ele sabia que, pelo menos para ele, apenas estar juntos tornou aquela uma ocasião especial.

Jess respirou fundo, deixou o ar escapar e então se virou e caminhou até o grupo.

— Ok, pessoal, vamos colocar esse show na estrada.

Depois que ela e Jimmy B ajudaram todos a subir no carroção, Jess pulou a bordo do lado oposto de Evan. O cocheiro emitiu alguns sons para fazer os cavalos se moverem, e então os dirigiu para uma estrada de terra por entre as árvores. O cheiro de feno fresco enchia o ar, os arreios dos cavalos tilintavam e um pássaro fez uma serenata para eles.

— Jimmy B — disse Jess —, por que não conta ao pessoal um pouco sobre como Caribou Crossing começou?

— Como dizia a velha máxima — falou o cocheiro —, havia ouro naquelas colinas. A corrida do ouro, lá por volta de 1860, trouxe uma enxurrada de pessoas de todo o mundo. Eles caminharam por toda a Cariboo Wagon Road, passando por um terreno muito difícil, e um bando deles acabou aqui.

— Quer dizer que a cidade começou como um campo de mineração? — Perguntou Sandy.

— Claro que sim — respondeu Jimmy B. — Era uma cidade de tendas e barracos jogados todos juntos; dos mineiros, das mulas e das lojas; e dos bares e das casas de jogo, e dos bordéis. Então, o reverendo Petty e senhora chegaram, e eles sabiam exatamente a coisa que poderia domar os mineiros. Alguém sabe o que podia ser?

Evan, que tinha estudado a história de Hicksville na escola, ficou em silêncio, mas Thérèse, sentada ao lado dele, gritou:

— Esposas!

— Isso aí, dona — disse o cocheiro. — Um carroção desses, cheio de noivas. — Enquanto Jimmy B continuou com a história, Evan murmurou para Thérèse:

— Você ouviu essa história no ano passado?

Ela assentiu com a cabeça.

— E provavelmente vamos ouvi-la no próximo ano, também. Acho que o Crazy Horse será uma coisa anual para nós.

— Você gosta tanto assim?

— É tão diferente de Zurique, e vamos para casa nos sentindo renovados.

George, sentado do outro lado de sua esposa, inclinou-se para dizer, talvez pela décima vez:

— Isso aqui certamente entra em seu sangue.

Enquanto Jimmy B continuava com sua história, Evan ponderou que, embora ainda tivesse um longo caminho para que o Crazy Horse entrasse em seu sangue, não era assim tão terrível como ele temia. Quanto a sentir-se renovado... Bem, ele não precisava de nada para renovar seu entusiasmo por sua vida em Nova York. No entanto, havia outra possibilidade de renovação que o deixou animado: a chance de restabelecer uma verdadeira amizade com Jess. Quando eram adolescentes, ele deixou que os hormônios viessem a arruinar sua amizade. Agora, apesar de seus hormônios ainda responderem a ela, ele queria ser chicoteado se cedesse a eles. Não, o problema mais grave era a avaliação de sua proposta de negócio, aquela sobre a qual não conseguia que Jess comentasse.

O carroção chegou ao seu destino e as pessoas desceram em meio a “ahs” e “ooohs”. Em frente a um belo cenário de floresta, situava-se um pequeno lago de um azul profundo, com uma tenda de bom tamanho ao lado dele. A fumaça se desprendia preguiçosamente para fora de um buraco no topo, e o ar tinha esfriado o suficiente para que esse fogo fosse bem recebido. De um lado, uma cerca de madeira marcava um campo gramado, e do outro lado do campo, o sol estava se pondo em tons suaves de pêssego e roxo. A maioria dos hóspedes foi para a tenda, mas alguns foram se encostar à cerca.

Evan nunca tinha sido uma pessoa dada a admirar, tampouco a perceber o cenário, mas aquele suave pôr do sol o atraiu, e ele se viu procurando um lugar na cerca, um pouco afastado dos demais. Um emaranhado de rosas selvagens se retorcia em torno de um poste, e seu doce aroma complementava a vista.



Jess viu Evan dirigir-se à cerca. Jimmy B cuidaria do fogo e Marty, um dos funcionários da cozinha no Crazy Horse, serviria bebidas, e Jess sabia que deveria ir para a tenda e fazer o papel de anfitriã. Além disso, era perigoso passar muito tempo com Evan. No entanto, as botas tinham vontade própria e a levaram na direção dele.

Evitando o belo, e espinhoso, ramo de rosas selvagens, ela apoiou os cotovelos sobre o tronco superior e então olhou para o sol poente. Sua visão periférica captou o movimento quando Evan virou-se em sua direção. Ela olhou para ele.

Ele sorriu e ela retribuiu. Seu coração falhou, algo que vinha ocorrendo com frequência, por sinal.

Voltou-se para a vista e pigarreou.

— Conte-me sobre Cynthia. É um relacionamento sério?

Ele balançou a cabeça com vagar.

— Estamos saindo já há uns dois anos e estamos falando sobre o futuro. Somos perfeitos um para o outro.

Viu só? Ele está comprometido. Não vá incentivando sonhos adolescentes.

— E como ela é?

— Ela é de Boston, de família rica, mas está se tornando bem-sucedida por esforço próprio.

— Você disse que ela é advogada?

— Sim, advogada de finanças corporativas.

— Ah! — Jess não tinha a menor ideia do que era aquilo, parecia algo muito distante de seus interesses, e nada muito atraente. — E ela é bonita, suponho.

— Linda. Herança escandinava. Cabelos loiros, olhos azuis, estrutura óssea grande. Muito chique, de bom gosto.

Jess tentou não estremecer. Até ali, ela estava odiando demais a tal Cynthia.

— E quanto à personalidade, aos interesses? O que ela faz para se divertir?

— Ela adora o trabalho e, além disso, gosta de teatro, de visitar galerias de arte, de viajar. Fazemos muitas viagens de negócios juntos, e pegamos alguns dias a mais para passear. Paris, Londres, Hong Kong, sabe?

Jess bufou.

— Claro que não sei. E tenho certeza de que você sabe, eu não tenho nenhum desejo ardente de ir a nenhum desses lugares.

Para ser de fato honesta, apesar de amar tanto seus cavalos, as rosas selvagens e o pôr do sol do campo, ela não teria se importado em viajar para o estrangeiro. Contudo, sabia que nunca seria rica, e a família e os cavalos seriam sempre sua prioridade.

— Eu sou uma pessoa caseira. — Percebendo que parecia na defensiva, ficou irritada consigo mesma por se comparar com aquela mulher perfeita.

— Eu me lembro — seu tom era suave e ele a acalmou.

Jess lhe deu um sorriso triste. De certa forma, ninguém jamais a conheceria tão bem quanto Evan um dia a conheceu.

Ela sempre soube que tipo de mulher ele queria para sua parceira de vida, e com certeza, não era uma garota do campo. Naquele momento, Evan tinha encontrado essa

mulher, e Jess disse a si mesma que estava feliz por ele. Tentando parecer entusiasmada, falou:

— Então, você e Cynthia são perfeitamente compatíveis. Isso é ótimo.

Quando sentiu aquela energia de química sexual com Evan, é óbvio que tinha sido unilateral.

— Verdade.

Apesar dos anos de separação, Jess conhecia aquele homem e percebeu a sombra da dúvida.

— Ev? Há algum problema?

Ele deu um pequeno balançar indiferente de cabeça.

— Não é realmente um problema. Apenas uma área em que nós não atingimos o completo acordo.

Deus do céu, ele fez seu relacionamento parecer uma fusão comercial e não um romance.

— Você me deixou curiosa.

— É pessoal.

Ela se virou. Absurdo sentir-se magoada. Eles não eram mais crianças, não eram confidentes. Por qual motivo ele deveria lhe contar seus segredos?

Porque uma vez ele o fez.

O pôr do sol estava em seus estágios finais. Um brilho aveludado acendeu a linha do horizonte. Ela piscou depressa para limpar a umidade que atrapalhava sua visão.

A voz dele fez com que Jess virasse o rosto para olhá-lo.

— Quando éramos adolescentes, você me disse que queria se casar e ter filhos, um dia. E eu, que queria partilhar minha vida com uma mulher forte, que tivesse uma carreira, mas não desejasse filhos.

Sim, era isso mesmo que ela achava. Evan não havia mudado. Jess sentiu-se mais aliviada, e então pensou nas implicações — para Ev — daquilo que acabara de dizer. E sua boca formou um “ah”.

— E Cynthia quer?

— Neste momento, sua carreira é a prioridade, mas ela é da nossa idade e diz que pode querer um ou dois filhos quando chegar aos trinta e poucos anos.

— Você ainda tem certeza de não querer ter filhos?

— Tenho certeza. E Cynthia não está convicta de querer... Se, porém, o fizer, bem, a ideia dela de paternidade não é a mesma que tenho.

Ideia de paternidade? Ou você era um pai ou não era... Bem, a menos que não soubesse que é pai... Jess balançou a cabeça, afastando o pensamento para longe.

— O que você quer dizer?

— Ela diz que os filhos não precisariam afetar demais nossas vidas. Ainda teríamos nossas carreiras, viagens, atividades sociais. Contrataríamos uma babá residente em casa.

— E outra pessoa criaria seus filhos? — A voz de Jess guinchou em protesto.

— É o que muitos casais fazem... — respondeu Evan suavemente. Contudo, ela ouviu um tom de dúvida em sua voz.

— Por que se preocupar em ter filhos se você não quer ficar com eles? Se você não quer ser um pai de verdade? Isso é injusto para as crianças.

Ele engoliu em seco, e ela desejou não ter falado sem pensar. Os pais dele o fizeram sentir-se indesejado e sem amor. Ele sempre foi reticente em falar sobre os pais, mas Jess tinha sido sua melhor amiga durante dez anos. Ela sabia das coisas. Coisas que ele a fez prometer manter em segredo.

— Os pais de Cynthia também não ficavam muito com ela — disse Ev. — Ela e o irmão foram criados com todos os privilégios. A família se dá muito bem; veem-se várias vezes ao ano. Mas...

Virou-se para ela, mordendo o lábio.

— Continuo pensando em sua família, Jess. Seus pais eram mais carinhosos comigo do que os pais de Cynthia com ela. Ah, não duvido de que todos se amem à sua moda, porém é um... Tipo de amor frio, programado. E você pensaria que é uma coisa de que gosto, mas...

Sim, ela pensaria isso, sim, mas parecia que Evan tinha mais coração do que ele mesmo achava que tivesse. Jess virou para cima um canto de sua boca.

— As famílias são confusas, mesmo.

— Não sei. Olhe para a minha. É bagunçada demais. Não havia amor de jeito nenhum.

— Não!

Jess interrompeu. Brooke tinha amado Evan; Jess sabia disso. Contudo, era seu papel contar-lhe sobre sua mãe, sobre a pessoa incrível em que ela havia se transformado?

— Jess, está tudo bem. Só estou dizendo, isso não é o modelo certo para uma família. Quanto a Cynthia... Bem, há afeto, mas sua abordagem parece tão desapaixonada. Mesmo que ela diga que funcionou muito bem para ela.

Parecia que Cynthia tinha preferido afeição à paixão. Sem barulho, tudo limpo e conveniente, sem esforço.

— Não é estranho — ponderou Jess — que vindo de origens opostas, você e Cynthia sejam tão semelhantes?

Sua testa franziu enquanto Evan refletia. Então ele disse:

— Talvez não seja tão surpreendente. Sempre se esperou que Cynthia tivesse sucesso, e ela teve. E ela está determinada a provar que é pelos próprios méritos, e não por conexões familiares. Meus pais nem me queriam, então não havia expectativas em relação a mim, por isso criei as minhas. Fui levado a ser o oposto de meus pais. Quanto a você...

Ele parou de falar.

Ela leu sua mente e terminou seu pensamento.

— Eu, com minha família amorosa e perfeita, nunca consegui muita coisa.

Ele franziu a testa novamente, em seguida, devagar, disse:

— Não há nada de errado com o que você está fazendo. Além disso, você começou a me contar que tinha outros planos...

Evan se lembrou daquilo? Eles estavam falando sobre os hóspedes e ela comentou que eles de fato não eram pessoas que gostavam de cavalos, pra valer. Daí, passou a lhe contar sobre seu campo de treinamento e tinha se interrompido. Evan começou a sondar um pouco e Jess retrucou que não tinha abandonado seus sonhos. Com certeza não compartilharia aquilo com ele, não depois de tê-la rotulado como fracassada.

O sol se pôs, o ar estava fresco, e os mosquitos apareceram. Os outros hóspedes se dirigiram para a tenda, e eles deveriam fazer o mesmo, entretanto a conversa sobre crianças parecia não ter terminado. Jess podia não desejar que ele fosse o pai de Robin, mas não significava que ele não poderia ser um bom pai para outros filhos, se um dia decidisse tê-los. Naquela noite, pela primeira vez, ela percebera ambivalência em sua voz, quando ele falou sobre filhos.

— Se você e Cynthia de fato decidirem ter filhos — disse ela —, não há nada que diga que não será um bom pai, de verdade. Em cinco ou dez anos, você poderá ser capaz de reduzir as horas de trabalho, ler para seu filho, ensinar a patinar...

Evan balançou a cabeça devagar.

— Isso é parte da razão pela qual não quero filhos. Não tenho ideia de como ser um bom pai. Não tenho nenhuma experiência com crianças, e meus modelos parentais foram desastrosos.

Ah, Deus, aquela conversa era muito difícil. E, no entanto, ela tinha sido sua melhor amiga e realmente se importava com o que acontecia com ele. Então, falou:

— Isso é fugir da responsabilidade, Evan.

Estava ficando escuro depressa e ela não conseguia enxergar os detalhes de seu rosto, mas podia sentir sua raiva.

Tudo bem, que ele ficasse com raiva, mas ela ia dizer o que pensava:

— Seja honesto consigo mesmo. Se de verdade não quer ter filhos, tudo bem. Mas se está procurando modelos, basta pensar em meus pais. Além disso, tudo que

realmente teria de fazer seria olhar dentro de si mesmo. Você é um bom homem, e... — Jess respirou fundo e então, disse-lhe a verdade, uma verdade que ela mesma não tinha reconhecido: — Acho que você daria um bom pai.

Ele não respondeu, e seus instintos lhe diziam que sua ira estava se dissolvendo. Depois, com calma, respondeu:

— Obrigado.

— Parece que é um problema que você e Cynthia precisam resolver. Mas percebo que deve ser muito difícil vocês tentarem adivinhar como vão sentir sobre coisas que só acontecerão muitos anos à frente.

Ele se aproximou, e sua manga roçou a dela.

— E quanto a você, Jess? Você acha que vai se casar de novo?

— Não.

A resposta veio com rapidez. Os únicos homens que amou um dia foram Evan e Dave. Rever Evan tornou impossível imaginar amar qualquer outra pessoa.

Guinchos dissonantes e gritos de repente encheram a noite. Lembrando-se de seus deveres, ela disse, aliviada:

— Ah, Deus, todo mundo já entrou e os músicos estão se aprontando. Estou fugindo de meu trabalho. E é melhor você pegar algum dos folhetos com as letras das músicas.

— Como assim, pegar um folheto?

— Claro, nós não esperamos que as pessoas saibam todas as letras, por isso imprimimos todas elas. Você vai ver.

Ela forçou um sorriso e começou a caminhar em direção à tenda.

Atrás dela, Evan gemeu.

— Bem que você disse que isso ia ser muito brega...

Dentro da tenda, Jess verificou se todos estavam confortáveis naqueles bancos de madeira rústicos ao redor de um fogo que crepitava da fogueira. Marty estava servindo vinho quente e chocolate quente com sua habitual eficiência e alegria.

Jess participou das tiradas espirituosas introdutórias com Hank e Gavin, os moradores locais, que tocavam guitarra, banjo, violino e gaita, e cantou também. Ajudou Marty a distribuir os folhetos com as letras das músicas e incentivou os hóspedes mais tímidos a participar cantando junto a primeira canção, um cativante velho clássico, *She'll Be Coming Round the Mountain*. Como de costume, o Crazy Horse trabalhou seu feitiço insidioso e, na altura em que eles chegaram ao verso que falava em matar o velho galo vermelho quando ela chegasse, até mesmo Evan estava cantando.

Depois os músicos começaram a afinar o violino, e Jess e Jimmy B fizeram um animado dueto. Depois de alguns minutos, cada um deles puxou um convidado para dançar. Ela se viu tentada a escolher Evan para seu parceiro, mas havia diversas razões para aquela ser uma ideia idiota. Em vez disso, ela escolheu Aaron, um jovem homem casado que parecia topar qualquer coisa.

Depois de rapidamente ensinar-lhe os passos, ela o entregou a esposa e escolheu outro hóspede. Mais uma vez, não foi Evan. Ele ficou de fora do primeiro número, mas depois sucumbiu aos apelos de Joan e juntou-se a eles com boa vontade. Não havia homens suficientes para todas as mulheres, e logo elas estavam dançando com outras mulheres, e então todos começaram a trocar de parceiros em um giro louco. As músicas eram animadas e Jess oscilou de braço em braço, ocasionalmente percebendo que o braço e o rosto sorridente eram de Evan.

Quando eram adolescentes, ela tinha ido para os bailes da escola com um grupo de amigos e dançado com os meninos, todos eles, menos com aquele com quem ela realmente queria estar. Evan tinha boicotado aqueles bailes. Que estranho, agora, ver que ambos estavam ali, girando juntos.

Quando a música parou, os hóspedes estavam ofegantes e sorridentes. Hank desamarrou o lenço vermelho de sua garganta e enxugou o rosto suado.

— Agora nós vamos cantar juntos, pessoal, e depois eu e Gavin faremos uma pausa.

Jess encontrou-se em um banco entre Evan e Sandy enquanto Marty enchia as canecas de todos.

—Tudo bem, escutem — disse Hank. — Vamos ter uma pequena guerra dos sexos aqui. Alguém viu *Annie get your gun*?

Várias mãos se levantaram.

— Então vocês sabem que qualquer coisa que possam fazer, eu posso fazer melhor.

As pessoas que conheciam o musical riram. Evan virou-se para Jess com um olhar interrogativo.

— É uma música do show — disse ela, com um sorriso.

Hank disse:

— Vocês, meninas, vão cantar a parte de Annie Oakley e nós faremos a de Buffalo Bill, e vamos acabar com vocês!

— Não vão, não! — Gritou Jess na deixa. — Porque qualquer coisa que vocês façam, nós podemos fazer dez vezes melhor.

Em meio a vaias e risadas, os músicos começaram a tocar e, depois de uma tentativa de reinício, todo mundo estava cantando a canção bem-humorada. Evan

também.

Jess pensou em quantas vezes havia feito aquilo. Conseguia fazer os movimentos até dormindo, se quisesse. Entretanto, naquela noite tudo parecia diferente.

Ela sempre gostou daquelas noites, mas ali o calor do fogo parecia mais pungente, o vinho quente era mais picante, e o cantar estava com mais energia. O cheiro do perfume de Sandy era como lilases em uma tarde de verão. Evan cheirava sutilmente a limão, o que a surpreendeu; ela teria esperado algo mais sofisticado. Quando ele virou uma página no folheto com as letras das músicas, sua manga roçou a dela e ela estremeceu.

Sua voz era profunda e rica. Ela nunca o tinha ouvido cantar antes. Nunca o vira dançar, e muito menos dançara com ele. Nunca o vira em um cavalo.

Se o antigo Evan tinha sido atraente para ela, aquele — com um corpo firme de homem e uma vontade de experimentar seu mundo — era muito mais. Ela estremeceu de novo.

Ele parou de cantar e se aproximou.

— Está com frio?

Ela balançou a cabeça.

— Estou bem. E você?

— Estou bem. — Seus olhos se prenderam nela. — Muito bem.

Seu coração deu uma cambalhota. Jess se obrigou a romper aquele contato e olhou para o folheto que segurava, para todas aquelas palavras que tinha memorizado. Não, não, não, ela não se deixaria cair naquela armadilha estúpida novamente. Não poderia atirar seu coração nas mãos de um homem que nunca seria dela, que estava apaixonado por outra mulher.

Quando a música terminou, Hank e Gavin disseram que fariam uma pequena pausa, e Jess ficou de pé. Ela precisava socializar-se; aquele era seu trabalho. Mas, em especial, ela precisava ficar longe da presença perturbadora de Evan.



Evan ficou sentado quieto, observando os outros hóspedes que se misturavam e conversavam ou iam para fora em busca dos banheiros. Jess o tinha abandonado e estava conversando com Sandy, a desenvolvedora de softwares de Seattle.

O interior da tenda estava escuro, iluminado apenas pela dança das chamas da fogueira impressionante cuidada por Jimmy B. A tenda tinha cheiro de fumaça de madeira, com um tom de algo frutado. Não era aquilo que as pessoas às vezes

costumavam queimar, ramos de macieira ou cerejeira, ou o aroma era proveniente do vinho quente que Marty estava servindo?

Do outro lado do círculo, Jess havia caminhado e estava conversando com Aaron. Sylvia, a esposa de Aaron, sentou-se à esquerda de Evan, envolvida numa animada conversa sobre a plantação de orquídeas com Kim. À direita, Ann e Joan compartilhavam ideias sobre como criar os filhos. Evan não tinha nada com que contribuir para as conversas de ambos os lados e sentiu-se socialmente inábil como quando adolescente.

Em Manhattan, as conversas focalizavam negócios, eventos mundiais ou críticas sobre uma peça ou uma performance musical. As pessoas, pelo menos em seu círculo de amizades, não conversavam assim, sem rumo. Eles não costumavam perder tempo. Os hóspedes do Crazy Horse muitas vezes falavam de negócios, mas o ambiente descontraído da noite tinha levado os pensamentos das pessoas para a família e para seus hobbies. Ele não tinha nem um nem outro.

Aquela noite de fato não estava funcionando. Sozinho, ele estava desconfortável com os outros hóspedes. Com Jess, ele ficava desconfortável por um motivo diferente. Não, por vários motivos, todos complicados.

Desejou ir embora e voltar para seu chalé, mas nunca encontraria o caminho no escuro. Estava preso ali.

Encalhado naquela tenda, e encalhado no Crazy Horse. Fora de seu mundo, fora da cidade em que construiu a imagem de um profissional confiante e competente. Ali ele era apenas Evan Kincaid. Ninguém o conhecia. Provavelmente ninguém ia querer. E por que alguém ia querer fazê-lo? O que havia para saber, além do fato de que ele era um consultor de investimentos bem-sucedido?

Ficou aliviado quando os músicos voltaram e começaram a tocar uma música com um título bem-humorado, *I've Got Friends in Low Places*, e com um refrão cativante.

Evan sabia dançar, ele tinha tomado aulas de dança como parte de seu programa para se transformar em um homem culto, mas definitivamente não daquele tipo de música. Ainda assim, ele não protestou quando Ann agarrou sua mão e o puxou. Foi melhor do que sentar ali sozinho.

Quando a música seguinte começou, Beth e Kim agarraram cada uma um de seus braços e gritaram:

— Dança em grupo, quadrilha!

Ele não sabia do que se tratava, mas aquilo se mostrou ser um terrível treino de aeróbica.

Em seguida, uma Sandy corada o pegou.

Jess estava ao lado de Jimmy B, ambos batendo palmas e aplaudindo os dançarinos. Depois de alguns minutos, Sandy puxou Evan na direção dos dois.

— Aqui não é lugar para preguiçosos — disse a jovem, ofegante. — Se vamos fazer papel de bobo, então vocês também vão.

Ela se agarrou ao braço de Jimmy B e puxou-o para a briga.

— Aposto que vou ensinar-lhe uma coisa ou duas, senhorita! — Disse o velhote, quando ela o puxou para longe.

— E vai, mesmo — disse Jess. — Ele é um ótimo dançarino.

— Pois eu não tenho jeito — disse Evan.

Ele olhou para ela por um momento, e então decidiu que era bobagem evitar que eles dançassem juntos. Ou talvez ele simplesmente não conseguisse resistir a uma razão legítima de colocar seus braços ao redor dela. Então ele agarrou a mão de Jess e a puxou.

— Ensine-me a dançar de um jeito adequado.

E lá estava ela, em seus braços, toda calor e curvas, mas os dois estavam se movendo muito depressa para que ele pudesse realmente saborear a experiência. Ainda bem, ou ele teria tido uma ereção.

Rindo, quase gritando para ser ouvida sobre a música e sobre a voz dos outros dançarinos, ela dava as instruções. Assim que ele entendeu as regras básicas dos passos, pegou o ritmo com rapidez.

Ao final de algumas canções bem enérgicas, todos estavam ofegantes. Hank disse:

— Tudo bem, gente, tentem recuperar o fôlego. Nós vamos tocar *Red River Valley*.

Quando Gavin começou a cantar, sua voz era tão pura e verdadeira, uma combinação tão perfeita para as palavras melancólicas da música, que todos pararam, capturados por aquele feitiço.

*From this valley they say you are going
We will miss your bright eyes and sweet smile*

Alguns dos dançarinos começaram a se mover lentamente ao som da música. De jeito nenhum ele poderia recusar a oportunidade de trazer Jess mais perto, e ela foi sem protestar.

Ela inclinou a cabeça para ele.

— Pensei que tinha dito que não sabia dançar.

Conversar. Aquilo era uma boa ideia. Melhor do que ficar pensando em como o corpo dela era gostoso, apenas a alguns centímetros do dele:

— Não sei dançar a quadrilha.

Gavin continuou cantando:

Just remember the Red River Valley

And the cowboy who loved you so true

Jess pigarreou e foi para trás alguns centímetros no círculo de seus braços.

— Dança muito em Nova York?

Certo, ele deveria estar conversando com ela.

— De vez em quando há um jantar dançante ou um baile de caridade, mas minha vida social tende mais para bebidas, jantares, teatro.

Ele não conseguia se concentrar, pelo menos não em qualquer outra coisa que não a sensação de Jess em seus braços e a batalha contra a excitação que surgia dentro dele.

— Então isso aqui é muito longe do que você está acostumado — ela murmurou.

— Sim, é diferente, mas na verdade é... divertido. — Foi uma revelação, e ele perdeu um passo, mas logo retomou o ritmo. — Acho que as pessoas estão se divertindo mais aqui hoje à noite do que nos clubes de Manhattan.

— Muita gentileza sua dizer isso.

Do you think of the valley you're leaving

... And the pain you are causing to me?

Será que ele tinha lhe causado dor quando saiu de Caribou Crossing? Era bem provável, se Jess tinha uma queda por ele, depois de terem feito amor na beira do lago. Se ao menos ele tivesse percebido...

O que ele teria feito de maneira diferente? Não fariam amor. Ele teria mantido o relacionamento como “apenas amigos”.

Jess se encaixava tão bem em seus braços enquanto se moviam no pungente ritmo da música. Para ele, aquela era uma experiência marcante, uma para se lembrar pelo resto da vida. Para ela... Ele ficou imaginando com quantos homens ela dançou com o passar dos anos.

— Você sai para dançar em outras noites além destas aqui?

— Às vezes no Wild Rose Inn, o hotel de Dave. O bar fica lotado em um sábado à noite, e há danças nas noites de domingo. Jimmy B e sua esposa vão lá dar aulas.

— E com quem você dança?

— Com quem estiver por perto. Principalmente Dave.

Dave de novo.

— Parece que vocês dois são muito próximos.

Ridículo sentir ciúme, mas talvez um cara sempre se sinta um pouco possessivo em relação à primeira menina com quem fez amor.

— Verdade. Nenhum dos dois está namorando, então saímos juntos.

Ele franziu o cenho.

— Você terminou, mas sai com ele em vez de namorar outra pessoa?

Se eles se davam tão bem assim, então por que diabos tinham terminado?

Ela encolheu os ombros.

— Assim que são as coisas...

E se ela havia terminado com Dave, por que não foi namorar outros homens?

— Então — perguntou Evan timidamente — por que você não namora?

— É uma cidade pequena. Eu conheço os outros caras e ninguém me interessa sob esse aspecto.

Ele poderia entender aquilo. Manhattan era enorme, mas ele tinha tido dificuldade em encontrar uma mulher que achasse fisicamente atraente e intelectualmente estimulante. Até Cynthia. Ele pigarreou e afastou-se um pouco de Jess.

— E os hóspedes aqui? Ou isso é um tabu?

— Não haveria nenhum futuro nisso.

— É... Acho que isso é verdade.

Assim como nunca tinha havido um futuro para os dois.

Ele percebeu que ela estava pensando naquilo também. No futuro, e ainda assim o presente parecia muito bom...

Eles pararam de falar, porém seus corpos tinham uma comunicação própria que continuava acontecendo, uma que era sutil e muito sensual. Era tudo o que podia fazer para resistir a puxá-la aquele último centímetro mais perto, para que seus corpos ficassem bem juntinhos enquanto dançavam. Lembrou-se de Cynthia. Tudo bem dançar casualmente com uma velha amiga, mas aquele agarra-agarra estava longe disso.

Ele ficou ao mesmo tempo triste e aliviado, quando a voz de Hank foi ouvida:

— Peguem uma cadeira, todos. Vamos cantar essa próxima música juntos. É a última de hoje à noite, e tem um lugar especial em nossos corações.

A canção acabou por ser *Home on the Range*, uma canção popular que tinha se tornado o hino do Kansas.

Sentado ao lado de Jess, ele preferiu ouvir e não cantar. A voz de Jess era pura, e ela cantou as palavras com sentimento.

*I would not exchange my home on the range
For all the cities so bright*
(Eu não trocaria minha casa na montanha
Por todas as cidades tão iluminadas)

Isso o fez se lembrar da enorme diferença, da insuperável diferença entre os dois.

Jess não olhou para ele uma única vez, e assim que a música terminou, ela pôs-se de pé e foi até Jimmy B.

— Hora de reunir todo mundo e voltar para casa, parceiro.

Evan seguiu o grupo enquanto caminhavam para a carroça. Ele ficou para trás enquanto as pessoas pulavam para cima e se ajustavam. Sabendo que estava agindo como um idiota, esperou até que Jess encontrasse seu lugar e então se sentou ao lado dela.

A garota lhe lançou um olhar assustado, mas não disse nada.

— Ah, meu Deus, vejam as estrelas! — Exclamou um dos hóspedes, e todo mundo se inclinou para trás para fazer isso.

O “uau” de Evan se fundiu com as exclamações dos outros. Ele nunca viu um céu negro tão claro e aveludado, cravejado com tantas estrelas cintilantes. Será que o céu tinha sido assim quando ele era um menino, e nunca tinha notado antes? Ele nunca olhou para cima, todas as vezes que voltou para casa desde a biblioteca, que fechava às nove? E sua mãe, será que ela também não olhou uma vez sequer para o céu em vez de ficar grudada no bar ou sentada entorpecida em frente à TV, bebendo cerveja e murmurando que não havia nada a fazer naquele lugar esquecido por Deus? Talvez se Brooke tivesse olhado as estrelas, ela teria ensinado o filho a fazê-lo também.

Jimmy B fez os cavalos andarem e a carroça seguiu seu caminho. Evan deslocou-se para encontrar uma posição confortável e respirou o perfume terroso do feno fresco. Durante a viagem para a tenda, Jimmy B tinha contado histórias e manteve os hóspedes conversando. Na volta, ele ficou em silêncio e as pessoas falavam em voz baixa, em silencioso tom de reverência pelo milagre que estavam vivenciando.

Evan ouvia as pessoas falando, maravilhadas, sobre o céu incrível e estrelado, a pureza do ar, e a dor dos músculos que tinham sido bem usados, seus comentários acompanhados pelo tilintar dos arreios dos cavalos.

Jess estava ao lado dele, deitada de costas na cama de feno, com as mãos atrás da cabeça. Seu cotovelo roçou o cabelo dele.

E ele pensou, *Esta é a vida de Jess. Todos os dias, todas as noites, é assim para ela. Será que ela acha natural, presume que a vida sempre tem de ser assim?*

A resposta, ele sabia, era que ela achava que sim e que não. Jess não costumava se maravilhar com tudo aquilo como os outros estavam fazendo, mas em algum lugar no fundo de sua alma tinha certeza de que era bom e certo, que fazia parte de quem ela era. Agradecimento era um elixir que fluía em suas veias. Sempre foi assim. Mas ela nunca tinha sido capaz de explicá-lo de uma maneira que ele pudesse se relacionar e se conectar. Para ele, assim como para sua mãe, Caribou Crossing tinha sido Hicksville, e ele não tinha visto — ou quem sabe não tivesse se permitido ver — nada de bom naquele lugar. Exceto Jess e os pais dela. Agora, pela primeira vez, Evan sentia que de fato a compreendia. Sem que ela tivesse de dizer uma única palavra.

Home on the Range poderia ter sido escrito para ela.

Ele olhou resolutamente para as estrelas e resistiu em se aproximar de Jess. Daquela maneira já era íntimo o suficiente, deitados lado a lado, como se estivessem exaustos de fazer amor. A excitação pulsava por ele, por isso mudou de posição.

— Ei, garoto da cidade, aposto que você não vê estrelas como estas na Big Apple — a voz dela, um sussurro acariciando sua orelha, agitou seu sangue já aquecido.

Estrelas. Quem poderia pensar em estrelas quando seu hálito quente era tão sedutor? Será que ela fazia alguma ideia do efeito que exercia sobre ele?

— Não — Evan deu uma risada suave. Mantendo a voz baixa para que ninguém mais pudesse ouvir, continuou: — Bem, lá tem diferentes tipos de estrelas. As estrelas de cinema, estrelas do palco, todos os tipos de celebridades.

— Uhuuu — Jess murmurou secamente.

— Não fique tão entusiasmada — brincou ele, rolando para seu lado para encará-la.

Ela se virou também e ele viu o brilho de seus dentes e de seus olhos. A luz das estrelas iluminavam o sorriso de Jess. Não podia existir nada melhor do que isso.

— As pessoas bonitas — murmurou ela. — Nunca vou *conseguir chegar lá*, não é? — Com suavidade, Jess cantou o trecho *Se eu conseguir chegar lá* da canção de Frank Sinatra que tocava em todos os locais turísticos de Nova York.

— Jess, você conseguiria chegar a qualquer lugar. — Evan tinha dito com sinceridade, então as palavras saíram honestas e ele logo acrescentou: — Isto é, se você se lembrar de lavar seu rosto e pentear o cabelo.

Ela deu um soco no ombro.

— Vocês da cidade grande com certeza sabem como bajular uma garota.

Ele segurou o punho de Jess na mão.

— Cuidado em quem bate, madame. Sou mais durão do que costumava ser.

Ela curvou sua mão para que os dedos ficassem entrelaçados com os dele.

— Refleti sobre aquilo que você disse outro dia, sobre a profecia que se autorrealiza. Você está certo, e eu realmente sinto muito.

— Foi há muito tempo. Não se preocupe com isso.

— Mas por que fiz isso? Eu não sou uma pessoa má.

— Não, você não é. Jess, você foi gentil comigo.

— E, no entanto... Você sabe, acho que isso me assustou, ver como você era brilhante. Eu me senti uma burra, e não gosto de me sentir a segunda. Assim, eu tinha de ser melhor em alguma coisa.

Foi um momento tipo “eureka”.

— Droga — e Evan deu uma risadinha irônica. — Você e eu. Eu agi como um idiota superior porque era melhor na escola. Joguei isso na cara, porque era tudo o que tinha a meu favor. Quando nos comparava, você era quem tinha tudo o mais. Os pais ótimos, sua personalidade sensacional, uma tonelada de amigos, seu talento natural para atividade física.

— E eu achei que tudo era assim mesmo e acabei de ver que fui uma idiota em comparação com você. Incrível que fôssemos amigos.

— Como você disse antes, a gente se apoiava. Talvez não tão bem quanto podíamos se tivéssemos sido mais confiantes, mas acho que fizemos um bom trabalho. Lembre-se, éramos crianças, e não tínhamos o benefício de tantos anos de experiência.

— É verdade. — Ela sorriu. — Você está certo, a experiência conta muito. Estou fazendo um trabalho melhor com Robin. Eu digo que ela pode fazer qualquer coisa, mas que deve medir-se pelos próprios padrões, e não pelos de outra pessoa. Ela tem de se sentir bem pelo quanto tenta fazer de melhor, e não se preocupar se se saiu melhor do que os outros. Eu quero que ela seja confiante, que venha a tentar fazer coisas. Não quero prendê-la.

— Parece que é uma abordagem saudável.

E era. Ainda assim, porém, — e Evan sentiu uma pontada de culpa por pensar isso — será que essa filosofia criaria outra pessoa com baixos anseios, assim como a própria mãe? Bem, e se fosse? Jess estava feliz e bem ajustada. Nem todo mundo tinha de ser um sucesso esfuziante em termos profissionais.

Percebendo que era a primeira vez que ela falava sobre sua filha, perguntou:

— Quantos anos tem Robin?

A mão de Jess, que havia ficado com os dedos entrelaçados nos dele, libertou-se quando ela se sentou, abruptamente.

— Ela tem nove.

— Tem nove? — e Evan ergue-se também. — Não sabia que tinha tudo isso. Você e Dave...

— Sim, sim — ela murmurou baixinho. — Ela não foi planejada, eu meio que baguncei com o controle de natalidade. Mas Dave e eu nos amávamos e queríamos nos casar e ter nosso bebê. Então, nós fizemos isso.

Ela e Dave tinham ficado juntos logo depois que Evan saiu da cidade. Ou até mesmo antes. Não é à toa que ela tinha escrito que nunca havia se sentido melhor, e que cada um dos dois devia seguir seu caminho em separado.

Tentando suprimir seu amargo ciúme, ele disse:

— Acho que faz sentido. Exceto... Que acabaram se divorciando.

A pergunta não formulada pairou entre eles. Após um longo momento, ela respondeu.

— Dave conheceu alguém. Eles tiveram aquele tipo de amor que só aparece uma única vez em toda a vida.

A amargura de Evan se dissipou.

— Isso deve ter sido um inferno.

No entanto, ela manteve a amizade com Dave. Jess era uma estranha mulher.

— Eu entendi. Não era que ele amasse menos a Rob ou a mim. Eu sei que soa estranho, mas é verdade. De qualquer maneira, nos divorciamos; ele ia se casar com Anita. Você acredita que eu gostava dela? E, então... — Jess estremeceu. — Ela foi diagnosticada com câncer no cérebro. Foi repentino, severo; ela durou menos de um ano. Quando morreu, isso quase destruiu Dave.

— Deus, isso é horrível. — Evan balançou a cabeça. — Ainda assim, estou surpreso por vocês dois serem assim tão próximos. Eu teria problemas em ser tão amigável com alguém que...

— Largou-me por outra pessoa? Sim, eu fiquei chateada. Mas o amor entre nós não foi tão especial, do tipo uma vez na vida e nunca mais... Era um amor... Confortável. Assim, acabamos por ser amigos, o que é talvez como deveríamos ter sido desde o começo.

— Mas aí não teria existido Robin.

A respiração de Jess deu um salto, e então ela disse suavemente, de todo o coração.

— Robin é a melhor coisa que Dave e eu fizemos juntos.

Ela quase o fez querer ter um filho. Evan pigarreou.

— Seu relacionamento é pouco convencional, embora pareça saudável para os três.

Ela assentiu com a cabeça enfaticamente.

— É muito bom. Dave é o melhor. — Sua voz tinha tanto calor que Evan experimentou outra onda de ciúme irracional.

— Ele mudou desde que Anita morreu — continuou ela, soando preocupada. — Ele tem uma profunda melancolia. Dave se mantém ocupado, mas não está feliz. Está superprotetor com Rob. Eu me preocupo com ele — Jess balançou a cabeça devagar. — De qualquer maneira, Rob tem uma ótima família. Mamãe e papai são ótimos, como você sabe, e a família de Dave é enorme e maravilhosa. Ela está cercada de pessoas que a amam.

Evan sentiu uma onda de solidão. E inveja. Robin tinha sorte.

Sempre houve momentos em que Jess podia ler sua mente. Naquele momento, ela disse, com a voz um pouco arranhada:

— Desculpe. Você sabe que eu teria feito qualquer coisa para mudar a maneira como você cresceu...

O luar mostrou a sinceridade em seus olhos.

— Você era a única coisa que tornava aquilo suportável, Jess. Você e seus pais. Vocês me deram o único afeto que já conheci na vida.

Eles olharam um para o outro por um longo momento. Evan vinha lutando contra a excitação a noite toda, mas não dava para resistir por mais tempo.

Os olhos de Jess brilhavam e seus lábios estavam a poucos centímetros dos dele. Bastava apenas se inclinar um pouco e...

— Tudo bem, amigos. — A voz alegre de Jimmy B interrompeu: — Aqui estamos nós, são e salvos. Todos desçam, e vocês, homens, tratem de dar a mão para as mulheres.

O estábulo estava escuro, iluminado apenas pela lua e estrelas. A magia ainda permanecia com os hóspedes enquanto eles desciam do carroção.

Sabendo que estava enlouquecido, Evan arrastou-se até a borda, saltou para fora com as pernas que não tinham totalmente endurecido, e virou-se para Jess. Ele estendeu os braços a ela.

— Eu posso...

— Claro que pode. — Evan não se afastou.

Depois de um longo momento, ela deslizou para a frente em seus braços. Com cuidado, o rapaz a tomou pela cintura e levantou-a do carroção. Ficou segurando-a acima do solo, deleitando-se com a experiência de, pela primeira vez, poder se sentir forte e masculino com ela.

Lentamente, ele a desceu ao chão de maneira que a frente de seu corpo acariciou o dele. Jess engasgou e Evan sabia que ela sentiu sua ereção. Quando ainda era adolescente, ele tinha feito tudo o que podia para esconder o fato de que a garota o excitava. Agora, por alguma razão, não queria mais esconder aquilo.

Na tarde do dia anterior, Jess lhe contou que, quando tinham dezessete anos, gostaria de ter sabido que Evan se sentia atraído por ela também. Talvez aquela fosse sua maneira de enfim confirmar a ela.

Seus olhares se encontraram; em seguida, ela engoliu em seco e caminhou para longe para falar com Jimmy B.

Em voz baixa, os hóspedes deram boa-noite ao cocheiro e a Jess e se dirigiram para suas acomodações no hotel. Evan ficou para trás, atrás da carroça. Ela não tinha dito boa-noite a ele. Será que Jess ficara ofendida com o que ele tinha feito? Ofendida por ele ter lhe passado uma cantada, de certa forma?

E ele, estaria mesmo passando uma cantada nela?

Com um último adeus e um tilintar dos arreios, Jimmy B colocou o carroção em movimento e Jess e Evan foram deixados sozinhos.

Ela caminhou em sua direção e ele pensou que a moça passaria direto, mas Jess parou abruptamente, a cerca de três metros de distância. E colocou as mãos nos quadris.

— Eu estava certa o tempo todo, então. Você estava atraído por mim.

Evan deu um passo na direção dela.

— Sim, estava. Não queria, mas estava. Você me causou muitas noites de insônia...

— Droga, Ev, se você tivesse admitido isso na época...

Ele deu outro passo e apoiou as mãos em seus ombros.

— Então o quê? Eu sabia que não tínhamos futuro.

Evan deu um pequeno puxão e ela se aproximou, de modo que o tocasse. Para ser mais preciso, ela estava descansando sua barriga plana contra sua ereção.

Ele gemeu.

— Jesus, Jess.

Ela olhou para cima, os olhos como duas poças misteriosas.

Evan baixou os lábios nos dela.

Jess o recebeu ansiosamente, sem restrição. Seus lábios eram suaves e quentes, e quando ela os abriu, a língua dele invadiu sua boca.

Os braços de Jess rodearam o corpo de Evan, uma mão apoiada no ombro, a outra tomando posse de suas costas, puxando-o para mais perto.

Evan estava muito além de desejá-la. Ele precisava dela, naquele instante. Ele passou uma mão para debaixo da franja solta da camisa, puxando o que faltava para fora da cintura da saia, e acariciou a pele macia da parte inferior das costas. O ar da noite estava frio, mas a pele de Jess estava em chamas, assim como a dele. Sua mão se espalhou pelas costas da mulher, possuindo o tanto dela que pudesse abranger.

Sua vontade era possuí-la rapidamente, mas depois a queria mais devagar, para que pudesse tocar e saborear cada centímetro de seu corpo. No lago Zephyr, tanto tempo atrás, mal teve a coragem de olhar para ela, mas ali iria olhar, com a apreciação de um homem, o desejo de um amante.

Ele se empurrou contra ela de novo e os quadris de Jess retorceram, aumentando a pressão. A dor dentro dele estava aumentando em proporções épicas. Evan ia ter de fazer alguma coisa depressa, embora quisesse prolongar aquele momento para sempre.

Jess arrancou sua boca da dele.

— Era assim que devia ter sido entre nós, Evan. — Ela parecia feroz, orgulhosa, apaixonada.

— Você me convenceu — respondeu Evan. Sua voz estava irregular e seu dedo tremia quando lhe traçou o rosto, a linha de sua mandíbula. — Antes tarde do que nunca.

O corpo de Jess ficou imóvel nos braços de Evan. Devagar, ela retirou a mão de sua bunda, depois a outra de seu ombro. Então, deu um passo atrás, deixando-o sozinho e dolorido, ansiando por ela.

— Não, se for um beco sem saída — disse ela. — Nós ainda não temos futuro, Ev. E podemos magoar alguém. Como fica Cynthia?

Cynthia. Ele tinha se esquecido dela por completo.

— Jesus — um suspiro suave escapou da garganta. — Eu... Não sei o que dizer. Nós não somos... Noivos...

— Você e Cynthia estão conversando sobre o futuro.

— Só conversando.

Ele estava racionalizando, comportando-se como um burro, e sabia disso, mas seu desejo por Jess era tão forte. Depois de anos suprimindo aquilo, seu poder era naquele momento irresistível.

— Não sou o tipo de mulher que faz isso — Jess colocou as mãos espalmadas sobre o peito de Evan e, com os braços rígidos, segurou-o à distância. — Sim, há química entre nós, mas não faremos nada sobre isso.

Se ela sentisse algo parecido com o que ele sentia, como podia parar assim?

Ele colocou as mãos sobre as dela. Jess resistiu por um momento, mas depois se submeteu ao toque.

— Você tinha carinho por mim quando éramos adolescentes, Jess.

Ela se afastou.

— Eu tive uma paixão adolescente. *Tive*. Não sou mais a mesma pessoa.

— Não me diga que não se importa mais.

Jess olhou para Evan por um momento, e então seus olhos se fecharam.

— Tudo bem, eu me importo.

Calor, do tipo emocionante, mas também do tipo excitante, se derramou pelo corpo dele.

Então, os olhos da jovem se abriram novamente e o queixo foi inclinado para cima.

— Mas, como um amigo. Química e amizade não se misturam. Provamos isso no segundo ano do ensino fundamental.

— Aquilo foi diferente.

No momento em que disse aquelas palavras, soube que formavam uma mentira. Ele e Jess não tinham mais futuro do que tinham então. Porque iniciar uma relação seria injusto com ela, assim como com Cynthia.

Droga. O que ele estava pensando? Evan gemeu. A verdade era que não estava pensando. Apenas sentindo. E ele não era acostumado a sentir, por isso, não foi surpresa ele não conseguir lidar com aquilo. Como poderia trair Cynthia? Como poderia tratar Jess daquela maneira? Que diabos ele estava fazendo?

Ele balançou a cabeça com firmeza.

— Tem razão, você está certa, eu perdi a cabeça. Não vai acontecer de novo.

Jess assentiu, também.

— Boa noite, Evan. Vamos apenas tentar... Ser amigos.



ENQUANTO JESS DIRIGIA de volta para casa, felicitou a si mesma. Deveria sentir-se culpada por ter se permitido aquele beijo ardente, mas não o fez. Evan lhe devia aquilo há muito tempo. O beijo tinha confirmado o que ela sempre acreditou. Graças a Deus ela conseguira recuar, no entanto. Ela se recusava a se apaixonar novamente por Evan Kincaid.

Contudo, mesmo assim, estava se perguntando sobre a natureza da relação de Evan com a namorada. Jess teve a impressão de que, quando ele a beijou, Ev tinha se esquecido por completo da mulher com quem supostamente estava comprometido. E como podia tanto Ev quanto Cynthia pensar em casamento sem concordar sobre algo tão importante como ter filhos? Embora talvez, se eles realmente se amassem, encontrariam juntos uma maneira de resolver aquilo.

Amor. Não era uma palavra usada por Evan quando falava sobre Cynthia. Ela ouvia o respeito em sua voz, mas não a ternura ou a paixão. É claro que ele tinha sempre se sentido impedido de expressar suas emoções. Na verdade, ele tentava não senti-las, pois os pais lhe tinham ensinado que o sentimento levava à dor.

Com um arrepio que percorreu todo o seu corpo, Jess lembrou-se de Evan ofegante e sussurrando “Jesus, Jess”, com uma voz rouca que era a essência da paixão.

Ela estacionou a picape perto da casa da fazenda dos pais. A casa em que tinha crescido, onde ela e Ev tinham feito lição de casa na mesa da cozinha, e onde ela chorou em seu travesseiro por causa dele.

Fechou a mão em um punho e socou a cabeça.

— Com todos os diabos, o que você está pensando, mulher? Já não derramou lágrimas suficientes por causa dele quando tinha dezessete anos? Para que fazer isso de

novo? Não, não, não.

Ela ainda estava murmurando “não”, quando atravessou a porta e entrou na cozinha. Para sua surpresa, sua mãe — em geral, uma pessoa que costumava ir cedo para a cama — estava sentada à mesa vestida no roupão, com as mãos segurando uma caneca de chá. Serviu outra caneca e empurrou-a sobre a mesa quando Jess sentou-se.

— Você está acordada até tarde. Está tudo bem? — Perguntou Jess.

Aqueles olhos cinzentos a avaliaram.

— Ia lhe perguntar a mesma coisa. Você está agindo de maneira estranha. O que está acontecendo, Trixie Jessica Bly Cousins?

Caramba, sua mãe trouxe o arsenal completo de nomes, incluindo o temido Trixie. Quem mais tinha uma mãe que, quando menina, tinha sido uma grande fã de Trixie Belden, a detetive, tão fã que batizara sua filha em sua homenagem?

Jess suspirou e tomou um gole de chá. Canela com maçã. Um chá que acalmava.

— Adivinha quem está de volta, hospedado no Crazy Horse?

— De volta?... — Sua mãe deu de ombros e, em seguida, seu rosto se iluminou. — Ah, Jessica, não me diga que é aquele italiano que parecia interessado em seu rancho de treinamento de cavalos?

— Bem que eu queria que fosse ele... Não, não tive mais notícias de Gianni Vitale. Suponho que foi apenas um sonho, porque ele se entusiasmou nas férias...

— Sinto muito, querida. — Ela acariciou a mão de Jess, então disse: — Então, quem está de volta?

— Evan Kincaid.

O rosto de sua mãe brilhou novamente.

— Evan! É mesmo? Como está ele?

Jess nunca contou aos pais a maneira como sua relação com Evan tinha terminado. Eles não tinham ideia de que Jess e Evan haviam sido amantes ao menos em um dia, que Evan a abandonara tão cruelmente, muito menos que Robin era filha dele. Eles realmente estranharam que os dois não tivessem mais mantido contato, mas Jess os convencera de que ela estava muito ocupada com seu novo marido e filha e que Evan estava muito ocupado em Cornell.

Jess mordeu o lábio.

— Ele está bem. Você acredita que ele realmente quer aprender a montar?

Sua mãe riu.

— Não se parece com o nosso Evan. Mas que diabos o atraiu até o Crazy Horse? Será que ele sabia que você estava lá?

— Ele não tinha a menor ideia.

— Bem, então... A mãe dele?

— Não acho, mas talvez seja parte da razão — elas sabiam que Evan enviava dinheiro à mãe.

— Ele tem o endereço dela — disse sua mãe. — E ela tem o endereço dele, mas nenhum dos dois escreve ao outro — ela sacudiu a cabeça. — Aquele pobre menino... E aquela pobre mãe...

— Ele diz que está aqui por causa de algum clube ao qual pertence. Eles têm o desafio de que você tem de fazer alguma coisa que estava com medo de fazer, ou falhou em fazer, há dez anos. O medo dele era andar a cavalo.

A percepção, porém, bateu em Jess, fazendo-a sentir-se uma idiota.

— Mas há lugares onde se pode montar por todo o país. Se ele voltou para Caribou Crossing, ou Hicksville como ele chama, só pode ter um motivo. Mesmo que seja apenas inconsciente. Aposto que ele precisa se reconciliar com Brooke.

— Se aqueles dois pudessem deixar o passado para trás...

— Você nunca pode realmente deixar o passado para trás.

Sua mãe deu-lhe um olhar penetrante.

— Parece a voz da experiência falando. Você tem razão. Eu me expressei mal. Quero dizer, seria bom se eles pudessem seguir adiante e superar o passado. Evan devia ver como Brooke mudou. Você acha que ele sabe que ela tem transtorno bipolar?

— Como poderia, se eles não se comunicam?

— Você poderia contar a ele.

— Eu sei, mas não tenho certeza se eu deveria começar essa conversa.

Evan tinha enfrentado Caribou Crossing e os cavalos. Será que ele teria a coragem de lidar com a mãe?

— Ele sempre foi muito sensível sobre o assunto seus pais. Para dizer a verdade, com uma boa razão.

As duas mulheres beberam o chá em silêncio por alguns momentos. Então, a mãe de Jess disse:

— Então, o que tem deixado você chateada? Será que tem a ver com Evan? Você está arrependida de não ter mantido contato com ele?

Jess se agitou, um tanto inquieta.

— Eu acho que sim, um pouco. E é bom vê-lo de novo, mas... É difícil descobrir como agir com ele, depois de todos esses anos.

— Acho que isso é normal — a mãe assentiu, e depois disse: — Jessica, você devia convidá-lo para jantar. Seu pai e eu adorariíamos vê-lo, e tenho certeza de que Robin gostaria de conhecer seu velho amigo.

— Robin.

Jess saltou sobre seus pés. De jeito nenhum ela deixaria sua filha e Evan sentar e conversar na mesa da cozinha dos Bly.

Quando Evan estava em Nova York, a farsa de Jess e Dave parecera tão lógica e tão fácil de manter. Naquele momento, porém, ela realmente se sentia como se estivesse no meio de uma teia emaranhada, e não era uma aranha muito hábil.

— Robin se aborreceria — respondeu rapidamente. — Com toda essa conversa sobre os velhos tempos. Além do mais, não sei se Evan pode vir. Talvez ele tenha outros planos. Meu Deus, talvez deva ser um segredo ele estar aqui. Eu nunca perguntei.

Os olhos da mãe se estreitaram.

— Ele não manteria isso em segredo, não de nós. E nós não vamos contar a Brooke. Se ele não entrar em contato com ela, isso só iria machucá-la. Deus sabe que essa mulher já sofreu o bastante na vida. Convide Evan para jantar, Jessica. Talvez na sexta-feira?

— Eu...

— Se você não fizer isso, eu telefono para o Crazy Horse e falo com ele. Só porque você está se sentindo culpada por ter cortado os laços com um velho amigo não deve negar a seu pai e a mim a oportunidade de conversar com ele.

Que ótimo, agora ela sendo a culpada, na visão da mãe.

— Tudo bem, eu chamo. Boa noite, mãe.

Jess foi beijar a filha que estava dormindo. Então, enquanto escovava os dentes e lavava o rosto, olhou para seu reflexo no espelho do banheiro.

A boa e velha Jess de sempre. A garota do campo, pura e simples. Sardas, sem maquiagem. Longos cílios escuros e sobrancelhas bem delineadas. O nariz reto, lábios carnudos, um queixo forte. Nada mal, mas também nada que se compararia a Cynthia. No entanto, Evan parecia achar a caipira uma garota atraente. Jess tinha certeza de que ele sempre achara isso, e se sentiu vingada.

Ela inclinou a cabeça. Ela era atraente mesmo, ou tudo sempre foi por causa da ligação inexplicável entre ela e Evan? Quando o amava na escola, sabia que as outras meninas o consideravam um nerd sabe-tudo, um desajustado que evitava a cidade e que foi evitado em troca. Jess tinha se concentrado nos belos olhos, em sua doce personalidade, um rapaz leal, e achava que Evan era o cara mais atraente do mundo.

No momento, ele realmente era lindo de aparência. Era isso que o atraía para ela, ou a convicção de que o velho Ev ainda vivia dentro daquela casca bonita?

Aagh.

— Não... — ela murmurou, e deu outro tapão na cabeça.

Não importava por que fora atraída por aquele homem. Havia razões demais para resistir à tentação.

Amanhã, ela faria o convite do jantar de sua mãe. Se Evan aceitasse, ia garantir que Robin ficasse com Dave.

E Jess, queria que Evan aceitasse?



Evan não conseguia dormir, e não era só por causa das picadas de mosquito. Naquela noite, sabendo que Cynthia esperava por ele em Manhattan, tinha começado a fazer amor com Jess. Seu corpo ainda doía de desejo insatisfeito.

Desejo? Por mais que preferisse pensar que era disso que tudo aquilo se tratava, Evan não poderia enganar a si mesmo, achando que as coisas seriam assim tão simples com Jess. O que acontecia com aquela mulher?

Em parte, era a história deles dois. Jess tinha uma lealdade inabalável. Ela pressionava e desafiava e questionava, brincava com ele por causa de sua falta de jeito, mas o tema constante subjacente era a fé nele.

Ninguém nunca tinha pensado tão bem dele. Seu pai, antes de abandonar Evan e Brooke, o chamara de um maricas fracassado. Sua mãe tinha quase sido pior. De vez em quando, ela era divertida, emocionante, afetuosa e Evan era atraído por isso. Atraído pelo carinho, por acreditar que sua mãe poderia realmente se importar com ele. Mas tais períodos nunca duravam muito tempo, e lá estava ela de volta à bebedeira, aos longos dias na cama ou na frente da TV. De volta aos lamentos sobre aquela cidade caipira estúpida e sobre Evan, dizendo que ele tinha arruinado sua vida.

Os pais de Jess... Bem, eles tinham sido ótimos, mas para ambos ele seria sempre o amiguinho intelectual de sua filha. As outras crianças na escola só o incluíam nas atividades se Jess insistisse.

Ou seja, tudo voltava a Jess. Ela tinha sido o centro sólido que segurara seu mundo vacilante em órbita.

Cynthia era seu mundo autossuficiente, assim como ele, em Manhattan, era o dela. Naquele momento, Evan se perguntou se cada um estivesse segurando suas emoções sob um controle cuidadoso, com medo de abrir mão dele. Controle *versus* amor.

Será que ele amava Cynthia?

Gostava e admirava, e com certeza amava a *ideia* dela. Ela era exatamente o que ele sempre acreditou que desejasse.

Mas, quanto ao verdadeiro amor... Não tinha bem certeza do que aquela palavra significava. Quando olhou para trás em sua vida, percebeu que a única vez que já tinha chegado perto de amar foi quando ele e Jess eram crianças. Seus sentimentos por ela pareciam tão simples... O único aspecto descomplicado de sua vida. No entanto, atingiram a adolescência, e os hormônios confundiram até mesmo aquela coisa boa.

E lá estava ela, em sua vida novamente. E ele ainda tinha sentimentos por aquela mulher. O afeto na infância, além da luxúria adolescente em proporções furiosas e talvez algo mais: uma vontade e um respeito — e uma curiosidade — sobre a mulher que havia se tornado.

Quanto ao desejo, ele teria definitivamente de sublimá-lo. Seu compromisso com Cynthia não era formal, mas era real. Além disso, o fato concreto era que ele e Jess tinham sempre pertencido a mundos diferentes. Eles não tinham futuro como algo além de amigos.

Jess havia dito aquilo. Droga, e com razão — e ela nem sabia o verdadeiro motivo de ele estar ali. Se revelasse, aí sim que não teriam futuro algum.

Por que ele se importava tanto se eles tivessem? E por que não sentia as mesmas coisas por Cynthia? Seria simplesmente uma questão de tempo? Suas emoções por Jess eram, ao mesmo tempo, mais suaves e mais violentas. Na verdade, com Jess, ele era irracional. Com Cynthia, era totalmente racional. Havia uma poderosa lição naquilo. Ele valorizava a racionalidade.

Evan trocou seu travesseiro suado por um novo, e ouviu a ausência de som. Como alguém poderia dormir naquele lugar? Ele sentia falta do constante zumbido de tráfego ao fundo, a estridência das sirenes, a agitação de uma cidade sempre acordada, sempre viva. Ali não havia sons para acalmá-lo para dormir, para distraí-lo da turbulência de seus pensamentos.

Ele saiu da cama, desejando ter uma das formas de alívio que estariam disponíveis em Nova York. Entretanto, não havia internet para navegar, e-mails para verificar, nem mesmo uma TV com um canal de notícias vinte e quatro horas por dia.

Ele clicou em uma luz e estudou a foto de Cynthia que estava na cômoda. Ele chegou perto de traí-la, e a constatação o chocou. A primeira coisa que faria de manhã seria telefonar a ela. Seria sua defesa contra Jess.



Na hora em que estava tomando banho, de manhã, Evan se viu capaz de enxergar a noite anterior com clareza cristalina. Havia uma, e apenas uma, explicação razoável:

insanidade temporária.

Ele correu para o telefone, discou o número, e ele tocou e tocou. De novo daria com a cara no correio de voz.

Mas não, ela respondeu, parecendo distraída.

— Cynthia, peguei você em um momento ruim?

— Evan. Olá. Estou ocupada, mas, não, claro que eu tenho um momento para falar, querido.

Ele podia imaginar sua expressão quando ela mudou seu foco do trabalho para ele, e apreciou o esforço que sua namorada estava fazendo.

— Então — provocou ela —, você já está andando de pernas arqueadas e cantando música sertaneja?

Evan coçou uma picada de mosquito. Aquelas malditas picadas coçavam como o diabo.

— Bom palpite. Definitivamente estou dolorido. A equitação é difícil para o corpo. E, ontem à noite, tivemos todos de cantar juntos. Passamos por todo o repertório das músicas clássicas. Você conhece aquela que é assim “Ela virá em volta da montanha quando sentir...” — parou de falar ao ouvir o sarcasmo em sua voz. As letras não eram mais ridículas do que a maioria dos libretos de ópera.

— Acho que isso não é alguma analogia de sexo bizarro?

Ele deu uma gargalhada.

— De alguma maneira, não penso assim. Embora em um verso ela esteja vestindo pijama rosa, quando vem...

Cynthia riu.

— Pobre rapaz. Privação de cultura. Aguenta mais um pouco, só mais alguns dias.

Isso mesmo, e não tinha sabido absolutamente nada sobre a proposta de Jess. Que diabos havia de errado com ele? Sua ética de trabalho foi atrofiando ali, naquele lugar remoto.

— Jess não parece inclinada a discutir sua proposta — disse Evan. — Alguma sugestão?

— Humm. Isso parece estranho, considerando que você costumava ser tão amigo dela. Talvez esteja com vergonha de falar à luz do seu sucesso.

Ele refletiu.

— Ei, você está sendo bem perspicaz.

Era o que eles faziam de melhor. Debater juntos. Com poucas palavras, ela lhe deu uma visão a partir da qual Evan poderia elaborar uma nova abordagem.

E perguntou:

— E você? Em que está trabalhando?

— Weston decidiu ir atrás da Dynamite, então eu tenho um monte disso na minha frente.

— Ah, certo. — Como ele poderia ter esquecido uma coisa assim? — Conte-me sobre isso.

Ela não disse nada por alguns segundos. E então:

— Tem certeza de que você está interessado?

— Claro. Por que não estaria?

E estava, de fato. Era seu mundo, bem como o dela, e ouviu com atenção enquanto Cynthia descrevia as manobras que estava planejando. Fez algumas perguntas, deu uma sugestão e sentiu sua fome de casa crescer em uma dor torturante.

— Tenho de voltar ao trabalho — disse ela —, mas antes de ir, ouvi boas coisas sobre um espetáculo que começa na semana que vem. Um sujeito que dizem ser o novo Woody Allen.

Ele fez uma careta.

— Não sou um grande fã de Woody Allen. — Eufemismo. Ele achava o cara de um tédio insuportável.

— Certo. Esqueci. Ah, bem, vou com Tonia; ela estará interessada.

— Ótimo.

— Ahã. Tenho de ir. Tchau, querido.

— Tchau, Cynthia.

Eles realmente eram bons juntos, pensou quando desligou. Mesmo quando os interesses diferiam, não havia pressão. Ela ficaria muito feliz de ir à peça com sua amiga e, depois, contaria o que tivesse sido mais interessante. Suas vidas eram um equilíbrio perfeito de união e separação.

No café da manhã, os outros lembravam os destaques do passeio da noite anterior, e Evan, com Nova York na mente, pensou quanto tudo aquilo parecia ingênuo demais. Ele não estava com muito apetite e saiu logo da mesa.

Enquanto caminhava descendo a colina para o estábulo, chutou um seixo e desejou estar de volta em casa. Não tinha pertencido a Caribou quando criança, e não pertencia também naquele exato momento. A diferença era que ele era um adulto, uma pessoa livre, e não teria de ficar obrigado.

Naquele dia, encontraria uma oportunidade de falar com Jess a sós. Ela amoleceu um pouco, na noite anterior, e idiota insano que foi, nem sequer pensou em explorar aquela oportunidade para perguntar sobre seus planos de negócios. Cynthia, talvez, estivesse certa ao dizer que Jess se intimidaria com o sucesso do amigo. Talvez ela se sentisse menos constrangida, depois de Evan ter feito papel de bobo. Teria de pedir

desculpas, jogar com as próprias fraquezas e com os pontos fortes dela, e procurar uma oportunidade de falar sobre seu sonho atual.

Madisun lhe deu um suave “bom-dia” e ele perguntou:

— Como está sua irmã?

— Ela vai ficar bem. Obrigada por perguntar. — Seu sorriso parecia tão forçado como tinha sido o dele.

Deveria perguntar mais? Não, não queria ser agressivo. Além disso, ele tinha os próprios negócios.

— Onde está TJ?

— No estábulo, pegando algumas tachas.

Endireitando os ombros, Evan caminhou para dentro. Jess tinha acabado de arrastar uma sela para baixo, e no momento em que seus olhares se encontraram, ele sentiu uma picada de calor sexual.

Com rapidez, desviou o olhar. E, antes que percebesse, Jess estava despejando a sela em seus braços.

— Esta é do Mickey — disse ela bruscamente. — Você pode selá-lo.

Ele agarrou a sela.

— Sobre a noite passada...

— Sim?

— Eu me comportei de maneira estúpida. Realmente, sinto muito.

Ela deu de ombros, com uma expressão evasiva.

— Não tem problema. Nós dois fizemos isso.

Jess se virou, atirou um freio sobre o ombro, e pegou outra sela de um pino marcado “Rambler”. Quando saiu do celeiro, ele caminhou ao lado dela.

— Meus pais me pediram para convidá-lo para jantar — disse Jess, sem olhar para ele.

Ele parou.

— Seus pais...

Quando tinha tido relações sexuais com Jess, não apenas tinha traído sua amizade, mas a confiança que seus pais haviam colocado nele. O que ela teria contado dez anos atrás, e naquele momento?

Jess parou também, lançando um olhar semicerrado.

— Não se preocupe. Eles não sabem nada sobre o que aconteceu quando tínhamos dezessete anos. Eu só disse que estávamos ambos muito ocupados para ficar em contato.

— Obrigado. Isso é mais do que mereço.

— Sim.

O que poderia dizer? Em vez disso, ele respondeu ao convite.

— Eu adoraria vê-los, mas não irei se não quiser que eu vá.

Jess mordeu o lábio, e depois seu rosto relaxou e ela lhe deu um sorriso genuíno.

— Eu gostaria que fosse também. É que estou me sentindo um pouco estranha sobre... Você sabe. Ontem à noite, e tudo o mais.

— Eu também. — Ele se sentia estranho, também, sobre o fato de que, apesar de suas melhores intenções, seu corpo estar superligado nela. — Você tem razão, devemos nos concentrar em ser amigos. Fomos grandes amigos uma vez, e gostaria de ter isso de volta.

Ela suspirou e disse baixinho:

— Eu também.

Finalmente, ali estava uma oportunidade.

— Quero conhecê-la de novo. Pode contar comigo, Jess. Sei o básico, como seu divórcio, sua filha, que vive com seus pais e tudo. Mas não me contou sobre suas esperanças e sonhos do jeito que você sempre costumava fazer. Sinto falta disso.

Ela abaixou a cabeça um pouco, de modo que a aba de seu chapéu de cowboy escondia os olhos.

— Leva tempo para reconstruir a confiança.

Confiança. Merda.

— Acho que sim...

Ele queria ser seu amigo, ouvir suas esperanças e seus sonhos. Queria ser um homem em quem Jess pudesse confiar. Não poderia manipular sua amiga para servir aos interesses de Gianni, e não poderia sentar-se à mesa de jantar de seus pais e enganar a toda a família. Cynthia provavelmente discordaria dele, mas teria de telefonar para Gianni, ser mais direto sobre sua amizade com Jess e contar que o papel de agente secreto não estava funcionando. Teria de convencer o cliente de que poderia ser honesto com Jess e ainda assim avaliar seus planos com objetividade.

Jess olhou para cima, franzindo o nariz.

— Sobre esse jantar, ainda tem mais uma coisa. Papai me pediu para dizer-lhe, no caso de fazer alguma diferença.

— Hã? Dizer-me o quê?

Ela caminhou até o cavalo castanho-escuro que Aaron montou, e Evan a seguiu, ainda arrastando a sela de Mickey.

— Ei, Rambler — cantarolou ela, e colocou a sela sobre o dorso do cavalo. Para Evan, ela disse: — Por acaso sabe por que seu pai deixou a cidade, quando você tinha dez anos?

O pai dele? Ele nunca pensou em Mo Kincaid. Como aquele sujeito tinha entrado na conversa?

— Não, não sei por que ele ficou nem por que foi embora. Tudo que sei é que fiquei contente quando foi embora. Brooke pode ter me negligenciado, mas nunca me bateu.

Jess estava apertando a cilha, e enviou-lhe um olhar rápido sobre o ombro.

— Eu não sabia disso na época, mas foram meus pais, Ev. Eles o denunciaram à polícia...

— O quê? Você...

— Não — respondeu, com rapidez. — Não lhes disse nada. Não sabia das coisas naquela época, mas seus pais brigavam muito mais do que os meus e que, de vez em quando, você levava uns tapas. Você nunca contou muita coisa...

— Verdade...

O pai o havia esmurrado de punhos fechados, mas aqueles segredos de família não eram para ser compartilhados. Ainda assim, ele era um garotinho, Jess era sua melhor amiga, e ele deixou uma coisa ou duas escaparem, mas a tinha obrigado a manter segredo.

— Todo mundo sabia que você era desajeitado, mas meus pais suspeitaram de todas as contusões e cortes. Então, quando você apareceu com aquele braço quebrado e disse que tinha caído de uma árvore... — Ela sacudiu a cabeça. — Imagine! Você não era do tipo que subia em árvores.

Tinha sido uma história estúpida. Será que, secretamente, quisera que os pais dela adivinhassem a verdade que estava com medo de contar?

Com os dedos ocupados com a sela, Jess disse:

— A polícia interrogou seu pai. Ele estava bêbado. E negou tudo, e... Hã... Brooke o apoiou. Os policiais, porém, não acreditaram. Eles disseram aos meus pais que iam denunciá-lo. Acho que ele viu o que aconteceria, por isso foi embora.

Bem. Ele poderia ter sido o amiguinho intelectual de Jess, mas os Blys se importavam o suficiente com ele a ponto de protegê-lo. Aquilo foi incrível. Quanto ao seu pai e Brooke... Bem, sempre soube que os dois não davam a mínima para o que acontecesse com ele.

— Sim — disse Evan —, isso faz sentido. Não havia muito para segurá-lo lá. Um filho que ele não queria, exceto como um saco de pancadas. A esposa... Bem, era a mesma coisa com ela. É por isso que Brooke ficou quieta, deve ter ficado com medo de ser espancada por ele. Só Deus sabe a razão de os dois se casarem. Bem, é claro que foi porque ele a engravidou quando ela era pouco mais que uma criança. Caramba, é o suficiente para você negar o casamento pelo resto da vida.

Jess lhe deu um sorriso gentil.

— Mas depois que você viu meus pais e percebeu que é assim que deveria ser. Eles tiveram aquela fase ruim lá atrás, quando eu tinha sete ou oito anos, mas eles se amavam, resolveram as coisas e ficaram mais fortes por causa disso.

Evan assentiu com a cabeça, pensativo.

— No entanto, você e Dave não conseguiram. Acho que não há garantias, não é verdade?

— Não, mas você pode ajeitar as coisas a seu favor — respondeu Jess, tirando o cabresto do cavalo.

— Por exemplo?

— Não se casar muito jovem, e com alguém que mal conheça. Bem, tenho certeza de que você pode encontrar dezenas de outros.

— Não engravidar uma garota como meu pai fez — disse ele com amargura.

Ela estava afivelando o freio do Rambler. Seus dedos pararam.

— Certo.

Droga. Que idiota.

— Desculpe-me, Jess. Eu me esqueci de você e Dave. De verdade.

— Sim, certo. — Jess pigarreou e retornou à sua tarefa. — De qualquer maneira, papai queria que você soubesse. No caso de querer reclamar deles e...

— Deus, não. Eles talvez tenham salvo minha vida. — O braço quebrado não tinha sido o pior de seus ferimentos, apenas o mais visível.

— Então, jantar amanhã?

— Ficaria feliz em ir. Será ótimo revê-los.

Seria ótimo, e conheceria a filha dela. Pelo menos, naquele ambiente, deveria ser capaz de conter todos os sentimentos de luxúria por sua velha amiga.

— Você vai colocar a sela no Mickey ou pretende ficar rodeando por aí o dia todo?

— Ah, claro, certo.

Enquanto deixava Mickey pronto, e depois Rusty, Evan refletiu sobre seus pais e Jess e os pais dela. Ela estava certa quanto ao fato de ele ter tido um bom modelo nos Blys. Sempre fora tão impositivo sobre não querer filhos, mas os comentários de sua amiga o fizeram pensar. Seria o medo de ser um péssimo pai o que o segurava? Será que deveria dizer a Cynthia que estava disposto a reconsiderar a questão — se ela estivesse disposta a rever suas ideias sobre paternidade? E, no entanto, havia outra questão... Dava para imaginar a ele e Cynthia com sua própria família, compartilhando um jantar em casa da mesma maneira que ele jantava com os Blys quando era criança?

— Pode montar!

O chamado de Jess interrompeu seus pensamentos, e ele pulou na sela de Rusty, sentindo-se quase proficiente.

Quando o grupo estava na trilha, Evan refletiu sobre o que precisava fazer. Era quinta-feira de manhã. Voltaria definitivamente para casa no sábado. Havia ficado longe do escritório mais tempo do que planejava.

Assim que voltasse ao Crazy Horse, ligaria para Gianni. Então, assumindo que seu cliente lhe daria sinal verde, revelaria a verdade a Jess, tentaria convencê-la a perdoá-lo pela tapeação e descobriria todos os detalhes de sua ideia de negócio. De preferência, antes do jantar com os Blys.

Seus clientes o chamavam muitas vezes de milagreiro. Contudo, era o Evan Kincaid de Manhattan. O Evan de Crazy Horse parecia mais um trapalhão incompetente.

E mais ainda quando, no final do passeio da manhã, perguntou a Jess se poderiam ficar juntos em algum momento no meio da tarde. Até então, ele teria conversado com Gianni e estaria livre para dizer-lhe a verdade. Mas, com um aceno de cabeça, ela respondeu:

— Desculpe, hoje é um dia incrivelmente ocupado.

— É importante. Jess, eu preciso falar com você sobre algo.

Ela pareceu um pouco curiosa, mas disse:

— Cada minuto do meu dia está agendado. Mas teremos muito tempo no jantar de amanhã.

Uma noite. Ele teria uma noite para realizar tudo que precisava, antes de retornar a Nova York. Se seria assim, lidaria com aquilo. Embora preferisse ser organizado e metódico, ele também tinha um bom desempenho em uma crise.



Depois de tratar dos cavalos, logo após o passeio da manhã, Jess assobiou para Conti e cavalgou para a cidade.

Depois de prender seu cavalo atrás do Wild Rose Inn, ela entrou pela porta dos fundos. Enfiando a cabeça pela porta da cozinha para cumprimentar Mitch, o cozinheiro, pôde preencher suas narinas com uma mistura deliciosa de cheiros de cozinha.

— O que posso preparar para você? — Perguntou Mitch. — O prato de hoje é a salada de frango Santa Fé.

Ela gemeu.

— Parece fantástico, mas eu não tenho tempo para parar. É uma das minhas tardes de folga do Crazy Horse, e tenho uma tonelada de trabalho esperando por mim na fazenda.

Dave não estava no escritório do gerente, e ele raramente ficava lá. Seu estilo de gestão era o de meter a mão na massa de maneira amigável, e hoje ele estava por trás do balcão da recepção dando indicações para uma família de como chegar a Gold Rush Days Park.

Dave acenou para Jess, que acenou de volta, então se acomodou em uma cadeira no lobby, que foi habilmente decorado para parecer rústico, mas com o conforto dos dias atuais. Jess observou seu ex-marido com carinho. Com mais de um metro e oitenta e poucos centímetros a mais do que Evan, seguia tão bonito, esguio e em forma como tinha sido no colégio. Seu cabelo cor de areia ainda caía sobre seus olhos castanhos. Ele era um dos sujeitos mais decentes que se poderia esperar conhecer. Contudo, desde a morte de Anita, tinha perdido sua vitalidade. Procurava se ocupar, mas isso era mais uma correria nascida da tristeza e do vazio do que da vitalidade. Ela gostaria de poder ajudá-lo.

Dave estivera ao lado quando ela mais precisou dele. Quando ela descobriu que estava grávida, seu primeiro instinto foi o de entrar em contato com Evan. Não seria difícil. Ela sabia que ele estava em Cornell, nos apartamentos dos estudantes.

Entretanto, parou para pensar. Ev tinha sido sempre inflexível sobre não querer filhos. Ele poderia retornar, casar-se com ela, arruinar sua vida, e ficar totalmente ressentido dela e da criança, como os pais dele haviam sido. Ou poderia tentar forçá-la a fazer um aborto. Nenhuma das alternativas valia a pena considerar.

A realidade de estar grávida a tornou objetiva e prática. Não era um sonho do estilo “algum dia no futuro”, como aqueles em que ela se debruçava sobre seus cavalos; aquilo era real, e iminente. Sabia que seus pais, depois que superassem o choque, iriam apoiá-la. Ela e o bebê iriam viver com eles, ela ajudaria com o rancho, e sua mãe iria ensiná-la como criar uma criança.

No entanto, antes de contar aos pais, queria conhecer o ponto de vista de um cara — de Dave — sobre se estava sendo justa com Evan.

Observando Dave, notou como ele ouvia pacientemente uma menina ruiva que estava contando uma história que envolvia um monte de risadas.

Era um cara de temperamento doce. E, no entanto, quando ela lhe contou sobre a noite no lago Zephyr e sua gravidez, Dave chamou Ev de um monte de nomes sujos que nunca o tinha ouvido usar. Ele falou sobre Evan não merecer nada além de um soco no queixo, o qual estaria mais do que disposto em lhe dar na porta do dormitório em Ithaca. Contudo, Jess afirmou que Ev não tinha culpa, o que o fez

xingar e reclamar mais uma vez, e então ela lhe pediu que se acalmasse e pensasse naquilo por alguns dias.

Quando Dave voltou, surpreendeu-a ao propor casamento. Ele disse que a amava e que amaria seu bebê, e que esperava e acreditava que ela viria a amá-lo.

Foi a vez de Jess ir embora e pensar no assunto. Ela gostava de Dave e verdadeiramente o respeitava. Ao lado do pai, era o cara de quem mais gostava no mundo, depois de Evan a ter desiludido por completo. É claro que poderia amar Dave. Ele era perfeito.

Os dois combinaram dizer ao mundo que ele era o pai da criança. Embora detestassem a ideia de mentir aos familiares e amigos, o bem-estar do bebê veio em primeiro lugar.

Eles se casaram e Dave era tão maravilhoso que Jess de fato passou a amá-lo. Dois meses depois do nascimento de Robin, Jess entrou na cama de Dave pela primeira vez, e ao longo dos meses seguintes, experimentaram e brincaram e aprenderam a dar prazer um ao outro. Jess disse a si mesma que aquele era um amor maduro, algo bem diferente da luxúria adolescente que sentira por Evan.

O casamento deles poderia ter durado para sempre, se Dave não tivesse conhecido Anita. Não que Jess se ressentisse dele. Um amor como o de Dave e Anita acontecia apenas uma vez na vida.

Um coro de despedidas despertou-a de seu devaneio, e percebeu que os turistas foram embora.

— Ei, Jessie — chamou Dave.

— Oi, bonito.

Ela foi até a mesa e se debruçou para dar-lhe um beijo na bochecha.

Ele puxou seu rabo de cavalo.

— E o que a traz aqui, mocinha?

— Você pode buscar Rob amanhã à noite?

— Claro. Ela vai passar o fim de semana comigo, de qualquer maneira. Nós só vamos começar mais cedo — uma sobranceira torceu-se. — Você poderia ter me falado por telefone...

— É que... Tem mais uma coisa...

Agora, as duas sobranceiras dispararam.

— Você tem um encontro?

— Não. — Ela mordeu o lábio. — Mamãe e papai convidaram alguém para o jantar. Ele está hospedado no Crazy Horse e... — Jess olhou em volta, certificando-se de que estavam sozinhos — É o Evan.

A boca de Dave caiu. Ele começou a dizer alguma coisa, mas os lábios não conseguiam formar as palavras.

— Foi uma grande surpresa para mim, também.

— O que ele está fazendo aqui? — Dave exigiu saber.

— É uma longa história. Ele não sabia que eu trabalhava lá. Você deveria ter visto a cara dele. E não sabia que eu — que você e eu — tínhamos uma menina. De qualquer maneira, quando contei à mamãe que Evan estava por perto, ela insistiu para que eu o convidasse e...

— E você não quer que ele conheça Robin.

— Isso mesmo.

Dave deu um aceno firme com a cabeça, seus olhos brilhando com um fogo que Jess não tinha visto em muito tempo.

— Ótimo, também não quero que ele a conheça. Robin é *minha* filha!

Jess assentiu:

— Claro que é. E sempre foi, desde antes de nascer. Lembra-se de como descansava sua mão na minha barriga e a deixava chutar, e cantava músicas de Willie Nelson para ela?

Dave sorriu. Então seu rosto ficou sombrio e disse, em voz baixa, mas com veemência:

— Não vou perdê-la para ele.

Jess sacudiu a cabeça com vigor e sussurrou de volta:

— Não, não vai. Evan não sabe e não vai saber. Nenhuma alma sabe, a não ser nós dois, e ninguém mais saberá. Nós sempre concordamos com isso.

Ele soltou um longo suspiro.

— Obrigado. Eu sabia disso, eu realmente sabia. Confio em você, Jessie, mais do que qualquer outra pessoa no mundo. Acho que entrei em pânico por um momento.

Ele saiu de trás do balcão e estendeu os braços para Jess, que se encaminhou para eles e ambos se abraçaram forte por alguns momentos.

Quando se separaram, ele tocou seu rosto.

— E você? Como se sente tendo esse cara de volta na cidade?

— Confusa. Deus, mas por Robin, eu gostaria que ele e eu nunca tivéssemos nos ligado. Éramos tão bons amigos e devíamos ter ficado assim. Os hormônios adolescentes podem realmente atrapalhar você. Agora, bem, talvez estejamos tentando encontrar nosso caminho de volta para sermos amigos...

Seu olhar viajou para cima e para baixo de seu corpo.

— Sem “hormônios” desta vez?

Ela ouviu as aspas que Dave colocou na palavra *hormônios*. Ele sabia que Jess se importava profundamente com Evan.

Suas bochechas enrubesceram e ela baixou a cabeça.

Dave ergueu o queixo com o dedo indicador.

— Não deixe que ele a magoe de novo, Jessie.

— Claro que não!

A resposta parecia veemente demais. Ela sabia daquilo, e poderia dizer, pela expressão preocupada, que Dave sabia também.

— Ele estará aqui apenas por duas semanas?

Jess assentiu com a cabeça.

— Daí vai voltar para Nova York. Ele ama sua vida lá. E tem uma namorada e estão falando em casamento.

— O cara tem uma namorada, e ainda assim você fica babando por ele?

— Não se preocupe, não vou cometer o mesmo erro duas vezes. Mas é engraçado...

— O que é engraçado?

— Existem apenas dois caras por quem fiquei seriamente atraída, você e ele. Outros homens não me interessam. Será que há algo de errado comigo?

Dave balançou a cabeça.

— Acho que não, a menos que exista algo de errado comigo também. Para mim, só há você e Anita. — Uma sombra cruzou seu rosto, como sempre fazia, ao mencionar aquele nome. — Sei que não haverá mais ninguém.

Jess achou que ele estava certo sobre aquilo. Quando Anita morreu, Dave trancou o coração para a possibilidade de amar novamente.

Ela deu-lhe outro abraço apertado.

— Tenho de ir.

— E vai a cavalo?

— Sim, amarrei Conti lá fora.

Dave saiu com ela. Mitch veio da cozinha para dar-lhe um de seus sanduíches preferidos: rosbife e mostarda em pão de centeio escuro. Em pagamento, recebeu um beijo na bochecha.

Dave segurou o sanduíche enquanto Jess se acomodava na sela. Ele esfregou o nariz do cavalo com dedos gentis.

— Como vai indo, Conti?

Quando Jess estava pronta, ele entregou-lhe o sanduíche.

— Onde e quando devo pegar nossa menina amanhã? Na escola?

— Deixe-me ver... Não, amanhã é um dia de desenvolvimento profissional e Kimiko virá ao rancho. Talvez você possa passar em torno das cinco? E deixar Kimiko em casa? — Ela desembulhou o sanduíche e deu uma grande mordida.

— Não tem problema. Aliás, Rob e eu vamos a um churrasco nas casa de meus pais no sábado. Meus irmãos estarão lá, e mais alguns primos com as famílias. Você é bem-vinda, também.

— Obrigada, pode ser... Eu aviso.

A distração de uma família amorosa poderia ser exatamente o que ela precisava como antídoto para uma semana com Evan.

Dave deu-lhe um tapa suave na coxa.

— Você é a melhor. Apenas lembre-se de pensar com seu cérebro, tudo bem? Não com...

Ela bufou, depois virou Conti com tanta rapidez que a cauda do cavalo bateu no rosto de Dave.

CAPÍTULO 8



NA MANHÃ DE sexta-feira, Evan acordou sentindo-se quase contente. Talvez fosse porque era seu último dia no Crazy Horse, ou porque, no dia anterior, havia convencido Gianni a deixá-lo dizer a verdade a Jess.

Apreciou o café da manhã e participou das conversas. Os hóspedes foram acolhedores e descontraídos, em comparação com as pessoas com quem ele e Cynthia socializavam. Demorou algum tempo para se acostumar, mas estava começando a se encaixar.

Agarrou um punhado de cenouras — ainda não confiando em Rusty com uma maçã — e voltou para seu quarto para trocar os tênis pelas botas de bico fino, que tinham afrouxado o suficiente para serem quase confortáveis. Fora do chalé, encontrou-se com Ann e Sandy e os três conversaram amigavelmente enquanto desciam para o estábulo.

— Não vejo a hora da sessão sobre como cuidar e se comunicar com o cavalo — disse Sandy com entusiasmo.

— Deve ser interessante — comentou Evan, sem se comprometer.

Ann lhe chamou a atenção e deu um suspiro.

— Diga-nos o que você pensa realmente, Evan.

As duas mulheres riram, e ele se juntou a elas:

— Eu vou tentar manter a mente aberta.

Além disso, era uma das coisas que Gianni tinha mencionado nos planos de Jess para seu acampamento de equitação, ou coisa que o valha. Seria outra oportunidade de observar e avaliar.

Embora Jess ainda tivesse de lhe contar sobre seu mais recente sonho, a semana havia lhe dado ampla oportunidade de avaliar uma série de fatores relevantes. Ela era ótima com os hóspedes, assim como sua assistente. Todo mundo que tinha tomado aulas de equitação estava transbordando de elogios por sua habilidade e paciência. Ela treinou a maioria dos cavalos, que eram todos bem-educados e calmos, mesmo que alguns, como Rusty, tivessem um senso de humor — e... Ei! Aquilo não era algo ruim.

Jess deixava os arreios e os cavalos em forma, e os passeios de trilha saíam e voltavam no horário ou, pelo menos, tanto quanto possível, dada a imprevisibilidade de ambos, cavalos e hóspedes.

Evan estava convencido de que Jess era a pessoa perfeita para trabalhar em um lugar como o Crazy Horse, ou no empreendimento que tinha em mente. O que precisava saber era se a menina que costumava odiar a lição de casa poderia ser capaz de planejar, administrar e divulgar um negócio.

No estábulo, ele e as duas mulheres se separaram e cada um foi para o seu cavalo. Evan cumprimentou Rusty com cenouras e um tapinha no pescoço, em seguida, colocou nele a sela e os arreios.

Madisun atirou-lhe um sorriso.

— Você é um profissional.

Com um gemido exagerado, Evan içou-se para a sela.

— E um dia, até mesmo isto vai ficar mais fácil, certo?

— Você vai saltar sobre o cavalo antes de perceber.

— Ok, faça de conta que acredito. Você quer me vender uma garrafa de óleo de cobra?

O sorriso encantador da menina o fez sorrir. Ele não estava acostumado a fazer as mulheres rir. Aquilo poderia ficar viciante.

Enquanto a fila de cavaleiros seguia pela trilha, ele se viu saboreando o sol em seu rosto e ombros, o cheiro das árvores — pinheiros, segundo ouvira Jess explicar — e rosas. As roseiras selvagens eram realmente bonitas, com suas flores simples que iam de um tom pastel a um rosa vívido. Durante a maior parte da viagem, os cavaleiros não falaram e os únicos sons eram os dos cascos dos cavalos, o ranger das selas de couro e o ocasional roçar dos dentes dos esquilos. Era meio chato, mas de alguma maneira não tão chato como havia sido em dias anteriores. Na verdade, aquilo foi bastante tranquilo. Ele trabalhou alguns planos de investimento em sua cabeça, mas estava com dificuldade de concentração, e, por fim, ficou contente em apenas andar a deriva.

Lembrou-se de pensar que não conseguia relaxar sem a internet. Parecia que estava errado. Ainda bem que voltaria para Manhattan no dia seguinte, antes de sua ética de

trabalho ser corroída por completo.

De volta ao curral, Jess e Madisun instruíram vários hóspedes sobre como tirar a sela e os arreios dos cavalos. A cada dia, mais pessoas queriam elas mesmas cuidar de seus cavalos. Evan sentiu certa presunção por saber cuidar perfeitamente de Rusty. Ele acariciou o pescoço de seu cavalo enquanto esperava que os outros terminassem.

Jess saiu do estábulo carregando uma caixa, que depois despejou no chão com estrondo.

— Vamos falar sobre comunicação, depois iremos esfregar o pelo dos cavalos.

Ela levantou um utensílio de metal com um jeito maldoso da caixa, e depois o deixou cair de volta.

Será que usariam aquilo para escovar os cavalos? Ele duvidava que Rusty ficaria feliz.

— Eu sei que Thérèse e George sabem sobre Monty Roberts — disse ela. — E algum dos demais já ouviu falar dele?

Evan lembrou-se de Gianni mencionar o nome. Algumas mãos se levantaram e Ann disse:

— O Encantador de Cavalos original.

Jess assentiu.

— Ele tem sido um pioneiro na maneira de pensar e tratar os cavalos. Vocês devem ter visto filmes antigos, nos quais os cowboys “domavam” os cavalos com chicotes e esporas.

Cabeças concordaram.

— Como você se sentiria a respeito de alguém que tratasse seu cão ou gato desse jeito?

— Eu iria enforcá-lo! — Kim gritou, e os demais murmuraram de acordo.

— Eu também. Agora, como você acha que uma criatura inteligente acabaria se fosse tratada dessa maneira? Obediente, talvez, mas...

— Assustada — disse Evan baixinho, lembrando-se de Mo Kincaid e de seus punhos.

Outros acrescentaram:

— Furiosa.

— Medrosa.

Ele estava assentindo com a cabeça e, do outro lado do estábulo, notou Madisun fazendo o mesmo. Havia algo sobre o olhar em seu rosto...

Mas, então, Jess falou de novo, e ele se concentrou nela.

— Tudo isso — disse Jess. — E quando se está lidando com mais de mil quilos de animal vivo, você o quer com medo e hostil? Ou quer que ele seja seu parceiro,

cheio de boa vontade? — Ela se moveu para uma fileira de animais com cabresto, acariciando o nariz de um e esfregando as bochechas de outro. — Eles são animais nobres e corajosos. Se tratá-los com respeito e amor, você pode entrar em uma parceria que será única.

Como com as pessoas, Evan pensava. Como o que ele e Jess uma vez tiveram. Observando-a, casualmente atraente e graciosa em sua roupa de vaqueira, notou que a mulher havia desenvolvido presença, uma confiança natural e uma capacidade de prender a atenção do grupo. Se Jess também tivesse desenvolvido uma cabeça para os negócios, ele poderia realmente recomendar que Gianni investisse no tal campo de equitação.

Ela virou de frente para os hóspedes.

— Aqueles que têm animais de estimação sabem o que é ter esse sentimento mágico de ligação com um animal. No entanto, pensem na diferença. O cavalo é muito maior e mais poderoso do que um cão. Ele pode matá-lo. Nunca, jamais, esqueçam-se disso.

Algumas pessoas olharam inquietas para os cavalos, mas Evan balançou a cabeça. Estes cavalos, não. Não do jeito que Jess os treinou. Contudo, ele entendeu o que ela estava fazendo.

— Acho melhor eu lhe demonstrar um pouco de respeito — disse Evan para Rusty.

Jess continuou.

— Se você encontra um assaltante na rua com uma faca, ele tem o poder. O que você faz? Irrita-o? Tenta assustá-lo? Não, você reconhece seu poder. Você passa a respeitá-lo.

— Bem, um cavalo tem poder — continuou. — Mas, a menos que tenha sido maltratado e sua alma danificada, ele quer dar esse poder a você, para compartilhar e usar. Ele quer agradá-lo. E vai fazer coisas incríveis para conseguir realizar isso. Você provavelmente já ouviu histórias de cavalos que morreram por seus mestres. O coração deles é enorme.

Ela fez uma pausa e Evan sabia que Jess estava lutando contra as lágrimas. A querida e emotiva Jess. Devia fazer aquele discurso a cada duas semanas, e ainda assim ele tocava seu coração. Teve vontade de abraçá-la. Em vez disso, estendeu a mão para afagar o pescoço de Rusty. O cavalo virou um olho para ele.

— O livro mais famoso de Monty Roberts é chamado *O homem que ouve cavalos*. Ele aprendeu observando cavalos selvagens. Ele viu a maneira como os adultos, particularmente a égua dominante — sim, rapazes, eu disse que a mulher era a dominante — ensinava os mais novos. Aprendeu a linguagem corporal, descobriu o que

os cavalos estavam dizendo uns aos outros. E aplicou as mesmas técnicas para treinar cavalos. Com sucesso incrível.

Ela ficou na frente do grupo e ergueu as mãos para eles, palmas para cima.

— E quais são essas técnicas e baseadas em quê? Nos princípios de aceitação contra rejeição. Cavalos, exatamente como os seres humanos, detestam ser condenados ao ostracismo. Eles querem ser amados, aceitos por seu grupo, por seu líder.

Evan também queria, quando criança. Contudo, não havia acontecido. Podia culpar seus pais imperfeitos, ou sua personalidade orgulhosa, teimosa. Mas o único lugar em que ele se sentiu aceito foi com aquela menina, e seus pais generosos.

Jess continuou.

— Se você é o treinador, é sua aceitação que eles buscam. Eles querem ser amigos. Se pedir que façam alguma coisa e eles obedecerem, recompense-os com aceitação e amizade. Se desobedecerem, você não vai bater, vai apenas evitá-los, até que digam, com sua linguagem corporal, que eles querem ser perdoados, para poder tentar de novo.

Quando Evan fugiu dela no Zephyr Lake, e em seguida, mandou um e-mail tarde demais, Jess se afastou dele. Ele tentou de novo, uma vez, mas ela não o recebeu de volta.

Jess olhou para todos.

— Vou falar mais sobre as técnicas de Monty Roberts ao longo da próxima semana. Vocês podem assistir a seus vídeos na pousada, se estiverem interessados, e a loja de presentes vende seus livros.

Evan, ainda se perguntando sobre os paralelos entre seu relacionamento e um cavalo e seu treinador, estava começando a entender porque Jess parecia tão apaixonada por seu projeto. Ela queria dar aulas sobre as formas de comunicação com um cavalo todos os dias, e não limitá-las a alguns minutos aqui e ali. Ela queria lidar com o que ela chamou de “pessoas amantes de cavalo de verdade”, e não aquelas que gostavam de cavalgar um pouco, mas também queriam ser mimadas num spa.

Jess esfregou as mãos.

— Chega de conversa. Agora vocês vão colocar a mão na massa. — Pegou aquela ponta de metal de novo e sorriu com malícia. — Começando com a rineta.

Dez minutos depois, com o cérebro submerso nas informações sobre as ferramentas para cuidar do cavalo, e armado com a própria rineta, Evan olhou duvidosamente para os enormes cascos de Rusty.

— Você vai se sentir melhor com isso — murmurou para o cavalo.

Sentindo que seria mais seguro começar na frente, tentou levantar uma das pernas do cavalo, se lembrando de como Jess havia feito aquilo. Ela e Knight tinham feito

tudo parecer muito fácil: bastou cutucar e a perna do cavalo se ergueu.

Evan cutucou.

— Levante — disse ele, encorajador.

Rusty mudou de posição, erguendo um pouco o casco oposto, e depois o descendo solidamente. Sim, o cavalo tinha senso de humor.

— Você está gostando disso, não é? — Disse Evan. — Não sabe que é um animal nobre que deveria tentar ganhar minha aprovação?

Ele ouviu trinados de riso feminino, ambos de Ann, a mulher cujo cavalo estava ao lado de Rusty, e de Madisun, que tinha vindo para ver como eles estavam fazendo.

— Deixe-me mostrar-lhe novamente — disse a menina, demonstrando no cavalo de Ann.

Enfim Evan teve sucesso. Em seguida, equilibrando o joelho do cavalo no seu, fez o melhor que pôde para raspar uma grande variedade de substâncias nojentas e malcheirosas do casco de Rusty. O peso do cavalo foi ficando maior e os joelhos de Evan se afundaram naquele piso sujo.

— Se acha que vou me ajoelhar para você, pode ir mudando de ideia, colega.

Ann riu e ele olhou, notando cabelos ruivos despenteados, bochechas coradas e um sorriso corajoso.

— Espere até que eu conte aos meus colegas como passei minhas férias de verão — disse ela.

— Dominando novas habilidades — retrucou Evan.

— Desenvolvendo destreza manual. Você pode acreditar que sou cirurgiã?

Ela girou seu instrumento desajeitadamente.

— E honrando o vínculo surpreendente que só é possível entre cavalos e seres humanos. Sua ferramenta enviou um pedaço de esterco pelo ar, quase atingindo o rosto dele, e os dois caíram na gargalhada.

— Vocês dois estão se divertindo bastante — brincou Jess por trás deles. — Vamos lá, vocês só têm mais três patas.

Ann endireitou os ombros e voltou para seu cavalo, Distant Drummer, que tinha uma bonita pelagem marrom com manchas brancas.

Evan seguiu o exemplo com Rusty, e Jess assistiu até eles conseguirem que seus cavalos erguessem outro casco, e depois foi ver como estava Sandy.

Depois de alguns minutos, Ann disse:

— Você conhecia a TJ, não é?

— De muito tempo, mas eu não sabia que ela trabalhava aqui quando me hospedei.

— Ela é maravilhosa em seu trabalho. E tão paciente conosco, tão bem informada. É óbvio que ela tem um enorme amor e respeito pelos cavalos.

— De fato, isso é verdade. — Ele sentiu uma onda de orgulho. — Ela é realmente uma coisa, essa Jess.

— Jess?

— TJ é seu nome profissional, mas seu verdadeiro nome é Jessica.

— Jessica? Como a mulher em *The man from Snowy River*?

Lembrou-se de Jess mencionar aquele filme, citando-o como a razão pela qual ela usava TJ em seu trabalho.

— Você viu o filme?

— Eu já vi todos os filmes com cavalos. Você não?

— Não.

— Ah, você tem de ver, vai adorar. E *Return to Snowy River* também. Eu sei que são filmes antigos, mas são o máximo se for uma pessoa que ama os cavalos. Não acredito que não assistiu...

— Eu, hã... Só descobri os cavalos muito recentemente.

— Jura? Você está indo tão bem.

— Obrigado.

E o mais surpreendente era que ele estava gostando. Em algum lugar, durante os últimos dias, Evan tinha deixado de ser um intelectual e o desafio físico começou a se tornar um prazer. Jess tinha direito a alguns “Eu não disse?”.

Ele desceu o último casco de Rusty e lhe deu um tapa provocativo no flanco.

— Este foi o quarto. E aposto que deixou imundo o primeiro, não é?

Para Ann, ele disse:

— Não fale nada sobre o verdadeiro nome de TJ, tudo bem? Percebi que ela não quer nenhuma piada sobre *Snowy River*.

— O segredo está seguro comigo.

Juntos, eles foram trocar aquela ferramenta pelas escovas e pentes para escovar os cavalos. Enquanto trabalhavam, conversaram por um tempo, depois se calaram. Havia algo de profundamente relaxante nos movimentos firmes e na sensação do corpo quente de Rusty, aquela companhia pouco exigente.

Quando todo mundo terminou, Jess esbanjou palavras de louvor, e em seguida, disse:

— Isso é tudo por hoje, pessoal. Aproveitem o tempo livre.

— Estou ansiosa para assistir a demonstração de amanhã — disse Thérèse.

— Que demonstração? — Perguntou Joan.

— As vaqueiras cavalgando — disse Madisun. — TJ é incrível e sua filha é uma estrela.

— TJ, você tem uma filha? — perguntou Sandy, surpresa. — Mal posso esperar para conhecê-la!

Nem Evan... Ele estava imaginando que teria a chance de ver a menina no jantar daquela noite. Esperava que Robin fosse como a jovem Jess, e que não reconheceria Dave na menina. Por alguma louca razão, doía pensar que Dave e Jess geraram uma criança, não muito tempo depois que ele saiu da cidade.

Jess arrancou seu chapéu e brincou com a borda.

— Não tenho certeza de que Robin possa vir.

Os hóspedes protestaram em voz alta, e por algum motivo, Jess deu um rápido olhar na direção de Evan antes de continuar:

— Vou ver o que posso fazer.

Quando os hóspedes se dirigiram para a pousada, Evan ficou para trás, esperando por uma oportunidade para conversar a sós com Jess. Ele precisava fazer sua confissão, e não queria fazê-lo na frente dos pais dela e de sua filha.

— Posso ajudá-la a arrumar os cavalos para a noite?

Madisun inclinou a cabeça na direção de Jess.

— Eu voto sim. Ele tem bom senso com os cavalos.

— Você acha? — Jess balançou a cabeça, pasma.

Os três trabalharam juntos amigavelmente, e depois Madisun foi para o estábulo para limpar os arreios. Sozinho com Jess, Evan sentiu um puxão físico para se aproximar dela. Para tocar nela, mesmo que fosse apenas para tocar a mão ou esfregar a mancha de sujeira em sua bochecha. Ele resistiu, sabendo que não deveria se sentir daquela maneira. O que ele de fato precisava fazer era conversar com ela sobre Gianni Vitale.

Ele estava tentando encontrar uma maneira de abrir a conversa quando Jess disse:

— Sobre o jantar? Tenho algumas tarefas para fazer na fazenda. Vou cavalgar para casa agora, então venho de carro buscá-lo por volta das seis.

— Eu posso pegar um táxi — disse ele automaticamente. — Mas você tem de sair agora? Eu esperava por uma chance de conversarmos e...

— Não é possível agora, tenho muito que fazer. A fazenda não funciona sozinha, e há um cavalo que estou treinando também. Vamos ter muito tempo para falar esta noite. E quanto a um táxi, você não está em Manhattan, garoto da cidade. Os táxis são poucos e distantes entre si. Além disso, minha mãe tiraria minha pele se o deixasse fazer isso.

— Tudo bem — murmurou Evan tristemente. — Vejo você mais tarde, então.

Como ele poderia lidar com aquilo? Confessar o que tinha feito a caminho do rancho? Interrogá-la sobre seu plano de negócios enquanto seus pais e filha ouviam?

Ele tinha andado alguns passos quando Jess disse:

— Evan?

Ele se virou para trás.

— Sim?

Havia uma expressão suave, quase melancólica no rosto dela, e Evan quis tocá-la de novo.

— Você está realmente se adaptando — disse Jess. — Eu queria que você tivesse sido assim quando criança.

Por um momento, ele quis aquilo também. Ele e Jess poderiam ter cavalgado juntos, feito piqueniques no campo. E tal pensamento o fez sentir-se como um adolescente com tesão novamente. Mas não, ele odiava aquele lugar, odiava sua vida. Se tivesse ficado, nunca teria se tornado o homem que era.

Firmemente, balançou a cabeça.

— Eu precisava ser objetivo. Motivado. Tive de sair daqui para me encontrar.

E para escapar de sua vida doméstica, mas Jess sabia daquilo, sem que precisasse falar.

— E talvez, agora, precisou voltar para se reencontrar?

Sua reação imediata foi a de rejeitar a ideia.

Ela deve ter lido seu rosto ou sua mente. E sorriu.

— Pense nisso. E enquanto estiver pensando, tome um banho de sauna e faça uma massagem. Amanhã você ficará na sela por mais horas do que seu corpo está acostumado.

— Entendido, chefe.

Virando-se para subir a colina, detestava pensar como ela reagiria quando soubesse a verdade. No dia seguinte, ele não estaria na sela; estaria em um avião para Nova York. Será que aquela nova/velha amizade provisória com Jess ainda sobreviveria, ou a garota iria rejeitá-lo novamente, assim que soubesse que estivera mentindo para ela durante toda aquela semana?

Droga, Gianni, tudo culpa sua!



Jess se despediu rapidamente de Madisun, deu o boa-noite habitual para a velha amiga Petula, em seguida, saltou sobre o próprio cavalo, Conti, para a cavalgada de

quinze minutos de volta para casa. Se não fizesse as tarefas do rancho, seu pai iria exagerar no trabalho. Havia uma conspiração em curso entre Jess e a mãe para impedir que Wade Bly abusasse de si mesmo. Elas fariam de tudo para evitar outro acidente vascular cerebral.

Ela amava a poderosa sensação de energia de Conti surgindo por entre suas coxas. A comunicação entre eles era uma contínua via de mão dupla, que acontecia mais por instinto, pela sensação, em vez de por esforço.

Por que a química entre um homem e uma mulher não poderia ser tão fácil e natural?

Lembrou-se de como tinha sido com ela e Evan, naquela vez em que ambos tinham feito amor. Ou, como ela tinha certeza de que ele chamaria aquilo, fizeram sexo. Tinha esperado magia sob um dossel de estrelas brilhantes, e embora o ato físico tenha sido precipitado e desajeitado, bastou o fato de estar em intimidade com ele pela primeira vez para ter sua própria magia. Até que terminou tão mal.

Na outra noite, deitada ao lado dele em um colchão de feno com outras dez pessoas aglomeradas em torno deles, sentira aquela magia de novo. E mais tarde, quando todos já haviam ido embora e a paixão superou as inibições por alguns preciosos momentos assustadores...

Seus sentimentos a aterrorizavam. Amar Evan sempre tinha sido uma loucura. Ele tinha encontrado seu sucesso, sua vida, em Manhattan. Não havia esperança para eles como um casal. Além de tudo, havia aquela Cynthia perfeita.

E Robin. Sem mencionar Dave. Por que estava pensando daquela maneira?

Por que era tão impossível olhar para Evan e apenas pensar nele como um “amigo”? Ela conseguiu aquilo muito bem com Dave, mesmo depois de anos de casamento e muito sexo.

Aproximando-se do Bly Ranch, desacelerou Conti para acalmá-lo. Sua vontade era de poder acalmar seu cérebro febril.

Depois de levar o cavalo para o pasto, correu para casa para dizer olá. Na cozinha, a mãe lhe deu um abraço rápido e de mãos úmidas, e voltou a misturar os ingredientes para o bolo salgado, os quadris rebolando como uma adolescente ao som de uma canção de Patsy Cline no rádio.

No quarto de Robin, ela e sua amiga Kimiko estavam na internet e não notaram Jess enquanto estava na porta. Jess assistiu enquanto a filha clicava em meio a uma desordem de animais de pelúcia e cartazes pendurados, que iam desde Justin Bieber, vestido de roupa preta que eram demais para sua idade, até um de Elizabeth Taylor em *A mocidade é assim mesmo*, um clássico que Dave tinha dado a Rob em seu último aniversário.

Aquilo era a definição de perfeito. Aquela bela e brilhante menina. Dela e de Dave. Manter Robin segura e feliz era a coisa mais importante do mundo.

Optando por não interromper as duas, Jess saiu correndo para o estábulo. Nem sinal de seu pai, mas sua égua, Cadenza, irmã de Conti, não estava lá. Jess teria gostado de selar Mystique, a potranca que estava treinando, e se juntar a seu pai, mas em vez daquilo foi ao escritório. Acomodando-se por trás da mesa, viu que sua mãe, que lidava com a contabilidade da fazenda, pagara um monte de faturas e deixado de lado uma pilha de correspondência que precisava ser vista. Jess começou a fazer aquilo e tinha quase terminado quando ouviu o som de um veículo. Seu relógio apontava 5 horas.

Ela se apressou a sair e cumprimentou Dave com um abraço rápido.

— Perdi a noção do tempo. Espero que as meninas estejam prontas.

— Não tenho pressa. Contanto que não tenha de ver...

— Isso não vai acontecer, vou buscá-lo às seis.

Juntos, caminharam até a casa, e Miriam deu um grande abraço e um beijo em Dave. Em seguida, entregou-lhe uma faca e ordenou que fatiasse as maçãs para a torta que estava fazendo.

Jess foi ao quarto de Robin chamar as meninas. Como suspeitou, as duas ainda estavam amarradas ao computador.

— Seu pai está aqui — disse a Robin. — Hora de ir.

Jess empurrou as meninas lá para baixo, sua mãe tinha embalado biscoitos de aveia para Dave levar para casa, e para Kimiko, cujos pais tinham uma agenda lotada, sendo proprietários do único restaurante japonês na cidade.

— Deixe Kimiko em casa, então vocês dois voltam para o jantar — disse Miriam a Dave. — Você e Evan foram colegas de classe, afinal.

Um silvo escapou de Jess, e Dave enviou-lhe um olhar de advertência.

— Obrigado, Miriam, mas tenho planos para hoje à noite com Rob.

Por fim, Jess deu a Robin um último abraço especialmente apertado e um grande beijo e acenou até que a picape de Dave estivesse fora de vista. Ela passou a mão pelo cabelo, empoeirado de um dia de cavalgadas, imaginando se teria tempo para uma chuvairada.

— Ah, Jessica — disse sua mãe —, quando for buscar Evan, pode trazer um pouco de sorvete de baunilha? Para a torta de maçã.

Jess suspirou.

— Claro. E preciso abastecer a picape, também, então é melhor começar a me mexer.

Antes, tinha a esperança de parecer calma e arrumada; naquele instante, não conseguiria nem parecer limpa...

Conseguiu chegar na hora para buscar Evan, o que considerou de fato um feito. Quando ele abriu a porta, ela se sentiu em clara desvantagem. Ele tinha tido o bom senso de não se arrumar demais, mas parecia maravilhoso em calças cáqui e camisa de algodão branca com colarinho aberto e mangas arregaçadas. Cinco dias de sol tinham bronzeado a pele que era por natureza um pouco escura, herança da avó nativo-americana por parte de pai. O cabelo castanho-amarelado estava adquirindo brilhos dourados.

Ele parecia absolutamente delicioso e ela não queria nada mais do que ir para seus braços para um abraço e um beijo longo e demorado. Embora duvidasse que Evan fosse querer chegar perto dela imunda daquele jeito. Um toque e a poeira sujaria a camisa imaculada.

Ela olhou para seus pés. Mocassins de couro, polido a um brilho lustroso. Um total contraste com suas botas de cowboy sujas. E conteve um suspiro de arrependimento.

— Vamos em frente. Estou atrasada.

— Desculpe eu ser mais uma de suas tarefas.

Ela olhou para cima de novo, viu seu sorriso sincero, e de repente, sentiu-se melhor.

— Ah, Ev, você não é uma tarefa. Vamos, mamãe vem cozinhando para um exército...



O estômago de Evan roncou, distraíndo-o de pensar como Jess parecia bonita, despenteada e sexy. Lembrou-se de todas as ocasiões em que se empanturrava na cozinha dos Bly, e depois era levado de volta para casa com um saco de sobras, um reconhecimento tácito de que os armários de sua casa eram geralmente vazios.

— Mal posso esperar — disse ele, carregando o saco de papel contendo uma garrafa de vinho que ele tinha comprado no bar do Crazy Horse.

Subiu na picape empoeirada e Jess dirigiu pela estrada de cascalho em direção à rodovia. Música Country e Western tocavam no rádio e ele se lembrou de como ele e Jess discutiam sobre qual estação ouvir. Naquele momento, em vez de brincar sobre seu gosto musical, precisava contar a ela sobre seu relacionamento com Gianni. Estendeu a mão para o botão e baixou o volume.

Estava abrindo a boca quando Jess disse:

— Ev, você sabe que o assunto de sua mãe pode vir à baila?

— Bem, não serei eu a fazer isso — mesmo assim, o fato de estar tão perto de Caribou Crossing nos últimos dias o fez pensar sobre Brooke mais do que uma vez. Ele não pôde resistir a perguntar sobre ela. Lutando para manter um tom casual na voz, perguntou: — E então, o que ela está fazendo? Ainda usando o cheque da Previdência Social para comprar sua cerveja?

Jess balançou a cabeça.

— Sem cerveja, e ela não tem usado a Previdência há anos. Evan, você não vai acreditar como Brooke se recompôs. Ela trabalha para a tia Kate na loja. O velho Cut'n' Curl se chama agora Beauty is You, e é muito moderno. Para Caribou Crossing, de qualquer maneira. Brooke está ótima.

— Uau.

Ele tentou ruminar a ideia de sua mãe não estar mais bebendo, de estar trabalhando num emprego de verdade. Se não a conhecesse, acharia que Jess estaria brincando. Mas ela nunca faria piadas sobre Brooke.

Tentou conciliar a imagem que sua amiga tinha pintado com as lembranças que tinha da mãe.

— Brooke tinha uma propensão para essas coisas femininas quando queria... — disse lentamente. — Quando não estava... Fora de si. Às vezes, ela parecia tão jovem e bonita — Evan balançou a cabeça, lembrando-se. — Então, de repente, lá estava ela no The Gold Nugget Saloon, bebendo até acabar o dinheiro, para depois voltar para a casa toda bagunçada. Não pentearia seu cabelo por dias a fio. Não sairia da camisola e, às vezes, nem da cama.

Não acrescentou o resto. Durante os períodos ruins cada vez mais frequentes, ela não cozinhava, nem comprava mantimentos, muito menos conseguia lavar roupa e limpar a casa. Evan havia se tornado autossuficiente. Ele tentou passar de maneira discreta, também, sabendo que sua mãe não o queria, não o amava. Que ela o culpava, e a seu pai, por arruinar sua vida.

Quando o dinheiro da Previdência acabava, Evan não queria gastar em comida o que recebia em seus empregos de meio período. Aquele era o “fundo para escapar de Hicksville”, que vinha acumulando para o dia em que se formasse no colégio. Não, ele sabia que sempre podia contar com os convites permanentes da senhora Bly para jantar.

E então ali estava ele, dirigindo-se para a fazenda para uma daquelas refeições. Até onde ele tinha vindo...

— Lembranças? — A voz de Jess era gentil.

— Eu não sei o que foi pior, os maus momentos ou os bons. Quando Brooke estava feliz ela era incrível, borbulhava como champanhe. Ela se vestia com roupas lindas e coloridas, arrumava o cabelo. Conseguia um trabalho como garçoneiro ou balconista, trazia dinheiro e comida para casa, não bebia e...

— O quê?

— Dizia que me amava — respondeu com tristeza. — Era como viver em um lindo sonho. Pura ilusão, mas de tempos em tempos eu mergulhava nele porque queria acreditar naquilo desesperadamente.

Ele olhou para a frente, observando o desenrolar da rodovia de duas pistas e o cenário que era o mesmo de sempre: cercas ao longo da estrada, gado pastando nos campos, de vez em quando uma casa e um celeiro, e colinas baixas ao fundo. Sua visão periférica lhe disse que Jess olhava para seu lado.

— Você devia acreditar — disse ela. — A mulher amorosa era a verdadeira.

— A mãe que ama seu filho vai às reuniões de pais e mestres. Quando você é pequeno, ela o coloca na cama e lê histórias, e quando está mais velho, espera-o acordada e lhe dá uma bronca por chegar tarde.

Evan achou ter superado a amargura há tempos. A acidez, porém, tingia sua voz.

Quase sem que se ouvisse, acrescentou:

— As mães que amam seus filhos não se importam de serem chamadas de “mãe”...

A mão de Jess se moveu, tocou-lhe a coxa e depois recuou.

Evan apreciou sua compaixão. Era um homem crescido, porém. Devia sair do assunto de sua mãe. Precisava contar a Jess sobre o motivo para estar ali. Como começaria?

— Evan? Você percebe que Brooke estava doente?

Sua pergunta o distraiu.

— Quer dizer alcoólica, certo? Sim, ela e meu pai eram alcoólatras. Sei que isso é uma doença, mas não é um consolo quando você é o garoto que sofre por isso.

— Eu sei. Mas era mais do que isso, Ev. Todos aqueles dias quando ela não podia sair da cama?

— Depressão clínica? Provavelmente, sim. Mas ela não fez nada sobre isso. Nunca foi a um médico. Nunca me levou também. Nem mesmo na época em que quebrei meu braço — ele pigarreou. — Na época em que *ele* quebrou meu braço. — Os dias de negação estavam muito longe.

Ele olhou para o perfil solene de Jess, depois disse:

— Brooke tinha de saber que ela poderia obter ajuda para seus problemas. Mas ela não queria ficar melhor. Ela gostava de ser infeliz.

Jess virou a picape e saiu da rodovia para entrar na trilha cheia de cascalhos, e ele se virou para ver a placa “Bly Ranch”. Era a mesma que se lembrava, de madeira, porém mais desgastada depois de dez anos na chuva e no sol. Ah, merda, eles já estavam chegando. Tinha perdido a oportunidade de confessar sua história, e ainda assim não se arrependera de ouvir as notícias sobre sua mãe.

— Meu Deus, eu não posso acreditar que Brooke finalmente conseguiu se ajustar.

Jess assentiu.

— Ela sofreu um acidente de carro. Tinha bebido. Bateu em uma árvore, e não, ela não fez mal a ninguém, a não ser a si mesma. Acabou no hospital. Ela estava maníaca, o médico a diagnosticou como tendo transtorno bipolar e a colocou sob medicação.

— Transtorno bipolar — ele assobiou baixinho. — Jesus! — Repassou as memórias. Os períodos sombrios, escuros, e sim, eles se alternavam com os momentos em que ela estava quase freneticamente ativa e alegre. — Droga. Eu deveria ter percebido.

— Você era uma criança.

— Depois. Eu deveria ter percebido isso quando cresci.

Mas sempre evitou pensar sobre seus pais.

Jess não comentou.

Evan quase se sentiu em estado de choque.

— Então, ela foi diagnosticada — disse ele, com lentidão —, e está usando medicação?

— Sim. Já se passaram quatro anos. Ela se juntou ao A.A. na época também, e manteve-se sóbria. Ela vai à igreja todos os domingos. — Jess lançou-lhe um olhar de soslaio. — Ela deve gostar da pessoa que veio a se tornar, ou a que encontrou dentro de si mesma.

Ele percebeu que estava balançando a cabeça devagar, não em descrença, mas maravilhado:

— E quem é essa pessoa?

Eles ainda não estavam na casa, mas Jess puxou a picape para a beira da estradinha, parou e se virou para ele.

— Por que não vai ver por si mesmo?

— Não!

Uma coisa era Jess lhe contar sobre sua mãe, e talvez ele pudesse até acreditar nela. No abstrato. Bom para Brooke se tivesse realmente construído uma nova vida para si mesma. Ele tinha feito o mesmo. Contudo, não havia razão para que aquelas duas vidas se cruzassem.

Evan balançou a cabeça com firmeza.

— Não tenho necessidade disso, e por que ela iria querer me ver? Eu sou o menino que arruinou sua vida. Vou lembrá-la de um passado que prefere esquecer.

— Ev, ela se orgulha de você.

— O quê? Ela não sabe nada sobre mim.

— Ela sabia que você era obcecado em ter sucesso, e sabia que conseguiria. Sua mãe pesquisa no Google e sabe muito sobre sua carreira.

— Você fala com ela? — Por que aquilo lhe parecia uma traição?

— Ela corta meu cabelo. — Jess deu uma risada suave e mexeu em seu rabo de cavalo. — E se desespera comigo. Tudo o que deixo que faça é cortar alguns centímetros das pontas. E ela continua me dizendo que eu deveria fazer as unhas. — Jess acenou com a mão direita no rosto. — Estas unhas. Dá para imaginar?

Suas unhas eram o mais curto que se podia ser, e se beneficiariam de uma escova de unhas.

Tentou imaginá-la com uma manicure extravagante, como Cynthia, e riu.

— Algumas coisas não mudam.

Jess deu de ombros.

— Sim, odeio usar maquiagem e, muitas vezes, esqueço-me de passar protetor solar. — Ela lhe lançou um piscar de olhos travesso. — Suponho que Brooke aprovaria completamente sua Cynthia. — Seu tom ficou sarcástico. — Mas Cynthia deve pagar dez vezes mais por um corte de cabelo do que cobra sua mãe e nunca permitiria que uma cabeleireira caipira tocasse em suas preciosas madeixas.

Evan deu tapinhas sob o queixo dela.

— Venenosa.

Por que seus dedos deveriam queimar com aquele leve toque na pele de Jess?

— Mas é verdade?

— Sim, é verdade. A aparência de Cynthia é uma parte importante da personalidade dela e de quem é.

— Ao contrário de alguns de nós, que têm coisas melhores para fazer com nosso tempo.

Assim fazia Cynthia. Ela trabalhava tanto quanto Jess, e seu cabelo arrumado e unhas bem-feitas eram tanto parte de seus trajes profissionais quanto as botas e camisas de vaqueiro eram de Jess. Evan imaginou que dizer isso só iria ferir os sentimentos de sua amiga.

— Você está ótima — disse ele. — Tão bem quanto ela sempre está — ele, de fato, estava sendo sincero. E poderia ter acrescentado que seu estilo natural era ainda mais sexy, mas de jeito nenhum falaria uma coisa daquelas. Não conseguia entender

por que ele mesmo se sentia daquele jeito, quando Cynthia era exatamente o tipo de mulher com quem sempre imaginou compartilhar sua vida. — O que acontece é que vocês são apenas tipos diferentes de mulher. Você é natural e ela é mais... — parou, não sabendo como se expressar.

— Sim? — Aquele brilho malicioso ainda se escondia em seu olhar. — Você ia dizer “artificial”?

— Não ia, e ela não é artificial. — Cynthia era tão genuína em sua maneira como Jess era na dela. — Sofisticada.

Ela virou seu rabo de cavalo novamente.

— Ok, não estou ofendida. A última coisa que quero ser é sofisticada.

Ele agarrou aquele rabo de cavalo pendurado e o puxou.

— Sorte sua, porque essa é a última coisa que você seria...

Jess mostrou a língua, e logo ambos estavam rindo. Evan adorava a risada dela. Era envolvente e generosa, como a própria mulher.

Enquanto sustentavam o olhar um do outro, as risadas viraram sorrisos. Sorrisos que suavizaram nas bordas em incerteza. Do lado dele, em saudades.

Evan não tinha ideia do que Jess sentia, mas de repente ela se ocupou em levar a picape de volta para a estrada.

E assim, tão de repente, ele percebeu que havia se permitido ficar distraído de novo.

— Jess, você poderia parar novamente por alguns minutos? Há algo que eu preciso falar com você.

— Sem chance! E arriscar a ira de mamãe? Há sorvete derretendo no banco de trás. — Ela pisou com mais firmeza no pedal do acelerador.

Resignado, Evan se virou para o cenário: campos verdes marcados por cercas; um rebanho de vacas pastando à distância; três cavalos em um cercado. A linha de árvores ao longo do riacho era mais alta do que se lembrava, mas era praticamente aquilo que tinha mudado em dez anos. Ele nunca tinha prestado muita atenção à fazenda de gado Bly, mas tinha estado lá tantas vezes que devia ter absorvido as imagens por osmose.

— Choupos — murmurou.

— Não posso acreditar que você se lembrou disso.

— Não me lembrei. Não conscientemente. Eu ouvi sua voz na minha cabeça. Estávamos brincando perto do riacho, e lá estava aquele negócio fofo e branco espalhado pelo chão. Tinha um cheiro estranho. Eu perguntei o que era e você disse que veio dos choupos.

Ela não disse nada, mas seus lábios se curvaram em um sorriso.

Quando Jess desligou o motor, um cão correu na direção deles. Era de médio porte, todo preto com um pouco de branco em alguns lugares, orelhas pontudas e uma cauda longa e espessa.

— Este é Pepper — disse ela de cócoras, acariciando o corpo que se contorcia. — É nosso cão de gado, um blue heeler australiano.

— É bem novinho.

Ela olhou para ele.

— Como você sabe disso? Você nunca foi uma pessoa que gostasse de animais.

— Eu me lembro de você dizendo que se as patas de um cão são grandes demais para ele, ainda não está totalmente crescido. Isso ficou comigo — ele sorriu. — Além disso, olhe para ele. Ele não tem absolutamente nenhuma dignidade. Tudo nele demonstra ser um filhote.

Evan abaixou-se e acariciou o cão algumas vezes, sentindo o pelo quente agradável de tocar. Ele ficou menos satisfeito com as lambidas desleixadas que pousaram em sua mão.

Ele se levantou e limpou a mão escrupulosamente nas pernas da calça.

— O que aconteceu com Dandy? — A *border collie* dos Bly sempre tentava dormir na cama de Jess, à noite, e muitas vezes tinha sucesso.

— Ela morreu no ano passado. Velhice. Foi difícil para todos. Especialmente para Rob.

Com Pepper em seus calcanhares e Evan a seguindo, ela se dirigiu para a porta dos fundos.

No instante em que atravessaram a porta da cozinha, a senhora Bly deixou a faca cair.

— Evan! — Ela correu para a frente e envolveu-o em um abraço, e ele abraçou-a de volta, as lembranças e o afeto trazendo um começo de lágrimas nos olhos.

Felizmente, ela deu um passo para trás antes que ele envergonhasse a si mesmo.

— Deixe-me olhar para você — disse ela. — O pequeno Evan Kincaid, crescido. Não posso acreditar como você ficou alto. Não ficou, Jessica?

— Verdade — disse Jess secamente atrás dele.

A mãe de Jess não tinha mudado muito, ainda estava em forma numa camisa solta e calça jeans, porém agora havia alguns brilhos grisalhos no cabelo ondulado, que se misturavam com os fios castanhos-claros.

— Senhora Bly, foi tão gentil de sua parte me convidar.

— Bobagem, querido. No momento em que Jessica disse que você estava aqui, insisti para que ela o trouxesse. Não conseguia imaginar você visitando Caribou Crossing e não vindo nos ver! Estou morrendo de vontade de ouvir tudo o que

aconteceu desde que saiu da cidade. E, antes que me esqueça, me chame de Miriam, tudo bem?

— Preciso de um banho — disse Jess. — Vocês dois podem ficar conversando.

— Não sem seu pai. Ele nunca me perdoaria. Jessica, vá se lavar. Evan, Wade está fora, no escritório. Será que você pode trazê-lo? Eu só tenho de terminar a salada, e então nós estaremos prontos para comer. Sorvete, Jessica?

— Ah, droga, está na picape. Vou buscá-lo.

Tinha esquecido o sorvete? Ele percebeu que havia esquecido o vinho. Que belo par os dois faziam...

— Eu faço isso — disse Evan.

Alguns minutos a mais não fariam mal. Ansioso para ver o pai de Jess, Evan trilhou o caminho de seixos familiar, que passava pela horta e pelo jardim dos Bly, direto até o estábulo, onde uma parte tinha sido convertida em um escritório.

Ele achou Wade Bly debruçado sobre uma pilha de papéis, coçando pensativamente sua curta barba manchada de prata. O pai de Jess não o ouviu chegar e Evan parou na porta, observando o homem mais velho. A senhora Bly — com seu cabelo cor de areia, sardas e abundante energia — não parecia ter envelhecido, porém o marido era um homem diferente. Ou, talvez, o pai daquele homem vigoroso que Evan havia conhecido.

Entretanto, quando ele olhou para cima e viu Evan, o sorriso de Wade expulsou todos os anos.

— Filho, é bom ver você.

Ele caminhou para Evan, a mão estendida. Sua caminhada estava um pouco torta, mas seu aperto de mão era firme.

— Igualmente, senhor.

O homem mais velho riu e seus olhos — os olhos cor de chocolate de Jess — brilharam.

— Senhor? Eu posso parecer mais velho do que as colinas, mas não preciso ser lembrado disso. Chame-me Wade, agora que você é um homem adulto.

— A senhora... Hã... Miriam disse que o jantar está quase pronto e me pediu para vir buscá-lo.

— Hoje cedo, Miriam tirou todos os livros de receitas para fora. Estava preocupada por não poder competir com os restaurantes chiques de Nova York. Eu disse a ela que você provavelmente gostaria de comer um dos pratos da boa comida caseira. Imaginei que não teria mudado tanto assim... — e ergueu uma sobrancelha.

— Não era o seu mundialmente famoso bolo salgado que cheirei?

— E purê de batatas e molho, biscoitos, cenouras glaciadas.

O estômago de Evan deu um grunhido de aprovação.

— Os meus favoritos.

— Eu sei. Embora ache que você poderia comer praticamente qualquer coisa que ela colocasse na sua frente.

A expressão do homem mais velho ficou séria, dizendo algo sem exatamente colocá-la em palavras.

Evan assentiu.

— Essa é a verdade. E eu sou muito grato.

Por mais do que apenas a comida, ele queria dizer, e ele sabia que Wade Bly tinha entendido.

Wade assentiu.

— Ficamos felizes em ajudar. Você foi amigo de nossa Jessie e um bom rapaz a seu modo. Você foi, e sempre será, bem-vindo em nossa casa.

Os dois homens entreolharam-se e depois olharam à distância. Evan teve de limpar o nó na garganta antes que pudesse dizer:

— Isso significa muito.

— Bem, não vamos deixar Miriam esperando.

Quando começaram a percorrer o caminho de volta, Evan novamente notou o outro coxeando um pouco.

— Como tem passado, senhor?

Na carranca exagerada do homem mais velho, ele emendou:

— Desculpe, quero dizer, Wade.

— Estou bem, mas dei um susto na mulherada. Tive um acidente vascular cerebral há alguns anos e demorei um pouco para me recuperar. Jessie é uma santa. Poderia ter perdido a fazenda, mas não, graças a ela. Ela ainda faz muito mais do que seria sua parte. Essas duas mulheres estão sempre em cima de mim, para eu desacelerar.

Evan tinha pensado em Jess como alguém sem praticidade e sem ambição, por não ter conseguido realizar nada nos últimos dez anos, quando, na verdade, ela ajudara os pais a manter o rancho.

— Fiquei surpreso ao ver Jess no Crazy Horse. Nunca imaginei que ela acabaria sendo babá de um monte de turistas.

— É um bom trabalho. Ela ainda tem sonhos, no entanto... — Wade deu um sorriso carinhoso. — Você conhece nossa Jessie.

— Mas ela não seria uma boa sócia no rancho? Jess poderia tomar posse dele gradualmente, e seria dela quando você se aposentasse. — Aquele poderia ser um sonho mais factível do que o negócio de treinamento de cavalos.

— Você acha, não é? Mas ela recusou. A garota não tem amor pela pecuária. A pessoa deve fazer o que ama. Se puder... — Wade parou para pegar um par de brotos mortos de uma roseira. — Mas não preciso lhe dizer isso. Você era o mais decidido de todos os garotos.

Pepper apareceu para cumprimentá-los. Wade se inclinou lentamente para dar tapinhas na cabeça e Evan se agachou para acariciá-lo.

— Sempre achei que você não gostasse muito de animais — comentou Wade.

— Eles me deixavam desconfortável. Não sabia como agir com eles... — Evan deu no cão um tapinha final sobre suas ancas.

— Não é preciso agir de nenhuma maneira em particular, especialmente com cães. Basta ser simpático e amigável e eles ficarão felizes — dizendo isso, Wade passou um braço em volta dos ombros do rapaz. — Fico feliz em ver que você tem afrouxado um pouco.

Quando se aproximaram da porta dos fundos, Evan estalou os dedos.

— Vá em frente. Eu tenho de pegar algo na picape.

Ele agradeceu a oportunidade de ficar sozinho, para lidar com as desacostumadas emoções que ameaçavam inundar sua alma. Depois de anos de ausência e silêncio, não podia acreditar o quão inquestionavelmente bem os Bly o estavam acolhendo. Ele não merecia tamanha generosidade.

Especialmente tendo em conta a razão pela qual estava em Caribou Crossing.

CAPÍTULO 9



QUANDO CHEGOU À picape para buscar o sorvete e a garrafa de vinho, Evan pensou em jantares nas casas das pessoas em Manhattan. Saudações brilhantes e superficiais; refeições que eram, com frequência, mais modernas do que saborosas, muitas vezes compradas de bufês e não feitas pelos anfitriões, e sempre com contagem das calorias.

Nada comparado ao abraço caloroso de Miriam Bly ou ao firme aperto de mão do marido. Ou, pensou enquanto corria de volta para a casa, com o cheiro do bolo salgado.

Ele colocou o sorvete no congelador e entregou a Wade um saco de papel marrom. Miriam veio olhar.

— Vinho. Que gentil.

Evan havia escolhido, consultando Will no Crazy Horse — e não dizendo que iria ao Bly Ranch, apenas que jantaria com alguns hóspedes e queria um vinho especial, um Syrah de uma adega na Colúmbia Britânica, chamado Red Rooster. Ele deveria saber que qualquer que fosse a escolha que fizesse, o vinho teria sido recebido com igual prazer.

Evan estava lavando as mãos na pia da cozinha quando Jess se juntou a eles, com o cabelo úmido sobre os ombros e uma camisa azul sem mangas que ela usava com capris de algodão bege. Quando ela passou, Evan cheirou algo cítrico, o tipo de aroma natural que vem com o xampu ou a loção para o corpo, e não perfume.

Cynthia foi sempre a primeira a testar o mais recente lançamento de Calvin Klein. Ele nunca teve a coragem de dizer a ela que achava o perfume enjoativo. Às vezes,

depois de ter estado com ela, desejava poder esfregar a parte interna do nariz para se livrar daquele cheiro persistente.

Com Jess, queria levantar o cabelo dela, enterrar o nariz na nuca e inspirar seu cheiro. Então, beijaria a pele macia e... Droga! Mesmo com os pais ali, Evan estava ficando excitado.

Deixando Wade trabalhar com o saca-rolha, olhou em torno da cozinha. Parecia da mesma maneira como ele se lembrava, com as paredes de um amarelo pálido e o piso de cacos marrons. Era aquela mesma boa e velha cozinha, em que eles costumavam fazer os deveres de casa, só os equipamentos eram novos. Assim como as telas. Foi até a geladeira para inspecionar uma aquarela sem moldura de cavalos em um pasto, que estava presa na porta. Era infantil e, no entanto, o artista tinha feito um grande trabalho de capturar o sentido de espírito e o movimento.

— Sua filha? — Perguntou a Jess.

— O quê? — Copos de vinho se tocaram quando ela apressadamente virou-se do armário onde os estava pegando.

— A artista é sua filha? — Esclareceu ele.

Jess viu o que ele estava olhando.

— Ah. Sim, isso é de Rob.

— Seus cadernos escolares estavam cheios de esboços de cavalos.

— Robin é igual — disse Miriam. — Ela é muito parecida com a mãe. Exceto que Robin de alguma maneira também consegue fazer o dever de casa e obter boas notas.

— Nossa Jessie sempre ficava distraída — disse seu pai, rindo.

Miriam virou-se para Evan.

— Lembra como a gente sempre chamava você para jantar antes de uma prova? Era para garantir que ela estudasse.

— Isso é certamente uma coisa que Robin recebeu de seu pai — disse Wade. — Ela é extremamente bem organizada.

Os copos bateram de novo, e todos eles se voltaram para olhar para Jess.

— Desculpe — ela murmurou. — Estou meio desajeitada esta noite.

— Onde está Robin? — Perguntou Evan.

— Hoje ela está com o pai — disse Jess.

Evan tinha ficado curioso para conhecer a garota e, então, parecia que nunca o faria. A não ser que ficasse uns dias a mais, o que talvez acontecesse para levar a cabo a missão de Gianni.

— Que pena — respondeu ele. — Queria conhecê-la.

— Jessica achou que nossa conversa de adultos iria aborrecê-la, então a mandou ficar com Dave — disse Miriam. — Embora eu deva dizer que a menina é quase tão madura em sua conversa como você na mesma idade, Evan.

— Isso vinha dos livros.

— Com Rob, é a influência de seu pai — disse Jess, com rapidez. — Dave fala de negócios com ela como se fosse adulta.

— Pronto! Todo mundo, o jantar está pronto — anunciou Miriam. — Evan, sente-se porque você tem a primazia de se servir primeiro.

— Estou com água na boca.

Por hábito, sentou-se na cadeira que tinha sempre se sentado, e os outros fizeram o mesmo, o que colocou Jess em frente a ele.

— Você é tão educado — disse Miriam. — Esta comida não é nada comparada com a que está acostumado.

— Graças a Deus por isso. — Ele cortou uma porção razoável do bolo salgado. — Eu comi em lugares em que a metade de uma codorna já é considerada uma porção exagerada.

Logo, ele fez todo mundo rir enquanto descrevia, em termos ultrajantes, várias refeições de Manhattan. O engraçado era que ele exagerou só um pouquinho. Por mais que ele amasse Nova York, os restaurantes que Cynthia costumava escolher se saíam melhor em alimentar uma mulher esbelta como ela do que um cara grande como ele.

Ele estendeu a mão para pegar o molho, mas Jess havia chegado lá primeiro.

— É bom ver uma mulher com um apetite saudável — ele comentou, quando ela derramou molho sobre uma enorme pilha de purê de batatas.

— Costumo queimar cada grama de caloria. Se uma garota realmente trabalha para ganhar a vida, ela pode se dar ao luxo de desfrutar de sua comida — e empurrou a tigela para Evan. — Imagino que Cynthia seja elegantemente magra... — Antes que ele pudesse responder, Jess disse a seus pais: — A amiga de Ev é advogada.

— Ah? — Disse Miriam. — Uma amiga minha e seu marido têm um escritório de advocacia em Caribou Crossing. Qual é a especialização de Cynthia?

— Finanças corporativas — respondeu Evan.

— Meu pai lidava com empréstimos comerciais para o banco — disse Miriam. — Mas eu admito, os livros do Bly Ranch são tão complicados quando se trata de finanças... Não sei muito bem o que são essas finanças corporativas.

— Bem, é... Ah, não importa, não é muito emocionante.

Ele se sentiu desleal, porque o trabalho de Cynthia era de fato emocionante, pelo menos a ambos, mas ali, na casa dos Bly, tornaria a conversa maçante. Assim como falar do próprio trabalho.

Quando Wade comentou:

— E você é um consultor de investimentos de sucesso.

Evan deu de ombros:

— Eu combino as metas de curto e de longo prazo das pessoas com um portfólio de investimentos que melhor as atenda.

— Parece um desafio. E que vale a pena.

Vale a pena. Ele nunca pensou em sua carreira em termos de valer a pena, não no sentido que Wade dizia, mas apenas em termos de conquistas.

Ele olhou para a esquerda, depois à direita, notando o ligeiro tremor na mão de Wade e as linhas ao lado da boca de Miriam. Pessoas simples, tentando se agarrar a um rancho, prever a aposentadoria, deixar algo para a filha e a neta. Pessoas simples, com objetivos simples. Ao contrário de muitos de seus clientes ricos, cujos objetivos eram evitar impostos, viver comprando maiores e melhores empresas, e justificando o custo dos jatos particulares.

Ficou surpreso ao perceber que podia ser satisfatório ajudar pessoas como os Bly.

— Tenho certeza de que você é maravilhoso em seu trabalho — disse Miriam.

— Eu me dei bem — respondeu ele, com calma — Tenho minha própria empresa.

— Uma conquista impressionante, filho — disse Wade.

— Mas nós sempre soubemos que você seria um sucesso — opinou Miriam.

Do outro lado da mesa, Jess tirou um chapéu imaginário para ele, e o gesto parecia sincero, não zombeteiro. Evan sentiu um brilho de calor, deleitando-se no respeito daquelas pessoas por ele. Elas não formavam um público exigente, e suas opiniões importavam.

Na verdade, ele sentiu como se tivesse voltado para casa.

Foi mais um pensamento surpreendente, como tantos outros naqueles dias. Um que trouxe novo e desconcertante fluxo de umidade para os olhos. Por isso, concentrou-se por alguns minutos em comer o delicioso jantar e recuperar a compostura.

Droga, ele não queria enganar aquelas pessoas. Por isso, não queria divulgar sua relação com Gianni ali e naquele momento; era algo a ser discutido em particular com Jess. Mas poderia ser franco sobre sua carreira, e à luz do que tinha acabado de ver, graças a aquela conversa:

— Com toda a honestidade, gasto a maior parte do meu tempo fazendo as pessoas ricas ficarem ainda mais ricas.

Jess e seus pais trocaram olhares, obviamente à caça de palavras educadas.

— Sei que é um trabalho duro, mas alguém tem de fazê-lo — disse Evan com secura.

Aquilo lhe rendeu algumas risadas incertas.

Então, viu-se desejando lhes contar sobre seu projeto tão acalentado, não tanto para provar que era uma pessoa com um lado bom, mas porque sabia que eles entenderiam:

— Meus clientes não são todos ricos e mimados. Um deles é um astro do basquete, LeVaughn Duvall. Não sei se já ouviram falar dele.

— Claro que sim — respondeu Wade, de pronto. — Esse homem tem verdadeiro talento. Ele é um bom jogador de equipe, também.

— É mesmo. Bem, estávamos conversando durante um almoço sobre como a mãe dele era pobre, e como o criou depois de seu pai ser morto em uma guerra de gangues. Ele me disse que se sentia quase culpado por ganhar tanto dinheiro. Tive a ideia de que ele poderia ajudar outras crianças que nasceram com as cartas marcadas contra elas, e o homem ficou muito interessado. Montamos um fundo de bolsas de estudo para crianças carentes, a Fundação Gimme a Break.

Evan estava falando muito rápido, e não conseguia parar.

— Outra cliente, que ficou abalada quando o marido foi diagnosticado com Alzheimer, criou uma fundação para financiar uma instituição para os pacientes que não podem pagar pelos cuidados adequados.

Jess sorriu para ele quando seu pai disse:

— Muito louvável.

— E gratificante — acrescentou Miriam. — Que bom, você deve ter a sensação de ser uma parte desses projetos. Por ser capaz de fazer uma diferença real na vida das pessoas.

Sim, era uma das melhores partes de seu trabalho. Ele sorriu para os outros ao redor da mesa.

— Sua vez. Agora me atualizem sobre o que estão fazendo.

Depois de terem discutido sobre a fazenda, o jardim, e o crescimento da cidade, com o tema de sua mãe nunca tendo sido levantado, Wade disse:

— E, claro, Jessie tem um grande plano de um negócio que gostaria de iniciar.

O pai de Jess tinha dado a Evan a dica perfeita para perguntar. Detestava a ideia de questionar Jess antes de revelar sua missão, mas não pareceria natural não perguntar sobre aquele grande plano.

— Eu me lembro dela ter falado algo... — e tomou um gole de vinho, enquanto amaldiçoava Gianni interiormente, e a falta de uma oportunidade ao longo dos últimos dias para dizer a verdade a Jess. — Qual é esse grande plano, Jess?

— Um campo de treinamento de equitação — Jess lhe lançou um olhar cauteloso.

— Quer dizer, um lugar onde você iria dar aulas de equitação?

— Bem, sim, mas mais do que isso.

Sua mãe levantou as sobrancelhas.

— Jessica! — Ela virou-se para Evan. — Normalmente, ela vai continuar e continuar falando nisso.

— Eu gostaria de ouvir — disse ele. Lembrando-se da sugestão de Cynthia de que ele intimidava Jess, acrescentou: — Embora aposte que o Crazy Horse sentirá muito sua falta. Estou muito impressionado com o que você faz lá. O programa de equitação e os cavalos são excelentes, e você é ótima com os hóspedes. — Era a verdade, e ele esperava que aquilo pudesse reforçar sua confiança e vontade de compartilhar suas ideias.

O sorriso dela era caloroso.

— Obrigada. Eu considero um de meus maiores triunfos você estar se transformando em um cavaleiro talentoso.

Jess respirou profundamente.

— Tudo bem, meu plano é o seguinte. Ev, um dia você perguntou se os hóspedes no Crazy Horse me deixavam louca. Bem, não, eles são ótimos, mas eu prefiro trabalhar com verdadeiros amantes de cavalos. Quero montar um campo em que as pessoas possam ir por duas ou mais semanas e se concentrar totalmente em cavalos e equitação. — Ela se inclinou para a frente, com os cotovelos sobre a mesa, os olhos brilhando. Ali, no ambiente descontraído de sua cozinha, ela foi finalmente se abrindo.

— Seria sem frescuras — continuou. — Os hóspedes não bancariam cowboys de fins de semana e não haveria nenhum spa de luxo. Eu teria o básico para manter a forma e o conforto, como massagem e banheira de hidromassagem, mas nada extravagante. Natural, rústico, sem luxos. E os hóspedes trabalhariam duro. Eles estariam montados em cavalos na maior parte do dia, tendo aulas e fazendo passeios pelo campo e pelas montanhas. Seria um campo de treinamento para verdadeiros vaqueiros, que incluiria cuidar do próprio cavalo e dos arreios, e aprender sobre a comunicação com os cavalos.

Seu entusiasmo era contagiante. Quando ainda menino, ele ouvira seus sonhos e a apoiara, mas não tinha de fato compreendido. No entanto, após a exposição de alguns dias em seu mundo dos cavalos, Evan tinha compreendido melhor o que ela estava falando.

— Parece intrigante. — Refletindo, perguntou: — Há mercado para isso? Quero dizer, parece que as pessoas que tenham interesse real em cavalos já estão cavalgando, e os demais são os que têm um interesse casual, como o grupo no Crazy Horse.

Ela olhou para longe.

— Acho que tem mercado. — A faísca havia deixado sua voz.

Ela *achava*? Parecia que era aquilo o que temia: sonhos, sem substância. — Você pode fazer uma pesquisa na internet. Veja o que há lá fora, em outras partes do mundo. O público-alvo deles, quais são os programas oferecidos. — *Vamos, Jess*, pediu ele em silêncio, *coloque seu plano em ordem*.

— Em meu tempo livre — murmurou Jess.

Wade olhou para ela, depois para Evan.

— Na verdade, Robin tem algumas ideias. O ano letivo está quase acabando e ela diz que fará uma pesquisa de mercado comparativa nas férias de verão.

— Menina esperta, essa — disse Evan com respeito.

— O pai dela está ensinando como ele dirige o Wild Rose — continuou Wade — e ela está bem enfronhada nos princípios do mundo dos negócios.

Mais do que a mãe dela, era óbvio.

— Não quero que seja um lugar só para os ricos — disse Jess. — Quero que a oportunidade de cavalgar esteja disponível para pessoas que ganham menos por mês do que o Crazy Horse cobra por semana. Acho que estar ao ar livre, na natureza, conectando-se com um animal, aprendendo a ser competente na equitação e a ficar em forma, faz diferença real na vida das pessoas.

— Você tem razão. — Era aquilo que Gianni tinha tentado explicar sobre o ambiente do lugar. Se Evan não tivesse estado ali nos últimos dias, nunca teria entendido. — Você está falando de crianças ou de adultos?

— Adultos com suas famílias, para começar. Seria menos complicado, mas assim que estiver tudo estabelecido, gostaria de expandir para incluir um miniprograma de acampamento de verão. O lugar seria baseado na filosofia de que aqueles que podem pagar mais irão fazê-lo de bom grado para que suas tarifas possam subsidiar os menos afortunados.

— É uma ideia interessante. — Poderia funcionar? Se houvesse realmente um mercado, e se ela tivesse um financiamento para começar e... Havia um monte de “ses”... — Então, qual é seu plano? — perguntou. — Onde vai montá-lo?

— Aqui. Papai e mamãe vão transferir a propriedade do rancho e usarei um canto dele, lá perto da estrada, para os chalés e outras instalações. Vamos dividir os pastos e os equipamentos maiores.

E ela, sem dúvida, continuaria a tentar dirigir o rancho enquanto tocaria a própria operação. A menos que pudesse convencer seu pai a contratar um assistente.

— Isso vai reduzir muito seus custos iniciais.

Jess assentiu com a cabeça.

— Vou começar pequeno. Um pequeno hotel com uma cozinha, sala de jantar e escritório. Um alojamento para solteiros e um punhado de chalés para casais e famílias. Tudo projetado para permitir a expansão ao longo dos anos, de uma maneira prática e atraente. Um estábulo, é claro. Cavalos que eu possa arcar e que sejam baratos e treináveis. Evan, contei a você sobre Ty Ronan, lá em Frasher Valley, que está trabalhando com cavalos resgatados, curando-os física e emocionalmente. Nós conversamos sobre ele me vender alguns de seus cavalos. Eu vou pagar superbarato, e treiná-los.

— Isso tudo parece bom — admitiu Evan. — Vai dar um monte de trabalho, porém, mesmo em uma pequena escala, e vai ser um investimento pesado.

— Estou à procura de investidores. Se forem pessoas que amem cavalos, eles terão estadia gratuita um mês por ano, e mais um retorno sobre seu investimento, quando o negócio estiver estabelecido, espero...

— Hã, talvez não tanto retorno — retrucou—, se você subsidiar alguns de seus hóspedes.

Seus olhos se estreitaram em desafio.

— Você está dizendo que ninguém investiria em meu projeto?

Não, se seu objetivo for o melhor retorno financeiro possível. Evan não queria ir diretamente e dizer aquilo de pronto, então esquivou-se:

— Teve alguma sorte em encontrar investidores?

— Tive algumas pessoas interessadas, sim, mas até agora ninguém confirmou. Às vezes, fico conversando com um dos hóspedes do Crazy Horse sobre isso — e acrescentou com rapidez: — Não que esteja tentando roubar hóspedes de Kathy e Will, nós achamos que se eu conseguir levar adiante meu projeto, nossas duas operações serão complementares e vamos dar referências mútuas. De qualquer maneira, tem havido alguns hóspedes que ficaram realmente animados. E há um porém...

— Qual é?

— É que as pessoas vêm para cá e são mordidas pela magia, mas quando voltam para casa, tudo parece distante e elas retornam para suas vidas agitadas. E perdem o interesse. Nunca tive notícias dessas pessoas...

— Mas você dá seguimento? Envia um plano de negócios? Mantém essa gente entusiasmada?

Ela balançou a cabeça.

— Não quero pressionar. Se não estiverem interessados, isso não funcionaria.

Evan notou que o trabalho de manter as pessoas interessadas teria de ser dela própria. Se Jess acreditava em seu projeto, por que não o vender com o melhor de sua

habilidade? Mas talvez ela não acreditasse de verdade; de repente, aquele projeto não passava de mais um de seus sonhos.

— E já pensou em um nome para seu campo de treinamento? Um que seja comercial e cativante?

— Andamos pensando em alguns. “Boot it” é o que está ganhando, por enquanto.

— Humm... Não é ruim — disse ele. — Tem o sentido de “arrancar, dar a partida, começar” e tudo isso, mas não transmite muita informação. Isso funciona para algo que já está estabelecido, mas não tão bem para um negócio começando. Você sabe um pouco sobre marcas, certo?

Wade e Miriam, que tinham estado escutando em silêncio, riram, e Wade comentou:

— Você se esqueceu de que está em uma fazenda de gado, filho?

Evan riu também.

— Bem, se a gente pensar um pouco, cada espécie de vaca é uma marca única, certo? E o propósito é identificar os animais. Todo negócio precisa do mesmo tipo de coisa. Assim como as instituições beneficentes, como Gimme a Break. Algo peculiar, claro, memorável, que transmite a mensagem.

Jess estava assentindo, mas por que ainda não tinha um nome para seu negócio?

Enquanto estava sentado na mesa da cozinha da família dela, desfrutando de sua hospitalidade, seu coração afundou. O sonho dela não era necessariamente sem esperança, mas Jess não tinha feito o trabalho duro necessário para dar o pontapé inicial. Evan não poderia recomendar aquele projeto a Gianni. Não como um negócio sólido que, de alguma maneira, pudesse rivalizar com os de sua carteira. Incomodado, ele ergueu o copo.

— Para você, Jess. Espero que dê certo.

Seus pais disseram:

— Que os anjos passem e digam amém — e beberam um gole.

Em seguida, Wade disse:

— Talvez a gente volte para o “Campo de Treinamento de Vaqueiros”. Robin teve essa ideia para o logotipo de botas de cowboys.

— É informativo — Evan meditou. — Jess, você disse que o campo seria sem frescuras? Bem, esse é um nome sem frescuras. Ele poderia funcionar, especialmente com um logo com botas de cowboys. Iria combinar campo de treinamento, botas de vaqueiros...

Ela assentiu com a cabeça.

— Isso poderia funcionar.

— Ótimo — disse Miriam com um sorriso. — Está decidido. Agora, tome, Evan, você não provou um dos meus biscoitos. — Ela passou a cesta.

Ele pegou um, passando manteiga, e depois mordeu um grande pedaço.

— Miriam, você poderia fazer fortuna vendendo estes biscoitos em Manhattan. Temos bagels e croissants, mas nada como isso.

— Ah, que exagero, Evan. São só os bons e velhos biscoitos assados.

— Eles não parecem simples para mim — respondeu Evan.



Com os holofotes longe dela, Jess pôde relaxar. Ficou assistindo enquanto Evan comia com nítido prazer e conversava com seus pais. Ele se encaixava tão bem... Melhor do que quando era criança. Na época, era um menino arisco, tímido e inseguro. Às vezes, beirava o arrogante, quando só falava em sair da cidade caipira e em fazer sucesso em outro lugar.

Com o alcance de seu objetivo, tanto a arrogância quanto a insegurança tinham desaparecido.

Ela se perguntou, olhando para trás, por que tinha ficado tão ligada a ele. Talvez porque tivesse sido o azarão, o rejeitado, como um filhote de cachorro abandonado. Quando se mudou para a cidade, ela fez amizade com ele, e Evan se tornou meio que propriedade dela, quase como Rascal, o primeiro potro que seu pai a ajudara a treinar. Que tipo de amor era aquele?

Entretanto, aquilo não era tudo na amizade. Foram ainda coisas como seu discurso de formatura no nono ano ou a janela da senhora Gutterson. Evan tinha sido um bom menino, e tinha estado sempre ao lado dela o tanto que ela havia estado ao lado dele. Ambos podiam ser tão diferentes quanto a noite e o dia, mas sem a noite e o dia você não tem vinte e quatro horas adequadas.

Ou olhando para o Evan adulto — sempre gostoso em jeans desgastados de marca e camisa branca com mangas arregaçadas — ou quando seus corpos se tocaram, seus sentimentos voltavam vívidos, de uma maneira que ela não tinha experimentado em dez anos. Eram apenas as velhas emoções, um eco do passado? De alguma forma, Jess não pensava assim. Claro, sua antiga afeição por Evan estava lá, mesclada, mas estava olhando para um homem adulto que mal conhecia. Era por aquele homem que se sentia atraída, era aquele homem que ela queria conhecer. Aquele homem que queria tocar. Lembrou-se da pressão do corpo excitado dele contra o dela. Um tremor a percorreu.

— Jess? — Os olhos de um azul-esverdeado contra a pele bronzeada pareciam preocupados. — Você está bem? Ficou de repente em silêncio.

— Estou bem.

— Parou de enfiar comida goela abaixo na velocidade da luz...

— Cansada, apenas — e ficou em pé. — Todo mundo acabou? Vou tirar a mesa e então poderemos provar a fabulosa torta de maçã de mamãe, *à la mode*.

Sem esperar por respostas, começou a recolher os pratos. Ah, Deus, certamente ela não estava se apaixonando por ele de novo. Não podia deixar aquilo acontecer. Havia muito em jogo, e muita coisa que ela estava escondendo. Contudo, como poderia impedir?

Durante o resto da refeição, Jess evitou encontrar os olhos de Evan, o que era difícil, tendo em vista que ele estava sentado bem em frente a ela. Enquanto comia a torta e bebia o café, desejou que ele nunca tivesse vindo. Quase tanto quanto desejava que ficasse para sempre. Porém, quando sua mãe pediu: “Agora, diga, Nova York é tudo o que você sonhou?”, sua resposta entusiástica e prolixa lhe disse que era muito provável que ele fosse embora.

Sentindo-se deprimida, Jess disse:

— Está ficando tarde. Evan, vou levá-lo de volta.

Ele se virou para a mãe dela.

— Miriam, deixe-me ajudar com os pratos. Se você se lembrar, sou um exímio enxugador de pratos.

— Nem pense nisso, Evan, volte se tiver tempo. Nossa porta está sempre aberta para você.

Wade reafirmou o convite.

Jess estava na porta, observando-os. Se apenas, se apenas, se só...

O pai dela apertou a mão de Evan calorosamente e sua mãe deu-lhe um grande abraço.

— Vamos lá — disse Jess abruptamente. —Vamos pegar a estrada.



Quando Jess deu a partida, seus movimentos eram bruscos. Evan sentiu um zumbido de tensão no ar e não conseguia discernir se era positivo ou negativo. Ele tinha de falar com ela sobre Gianni, mas primeiro ambos precisavam relaxar. E escolheu um tópico neutro para a conversa:

— Que pena não ter conhecido Robin.

A picape deu uma guinada quando o pé de Jess escorregou no pedal do acelerador.

— Ela parece ser uma menina e tanto — acrescentou Evan.

Jess estava concentrada na estrada, com as mãos segurando o volante com força.

— Ela é maravilhosa. Dave e eu temos sorte.

Sorte. Ele apostava que não se sentiram assim quando eram adolescentes e descobriram que Jess estava grávida. Pensou no próprio puro terror quando percebeu que o preservativo tinha se rasgado naquela noite em que ele e Jess fizeram amor, e no alívio incrível quando Jess tinha escrito que estava bem.

— Isso não é da minha conta... — começou.

— Mas isso não vai impedi-lo, não é?

— Deve ter sido um choque, descobrir que estava grávida.

— Pode acreditar que sim.

— E você considerou abortar?

— Não! — Os olhos dela brilharam na direção dele, e depois voltaram para a estrada. — Eu queria aquele bebê.

— E Dave também? Ou ele estava apenas fazendo a coisa certa?

Os lábios de Jess se curvaram.

— Ele foi maravilhoso. Ele disse que queria se casar comigo e ser pai do bebê.

— Não é querer achar pelo em ovo, mas ele já era o pai, casando-se ou não com você. Paternidade não é algo que você pode simplesmente... desfazer.

— Imagino que seja verdade... — a voz de Jess tinha um toque de agressividade, que se perdeu quando continuou a falar: — Mas você não vê? Ele estava lá, ao meu lado. Era o melhor amigo que eu poderia ter desejado naquele momento.

Aquilo atingiu Evan de uma maneira muito estranha, a maneira de descrever o homem que ela amava e que era o pai de seu bebê, e que se casou com ela.

No entanto, quando viu o perfil de Jess na penumbra, o brilho em seu rosto contou a história.

— Você e Dave ainda se amam.

Por que a ideia o deixava infeliz? Era estúpido ficar com ciúmes quando ele e Jess nunca seriam mais do que amigos.

— Sim, ainda nos amamos. Puxa vida, Ev, ele foi meu marido. Estava lá quando Rob nasceu, segurando minha mão e me apoiando o tempo todo. Foi a melhor noite da minha vida, e a compartilhei com ele. Nós dois choramos quando vimos Rob. Dave sempre esteve lá para mim. Ele é o homem mais querido do mundo. Bem, ele e papai.

Uma vez, ele tinha estado naquela lista. Contudo, sacrificou seu lugar quando fugiu com medo, dez anos atrás.

— Não posso acreditar que você não tenha ficado arrasada quando ele a trocou por Anita. — Suas palavras eram grosseiras, mas Evan estava se sentindo muito idiota.

Jess ignorou sua grosseria e disse com calma:

— Já lhe falei sobre isso.

— Sim, sim, aquele tipo de amor que só acontece uma vez na vida. Muita generosidade sua. Mas ele tinha uma filha.

— Robin sabe quanto nós dois a amamos. Dave e eu dividimos a custódia. É completamente amigável.

— Vocês são muito civilizados. Não parece natural.

Ela riu.

— Para mim, é perfeitamente natural que duas pessoas que se amavam manteriam alguma parte desse amor, mesmo quando se separassem. Sempre me pareceu estranho que as pessoas possam ir do amor ao ódio em um instante, quando se divorciam. Elas não se amavam de verdade, para começo de conversa.

Evan balançou a cabeça.

— Você tem uma maneira original de olhar as coisas.

E olhou pela janela para a noite no campo, maravilhando-se com a ausência de iluminação pública e de trânsito.

— Foi incrivelmente difícil para Dave quando Anita morreu — disse ela.

Refletindo sobre isso, Evan respondeu:

— Sim, deve ser horrível ver alguém morrer quando o ama demais.

— Sim, mas... Parece-me que você conta suas bênçãos por ter conhecido as pessoas, e armazena as memórias para valorizá-las para sempre. Mas acho que é outra das minhas teorias um pouco estranhas. Não foi assim com Dave, foi como se alguma coisa dentro dele, sua alma, tivesse morrido junto com ela.

Ele teve de perguntar:

— Você consideraria voltar com ele, caso pudesse superar essa dor?

Jess levou um momento antes de responder.

— Não. Somos bons amigos, mas é isso.

— Você é amigo dele e quer ser minha amiga. Jess, você nunca quer algo mais?

Mais uma vez, ela ficou em silêncio por um pouco de tempo.

— Às vezes. Mas não quero estar em um relacionamento novamente, a menos que seja do tipo que Dave teve com Anita. E esse tipo não chegou ainda. — Ela fez uma pausa, olhando na direção dele. — Ev, é o que você tem com Cynthia?

Ele não teve que pensar antes de responder.

— Não é o que desejo, Jess. Não sou o mesmo tipo de pessoa que você. Você é governada por seu coração e eu sou governado por minha mente. Então, é Cynthia. É assim que nós gostamos.

— Mmm. Imaginei que você diria isso. Mas eu me pergunto se você não estaria se depreciando, e ela também. Você tem coração, Ev. Não acredito que não possa sentir as coisas profundamente, é que não se permite fazer isso...

— Nem todo mundo quer viver em uma montanha-russa emocional — respondeu ele, secamente.

Ela deveria se considerar muito sortuda por estar sempre rodeada de pessoas amorosas, e por nunca seu coração ter sido esgarçado como um ioiô, da maneira que Brooke tinha feito com ele. Jesus, até mesmo o ex-marido que a havia rejeitado ainda a amava de seu jeito.

Jess olhou para Evan, depois, com determinação, de volta para a estrada.

— Quando criança, a única maneira de sobreviver era evitar importar-se com as pessoas, gostar delas. Se seu pai era cruel com você ou sua mãe o ignorava, você disse a si mesmo que não tinha importância. A emoção significava mágoas, de modo que você aprendeu a desligá-la.

Tanto faz.

— Parece-me que foi uma boa lição para aprender.

— Mas, Ev, a emoção também pode significar alegria, amor, os melhores sentimentos do mundo. Você não se permite experimentar essas coisas.

Não se permitir? Como assim? Ela estava fazendo parecer que havia uma escolha, como se as pessoas estivessem jogando alegria e amor para ele todos os dias, e sua escolha era se esquivar daquilo tudo! Jess não tinha nenhuma ideia de como era a vida dele.

— Esse é quem eu sou — retrucou. — Não há nenhuma razão para mudar isso. Estou feliz assim.

— Está?

— Estou! Tenho tudo o que sempre quis. Uma ótima carreira, uma ótima namorada e uma ótima vida em Manhattan.

— Você tem de ficar no controle quando sai para jantar com Cynthia? Ou ri com seus amigos em Manhattan do jeito que riu na casa dos meus pais?

Não, porra, não, droga. Evan olhou para ela:

— O que está dizendo? Que eu deveria ficar aqui, porque vou me sentir mais vivo em Hicksville? — No momento em que disse aquelas palavras, soube que de certa forma eram verdadeiras. Mas só em alguns aspectos.

— Não, é que... Talvez não esteja saindo com as pessoas certas ou fazendo as coisas certas em Manhattan. Eu sei que você ama aquele lugar, mas parece-me que está enganando a si mesmo. Emocionalmente.

— E olha quem fala... Seu relacionamento mais significativo é uma amizade platônica com seu ex. E você diz a mim que *eu* não quero correr riscos!

— Eu...

Dez minutos antes, seu objetivo era fazer com que ambos relaxassem, e naquele instante, a cabine da picape estava ainda mais carregada de tensão. Ele devia contar a ela sobre Gianni, mas como poderia levantar o assunto? Jess não conversava enquanto dirigia para o Crazy Horse.

Embora estivessem na rodovia, o tráfego era esporádico. Não estava escuro dentro da cabine; a iluminação do painel de instrumentos deixava escapar uma luz fraca e os faróis dos veículos em sentido contrário brilhavam sobre eles ocasionalmente. Mesmo assim, Evan conseguia ver as estrelas.

Em Manhattan, nunca ficava escuro à noite. A cidade iluminava o céu. Nova York era uma cidade dinâmica. Ali, as estrelas e a lua forneciam a iluminação noturna e o campo desaparecia sob aquela cúpula brilhante. Era um tipo diferente de vitalidade, se comparada à da Big Apple, mas tinha sua própria energia. Serena em vez de frenética.

Por que ele nunca tinha notado as estrelas quando era criança? Provavelmente porque não queria ver nada de bom em Hicksville. Mas ali, apesar da acalorada discussão com Jess, estava admirando as estrelas.

Ele se perguntou se Brooke, também, tinha aprendido a apreciar as estrelas.

Então, se virou para Jess.

— Se ela finalmente conseguiu se reestruturar, por que ficou aqui?

Jess olhou para ele.

— Hã? Ah, sua mãe.

— Brooke odiava esta cidade. Ela e meu pai eram de Los Angeles. Disse que era uma garota da cidade, de ponta a ponta, e estava furiosa com ele por ter bagunçado totalmente suas vidas. Você sabia que ele se alistou no Exército dos Estados Unidos, certo, e depois desertou? Foi por isso que eles vieram para o Canadá. Morávamos em todos esses pequenos lugares, ele arrumava subempregos e depois era mandado embora, e então chegamos a Caribou Crossing, e por algum motivo, a gente ficou aqui. E Brooke a odiava.

Se ele ganhasse um centavo para cada vez que ela reclamava de Caribou Crossing, teria tido dinheiro suficiente para pagar a universidade.

— Então — continuou Evan —, se ela conseguiu se recompor, por que não se mudou? Ela poderia ser cabeleireira em Los Angeles.

— Consultora de beleza.

Ele ergueu as sobrancelhas. Jess não poderia tê-lo visto, porque estava com a atenção voltada para a estrada, mas respondeu assim mesmo.

— Tenha um pouco de respeito, Ev. Ela faz seu trabalho benfeito, e é mais do que uma cabeleireira. Muitas mulheres e homens se sentem melhor em relação a si mesmos por causa dela. Ela pode não ser uma alta empreendedora como você, mas está fazendo algo que as pessoas valorizam.

Jess enviou-lhe um olhar desafiador e ele sabia que ela estava pensando sobre a conversa do jantar, quando ele disse que costumava fazer as pessoas ricas ficarem mais ricas. Sim, em que instante, na conversa, deixara transparecer que menosprezava o trabalho da mãe, ou os sonhos impraticáveis de Jess? Evan se considerava bem-sucedido, tinha chegado lá, mas naquela noite, ele percebeu pela primeira vez que sua carreira de sucesso não era tudo aquilo que pensara que seria.

Se contasse a Cynthia, ela não entenderia.

A voz de Jess o tirou de seus pensamentos.

— Não sabia que sua mãe tinha sido tão apaixonada por grandes cidades. Não sabia que odiava o interior. Nunca percebi que foi daí que você herdou seus pensamentos.

— Eu...

Ele nunca tinha pensado daquela maneira. Em sua mente, sempre rejeitara tudo sobre sua mãe. Aquela foi, com certeza, uma noite de revelações incômodas.

Jess encolheu os ombros.

— Seja como for, quando Brooke limpou sua vida, nunca a ouvi falar sobre se mudar para uma cidade maior e procurar emprego. Quando falei com tia Kate...

— *Você* falou com sua tia? — Interrompeu Evan.

— Bem, sim. Sabia que sua mãe estava dando uma grande guinada na vida e achei que alguém deveria dar uma chance a ela. Tia Kate tem um grande coração e...

— E você também, Jess Bly — disse ele, com um aceno de cabeça. Ele não conseguia decidir se devia ficar grato ou irritado por ela ter ajudado a mãe.

Mas Jess ignorou o comentário.

— Brooke parecia feliz de ter um trabalho aqui. Talvez Caribou Crossing finalmente a conquistou. Talvez não tivesse sobrado nada, ou ninguém, para ela em Los Angeles. Ou quem sabe não estivesse a fim de enfrentar uma cidade estranha, como Vancouver ou Seattle. Ou Nova York — fez uma pausa, depois disse deliberadamente: — Você teria de perguntar a ela.

Quando ele não respondeu, disse:

— Por que você envia dinheiro a ela?

— O quê? Ela lhe disse isso?

— Sim. Cheques a cada seis meses.

Ele deu de ombros.

— Ela me alimentou e vestiu, me deu um telhado sobre minha cabeça. Só queria pagar a dívida.

— Não existe dívida entre uma criança e seus pais.

— Brooke não me queria. Ficou presa comigo e — Evan deu de ombros outra vez — talvez tenha feito o máximo. Quem sabe? — era outra ideia nova. — Deus sabe por que ela ainda me manteve, em vez de deixar que a assistente social me levasse embora. Mas me manteve, e gastou dinheiro comigo. Eu queria devolver o dinheiro, acrescido de juros. Foi a minha maneira de terminar esse assunto.

— Você pagou a dívida há muitos anos, mas nunca parou. Continuou enviando o dinheiro. E voltou. Há inúmeros ranchos como esse por aí, mas escolheu justo o Crazy Horse. — Jess fez um gesto e ele viu que tinham chegado ao hotel. Ela virou o veículo para a estrada de cascalho.

Evan sabia que estava ficando sem tempo. Tinha de contar a ela, naquele momento. Se discutissem sobre Gianni e a proposta do campo de treinamento ali, ainda poderia partir no dia seguinte, com uma consciência relativamente limpa.

— Estacione aqui por um momento, Jess.

— Por quê? — Mas ela obedeceu, descendo para perto do estábulo e parando atrás.

Evan respirou fundo, sabendo que tudo mudaria a partir de então.

— Não foi Brooke quem me trouxe de volta. E nem aquela idiotice da placa de dez anos, embora o que eu tenha lhe contado sobre isso seja verdade. Foi Gianni Vitale.

— Gianni Vitale? Você conhece Gianni? Ah, ele recomendou que você viesse e...

A voz de Jess sumiu e seus olhos se arregalaram de choque. Sim, ela estava entendendo tudo.

Então, gemeu e agarrou a cabeça com as duas mãos.

— Ele é cliente seu! — E olhou para Evan. — Eu sou uma idiota! Eu deveria ter sabido. Claro que seria um trabalho que lhe trouxe de volta para cá. Jesus, Evan, você estava me espionando! — A voz dela subiu de tom com a raiva.

— Sim. Sim para tudo isso.

Ela lhe deu um soco no ombro, não suavemente.

Ele esfregou o local dolorido, supondo que teria uma contusão.

— Não sabia que era você quando Gianni me pediu para verificar a proposta de TJ Cousins. Você sabe disso, Jess; você viu como fiquei surpreso na segunda-feira.

Ela balançou a cabeça tristemente.

— Certo. E, então, passou os cinco dias seguintes me enganando.

— Sim. Na segunda-feira, telefonei para Gianni e disse que você e eu éramos amigos. Mas ele quis que eu ficasse, e que a mantivesse no escuro e...

— Odeio vocês dois! — Cuspiu Jess.

— Jess, preste atenção, ele não é um dos hóspedes que se esqueceu de você, assim que voltou para casa. Ele e Elena têm falado sobre seu projeto, mas ele é um homem de negócios. Ele tem de verificar as coisas. E eu sou seu conselheiro de investimentos, então sou o cara que faz isso para ele. De todo modo, tinha de honrar a confidencialidade com o cliente, mas detestava ter de lhe mentir e...

— Ah, isso me faz sentir muito melhor!

— Depois de alguns dias, decidi que não poderia fazê-lo. Então liguei para ele e contei isso. Nos últimos dois dias, tentei lhe explicar, mas sempre que disse que queria conversar, você estava muito ocupada. Lembra-se?

Jess deu um aceno relutante.

— Mas você não disse que era importante. Pensei que só quisesse conversar, e haveria muito tempo para isso.

Mas Evan tinha dito que era importante. Ela só não tinha prestado atenção.

— Estou indo para casa amanhã.

— O quê? Mas... Ah, é claro! — Sua mandíbula se apertou. — Hoje à noite durante o jantar, você resolveu que o campo de treinamento era apenas mais uma das ideias estúpidas de Jess.

— Nunca planejei ficar tanto tempo. Previ apenas dois dias, no máximo.

— Outro dos seus pequenos segredos.

— Para que conste, não acho que você seja estúpida. Você apenas não é sempre a mais profissional das pessoas. E não acho que sua ideia seja ruim, mas será preciso fazer sua lição de casa. — E Evan se viu acrescentando: — Talvez eu possa lhe ajudar com isso.

— Você? — A voz dela saiu, com aspereza. — Depois do que fez para mim, acha que eu ainda quero falar com você de novo?

Evan não pôde deixar de notar a forma como os seios dela iam para cima e para baixo enquanto ela respirava rapidamente.

— Eu só pensei que... — na verdade, ele não tinha pensado antes de falar.

— Saia desta picape, Evan Kincaid. E trate de sair da minha vida. Volte para Manhattan e diga ao Gianni para pegar seus milhões e investir em algumas ações chatas que vão torná-lo ainda mais rico. Porque eu sei que ele e Elena nunca terão com esse dinheiro o prazer que teriam se fossem participar de meu projeto!

Ela olhou para ele e ele olhou para ela.

— Você pode muito bem estar certa, Jess, mas...

— Saia daqui!

Todo o corpo dela vibrava com raiva. Com relutância, ele segurou o trinco da porta.

— Tem certeza?

— Ah!

Sim, parecia que tinha.



OS HÓSPEDES FORAM orientados a acordar ao nascer do sol e se reunir no saguão da pousada para uma rápida xícara de café e biscoitos. Depois, montariam por umas duas horas até um ponto determinado, onde seria servido um café da manhã rústico. Eles comeriam, descansariam e cavalgariam de volta.

Já os planos de Evan seriam fazer o *check-out* na pousada, pegar um táxi para Williams Lake e voar para casa. Ele disse a Cynthia que não conseguiria estar de volta a tempo para o jantar de sábado; assim, planejaram um *brunch* no domingo. Ele passaria o resto do domingo no escritório.

Entretanto, depois de uma noite sem dormir, Evan decidiu que não poderia partir, com as coisas do jeito que estavam entre ele e Jess. Sentia-se muito mal depois de sua briga com ela, sabendo como ela deveria estar magoada e com raiva. Talvez estivesse mais calma, e se ele se desculpassem novamente, com certeza eles poderiam resolver as coisas. Evan tinha perdido a amizade de Jess uma vez por ter desistido com facilidade. Não estava disposto a deixar que aquilo acontecesse novamente.

Ele correu para a recepção no início da madrugada, querendo dar um telefonema antes que os demais comesçassem a se agrupar por ali.

— Evan — respondeu Cynthia. — Você está no aeroporto? Meu Deus, deve ser no meio da noite por aí.

— Houve um pequeno contratempo. Vou ter de ficar mais um dia.

— O que há de errado? Sua velha amiga ainda o está segurando aí? — Será que ele teria ouvido um toque de cinismo naquela expressão “velha amiga”? A paciência de Cynthia estaria se esgotando?

— Bem, na verdade, nós conversamos um pouco sobre seus planos. Fui jantar na casa dela na noite passada e...

— Parece acolhedor. — Agora, a ironia era afiada o suficiente para cortar vidro.

— Não é o que você está pensando. Ela vive com os pais. Eles são velhos amigos, também.

— Ela ainda está morando com os pais? Uma mulher adulta? Que pitoresco.

Ele franziu o cenho.

— O pai teve um AVC e ela ajuda a cuidar do rancho da família. E os pais ajudam com sua filha, o que é um arranjo muito melhor do que alguns cuidadores anônimos depois da escola.

Cynthia não respondeu por um momento, e Evan percebeu que seu comentário poderia ser tomado como uma crítica por sua preferência quanto aos métodos de criação dos filhos. Aquela era uma discussão que eles precisavam ter, mas pessoalmente. Evan conteve um gemido. Naquele instante, tinha duas mulheres com raiva dele.

— Filha? — Cynthia parecia mais satisfeita, provavelmente imaginando que ele não estaria interessado em uma mulher com uma criança. — Você não mencionou que ela tinha um filho. Onde está o pai?

— Eles se separaram, embora ainda continuem amigos.

— Humm. Então você teve um jantar com a família na fazenda...

— Sim, apesar de Robin, a filha, não estar lá. Eu a encontrarei hoje.

Aquele seria outro benefício de continuar por lá, assumindo que ele tivesse compensado as coisas o suficiente com Jess para apresentá-lo à menina.

— Outra refeição com a família? — Perguntou ela, emburrada.

— Não, é uma das atividades do Crazy Horse. Jess e a filha vão dar um show como cowgirls. Amarrando bezerros e disputando uma corrida. Deve ser divertido. E nesta manhã, já que vou ficar, vou ao passeio do café da manhã.

— Como é? E isso também será divertido?

Sua voz tinha perdido um pouco da severidade e ela parecia genuinamente curiosa.

— Sim, na verdade estou meio que contente por ficar — confessou. — Os hóspedes são pessoas interessantes, e o cenário é fantástico. Jess me atribuiu esse cavalo de aparência engraçada, marrom com tons de morango, chamado Rusty, e ele acabou por se mostrar ótimo. Eu até aprendi a colocar a sela e os arreios e prepará-lo. Jesus, Cynthia, você deveria ter me visto limpando o casco do cavalo e...

— Limpar o casco... — repetiu ela, incrédula.

— Sim, a gente usa uma ferramenta de metal curvada para limpar a sujeira que fica presa nos cascos de um cavalo. Para prevenir uma infecção. — De repente, consciente do que estava dizendo, deu uma risada forçada. — Estou chateando você.

— Na verdade, é muito educativo, mas Evan, você ainda não disse por que deve ficar mais um dia. Percebi que não é para participar desse passeio no café da manhã ou para assistir a corrida das moças...

— Ah, eu omiti a parte importante. contei a Jess que Gianni me enviou, e ela me mandou para aquele lugar.

Houve um longo silêncio, e então:

— Você quebrou sua promessa a Gianni. E, porque Jess lhe mandou para aquele lugar, você decidiu não ir e ficar.

Evan percebeu que os últimos telefonemas tinham sido tão apressados que não havia atualizado Cynthia sobre os acontecimentos recentes:

— Não, primeiro eu esclareci as coisas com Gianni. Disse a ele que estava me sentindo desconfortável por enganar uma velha amiga, e que poderia fazer uma avaliação mais adequada das coisas se fosse honesto com Jess, de maneira que pudéssemos discutir seus planos abertamente.

— Discutir abertamente seus planos? Depois que ela mandou você passear?

Aquele foi um excelente ponto.

— Acho que vou descobrir. Antigamente, ela não guardava rancor. Jess reagia com rapidez e emoção, então superava isso.

— Bem, resumindo, você está planejando voar para casa amanhã?

— Sim, com certeza. — Ou, pelo menos, era o que esperava.

— Entendo.

— O voo não vai chegar a tempo para o jantar, no entanto. Sinto muito.

— Leve o tempo que precisar.

A voz dela não tinha nenhuma inflexão.

— Eu disse que estarei de volta amanhã.

— Ligue-me quando chegar.

E ela desligou. Sem despedidas. Evan percebeu que, desde que Cynthia o cumprimentou no início do telefonema, não o chamara mais de “querido”.

Tudo ficaria bem de novo assim que voltasse para casa, disse a si mesmo. Ele a faria entender. Sua primeira tarefa, porém, era acertar as coisas com Jess.

O céu estava começando a clarear, e ouviu vozes quando os outros hóspedes se aproximavam do saguão da recepção. Todos pegaram muffins de mirtilo e copos de papelão de café e, depois, comendo e bebendo, marcharam até o estábulo. Eles, tão arrumados e compostos na segunda-feira de manhã, impacientes e em sua melhor compostura, estavam despenteados e com roupas casuais. As suas estavam limpas, mas ele não se preocupou em passar a camisa a ferro em seu chalé. Outros usavam calças de brim, manchadas, estavam queimados de sol no nariz e com cabelos penteados de

qualquer maneira, muitas vezes cobertos por um chapéu de cowboy. Os rabos-de-cavalo tinham ficado populares entre aqueles, incluindo Aaron, com cabelos longos o suficiente para amarrar atrás.

Quando ele se aproximou do curral, olhou em volta em busca do único rabo de cavalo que lhe interessava. Quando Jess emergiu do estábulo, seu coração bateu com prazer e ansiedade. Ele correu e pediu que ela voltasse para dentro.

— Você está aqui! — Seu rosto, de aspecto cansado ao redor dos olhos, mostrou espanto e... Aquilo era prazer? Seja qual fosse a expressão, foi rapidamente substituída por uma carranca. — Achei que estivesse a caminho de casa.

— Não podia ir embora sem esclarecer as coisas.

— Fiquei quase a noite toda acordada — disse ela.

— Eu também — interrompeu Evan. — Jess, eu realmente sinto muito. Nunca pretendi enganá-la, sinto-me péssimo. Somos amigos e não devíamos manter segredo das coisas.

O rosto dela estava impassível, ainda em defensiva.

— Aquilo doeu, senti-me traída — ela falava devagar, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado. — No entanto, sei que as pessoas guardam segredos, às vezes, pensando que há uma boa razão.

Aliviado por ela poder entender aquilo, Evan apresentou seu caso.

— Gianni me colocou em uma posição insustentável. Ele é meu cliente e está pagando por esta viagem. Ele não queria que eu lhe contasse por que...

Parou de falar quando Aaron e Sylvia entraram no estábulo e disseram bom-dia. Quando eles pegaram seus arreios e saíram, Evan recomeçou.

— Este não é um investimento típico. — Pela primeira vez, realmente entendia o que Gianni queria fazer. — O que você disse ontem à noite é verdade. Gianni e Elena provavelmente iriam ganhar mais dinheiro com algum outro investimento. Ele é experiente o suficiente para saber disso. Mas esses investimentos são impessoais. Este seria pessoal, diversão; eles iriam a um lugar para visitar, onde poderiam ver os cavalos. E se sentiriam parte da coisa toda.

Ele estava falando com rapidez, juntando tudo.

— Foi por isso que Gianni me disse para vir pessoalmente, absorver o ambiente. Queria que eu compreendesse tudo que este investimento representa para ele, e não apenas um monte de números escritos no papel.

— Isso ainda não explica por que você não foi honesto comigo desde o princípio — ela retrucou, implacável.

— O campo vai depender muito de você, de como lida com as pessoas, com os cavalos. Sua visão e sua personalidade são a chave para o sucesso. Gianni queria que

eu a visse com naturalidade e não tentando me impressionar.

Jess deu uma risada irônica.

— Acho que você já tem o que veio buscar, então. Tenho certeza de que não fiz muito para impressioná-lo.

Mais pessoas chegavam ao estábulo, pegavam selas e freios. Evan abaixou a voz.

— Isso não é verdade. Estou muito impressionado. Por você — impressionado, atraído e confuso. — Quanto ao seu projeto, precisamos falar um pouco mais sobre ele, para ver se é de fato viável.

Naquele momento, ele não achava que fosse, mas com um pouco de trabalho duro, Jess poderia desenvolver um plano de negócios realista. E se ela quisesse muito seguir adiante e não se limitasse a brincar com um novo sonho, ele poderia ajudá-la a se organizar.

— Você está impressionado comigo?

— Sim, Jess. E quero ser seu amigo. — Ainda que seus sentimentos por ela o deixassem desconfortável, não poderia suportar o pensamento de perdê-la uma segunda vez. — Você pode me perdoar? Eu nunca quis machucar você.

— Eu quero acreditar nisso.

Ele podia ver aquilo em seus olhos expressivos da cor de chocolate.

— Vamos lá, Jess — fazendo uso de um antigo conhecimento, completou: — Você sabe que não consegue guardar rancor.

Ela deu um pequeno sorriso triste.

— A gente se conhece bem demais. Mesmo depois de todos esses anos.

— Algumas coisas não mudam.

Ela baixou a cabeça, em seguida, levantou-a novamente, e ele viu que já não estava mais sorrindo.

— E outras mudam. Somos pessoas diferentes agora. Você atingiu seu sucesso, e eu ainda tenho de chegar ao meu. Não acho que Gianni Vitale seja o caminho certo para mim.

— Ele ainda pode ser, se você colocar um pouco mais de trabalho em sua proposta. Na noite passada, eu disse que estava disposto a ajudá-la. E falei sério sobre isso.

Jess ergueu ainda mais a cabeça.

— Evan, eu tenho um pouco de orgulho. Não quero sua ajuda.

Jess se virou e cruzou o estábulo em direção à porta aberta.

— Jess?

Ela congelou na soleira da porta, e, depois de um momento, olhou para ele por cima do ombro.

— Ainda podemos ser amigos?

Evan segurou o olhar dela, deixando que seus olhos dissessem quanto aquilo significava para ele.

Os lábios dela tremiam quando falou em voz baixa:

— Eu acho que o tempo vai dizer — e saiu.

Evan suspirou, mas tentou ser otimista. Cavalos e ar livre poderiam adoçar o humor da garota. Ela pensaria em tudo que conversaram e acharia em seu coração uma maneira de perdoá-lo.

Evan passou pelas etapas já familiares de deixar Rusty pronto, e entrou em fila atrás de Sandy. A luz do amanhecer esticou os dedos pálidos pelas copas das árvores quando começaram a trotar.

Depois de meia hora, os cavalos saíram do bosque e se agruparam em torno de Jess, que tinha detido Knight. Ela se sentava alta e reta na sela, flexionando o corpo enquanto o cavalo se mexia inquieto de pé para pé. Atrás dela, colinas verdes se estendiam à distância, beijadas pelo sol da manhã. Evan congelou a imagem em sua mente, para guardá-la quando voltasse para a cidade.

Jess abrangeu com o braço todas as colinas.

— Este lugar é perfeito para o galope, mas acho que nem todos se sentem confortáveis em se lançar assim em espaços abertos.

— E se Mickey fugir? — Perguntou Joan com ansiedade.

Droga, pensou Evan. Ele queria galopar com Rusty em meio das colinas suaves e sentir o vento passar por eles.

— Nós vamos nos dividir em dois grupos — explicou Jess. — Madisun vai contornar os prados e tomar uma bela trilha em um bosque de álamos. Vocês irão trotar e galopar um pouco em fila, assim como temos feito durante toda a semana. Se fizerem tudo direito, Madisun deixará que desmontem e colham frutas. Não há nada mais saboroso no mundo do que morangos silvestres aquecidos pelo sol.

— Isso é para mim — disse Joan, e alguns outros concordaram.

— E seu grupo, Jess? — Perguntou Aaron com impaciência.

— Vamos galopar no meio do campo. Vocês não terão de andar em fila, mas fiquem longe daquela área lá — e esticou um braço para a esquerda. — Há tocas de cães-da-pradaria.

Jess estudou os hóspedes sob a aba de seu chapéu, seu olhar prendendo-se em um, depois em outro.

— Sem correr demais, sem me ultrapassar. Segure-se na sela, se quiser, mas sempre mantenha controle firme sobre as rédeas. Se o cavalo estiver indo mais depressa

do que seria confortável para você, puxe as rédeas, mude seu peso na sela e diga “ôa!”, o cavalo obedecerá.

— Caso sinta medo de galopar, não o faça. Isto aqui não é uma competição. Trata-se de se divertir e de ficar seguro. E não de amedrontar-se à toa.

Os hóspedes riram, mas Jess não.

— Entendido? — Perguntou, até conseguir acenos de cabeça de todos.

— Ótimo — o sorriso brilhou branco contra sua pele bronzeada. — Madisun, pode reunir seu grupo. Vamos esperar até que você saia.

Evan não sentia medo. Animado, sim, e um tanto nervoso, mas definitivamente não assustado. Ele estava indo com o grupo de Jess. Então, descobriu, eram Thérèse, George, Sandy e Aaron.

Jess estudou Evan por um momento, depois sorriu.

— Por que não estou surpresa, garoto da cidade?

Naquele momento, ele sentiu que Jess estava a meio caminho de perdoá-lo. Com uma enorme sensação de alívio, sorriu de volta.

Ela deu algumas palavras finais de instrução, em seguida, apontou Knight para o prado e saiu em disparada como uma flecha. Os cinco que tinham sido deixados para trás se entreolharam, então Evan tocou os calcanhares nos lados do Rusty e logo eles estavam voando em seu rastro.

Naquela altura, ele já conhecia a maneira de galopar de Rusty. Iam mais depressa do que nunca, mas logo ele se deu conta de que não havia nada a temer. Ao ouvir alguém gritar, olhou para sua direita, onde Aaron estava correndo, o rabo de cavalo voando como a cauda de Rambler, um sorriso largo dividindo seu rosto. Evan riu de pura alegria e logo os cinco de Jess estavam gritando e cantando.

A garota riu sobre o ombro. Seu chapéu saiu da cabeça e caiu sobre os ombros, e mechas de seus cabelos castanhos chicoteavam livres, escapando do rabo de cavalo. Evan apressou Rusty, chegando ao lado de Knight.

— Isso é ótimo! — Ele gritou para o vento.

A melhor parte estava sendo compartilhar aquilo com ela e vendo o prazer em seu rosto bonito.

— Eu disse! — Ela gritou de volta. Então, Jess olhou para baixo nas mãos dele e gritou. — Olha, sem as mãos!

Evan não tinha nem pensado em segurar o pito da sela. Pelo contrário, sua postura espelhava a dela, uma mão segurando firme nas duas rédeas, a outra descansando em uma coxa. Seu corpo tinha aprendido a sincronizar com o ritmo de Rusty e ele não precisava do pito para manter o equilíbrio.

Quando Jess desacelerou Knight, os outros pararam lado a lado. Evan, ainda ao lado dela, disse baixinho:

— Eu deveria ter tentado isso há anos. Olha o que eu perdi...

— Você teria feito isso se eu não o tivesse feito acreditar que era um desajeitado sem conserto.

— Eu não tinha de acreditar em você... Vamos esquecer o passado.

Todo ele.

Jess lhe deu um sorriso torto, o que indicava que sabia exatamente o que ele quis dizer.

— Claro. Por que não? — Em um movimento rápido, tirou o chapéu que pendia sobre os ombros e o entregou a Evan. — Está na hora de comprar um desses, vaqueiro, mas por ora pode usar o meu.

Evan nunca tinha sido um cara de usar chapéu, mas o deslizou sobre sua cabeça com orgulho, como se tivesse ganhado uma estrela de ouro de sua professora favorita. Ele estava radiante quando Jess sinalizou a todos que formassem uma fila única, e entrou na floresta com eles. Alguns minutos depois, as árvores escassearam, dando lugar a um grupo de arbustos de roseiras selvagens que perfumavam o ar com seu doce aroma, e todos surgiram ao lado de um pequeno lago. Não era o Zephyr Lake, mas parecia semelhante o suficiente para dar uma pontada no peito de Evan.

Jess virou-se na sela e acenou com um braço em direção ao lago.

— Viram a toca do castor?

Ele olhou para a bagunça de ramos, vendo que as pequenas árvores em volta tinham sido cortadas em tocos com extremidades mais ou menos agudas, como lápis grosseiramente apontados. E se viu perguntando onde os castores estavam. Como assim, a toca dos castores não era debaixo d'água? Ou eram castores filhotes? Aliás, ele nunca tinha visto castores. Por que diabos precisou ser uma criança de mente tão fechada?

— Nossa tenda! — Gritou Thérèse, e Evan se virou para ver onde ela estava apontando. Do outro lado do lago, perto da margem de uma pequena baía, estava a tenda na qual tinham dançado e cantado.

Se Brooke não tivesse tanto preconceito contra o campo e o passado, talvez tivesse crescido cantando canções bobas, montando um cavalo, até quem sabe colhendo rosas selvagens para dar a Jess?

— E aí, todos prontos para mais uma corrida? — Gritou Jess, e os pensamentos negativos de Evan foram levados pela brisa que Rusty criou ao decolar.

Os cinco cavalos se lançaram em fila indiana ao longo de uma trilha à beira do lago. Quando diminuíram a velocidade para trote e depois, para passeio, Evan se

inclinou sobre o pescoço do cavalo e soprou algumas palavras de apreço. Que boa maneira de passar uma manhã.

Jess parou seu cavalo no final do lago e pulou de sua garupa.

— O grupo de Madisun não é o único que tem morangos silvestres.

Evan desceu também e olhou para o chão, vendo tufo de grama e pequenas manchas vermelhas, aqui e ali, que serpenteavam para longe das manchas verdes, e bagas vermelhas espalhadas. Ele se ajoelhou e pegou algumas daquelas contas vermelhas, tentando não se importar com as mãos sujas. Quando esmagou as bagas entre os dentes, o sabor explodiu em sua boca, doce e intenso. Com o sabor veio uma lembrança.

Jess havia dado morangos silvestres a ele em Zephyr Lake.

Olhou para onde ela estava agachada, jogando as frutas na boca.

E percebeu uma coisa. Ele sempre evitou pensar naquela noite. Sempre que sua mente se aventurou perto daqueles eventos, fora sobrepujado pela culpa. Contudo, na verdade, houve aspectos positivos. Jess fora sua amiga amorosa, entregou-se a ele e se envolveu em um nível que ninguém nunca tinha feito, nem antes nem depois.

Sim, Evan sentiu que estava traindo sua amizade. Sim, ele tinha se comportado de um modo desprezível. Mas houve coisas boas. E deveria se lembrar delas, e fazer Jess saber que apreciou o presente que ela lhe dera.

Jess olhou para cima e o pegou olhando para ela.

— O quê?

Evan percebeu que estava sorrindo.

— Vai ter volta.

Ela pareceu confusa, mas deu de ombros e disse: “Ok”, e voltou para as bagas.

Não demorou muito para os seis devorarem todas as frutas maduras daquela área. Logo montaram novamente e aceleraram os cavalos ao longo de uma trilha íngreme que zigue zagueou até uma colina considerável. Jess lembrou a todos para inclinarem-se para a frente para retirar o peso das ancas posteriores dos cavalos. Evan deu um tapinha no pescoço de Rusty enquanto o cavalo obstinadamente se arrastava para cima, cabeça abaixada.

— Obrigado, amigo. Eu nunca conseguiria subir até lá por minha conta.

Quando chegaram ao topo, descobriram que o grupo de Madisun tinha chegado antes. Os cavalos pastavam alegremente enquanto os hóspedes estavam agrupados em torno de uma fogueira cuidada por Will. O aroma sedutor de café e bacon se espalhava pelo ar fresco da manhã.

— Podem soltar as cilhas — instruiu Jess. — Desatem as rédeas e deixem os cavalos soltos. Eles não irão a lugar nenhum.

Evan deu um tapinha de despedida na garupa de Rusty antes de se dirigir para um afloramento rochoso e conferir a vista lá de cima. E assobiou ao ver o panorama que se descortinava abaixo dele. Os terrenos arborizados, serenos sob o sol da manhã, eram pontilhados com lagos brilhantes, as fitas das estradas e as construções esparsas.

Lembrou-se de como, quando chegou pela primeira vez a Nova York, tinha ido até o Empire State Building e ficou encantado com a vista. Esta era tão diferente, mas igualmente espetacular.

Jess e um par de outros hóspedes vieram para ficar ao lado dele. Depois de fazer comentários entusiasmados, as duas pessoas voltaram para tomar seu café da manhã, deixando Evan sozinho com Jess.

Ela puxou o elástico do seu rabo de cavalo bagunçado, jogou a cabeça para trás, de maneira que ondas de cabelos castanhos brilhassem ao sol, e deu uma risada gostosa.

— Você acredita que eles me pagam para fazer isso?

— Parece que o trabalho não é tão ruim.

— É muito bom. Mas... — Jess olhou para a vista, já não rindo mais.

— Mas... — disse ele, estudando seu perfil familiar e pensando que ela era ainda mais bonita do que o cenário à sua frente.

Ela mordeu o lábio.

— Quero realizar meu sonho — disse, voltando seu olhar para Evan. — Pelo menos acho que sim. Aí, olho para você, que tornou realidade seu sonho de infância e, ainda assim, na noite passada, senti que a realidade não pode se equiparar ao sonho? — e terminou com uma nota de questionamento que fez Evan refletir.

Alguns dias antes, a resposta teria sido fácil. Ele tinha dois sonhos: sua carreira e a mulher perfeita. Tinha realizado os dois, que eram ótimos.

Mesmo assim, porém, nenhum deles o fazia gritar ou rir de alegria. No Crazy Horse, soube que tinha a capacidade de experimentar — e expressar — pura e simples alegria.

Precisando ser honesto com Jess, refletiu em voz alta:

— Fico imaginando que os sonhos são como alvos móveis. Você acha que sabe onde seu sonho está, mas quando chega lá, começa a achar que deseja alguma coisa mais, ou diferente. Talvez seja assim que tenha de ser, para a pessoa não estagnar.

Ela assentiu com a cabeça, os olhos castanhos sérios.

— É... Isso faz sentido. Quando você estava falando sobre seu trabalho na área de investimentos na noite passada, parecia um pouco, hã, cínico. E então, comentou da clínica de Alzheimer e sobre as bolsas de estudo para as crianças de famílias de baixa renda, e parecia que tinha voltado à vida!

Ela tinha visto aquilo? Evan sentiu um brilho quente quanto à percepção da amiga e ao constatar que sim, que havia coisas em seu trabalho pelas quais valia a pena se alegrar e gritar, agora que tinha aprendido como fazer. Acenou com a cabeça.

— Gostaria de fazer mais esse tipo de trabalho. Estou pensando em mudar minha base de clientes — parou de falar abruptamente. Ele mal tinha considerado a ideia, e se ele dissesse em voz alta... Pois bem, teria de fazer aquilo acontecer.

Ele sorriu para aquela que um dia foi sua melhor amiga.

— Mudar minha base de clientes de só gente rica. Oh, alguns deles, como Gianni e Elena, são pessoas maravilhosas e ficarei mais do que feliz em ajudá-los a ganhar mais dinheiro, e incentivá-los a gastar um pouco dele em causas que valham a pena, e evidentemente que sejam dedutíveis de impostos. Mas eu gostaria de trabalhar com algumas... Digamos...

— Pessoas pobres? — Ela inclinou a cabeça, sua curiosidade iluminando os olhos. — Mas essas não têm o dinheiro para investir.

— Todo mundo tem dinheiro para investir. É uma questão de prioridades. Sua prioridade é um estilo de vida baseado no dia a dia, ou é voltada para o futuro, para uma aposentadoria quem sabe até precoce? Uma boa educação para os filhos? — E sorriu para ela. — Ou começar um negócio que você sempre sonhou?

Ela sorriu de volta, seus olhos quentes com carinho e aprovação.

— Evan Kincaid, acho que você encontrou um novo sonho e é ainda melhor do que o antigo.

Aquele era também um momento pelo qual valeria gritar de alegria. Se bem que, na verdade, a vontade de Evan não era de gritar, mas sim de puxar aquela garota para perto e beijar seus lábios sorridentes.

Aos poucos, o sorriso suavizou, os lábios tremeram, e ela prendeu a respiração. Tinha lido sua mente. Ela queria aquele beijo tanto quanto ele?

De repente, sua cabeça virou e percebeu que os outros estavam chamando.

— Hora do café — disse ela, sem fôlego.

Jess se virou para ir embora, mas ele a deteve com uma mão em seu ombro.

— Há algo que eu preciso dizer.

Ela se virou para trás, a expressão incerta.

— Sim?

— Sobre aquela noite no Zephyr Lake.

— Ah! — Seu rosto ficou rosa.

— Obrigado.

— O quê? — Aparentemente, aquilo era a última coisa que ela esperava.

Ele apertou seu ombro com suavidade, sentindo o calor de seu corpo pela camisa xadrez vermelha.

— Por fazer amor comigo. Por compartilhar a si mesma. Foi especial, e fui um tolo por não apreciar na época. Mas faço isso agora. E queria que você soubesse.

Sentindo-se desconfortável, mas aliviado por ter conseguido dizer as palavras, Evan deixou a mão cair e correu para a fogueira.

Passaram-se alguns minutos antes de Jess se juntar ao grupo. Ela havia torcido o cabelo em um rabo de cavalo perfeito e estava estranhamente quieta. Ao menos, atirou-lhe um sorriso tímido, o que lhe informou que, pela primeira vez, não tinha estragado as coisas.

O café da manhã foi fantástico. Kathy, Will e Marty fizeram pilhas de panquecas, ovos mexidos fofos, bacon crocante e linguças escaldantes no fogo, e mantinham bules de café chiando na brasa. Havia o verdadeiro xarope de bordo para as panquecas, um rico creme de leite e açúcar cristal para o café e jarros de suco de laranja e de abacaxi. O ar fresco e o exercício aumentaram o apetite de todos. A comida desapareceu em quantidades incríveis e o clima era tão descontraído como Evan nunca havia experimentado.

Saciado e relaxado, encheu sua caneca de café, em seguida, andou até um afloramento rochoso no qual pudesse se sentar e maravilhar-se com a paisagem espalhada embaixo dele.

Depois de alguns minutos, ouviu passos.

— Se importa se me juntar a você? — Perguntou Madisun.

Ele olhou para cima.

— Por favor.

Ela subiu sobre um tronco.

— Amo esta vista.

— Posso entender o motivo. — E Evan perguntou, curioso: — Alguma vez você se cansou disso aqui?

— Não, cansar não, mas... Fico inquieta. Eu não fui a lugar nenhum, não fiz nada. E eu quero...

Jess, que tinha vindo verificar os cavalos e extasiar-se com o cheiro de pinho, saiu de um grupo de árvores para ver Evan e Madisun. Suas costas estavam para ela e eles não notaram sua chegada. Ela fez uma pausa, apreciando a imagem. Madisun, no alto de um tronco, com os joelhos para cima e os braços enrolados em torno deles, os longos cabelos negros que desciam em cascatas até o meio das costas. Evan esparramado sobre uma rocha perto de seus pés. Ele tinha tirado o chapéu, e as

mechas mais claras de seus cabelos brilhavam como o ouro que atraiu os primeiros mineiros àquela terra.

Madisun disse:

— Deve ser maravilhoso viver em Manhattan.

— É um lugar fantástico. É vibrante e, de fato, nunca dorme, como diz a música.

Mas Caribou Crossing tem muito a recomendá-la, também.

Ele acenou com um braço, mostrando o panorama abaixo deles.

— Sim, mas é o único lugar em que já vivi. E é uma cidade tão pequena. É... Você pode acreditar que meus pais, na verdade, me batizaram de Mary-Anne? Mary-Anne Joe. Quero dizer, que tipo de nome idiota de pequena cidade é esse?

— Madisun é muito mais sofisticado, de fato — concordou.

Jess sufocou uma risada, sentindo-se apenas um pouco culpada por ficar espionando.

— Escolhi esse nome por causa da Madison Avenue. Mas soletro com um U, como “sol” em inglês.

— Criativo e único.

— Estou indo para Vancouver para a universidade no próximo ano — disse a menina. — Estou economizando e se tomar muito cuidado terei o suficiente até lá.

— O que você vai estudar?

— Ainda não decidi. Devo me reunir com alguém para me aconselhar na carreira assim que for aceita.

— Humm. Pelo que tenho visto, há algumas coisas em você que se destacam. Em primeiro lugar, você ama cavalos.

— E vou sentir falta deles como louca na cidade, mas eu quero mais. Mais da vida que tenho agora. Mais do que meus pais, isso com certeza. — Havia amargura na voz da menina e Jess, que conhecia um pouco sobre a família, compreendia.

— Bom para você — disse Evan. — E pode fazer isso acontecer. Pelo que observei, você é organizada e eficiente, e também é aconchegante e agradável. As pessoas fazem o que você quer e não percebem isso. Você pegou isso da TJ?

A menina assentiu com ênfase.

— Ela me ensinou muito.

— Você tem, digamos, cabeça para os negócios?

— Bem, tento lidar com o dinheiro em minha casa. Meus pais são... incorrigíveis.

O que ela não estava contando a Evan, Jess sabia, era que, quando seu pai arrumava um emprego, se Madisun não pusesse as mãos em seus cheques do salário, ele iria beber cada centavo que ganhasse. Isso deixava a mãe, que havia abandonado a escola no ginásio, sem nada para alimentar e vestir nove crianças. Nada, exceto o

dinheiro que Madisun trazia, e que estava se esforçando para poupar para sua educação.

— Administração de empresas? — Sugeriu Evan. — Desenvolver as habilidades de negócios para combinar com suas habilidades em lidar com pessoas, e somar tudo isso com seu amor aos cavalos — e sorriu para Madisun. — Conseguir um emprego de gestão em um lugar como o Crazy Horse, e talvez ser dona do próprio negócio um dia.

Madisun engasgou.

— Nossa! Nunca sequer sonhei com isso!

— Pois sonhe, Madisun. Foi o que fiz quando era adolescente. Sonhei meus sonhos, fiz com que fossem bem específicos e depois fui fazê-los acontecer.

— Uau! — Jess não podia ver os olhos de Madisun, mas adivinhou que havia a adoração do herói neles. A menina disse: — Você fez seus sonhos virarem realidade, isso deve ser... Uau!

— Claro... — Evan fez uma pausa, e Jess achou que ele estava revisitando sua conversa anterior. — Mas não pense que se trata apenas de ficar sonhando. Você tem de colocar os sonhos em conjunto com algum planejamento concreto e trabalho duro. Sonhos por conta própria nunca fazem acontecer nada.

Jess fez uma careta. Ela foi uma imbecil na noite anterior, quando Evan perguntou sobre o projeto de campo de treinamento sem frescuras dela... De fato, tinha algumas ideias concretas, mas era difícil verbalizá-las quando Ev era tão brilhante. E o cara tinha razão ao pensar que Jess não fizera tanta pesquisa quanto o necessário, mas fazer pesquisas e finanças nunca foi seu ponto forte.

Evan se oferecera para ajudar... Mas não, nem pensar. Sempre se sentia uma idiota completa com ele por perto.

Endireitou os ombros. Ela se tornaria mais profissional sobre aquela coisa de perseguir seus objetivos, se iria... Evan tinha dado algumas ideias e é claro que ele ia ajudá-la a seguir adiante. Porque é alguém que sabe como preparar um plano de negócios. Ela encontraria outros investidores em potencial e teria então algo sólido para lhes oferecer.

Voltou para as árvores, deixando Evan e Madisun sozinhos. Era hora de ajudar Kathy, Will e Marty a limpar tudo e carregar o SUV que os havia levado até lá pela estradinha de terra. Depois, eles arrumariam os cavalos e todos cavalgariam de volta, descendo a trilha.

E seus pensamentos se voltaram para a demonstração da tarde com Robin. Ela ainda não tinha sido capaz de chegar a uma boa desculpa, uma que satisfizesse Rob em particular. Só teria então de manter Evan longe de sua filha — da filha deles... Graças

a Deus, Rob estava com Dave naquele fim de semana, e estaria com pressa de voltar para que eles pudessem ir até a casa de seus pais para o churrasco.



Após o longo passeio, vários hóspedes foram para a massagem, a sauna e outros tratamentos do spa. Evan tomou banho e, depois, se sentou na varanda de seu chalé, por uma hora. Ele inclinou a cadeira para trás, apoiou os pés descalços sobre o corrimão de madeira, e não fez muita coisa. O papel impresso, com o último e-mail de Angélica, repousava na mesa da sala, mas ele não se preocupou em olhar para ele. Lidaria com aquilo no dia seguinte, no longo voo para casa.

Seu pássaro — tinha checado com Will que era um pica-pau — se juntou a ele por um tempo, ocupado em fazer buracos na madeira e colher insetos, e Evan não sentiu inveja de sua diligência.

Logo depois, pegou as botas — que não se preocupou em limpar depois da cavalgada da manhã — e caminhou em direção ao estábulo para outra sessão de comunicação com os cavalos. O conceito estava começando a captar seu interesse. No café da manhã, Thérèse tinha compartilhado algumas coisas que havia lido no livro de Monty Roberts. Como resultado, vários dos hóspedes tinham planejado assistir a um de seus vídeos no salão, depois do jantar. Evan tinha pensado em comprar os livros e fazer leitura dinâmica, mas daquela vez, sentia-se menos inclinado a ler do que apenas experimentar.

Quando os hóspedes estavam reunidos no estábulo, Jess guiou um cavalo baio desconhecido para dentro. Ele não parava, os cascos sempre em movimento, os olhos rolando.

— Este é Nevada — disse ela — e ele tem uma história triste. Ele é cauteloso com as pessoas, porque elas já o ensinaram que não se pode confiar nelas. Vai aprender de maneira diferente no Crazy Horse, mas é um processo lento o de construir a confiança depois que alguém a quebra.

E, no entanto, parecia que Jess tinha perdoado Evan pelos seus crimes. Sim, aquela moça tinha uma alma generosa.

Ela levou o cavalo para um pequeno curral cercado e o deixou solto, enquanto os hóspedes se agrupavam ao longo da cerca.

— Não olhe um cavalo no olho — disse Jess. — Não é como com os seres humanos na sociedade ocidental, com isso sendo um sinal de autoconfiança e respeito.

Com cavalos, é uma ameaça. Predador e presa. Da mesma maneira, não se aproxime de um cavalo diretamente. Para eles, é um ato de agressão.

Ela demonstrou como Nevada se esquivava quando caminhava direto para ele, e em seguida, como voltava a se aproximar, lentamente, fazendo um caminho em zigue-zague.

Durante a meia hora seguinte, Evan ficou observando e ouvindo, intrigado pela ideia de que cada espécie tinha a própria maneira de se comunicar. O conceito era óbvio, mas ele nunca tinha pensado em outras espécies que não fossem os seres humanos. Naturalmente, cada ser humano também se comunicava de um jeito exclusivo.

Assistir a Jess com o cavalo não era apenas instrutivo, era prazeroso. Ela estava em seu elemento, de maneira natural e tão bonita, que seu coração se encheu de admiração e orgulho. Infelizmente, seu corpo também pulsava de excitação. Por que aquilo sempre acontecia quando ficava perto dela? Costumava ser capaz de compartimentar as coisas. Sexo tinha seu lugar em sua vida, e ele não costumava se intrometer em momentos inapropriados e lugares inaceitáveis.

Nunca tinha acontecido, não com Cynthia nem com nenhuma das outras mulheres com quem havia saído. Mas com Jess, era como estar de volta na escola. Via-se com constante tesão.

E ficou ao mesmo tempo triste e aliviado, quando ela olhou para sua audiência e disse:

— Tudo bem, isso é o suficiente por enquanto. Tenho de me trocar. Robin deve chegar aqui a qualquer momento — dizendo isso, levou Nevada de volta para sua baía.

Os hóspedes discutiam a lição de Jess enquanto esperavam. Em breve, um cavalo apareceu, trotando pela estrada. Era um cavalo alazão, similar ao de Jess, mas um pouco menor. No começo, Evan não conseguiu distinguir a figura montada, com exceção de um chapéu de cowboy. Quando o cavalo e a menina se aproximaram, deu para ver uma vaqueira toda arrumada com uma camisa enfeitada sobre jeans preto, mas a aba do chapéu escondia o rosto.

A menina desmontou na frente deles, soltou as rédeas e deu um tapinha no pescoço do cavalo, em seguida, veio para a frente.

— Oi, sou Robin e esta é minha égua, Concha.

É confiante, pensou ele. Bom para ela.

Então, a menina soltou o chapéu e o deixou descer pelas costas.

A boca de Evan ficou aberta. Aquela era Jess. Jess aos nove anos. Ficou olhando, fascinado. Não, ele podia ver diferenças sutis. Ela era mais alta e seu nariz era virado para cima como o de Miriam Bly. Mas o corpo esbelto e atlético e sua maneira de se

movimentar eram os de sua mãe, como também os cabelos castanhos e os olhos castanhos brilhantes.

Ele estava avançando adiante para se apresentar quando Jess, vestida em um traje idêntico ao de Robin, correu para se juntar ao grupo.

— Oi, Rob. Venha falar comigo um segundo. — Ela colocou o braço ao redor dos ombros da filha e a levou embora. — Tenho algumas ideias para nossa apresentação de hoje.

À medida que os dois modelos, aquela em tamanho natural e a sua miniatura, atravessam o pátio, os olhos de Evan as seguiam, vendo sua velha amiga sob uma nova luz. Aquela magra e esbelta Jess, que às vezes não parecia mais velha do que a garota que ele se lembrava, era realmente mãe, com uma filha bonita e confiante.

As duas montaram em seus cavalos e foram para o curral, que havia sido montado com três grandes barris em um triângulo, bem como um boneco de bezerro, e os hóspedes encostaram-se à cerca para assistir.

Robin era uma vaqueira experiente, que parecia ter nascido em cima de uma sela. Ela e sua mãe faziam seus cavalos correrem em torno dos barris. O bezerro falso era automatizado, mexendo-se e levantando as patas, e mãe e filha amarravam sua cabeça e suas pernas, assim como os postes ao redor do curral.

Enquanto Jess e sua filha interagem, o amor entre as duas era óbvio, de uma maneira que parecia tão natural como respirar.

Tentou imaginar Cynthia com uma filha. Ele mesmo com uma filha. Poderiam ser bons pais? Jess e Dave tinham sido crianças também, os dois recém-saídos do colégio. Você pensaria que a idade e a experiência de vida contariam para alguma coisa, mas Evan não se via capaz de trazer à mente uma imagem dele e de Cynthia com um bebê, ou uma menina como Robin.

Assim que a exibição terminou, Robin gritou “Tchau, pessoal”, e trotou estrada abaixo montada em Concha. Mais uma vez, ele tinha perdido a oportunidade de conhecer a filha de Jess e, por alguma razão e especialmente depois de ter visto Robin, realmente lamentava não ter sido capaz de conversar com a menina. Havia algo que o compelia a querer conhecê-la melhor.

Uma vez que partiria no dia seguinte, Evan ficou para trás enquanto o resto dos hóspedes se dirigia para o hotel e Madisun ia embora. Jess levou Nevada para o pasto, fez sua rotina da maçã e do carinho com o velho Palomino, chamado Pet, e trouxe Conti para dentro.

Estava arrumando o freio do cavalo quando ele veio ao seu lado.

— Sua filha é ótima.

Os olhos de Jess se arregalaram de surpresa, então, por alguma razão, se estreitaram.

— Dave e eu concordamos.

— Gostaria que ela tivesse ficado. Seria bom conhecê-la.

Os olhos de Jess se estreitaram um pouco mais. Evan teve a impressão súbita de que sua amiga não queria que ele conhecesse a filha. Ou talvez ela estivesse apenas sendo cética quanto à sua sinceridade. Afinal, ele era o cara que vivia dizendo que não queria ter filhos.

— Rob tem um dia agitado — disse Jess. — Ela vai ficar com Dave, este fim de semana, e vão para a casa dos pais dele para o jantar. — Depois de terminar de arrumar o cavalo, enganchou as rédeas em um poste. — Talvez eu também vá... A família de Dave é ótima.

Naquele dia, pela manhã, ele se sentiu próximo de Jess, imaginando e sentindo que tinha sido perdoado. Agora, porém, ela estava sendo abrupta e distante. Evan suspirou.

— Jess, você e Dave podem ser amigos. Isso não pode ter sido sempre tão fácil assim. Sei que não sou perfeito, eu agi como um idiota, mas espero de verdade que possamos manter contato e ser amigos também. Eu realmente senti falta de você, todos esses anos.

Jess fechou os olhos por um momento e, quando os abriu de novo, o rosto tinha suavizado.

— É, eu também...

Ah, droga. Ele detestava quando os dois estavam em acordo, mas quando não estavam, os sentimentos de atração e excitação se esgueiravam sobre ele. Aqueles que ele não deveria experimentar.

Ela respirou fundo e deixou o ar escapar.

— Obrigada por me dizer o que disse sobre aquela noite no lago. Obrigada por entender o que eu estava fazendo. Não tive a intenção de ser desonesta nem de manipular você. Só quis, como você disse, compartilhar meus sentimentos.

— Gostaria de não ter sido tão denso na época.

— Está tudo bem. Como você disse, não é um cara perfeito.

Ele sorriu.

— Eu mereço isso.

Eles olharam um para o outro.

Seu sangue ficou espesso com a necessidade de beijá-la.

Ela desviou o olhar e murmurou:

— Não sou perfeita também.

Em seguida, endireitou os ombros e encontrou seu olhar novamente.

— Então, acho que isso é um adeus.

Evan não estava pronto para dizer adeus ainda, mas que outra escolha restara?

— Acho que é — entregou a ela o chapéu. — Não vou precisar disto.

Jess acenou com a mão, dispensando-o.

— Fique com ele. Uma lembrança. Um lembrete para parar e cheirar as rosas.

Evan o pendurou no pescoço, e o chapéu pendeu, descansando em seus ombros.

— Obrigado. — Ele sentiria falta daquelas rosas. Dos morangos silvestres, até mesmo do pica-pau. Rusty. Acima de tudo, Jess. — Nós vamos ficar em contato desta vez, não é?

— Espero que sim — disse ela em voz baixa.

Talvez ele não pudesse beijá-la do jeito que queria, mas amigos poderiam se abraçar, não? Ele estendeu a mão e puxou-a em seus braços.

— Jess, esta semana tem sido...

— Sim, sim, eu sei — ela murmurou, retornando o abraço ferozmente e, depois, se afastando. Afastando-se dele.

— Você tem certeza de que não posso ajudá-la com seu projeto?

Jess enrolou as rédeas sobre o pescoço de Conti.

— Tenho... Mas obrigada.

Com um movimento ágil, estava sobre a sela e, no instante seguinte, o cavalo estava voando estrada abaixo.

Ele observou até que a garota estivesse fora de vista, com um imenso sentimento de decepção. Algo dentro dele, algo de que ainda não tomara conhecimento até então, tinha ficado oco e dolorido.

Lentamente, começou a caminhar até o chalé. Jess não parecia de maneira nenhuma perturbada porque seu velho amigo estava indo embora. Mas o que ele esperava? Uma menina manteiga-derretida chorando em seus braços? Deus, ele nunca soubera o que fazer quando Jess chorava...

Além disso, qual a necessidade de despedidas sentimentais? Os dois haviam restabelecido a amizade, pelo menos de maneira tênue, e era o que contava. Ainda assim, um toque de emoção dela teria sido bom.

Evan arrancou uma rosa selvagem de um arbusto ao lado da estrada e a levou ao nariz. O cheiro era perfeito. Doce e, de alguma maneira, inocente, tão atraente como uma manhã ensolarada. Muito mais atraente do que as flores de estufa ou de perfume artificial. Será que ele algum dia voltaria a cheirar uma rosa selvagem? Será que algum dia veria novamente o lindo sorriso de Jess?

Para se distrair, planejou o resto do dia. Jantaria com os demais hóspedes, em seguida, assistiria ao vídeo de Monty Roberts. Falaria com Will para checar os voos, ligaria para Cynthia, para ver se poderia voltar para suas boas graças. Amanhã, tinha de estar de volta em Manhattan. A vida voltaria ao normal. Então, por que se sentia tão deprimido?

CAPÍTULO 11



JESS NÃO PODIA enxergar direito porque seus olhos estavam borrados por causa das lágrimas, mas Conti conhecia o caminho de casa e, no momento em que chegaram, as lágrimas haviam secado. Ela disse a si mesma que estava feliz com a maneira como as coisas haviam acabado.

Ela e Evan tinham redescoberto sua amizade e esclarecido muitas coisas. Exceto por Robin, claro. Jess tinha passado muito tempo na noite anterior pensando sobre Robin. Que direito tinha de ficar com raiva de Evan por manter sigilo sobre seu relacionamento com Gianni quando ela mantivera um segredo muito maior nos últimos dez anos?

Ainda estava convencida de que Ev não gostaria de saber que tinha uma filha. Assim sendo, não era do interesse de ninguém que ele ficasse sabendo. Sua posição era 100% justificável.

E estava racionalizando demais.

Evan disse que ainda não queria ter filhos, mas Jess não tinha certeza se acreditava nele. Ele era como um cavalo machucado, deixando que o medo o dirigisse: o temor de que estragaria as coisas tanto quanto seus pais, o medo de que o amor lhe pudesse bater no rosto de novo. Quando se tratava de emoções, Evan escolhia o caminho mais seguro e se negava o mais gratificante.

Ela queria mais para ele.

Evan tinha aprendido algumas coisas naquela semana, quer tivesse se dado conta ou não. E caso levasse adiante seu plano de mudar o foco de seu negócio, ficaria mais feliz em sua carreira.

E o que dizer de Cynthia? Será que Jess realmente queria que ele encontrasse um relacionamento mais profundo, mais emocional com sua namorada? Ter filhos com ela?

Uma onda de ciúme a fez cerrar os dentes. Absurdo ser ciumenta, quando já sabia que Evan não era o homem para ela. Ou, para ser mais exata, ela não era a mulher para ele.

Evan era seu amigo, então lhe desejou felicidades. Se pudesse encontrar aquilo com Cynthia, que bom para ele. Mas seria melhor não esperar que Jess fosse assistir ao seu casamento, seria...

Caminhou em direção à casa, mas parou quando sua mãe, que colhia cenouras, chamou:

— Oi, como foi sua apresentação?

— Tudo bem.

— Aposto que Evan ficou surpreso ao ver quanto Robin se parece com você nessa idade.

— Ele disse que ela é ótima.

E não mencionou que tinha avisado Rob para não ficar e conversar com os hóspedes, como fazia habitualmente.

— Mãe, você se lembra que eu mencionei o churrasco na casa dos pais de Dave hoje? Eu estava pensando em ir. — Naquela noite, ela precisava ficar perto da filha. Além disso, a socialização com a numerosa família de Dave iria impedi-la de mergulhar em autocompaixão. — Você e papai poderiam vir, também.

— Obrigada, mas estou esperando que ele me leve ao cinema.

Jess tomou banho, vestiu shorts e uma camisa de algodão e se dirigiu à picape. Os pais de Dave tinham uma casa térrea enorme num rancho de quatro hectares de terra ao norte da cidade. Quando estacionou na entrada de carros, a presença do jipe de Dave lhe disse que ele e Robin já tinham chegado.

Ela correu até os fundos, onde as pessoas estavam agrupadas em torno do grande pátio. No gramado, Robin estava brincando com um casal de primos e um filhote de cachorro golden retriever.

— Oi, Jessie — Dave, que estava conversando com sua irmã, chamou. Ele veio e eles trocaram um abraço e um beijo. — Como está você? — Murmurou ele. — Evan já foi embora?

— Está indo embora amanhã. E eu estou bem.

— Mesmo?

Ela assentiu com a cabeça.

— E eu tenho muitas coisas para conversarmos, quando houver uma chance.

Ele levantou uma sobrancelha.

— Alguma coisa séria?

— Nada de ruim. Nada sobre Rob. É que eu... Só queria me aproveitar de seu conhecimento nos negócios.

— Mas é claro! — Disse ele, com um sorriso de alívio, quando seus pais vieram para cumprimentá-la com abraços.

— Você parece cansada, querida — disse Sheila Cousins.

— Tem sido uma longa semana — e sorriu, contente por ter vindo. — Então, dei-me um presente e vim para cá.

— Vamos cuidar de você, querida — disse Ken. — Arrume uma cadeira. O churrasco já vai sair.

Desde que ela e Dave anunciaram o noivado, os pais dele a tinham tratado como um de seus filhos. O divórcio não mudara aquilo.

— Filho, traga uma cerveja para a garota — ordenou o pai de Dave.

— Sim, senhor! — Ele bateu continência. — É pra já.

Quando Dave se afastou, seus pais trocaram olhares preocupados.

— Ele está empurrando com a barriga, não é? — Murmurou Jess.

Eles concordaram.

— Tem de ficar melhor com o tempo — disse Sheila, recostando-se no marido. O braço dele passou ao redor dela enquanto ela continuou: — Tem de ficar. Eu não suporto vê-lo desta forma.

Jess tocou seu ombro.

— Eu sei que dói, mas não vai fazer-lhe nenhum bem ficarmos deprimidos também.

Sheila concordou.

— Você é boa para nós, Jessica. Você tem sempre uma perspectiva positiva, nunca se deixa abater.

Abater? Jess reprimiu um sorriso, lembrando-se de quanto ela esteve perto de fazer exatamente aquilo, naquela noite. Contudo, decidiu ir e já estava se sentindo melhor.

Enquanto caminhava pelo gramado em direção a Robin, refletiu que ela e Dave realmente tinham personalidades diferentes. Mesmo de coração partido — e era assim que estava se sentindo quando tinha dezessete anos e Evan a havia abandonado — conseguiu seguir em frente com a vida e criar a própria felicidade.

— Mãe! — Robin se levantou da grama.

Jess a abraçou.

— Oi, querida. Filhote bonito. De quem é ele?

— Mary e Jason. O nome dele é Feliz, porque sempre está feliz. — Ela olhou para trás de Jess. — Oi, pai.

Jess se virou e viu Dave se aproximar. Ele lhe entregou uma garrafa de cerveja e disse a Robin:

— Ah, então agora você está falando comigo. Achei que você iria me abandonar para sempre quando viu esse cão.

— Pai, você sabe que na casa de mamãe, temos Pepper, né? Acho que na sua casa a gente devia ter um cachorro também.

— Ah-ah... — Jess cutucou Dave nas costelas.

— Mas Rob — ele respondeu —, não seria justo para um cão ter de viver no Wild Rose.

— Ele pode ficar em seu escritório, e você poderia levá-lo para passear. Ele iria lhe fazer companhia quando eu não estivesse — Robin virou-se para Jess. — Mãe, você não acha que é uma boa ideia?

— Eu não sei de nada...

Na verdade, porém, Jess concordava com a filha. O amor incondicional e a natureza indisciplinada de um filhote de cachorro poderiam fazer bem a Dave.

— Nós não vamos tomar nenhuma decisão agora — disse ele com firmeza. — Este cachorrinho aqui é uma influência injusta. Agora vamos comer, papai já está com a carne e mamãe servindo as batatas.

Dave colocou um braço em volta de cada uma delas enquanto caminhavam até o pátio.

— O que vocês dois têm planejado para amanhã? — Perguntou Jess.

— Vamos cavalgar até Trout Lake e fazer um piquenique — anunciou Robin.

— Ótimo. O Malibu não faz exercícios suficientes.

Malibu, um Palomino castrado, era o cavalo de Dave, que era mantido em estábulos da periferia da cidade.

— Depois a gente vai ao Arigata jantar com Kimiko e sua família — disse Robin.

— Verificando a concorrência? — Jess perguntou a Dave. O Arigata, restaurante dos pais de Kimiko, era um dos melhores da cidade, como o do hotel de Dave, Wild Rose Inn.

— Você pode vir também, mamãe — disse Robin, pulando à frente deles.

— Eu já me intrometi em uma de suas noites com seu pai.

— Mas eu gosto quando estamos os três juntos.

Jess e Dave trocaram olhares. Era a única desvantagem de eles se darem tão bem. Robin continuava insinuando que eles deveriam se casar de novo.

Jess se aproximou e sussurrou no ouvido de seu ex-marido:

— Ou podemos mudar o assunto de volta para o cachorro.

Ele deu uma gargalhada e ela sorriu. A risada de Dave era uma coisa rara nos dias atuais. Ela apertou sua cintura.

— Era exatamente isso que eu precisava hoje à noite.

— Bife e batatas cozidas? — Perguntou Robin.

— Sem dúvida.

Os três se serviram e, durante o jantar, Jess passou de grupo em grupo, conversando com as pessoas da família de Dave. Mas quando Sheila serviu a torta de morango e Ken, o café, Jess e Dave gravitaram para a varanda da frente, longe da multidão. Sentaram-se lado a lado no degrau mais alto.

Ela saboreou um pedaço de torta de Sheila.

— Lembra-se quando mencionei semanas atrás que um hóspede parecia interessado em investir em minha ideia do campo de treinamento de cavalos? Bem, Evan é seu consultor de investimentos, foi por isso que ele veio.

— O quê? Você não me disse isso antes. Jess, quer dizer que há um investidor que está seriamente interessado?

— Você parece surpreso.

— Hã? Bem... — Dave enfiou uma grande garfada de torta na boca.

Jess perguntou-se, pela primeira vez, se alguém alguma vez tinha levado a sério seus sonhos. Não, ela não tinha feito o trabalho duro de montar uma proposta para valer, talvez por isso ninguém acreditasse que iria trabalhar para alcançar seus sonhos.

— Bem, aparentemente Gianni estava interessado o suficiente para enviar Evan aqui em segredo para me avaliar.

Dave olhou para ela.

— Como, em segredo? Quer dizer, você não sabia? — Soando cada vez mais indignado, ele disse: — Evan estava avaliando você pelas costas?

— Sim. Se bem que, quando chegou, não sabia que eu era a TJ Cousins...

— Cara, isso é tão... — e balançou a cabeça. — Nem sei o que dizer. Mas ele acabou lhe contando?

— Sim, e isso machucou... No entanto, pude ver o lado dele também. Além do mais, não tenho sido exatamente honesta com ele.

— Sim, mas...

— Eu sei. Uma criança é uma coisa diferente de um negócio. De qualquer maneira, o resultado final é, eu sei que ele não vai me recomendar ao Gianni.

— Isso é ruim. — Dave estava cortando outro pedaço de torta, não encontrando seus olhos.

— Você não está surpreso, não é? Porque sabe que não tenho o estofado que um investidor procura. Não fiz pesquisa e análise, um plano de negócios.

Dave assentiu com a cabeça devagar.

— Jess, você precisa fazer essas coisas se quer atrair investidores sérios. Eu mencionei isso uma ou duas vezes, mas nem sei se chegou a me ouvir. Está sempre mais interessada em falar sobre cavalos do que negócios.

Ela cortou uma garfada de sua torta, mas não chegou a levá-la à boca.

— Não sei, acho que nunca realmente cresci. Sempre venho com esses sonhos, mas agora percebo que eles não vão se tornar realidade, a menos que trabalhe duro para que aconteçam. Eu quero fazer isso, Dave, mas não sei como. Nunca fiz Administração de Empresas ou coisa parecida.

— Ah, era isso que quis dizer com se aproveitar de minha experiência...

— Você pode me ajudar?

— Claro, Jess, você suportou minhas aulas noturnas e meu curso de correspondência quando eu estava me formando, então está na hora de colher alguns dos frutos... Mas estou surpreso...

Quando Dave parou de falar, ela instigou:

— Com o quê?

Depois de largar o prato vazio, ele pegou a caneca de café.

— Evan poderia ter se oferecido para ajudar.

Ela mordeu o lábio.

— E fez isso...

— Ah. Então você não precisa de mim — Dave parecia magoado e com ciúme.

Jess estendeu a mão para agarrar o braço dele.

— Eu recusei.

— Por quê? Ah. Muito complicado? Já que você ainda... Hã...

— Me sinto atraída por ele? Esse não é o problema. Além do mais, a ajuda seria dada a longa distância, e ele tem uma namorada em Nova York, Cynthia, que é sua companheira perfeita — e tomou um gole do próprio café, achando-o invulgarmente amargo.

— Então...?

— Meu orgulho não permitiria. É como se precisasse provar algo a ele. Eu nunca vou ser o enorme sucesso que ele é, mas quero realizar meu sonho e quero fazê-lo por conta própria, ou pelo menos sem a ajuda de Evan.

— Mas você vai ter a minha.

— Com prazer. Eu não tenho nada para provar a você.

Ele estudou seu rosto.

— Tem certeza de que tem algo para provar para Evan? Quer dizer, eu sou o último a ficar do lado dele, mas vocês costumavam ser grandes amigos.

— E estamos encontrando nosso caminho para reatar essa amizade. Sinto, porém, como se não fôssemos iguais. Quando crianças, éramos iguais, agora ele é um sucesso e eu não.

— Discutível, mas a afirmação anterior também é. Quando eram crianças, você foi um sucesso e ele não.

— Ora, imagina, ele era o garoto mais brilhante na escola.

— E as outras crianças só o aceitavam por sua causa. Você era a popular, a que se dava bem com todos. Ele apenas se grudava e pronto — Dave esvaziou sua caneca de café e pegou a dela. — Você vai beber isso?

— Vá em frente. Olha, Ev me ajudou tanto quanto eu o ajudei. Eu provavelmente teria sido reprovada no colégio se ele não tivesse me ajudado com o dever de casa.

— Talvez. Mas não porque você fosse burra, só porque não queria se incomodar em sentar e estudar.

— Que seja. Ele me ajudou na escola.

— E você o ajudou completamente, de uma maneira diferente.

— O que nos fez iguais. Agora, no entanto, tudo seria de uma via só. Não há nada que eu possa lhe oferecer.

— E sua amizade não é suficiente?

— Para mim, não parece. — Estava anoitecendo e por isso ela estava com problemas para ler o rosto de Dave. — O que você está dizendo? Você não quer me ajudar? Quer que eu peça a Evan?

— Claro que eu quero ajudar. Só não quero que você se deprecie, que pense que ele é melhor. Você é uma ótima mulher, e de todas as maneiras, Jessica Bly Cousins!

Antes que ela pudesse agradecer, as pessoas começaram a vir da parte de trás da casa, indo para seus carros.

Quando Robin veio dizer boa-noite, Jess deu-lhe um abraço supercomprido.

— Tenha um bom dia, amanhã, querida.

— Até segunda, mamãe.

A segunda-feira parecia estar longe demais.



Domingo, o dia de folga de Jess no Crazy Horse, foi tão cheio de trabalho no rancho e no treinamento dos cavalos que ela mal teve tempo para pensar. Ou para sentir falta de Evan. Foi somente na segunda-feira de manhã, quando ela sacolejou até o resort em sua picape — que ela estava usando em vez de ir a cavalo porque tinha

tarefas a realizar mais tarde com ela — que sentiu uma pontada séria. Uma semana antes, ela estava olhando pelo pátio do estábulo, fazendo um inventário rápido e preliminar da nova turma de hóspedes, e tinha visto a bunda de Evan.

Jess balançou a cabeça, pasma. Aquela bunda, que parecia tão bem no jeans desbotado, estaria vestida com a calça de um terno de executivo de grife. Ele estaria sentado atrás de sua mesa em algum arranha-céu de Nova York e...

Ou estaria descendo o morro vindo da pousada, com o chapéu de Jess na cabeça, rindo enquanto ouvia Beth.

Jess enfiou a cabeça para fora da janela da picape e piscou para clarear a visão. Como um grupo, os hóspedes levantaram as mãos para acenar a ela, Evan entre eles. Ela apertou os olhos e viu que o sorriso dele era tão grande, como quando ele e Rusty tinham saído em disparada pelo campo gramado.

Uma onda de alegria emergiu dela e um sorriso dividiu seu rosto, enquanto acenava de volta. Apertou o pé no acelerador da picape e avançou, precisando de alguns minutos para se recompor, antes que eles — e Evan — chegassem.



Evan observou como a expressão de descrença de Jess se transformou em um sorriso enorme, genuíno, e o alívio atravessou sua alma. Tinha esperança de que ela ficaria feliz ao ver que não tinha ido embora, mas não tinha certeza.

No sábado à noite, assistira ao vídeo de Monty Roberts com os outros hóspedes, provara a pipoca de Kathy e tomara uma segunda taça de um excelente vinho tinto, quebrando sua regra de um drinque, porque não sentia necessidade de provar o autocontrole. Quando todos se despediram e voltaram aos chalés, percebeu que não tinha pedido a Will que fizesse uma reserva em um voo no domingo.

Refletiu sobre como aquela noite de sábado tinha sido piegas, sobre o que ele e Cynthia poderiam estar fazendo em Nova York. E ficou claro para ele que não estava com muita pressa de correr de volta para casa. Sim, Manhattan era sua casa e fazia falta. Mas sentiu que ainda havia lições a serem aprendidas ali. Gianni Vitale tinha sido mais sábio do que tinha lhe dado crédito.

Além de tudo, tinha Jess. Eles haviam conseguido estabelecer uma amizade tênue, e ele queria cimentar o vínculo. Talvez pudesse ganhar a confiança dela a ponto de deixá-lo ajudar com seu plano do campo de treinamento. Quem sabe até, quando se encontrasse com Gianni e Elena dali a uma semana, ele se sentisse capaz de fazer uma recomendação positiva.

De alguma forma, sabia que o que acontecesse durante a semana seguinte iria transformá-lo em um homem melhor.

Deixou que os demais fossem cumprimentar seus cavalos e se dirigiu devagar até Jess, que parecia limpa e bonita em uma camisa xadrez azul.

— Dia... — disse ele, incapaz de manter os cantos de sua boca sem se curvarem para cima.

— Que diabos você está fazendo aqui? — Ela exigiu saber, franzindo o cenho levemente. Então, balançou a cabeça com rapidez. — Parece-me que eu disse a mesma coisa há uma semana.

— Isso mesmo.

Ele não conseguiu conter o sorriso. Sentia-se tão bem só de estar com ela, tudo a céu aberto entre eles, podendo ser honestos um com o outro. Ou, pelo menos, sendo honestos com tudo, até com a atração que ambos sentiam, e que sensatamente tentavam ignorar.

Ela sorriu, também, com os olhos brilhando de felicidade.

— Vou adivinhar, você decidiu que não daria para ganhar a placa de dez anos apenas sabendo cavalgar, e agora quer aprender a laçar novilhos.

Ele riu.

— Algo assim.

— Por que você não me ligou e me contou?

— Queria surpreendê-la.

— E conseguiu — juntos, entraram no estábulo para pegar os arreios. — Ontem, eu imaginei que você estaria voando de volta para casa.

Evan esperava que ela sentisse uma pontada ou duas de arrependimento.

— Ontem, Kathy e sua equipe nos serviram um *brunch* incrível. Depois, trabalhei um pouco em coisas que minha assistente enviou por e-mail e fui correr para queimar o excesso. Alguns de nós caminhamos alguns quilômetros até um lago, com um piquenique fornecido pela Kathy. Na parte da tarde... Eu, realmente, não me lembro do que fiz. O jantar foi um churrasco e passamos horas nisso.

Os olhos de Jess tinham se arregalado enquanto ele falava.

— Você relaxou — disse ela, incrédula.

— Sim.

Ela parecia quase tão surpresa com sua fácil concordância quanto ficara quando ele recitara as atividades de domingo.

— É melhor irmos andando — disse ele. — Todo mundo está ansioso para começar a andar a cavalo, depois de um dia sem fazer isso.

— Certo...

Ela ainda parecia um pouco atordoada.

— Jess, eu posso reservar uma aula particular com você?

— Claro. Mas está indo tão bem, realmente não precisa.

— Obrigado, mas você vai me ensinar a jogar o laço, não?

As sobranceiras de Jess voaram; então ela pegou a piada e deu uma risada divertida.

O coração dele se expandiu com o som de sua risada, e Evan soube que ficar tinha sido a decisão correta.

Era certo que Cynthia não tinha ficado satisfeita, refletiu, ao colocar os arreios em Rusty. Na verdade, tinha sido muito arrogante e impertinente, o que era diferente dela. Em geral, ela lidava com até mesmo as mais graves crises com bastante serenidade. Evan teria de ligar para ela de novo, no final do dia.

Quanto à Angélica, ficou levemente irritada por ter de reorganizar mais reuniões, mas acabou dizendo:

— Desfrute das férias, Evan, você merece. Mas você me deve, então pode pagar a dívida me trazendo uma foto de você em cima de um cavalo.

Balançou na sela, pensando em como seus movimentos vinham fáceis. Tinha de se lembrar de pedir a Joan ou Sandy, que sempre carregavam câmeras, para tirar uma foto.

A manhã passou com rapidez e foi divertida. O tempo nublado foi uma agradável mudança da semana anterior, que fora muito quente, e trouxe novas brisas frescas, esfriando o ar. Evan descobriu que estava mais sintonizado com o ambiente, depois de interromper suas multitarefas mentais.

Naquela tarde, quando teve sua aula de equitação e trabalhou diligentemente para melhorar, disse:

— Realmente sentirei falta disso quando voltar para casa. Vou me inscrever para andar a cavalo no Central Park.

Jess, sentada em cima de Knight, bufou.

— Acho que é melhor que nada. Mas eles usam selas no estilo inglês. É muito diferente. — Um sorriso contraiu os lábios. — É melhor você ler um livro.

— Ou talvez eu tenha uma lição.

Ela inclinou seu chapéu e olhou para ele com uma expressão sincera.

— Acha que Cynthia iria junto?

Ele riu.

— Não, mas eu aposto que Gianni e Elena irão.

Uma sombra cruzou o rosto dela, e então forçou um sorriso.

— Diga oi para eles por mim.

— Jess, ainda estou disposto a ajudá-la.

Ela balançou a cabeça.

— Obrigada, de qualquer maneira. Bem, acabou o tempo.

Eles cavalgaram de volta para o curral, e desencilharam os cavalos. Evan sentiu uma sensação de decepção. O que ele esperava? Que pulasse de alegria, que o levasse para jantar com a família, para apresentá-lo à filha, e que ansiosamente fosse aceitar sua oferta?

Ah, bem, ele estava realmente desfrutando da companhia dos outros hóspedes, e para aquela noite, o plano era assistir a *The man from snowy river* e comer mais pipoca.

Foi então que percebeu, ele tinha estado no Crazy Horse por mais de uma semana e ainda não tinha posto os pés na cidade de Caribou Crossing. Nem planejava fazê-lo. Além de Jess e sua família, não havia ninguém mais que ele quisesse ver. Não, mesmo.

Nem Brooke. Ela o havia magoado vezes demais.

Depois que ele e Jess levaram os cavalos para o pasto, disse:

— Você arrumou um emprego para minha mãe?

— Ela conseguiu por si mesma.

E lhe deu um olhar avaliador.

E Jess respondeu a pergunta não formulada.

— Não, não planejo entrar em contato.

— Que pena...

— Você tem sido generosa com ela. Colocando-a em contato com sua tia no salão de beleza.

— É mais fácil para mim do que para você. Ela não me machucou, não diretamente. Eu sabia quando o magoava, mas também podia ver quanto ela estava se machucando. Eu a respeito por ter a coragem de fazer tais mudanças, que são enormes. Ter coragem de ficar sóbria.

Ela apoiou os cotovelos sobre a trave superior da cerca e Evan fez o mesmo, querendo bater o cotovelo contra o dela, mas certificando-se de que havia alguns centímetros entre eles.

— Sabe o que você disse sobre Brooke estar tão interessada em cidades grandes? — Perguntou Jess. — Eu me pergunto se era de Los Angeles que ela sentia falta. Ela era uma garota bonita e popular. Não bem de vida, mas um pouco mimada. Daí, caiu de amores por seu pai, que era um daqueles *bad boys* sensuais. E assim que Brooke ficou grávida, tudo mudou.

— Acho que é o que sempre acontece — acrescentou Evan. — Ela nunca conversou comigo sobre essa época. Só reclamava...

— Ficamos sozinhas no salão algumas vezes quando estava cortando meu cabelo, e ela compartilhou algumas coisas. Acho que ela gosta de mim porque você e eu costumávamos ser tão bons amigos. Estar comigo a faz se sentir mais próxima de você.

A Jess de coração mole podia pensar daquela forma, mas Evan tinha dificuldade em acreditar.

— Você quer ouvir a história? — Perguntou.

Ele queria principalmente se afastar de sequer pensar em sua mãe, mas uma parte dele precisava saber. Então, olhou para os cavalos que pastavam, com tranquilidade.

— Acho que sim.

— Você sabe que os pais de Mohinder e os pais dela os obrigaram a se casar? Todos os pressionaram a arrumar emprego e ele ingressou no exército. Então, não suportou a disciplina e desertou. Pagou por documentos falsos e levou você e sua mãe para o Canadá.

Aquilo tudo eram notícias antigas.

— Ele nunca ficou muito tempo em nenhum emprego. Passamos meus primeiros anos mudando, de galho em galho.

— Pense em como era isso para Brooke. Em Los Angeles, ela era como uma princesa mimada, e agora tinha sido afastada da família, tendo de conviver com um bebê e um marido que não conseguia se fixar num emprego. Um marido que batia nela quando estava de mau humor. Brooke não tinha nem dezoito anos quando saiu dos Estados Unidos.

Evan balançou a cabeça lentamente.

— Sim, acho que foi difícil. Não me lembro de muita coisa. Exceto me comportar direitinho e, assim, ninguém ficaria bravo comigo.

— Aposto que sim. Você era um garoto esperto. Tenho certeza de que aprendeu essa lição cedo. — Ela se aproximou e encostou a mão em seu antebraço, abaixo de onde ele arregaçou as mangas.

Dedos imundos em um braço nu: uma coisa tão simples. Jess provavelmente queria que seu toque fosse reconfortante, e era, mas também era excitante.

Ele não se afastou.

— De qualquer maneira — continuou ela —, seus pais acabaram chegando em Caribou Crossing, e aqui ficaram.

— Eu nunca soube por que se instalaram aqui.

— Brooke fez pé firme. Eles tinham se mudado tantas vezes... Disse que cada lugar era tão ruim quanto o último, e tinham de escolher um deles e ficar, assim você teria alguma estabilidade.

— Nunca soube disso. — Sua mãe tinha realmente buscado seus interesses? — Mas ela estava tão infeliz aqui.

— Acho que teria sido infeliz em qualquer lugar, com esse transtorno bipolar.

Evan se sentia culpado por nunca ter percebido que a mãe pudesse estar doente. Sim, Brooke deveria ter procurado um tratamento, mas talvez nunca tivesse tido coragem de pedir ajuda. Isso era uma coisa difícil de fazer. Nem quando criança, ele mesmo nunca admitiu precisar de ajuda. Graças a Deus, Jess e os pais dela tinham sido tão intuitivos.

— Ela tem tantos pesares, Ev — a mão dela apertou o braço de Evan, atraindo seu olhar para o rosto da mulher.

Viu os olhos castanhos com uma expressão suplicante.

— Você acha que eu deveria ir vê-la.

— Ela realmente ama você. É como... Se todas aquelas coisas desagradáveis tivessem sido arrancadas, e por baixo está uma mulher doce e gentil que gostaria de ter vivido sua vida de maneira diferente. Sabia que ela tem pouco mais de quarenta anos?

— O quê? — Droga, Jess estava certa. Bom Deus, sua mãe nem estava na meia-idade ainda. — Ela podia começar de novo. Casar-se, até mesmo ter um filho.

Jess sacudiu a cabeça.

— Ela vive uma vida limitada. Trabalho, reuniões no A.A., igreja no domingo. Sua casa — fez uma pausa um momento, e depois continuou. — Seu jardim, seu gato. Ela vive como se estivesse com setenta anos. Acho que está com medo de cometer os mesmos erros. Ou talvez fazendo penitência — e lançou-lhe um olhar significativo.

— Você está sugerindo que eu poderia aliviar um pouco de sua culpa?

Jess balançou a cabeça.

— Essa é uma decisão sua. Eu sei quanto ela o magoou. Você não deve nada a ela, muito menos absolvição.

— Obrigado pela compreensão.

— Brooke entende, também. Ela seria a primeira a dizer que você não pode desfazer o passado. Acho que poderia ser bom para você ver que ela mudou, Ev. Sentir quanto ela o ama. Talvez haja um futuro para vocês dois.

Um futuro. Com sua mãe. A experiência o deixou cínico.

— Eu duvido muito disso.

Jess mordeu o lábio.

— Não tenho certeza de que quer ouvir isso, mas ela está morando na casa de aluguel na propriedade da fazenda.

O queixo dele caiu. Lembrou-se de quando ele e Jess eram crianças, como alguns vizinhos tinham ajudado os pais dela a construir aquela casa. O aluguel seria uma fonte regular de renda para ajudar a amortecer os altos e baixos da pecuária. Como era hilário saber que sua mãe estava morando lá.

— Parece que sua família a adotou... — Eles tinham coração mole, os Bly. Muito mais mole do que o dele.

Jess balançou a cabeça.

— Negócios são negócios. Brooke é uma excelente inquilina.

Difícil de acreditar. Mas tudo o mais que ela dissera sobre Brooke também era...

Quando ele não respondeu, Jess suspirou e tirou a mão do seu braço.

— Tenho de ir para casa.

Uma coisa tão simples: um braço nu, sem dedos imundos sobre ele. E, por alguma razão, ele se sentia desprovido daquilo.



Jess tinha ficado ocupada o dia todo, mas a decisão de Evan de ficar ali por mais uma semana estava sempre em sua mente, dando às suas tarefas diárias um prazer especial. Ele havia escolhido ficar, e ela acreditava que não fora só por causa das aulas de equitação; era também para solidificar a amizade.

Amizade. Quando o tinha visto pela primeira vez, naquela manhã, teve de se lembrar que era tudo o que jamais seria. Há sonhos que talvez se tornem realidade quando se trabalha muito. O de que ela e Evan poderiam ser algo mais do que amigos, porém, não era um deles.

Depois do jantar, quando Rob estava em seu quarto fazendo lição de casa, Jess contou à mãe sobre Evan.

Miriam prontamente disse:

— Ah, trate de convidá-lo para jantar de novo. Que tal amanhã?

Robin estaria em casa.

— Tenho uma tonelada de trabalho — disse Jess. — E quarta-feira é a noite do passeio do carroção. Talvez na quinta-feira? — Quando Rob estaria com Dave.

— É o dia do nosso torneio de bridge.

Sexta-feira, Rob estaria de volta no rancho.

— E sexta-feira também não dá — disse Jess. — É a última noite dos hóspedes no Crazy Horse, e Kathy gosta sempre de fazer um jantar especial. Evan não poderia perder isso.

Miriam Bly suspirou.

— Então suponho que não vai dar. Pena, Evan cresceu e se tornou um belo homem.

Jess se sentiu culpada. Tinha certeza de que Evan teria gostado de fazer outra visita, assim como seus pais. Contudo, não deixaria que ele passasse uma noite com Robin.

Quando caiu na cama naquela noite, lembrou-se de que no dia seguinte haveria um passeio com almoço. Com os hóspedes sentindo-se mais confortáveis a cavalo, os passeios ficaram mais longos. Começariam no meio da manhã e cavalgariam até um lago — não o Zephyr — no qual Kathy, Will e Marty os encontrariam com um piquenique.

Quando trabalhou pela primeira vez na programação com Kathy e Will, evitou mencionar o Zephyr Lake. Assim como tinha evitado ir lá desde sua visita com Evan, há dez anos. Por sorte, a região era pontilhada por lagos cênicos. Embora apenas um deles, o que tinha a tenda e a represa dos castores, ficasse nos terrenos do hotel, os outros eram alcançados por uma combinação de vias de acesso público e trilhas que passavam nas propriedades de vizinhos generosos.

Jess pensou sobre o que ela e Madisun precisariam fazer na parte da manhã. O início tardio da cavalgada lhes daria uma oportunidade perfeita para verificar todos os cavalos e tratar de seus cortes, seus machucados e suas infecções. Até mesmo dos mais velhos, como Pet, que estava semiaposentado.

Ela franziu o cenho, lembrando-se de que não tinha visto Petula naquela tarde. Aquela dócil Palomino sempre corria para cumprimentá-la quando os cavalos estavam sendo guiados para o pasto. No entanto, Jess tinha sido distraída por Evan.

Jess tinha um mau pressentimento sobre não ver Pet, e ela confiava em seus instintos quando se tratava de cavalos. Ela jogou para trás as cobertas. De jeito nenhum poderia dormir, não sem saber se Petula estava bem. Vestiu-se apressadamente e desceu as escadas na ponta dos pés.

As estradas estavam quase desertas àquela hora, e ela chegou ao estábulo do Crazy Horse com rapidez. Assim que abriu a porteira do curral, chamou baixinho:

— Petula? Acorde, dorminhoca.

Nuvens cruzavam o céu, escurecendo o luar e a luz das estrelas. Jess caminhou com cautela pelo terreno acidentado, em direção a um bosque no qual os cavalos passavam a noite. Formas se materializaram e se aproximaram dela.

— Oi, Mickey, Distant Drummer, como vão vocês? Rusty, Knight, Rambler. Onde está a Pet? Alguém viu a Pet?

Os cavalos estavam fazendo sons, pequenos relinchos de saudação, pedidos de comida, mas uma voz fez seu coração acelerar. O som de um cavalo com dor.

O Palomino era uma forma clara, enrolada na base de uma árvore. Ela virou a cabeça em direção a Jess e arranhou o chão com dificuldade com suas patas dianteiras, mas não se levantou. Jess se agachou, acariciando a pele macia do rosto do cavalo.

— Ei, menina, o que há de errado?

O cavalo virou a cabeça, e Jess passou a mão sobre a barriga de Petula, que estava inchada e dura.

— Droga! — Jess ficou de pé, percebendo que tinha deixado o celular em casa.

Apesar da pouca luz e do terreno acidentado, começou a correr, atirando-se pelo pasto, lutando para passar por cima da cerca em vez de parar para destravar a porteira, e disparando para o estábulo. Pegou o telefone e ligou para a veterinária.

— Sim? — A voz feminina que atendeu era calma, não deixando transparecer que sua proprietária estava dormindo.

— Sally, é Jess. Estou no Crazy Horse. Petula está no chão. Eu não sei por quanto tempo, mas acredito que foram horas. Acho que é cólica.

Descreveu os sintomas apressadamente.

— Parece que você está certa. Bem, já sabe o que fazer. Eu vou colocar um jeans e uma camiseta e estarei aí num piscar de olhos.

Jess pegou o cabresto de Petula e correu de volta para o pasto. A cabeça loira virou na direção da mulher e Jess rapidamente afivelou o cabresto.

— De pé, menina, você tem de se levantar.

Demandou algum esforço, mas ela conseguiu tirar o cavalo do chão e colocá-lo de pé.

— Temos de caminhar. Eu sei que você se sente mal, mas deve continuar caminhando. — Jess puxou a corda e Pet, normalmente a mais obediente das criaturas, empacou.

— Por favor, Pet — Jess pediu, levantando a mão para afastar as lágrimas do rosto.

Com lentidão, o cavalo se moveu em direção a ela, e Jess podia imaginar a dor de cada movimento. Droga, droga, droga, ela deveria ter verificado Petula antes.

— Por favor, fique bem — Jess sussurrou, descansando sua face contra o ombro do cavalo enquanto caminhavam juntos. — Não morra, Pet.



Evan tinha dormido profundamente. Ele estava se acostumando com o som do silêncio, ou melhor, os sons de uma infinidade de ramos sussurrando ao vento, rãs coaxando, pássaros dando as boas-vindas à madrugada.

Assobiando, caminhou até o saguão da pousada e pegou o telefone, feliz por ser o único madrugador entre os hóspedes.

— Bom dia, Gianni.

— Evan, como vai? Eu estava certo ou eu estava certo?

Evan riu.

— Sobre algumas coisas. — Seu pica-pau estava na árvore lá fora. Bateu suavemente na janela, e o pássaro inclinou a cabeça em sua direção. — Obrigado, Gianni. Eu precisava disso.

— Hã... De nada. — Pela primeira vez, o bilionário autoconfiante parecia não saber o que dizer. Em seguida, o tom de voz afiou. — Você está recomendando o investimento, então?

— Você ainda está interessado, pelo que vejo?

— Claro. Vamos seguir em frente.

Evan disse com firmeza:

— Não, não agora. Os planos de TJ são vagos demais.

— Droga. Parecia tão emocionante. Algo em que Elena e eu poderíamos de fato nos envolver.

— Isso é verdade. E ele ainda pode dar certo. Eu só disse *não agora*. Existem uma ou duas coisas que eu quero ver acontecer primeiro. Uma é que você tenha mais tempo para pensar sobre isso. Quando o brilho da excitação das férias desaparecer, você poderá não estar tão interessado.

— E eu não sei disso? Por que acha que esperei um mês depois de voltar para entrar em contato com você?

— Não sabia disso. De qualquer forma, minha outra objeção ainda se mantém. O conceito de TJ é demasiado vago e ela não tem um sólido modelo de negócios e um plano estratégico.

— Humm. Isso é preocupante. Eu admito, nós falamos sobre a ideia geral, não sobre o lado do negócio. Queria deixar isso para você, mas pensei que ela tivesse todos os números prontos.

— Isso é uma coisa que ela ainda precisa trabalhar — Evan fez uma pausa. — Gianni, ela falou sobre a ideia básica de ter os ricos pagando pelos mais pobres?

— Elena e eu realmente gostamos dessa ideia. Nem todo mundo é tão privilegiado como nós.

— Também gosto, mas isso não dá dinheiro. Então, me diga o que você acha desta ideia. — Durante os últimos dias, ele tinha pensado em um conceito diferente. — E se aquele campo, ou ao menos parte dele, fosse uma fundação de caridade? Os doadores obteriam recibos fiscais, de modo que, talvez mais do que ganhar dinheiro, eles estariam economizando dinheiro com uma grande dedução fiscal.

— Eu gosto. TJ não mencionou isso para mim.

— Não creio que tenha pensado nisso. Mas eu poderia sugerir, se estivesse tudo bem para você — e colocou as cartas na mesa. — Você é meu cliente e ela é minha amiga. Eu sei que é um potencial conflito de interesses. Mas você está interessado no campo de treinamento, e acho que já sabe que eu nunca iria aconselhá-lo a investir em algo que não fosse sólido. Se eu trabalhasse com Jess — TJ — de alguma forma, e ela pudesse montar uma proposta forte para uma empresa, uma fundação, ou ambos, então...

— Seria a melhor situação para todos — Gianni interrompeu.

— Acho que poderia ser, sim.

— Ainda assim — disse seu cliente devagar —, se ela vai fazer isso acontecer, tem de saber como fazer a análise financeira e as projeções de negócios por si mesma, ou pelo menos contratar um profissional.

— Concordo.

— Bom dia, Evan! — Era Ann, que vinha passando pela porta principal.

— Tenho de ir — disse a Gianni. — Vou falar com ela novamente e depois ligo de volta.

Ou pelo menos esperava que Jess conversasse com ele. Mesmo que não quisesse sua assistência, deveria ao menos considerar a ideia de uma fundação beneficente, e teria de encontrar alguém que a ajudasse a organizar uma proposta profissional.

Ele deixou suas preocupações para o momento oportuno e entrou na sala de jantar para o café da manhã. A cada dia, ele se via mais receptivo às refeições em grupo. Embora ser sociável logo de manhã não fosse natural, ele estava segurando suas preferências e gostando de participar. Naquela manhã, a conversa estava centrada em torno do vídeo da noite passada e do passeio da manhã.

Gianni estava absolutamente certo sobre a coisa de ambiente. Cada evento no Crazy Horse parecia especial, e os hóspedes estavam ficando cada vez mais interessados nos cavalos e no que aquilo significava. Já havia um par de pessoas falando sobre a compra de um cavalo quando chegassem em casa. No café da manhã, Evan ouviu todos jurarem que tinham de voltar ao Crazy Horse no ano seguinte.

Ele notou Kathy sorrindo enquanto recarregava as xícaras de café. Empurrou a cadeira para trás e a seguiu até a porta da cozinha.

— Quantos realmente acabam voltando?

Depois de colocar a jarra de café no balcão, respondeu.

— Uns três ou quatro em dez. Alguns não voltam todos os anos, mas vêm de vez em quando. Temos alguns grupos que voltam juntos na mesma semana a cada ano.

A ideia o fez sorrir.

Kathy sorriu.

— É atraente, não é?

— Eu admito. Mas agora todo mundo está tão animado... Isso não pode durar.

— Não, mas esperamos que no tempo que passam aqui, e é por isso que só reservamos em blocos de duas semanas, as pessoas aprendam algumas lições duradouras sobre si mesmas. Mais confiança, especialmente física. Maior amor e respeito pelos animais. Mais conexão com o ar livre e a saúde. E, acima de tudo, a capacidade de parar e sentir o perfume das rosas.

Primeiro Gianni, em seguida, Jess, e agora Kathy tinha usado aquela mesma frase.

— Você tem rosas belíssimas por aqui — disse ele, querendo se referir para além das rosas selvagens que cresciam ali.

— E eu não sei?

— Vocês fizeram um belo trabalho ao projetar esse conceito e ao divulgar o lugar. Percebo que possui uma reputação excelente, internacionalmente.

Ela assentiu com satisfação.

— Will e eu nos propusemos a criar algo exclusivo. É claro que queríamos ganhar dinheiro, mas também imaginamos que gente rica precisava desse tipo de férias, do mesmo modo que as pessoas pobres. Veja seu caso, Evan. Um consultor de investimentos de Nova York. Essa é sua vida real, certo? Mas aposto que quando você voltar a ela, vai querer fazer algumas mudanças. Não acho que teria vindo até aqui se não houvesse algo aí dentro que fosse atraído por um ritmo mais lento, por diferentes prioridades.

Ela fez um gesto para os hóspedes despenteados, conversando com animação em torno da grande mesa de madeira.

— E veja os benefícios para os negócios. Você poderia encontrar pessoas como eles naqueles seminários de gestão em Manhattan. Estariam todos em seus ternos de executivos, falando de negócios, trocando cartões de visitas entre si e fazendo anotações em seus smartphones. Jamais iriam relaxar para de fato conhecer uns aos outros. Aqui, você está fazendo amigos e contatos de negócios que sejam significativos. Certo?

Ele assentiu com a cabeça. Sim, Evan iria verificar a empresa de George, com um olho para recomendá-lo aos seus investidores. George pretendia contratar Sandy para projetar um programa para eles. O marido de Joan não estava feliz com seu atual

consultor de investimentos, de modo que ela recomendaria Evan. O grupo de hóspedes estava formando muitas conexões de negócios.

Ele sorriu para Kathy.

— Você realmente sabe o que está fazendo.

— Viver em um lugar bonito, levando uma boa vida, conhecendo pessoas fascinantes, e realmente fazendo alguma diferença na vida das pessoas. O que mais poderíamos pedir?

— As pessoas não se esquecem de cheirar as rosas quando chegam em suas casas?

— Algumas sim — ela deu um sorriso travesso. — E nós as lembramos. Uma vez que você esteja cadastrado em nosso *mailing*, Evan, é difícil se esquecer do Crazy Horse. Costumamos enviar um boletim trimestral. Ele traz notícias sobre nós e os cavalos, algumas receitas, dicas de saúde e exercícios, informações sobre ex-alunos...

— Sêrio?

— Não se esqueça de nos manter informados sobre sua vida. É um bom *networking*. Nós também enviamos postais periodicamente, com fotos de Jess, Madisun e Robin em seus cavalos; Will e eu na cozinha; os hóspedes reunidos em torno da lareira no inverno; as rosas selvagens em plena floração e assim por diante. E ainda enviamos ofertas de pacotes especiais.

Kathy e Will sabiam o que estavam fazendo quando se tratava de desenvolver sua marca e sua comercialização. Por que Jess não podia seguir seu exemplo? Por que, ao contrário de seus patrões, ela não tinha confiança em seu produto? Ou por que ela só gostava de ficar sonhando?

CAPÍTULO 12



O PASSEIO COMEÇOU mais tarde do que o habitual e, quando Evan chegou ao estábulo, apenas metade dos cavalos havia sido trazida do pasto e encilhada. Não havia sinal de Jess, embora a picape estivesse lá, com a porta do motorista aberta.

Madisun parecia exausta quando se virou para os hóspedes, com quatro cabrestos pendurados nas mãos.

— Chegou atrasada? — Perguntou George.

— Um pouco. Ainda bem que vocês apareceram para dar uma mão. — O sorriso parecia forçado.

— O que podemos fazer, Madisun — perguntou Evan —, sem ficar em seu caminho?

— Vejamos... Vocês podiam aprontar os cavalos que eu já trouxe, enquanto vou buscar o resto.

Mal terminou de falar e os hóspedes partiram na direção do estábulo. Madisun correu para o pasto e estava tentando abrir a porteira, quando Evan a pegou:

— O que está acontecendo? Onde está TJ?

Quando ela se virou, estava enxugando lágrimas das bochechas.

— Eu não deveria lhe contar — e deu um soluço.

— O que há de errado, Madisun? Diga-me, sou seu amigo.

Um soluço alto explodiu e ela engoliu em seco.

—Tivemos de sacrificar um cavalo. P-Petula, um dos cavalos favoritos de todo mundo.

Era o Palomino, que Jess chamava de Pet. Ah, Deus, ela devia estar arrasada.

— Foi cólica — disse Madisun. — Intestino torcido. TJ ficou com ela a noite toda, mas hoje cedo a veterinária desistiu e precisaram sacrificá-la — deixou o ar sair, trêmula. — Tivemos de levar o corpo de Pet embora, antes que os hóspedes aparecessem. Não queremos que ninguém saiba, não queremos estragar o clima de férias. Ah, Jesus, eu não deveria ter dito nada a você! — Puxou um lenço do bolso e assoou o nariz.

Evan tocou seu ombro.

— Está tudo bem, não vou contar a ninguém. Onde está TJ?

— Lá em cima, no hotel, tomando banho. Ela está mal, Evan. Não conseguia parar de chorar.

O coração mais mole do mundo, essa era ela.

Madisun virou olhos ansiosos para ele.

— Não sei se ela vai ser capaz de lidar com isso.

— Vai sim — disse ele, com convicção. — Ela tem coragem, assim como você. Vou fazer o que puder para ajudar. Vamos manter os hóspedes ocupados e tentar desviar a atenção para longe de TJ, até que ela possa se recompor.

Madisun se inclinou para a frente e apoiou a testa contra seu ombro. Então, recuou.

— Obrigada — deu um profundo suspiro. — Vou trazer o resto dos cavalos.

Ele a estudou.

— Você é uma menina muito forte para sua idade, não é?

Olhos que eram muito mais velhos do que dezoito anos encontraram os dele.

— Às vezes, é preciso ser — balançando a cabeça, os longos cabelos negros esvoaçaram e depois repousaram. — Vou trazer os cavalos até a cerca, você poderia levá-los ao estábulo?

— Sem problema.

Logo, todos estavam trabalhando com diligência e Evan estava contente por tantos momentos passados, aprendendo a lidar com os cavalos.

Ele estava ajudando Joan a colocar o freio em Mickey, quando a voz de George soou, de novo:

— Perdeu a hora?

Evan se virou para ver Jess entrar no pátio. Suas roupas estavam limpas, os cabelos estavam úmidos e o chapéu havia sido puxado baixo, cobrindo o rosto de sombras.

— Desculpe por isso — disse ela, a voz entrecortada. — Vejo que Madisun tem tudo sob controle.

Evan interrompeu:

— Estamos praticando nossas habilidades — e colocou um sotaque londrino brega.
— Caro George, acho que finalmente conseguimos.

A boca de Jess se entreabriu, surpresa.

Ele quase riu. Sim, estava atuando como um personagem, mas se bancar o bobo fosse ajudá-la e a Madisun, teria prazer em fazê-lo.

— TJ? — Madisun chamou. — Você pode me ajudar aqui?

Os hóspedes foram adiante com suas tarefas e, em poucos minutos, todos estavam montados, formando a fila habitual.

— É meu dia de sorte — disse Madisun, ao colocar a sela em seu *appaloosa*. — TJ vai me deixar assumir a liderança, com Raindance.

Ela foi até o portão e os demais a seguiram. Evan segurou Rusty atrás. Quando Jess ficou lado a lado, em Knight, ele disse:

— Como você está?

Ela inclinou a cabeça para olhar para ele e Evan pôde ver seu rosto direito. Ficou triste ao notar as sombras sob seus olhos, a vermelhidão inchada.

— Madisun não deveria ter lhe contado. — Sua voz estava rouca de tanto chorar.

— Sim, deveria. Ela é forte, mas mal estava se aguentando.

Jess engoliu com tanta força que Evan conseguiu ver.

— Ela me contou quanto você ajudou. Obrigada.

— De nada.

Desejou que existisse alguma maneira de confortá-la. No entanto, sabendo que o que mais ela precisava era de privacidade, tocou Rusty adiante, deixando-a seguir seu próprio ritmo.



Jess fechou os olhos doloridos e segurou Knight. O cavalo, acostumado a estar na liderança, dançou no lugar e refugou um pouco.

— Tudo bem, garoto. — Ela murmurou com suavidade, inclinando-se para acariciar seu pescoço. — Você vai ter sua chance de correr, mas agora pode ter calma? Estou me sentindo frágil.

Normalmente, ela aceitava o desafio de trabalhar com cavalos mais novos como Knight. Naquele momento, contudo, ansiava pela calma e firmeza de Rusty. Ou de Petula.

Trêmula, respirou. Sabia que a morte era um evento natural, mas aquela égua idosa ainda tinha alguns bons anos pela frente. Anos bons, passeando no pasto com os

outros cavalos ou levando as meninas pequenas para passeios.

Jess aliviou as rédeas e Knight saltou para a frente. Ela o segurou para um passeio, embora caminhasse tão depressa que logo se encontraria com os hóspedes. Não gostando de seu comando para ficar atrás de Rusty, jogava a cabeça, empinava e se movimentava inquieto. Ela manteve as mãos firmes e o animal concordou, a contragosto.

Evan olhou por cima do ombro, deu-lhe um sorriso rápido e se virou para a frente.

Ela devolveu o sorriso, observando-lhe os ombros cobertos de denim. Foi um alívio não ter nada mais a fazer a não ser controlar Knight e ver o ritmo suave de Evan a se mover com Rusty. Respirou fundo o ar da floresta, expandindo os pulmões, deliberadamente. A manhã estava cinzenta e pôde sentir o cheiro de chuva. Torceu para que não chovesse logo. Madisun e ela estavam tão agitadas, que não se lembraram de trazer ponchos para os hóspedes amarrarem nas costas das selas.

Os cavalos trotaram com brevidade, depois se acomodaram em uma caminhada e, ao entrar em um trecho largo, galoparam. Knight continuava querendo passar na frente de todos, para assumir o que ele considerava ser seu lugar de direito na liderança.

— Disciplina é bom para você — murmurou Jess.

Em geral, depois que havia treinado um animal novo, passava-o para Madisun montar, na parte de trás da fila, durante alguns poucos meses. Os cavalos do Crazy Horse tinham de aprender a manter seu lugar e não competir pela liderança.

Educar Knight ajudou Jess a se recompor. E, como sempre, o fato de estar montada a cavalo no campo foi uma experiência de cura. Sua dor se acomodou em uma sombria sensação de melancolia.

Quando os cavaleiros chegaram ao campo aberto e se dividiram em dois grupos, como de costume, ela levou o grupo avançado. E deu para Knight a liderança que ele tanto queria. O desejo dele de correr coincidia com o da própria Jess e, naquela altura, ela sabia que seu pequeno grupo de hóspedes poderia acompanhar sem medo e sem correr perigo.

Os dedos do vento acariciavam seu rosto e ajudavam a lhe secar os cabelos. Jess cavalgou em silêncio, mal ouvindo os gritos de seus companheiros e, quando segurou o animal e eles se juntaram a ela, deu-lhes um sorriso que parecia verdadeiro.

— Todo mundo está bem?

A resposta entusiástica a fez sorrir outra vez.

Seu olhar permanecia em Evan, vestido com jeans e botas de vaqueiro, o chapéu combinando à perfeição com os cabelos iluminados pelo sol. Ele se acomodava naturalmente em cima da sela. O menino de cidade havia virado um cowboy. Graças

ao bom Deus, ele estava ali. Sua simples presença fazia o coração dela parecer um pouco mais leve.

O grupo de Jess se juntou ao outro e Madisun chamou:

— Sigam-me, agora. Vamos cavalgar por mais cinco ou dez minutos para, depois, darmos uma parada. Então, mais uma hora, até o local do piquenique.

Jess enviou um sorriso agradecido em sua direção. A adolescente tinha amado Petula também e sentiu sua perda, profundamente. E estava lidando melhor com a situação. Tinha um cerne de aço, aquela garota, o que era previsível, com todas as tensões que os pais jogavam sobre ela.

Madisun levou o grupo para uma estrada de terra, ladeada de mato. Lá havia espaço para que cavalgassem em pares, e a maioria das pessoas fez isso, tendo assim a oportunidade de conversar.

Jess forçou Knight a permanecer no final da fila.

Evan segurou Rusty, também, guiando o cavalo para ficar ao lado de Knight.

— Quer companhia, Jess?

O que ela teria feito sem Madisun e aquele homem? O velho amigo, o homem bonito que parecia pertencer àquele lugar?

Se ele tivesse sido mais aberto para seu mundo quando era criança, suas vidas teriam tomado rumos diferentes?

Não, ela não podia pensar assim. Hoje, já tinha sido demasiado estressante. Devia desfrutar da visão de Evan, do companheiro que cavalgava a seu lado.

— A sua, sim — respondeu. — Só não me sinto com disposição para conversar.

Ainda se sentia muito fragilizada e tinha medo de, ao abrir a boca, voltar a chorar.

— Entendo.

Cavalgaram em um silêncio sociável, quebrado apenas pelo rangido do couro, o tilintar dos arreios e o bufar ocasional dos cavalos.

Algumas gotas de chuva salpicaram seus ombros. Jess olhou para o alto:

— Droga, deveríamos ter trazido ponchos.

— Iremos sobreviver.

As gotas logo pararam, graças aos céus, e no instante em que eles chegaram no lago, o sol estava brincando de esconde-esconde entre nuvens brancas.

Will, Kathy e Marty os aguardavam com a churrasqueira armada, ladeada de geladeiras de isopor e cestas de vime do piquenique. Os hóspedes desmontaram, soltaram as rédeas e as deixaram cair frouxas, falando algumas palavras em particular com seus cavalos, e caminhando com ansiedade rumo ao local do piquenique.

— Você os treinou bem, Jess — disse Evan.

— Não, é mais do que isso. Você pode ver que eles adoram. Eles estão se tornando parte deste mundo, ainda que seja apenas temporário.

— Conheço esse sentimento.

Ela sorriu, sentindo-se triste.

— Posso ver.

No estado de espírito melancólico em que estava, parecia pungente que Evan fosse capaz de descobrir as maravilhas do campo e, ainda assim, continuar tão comprometido a viver em sua cidade enorme.

— Vá almoçar — ela pediu, e ele obedeceu.

Madisun veio e as duas mulheres se abraçaram.

— Você é maravilhosa — disse Jess. — Fico lhe devendo essa.

— Gosto de ser a líder na trilha. — Seus olhos, porém, estavam sombreados.

Jess colocou o braço em volta dos ombros de Madisun.

— Vamos pegar um pouco de comida.

Como sempre, tudo estava delicioso. Will fez hambúrgueres grelhados, regados com o molho secreto de Kathy. Havia também frangos fritos, saladas de batata e de repolho picante, pães recém-assados e uma grande variedade de frutas e cookies.

As pessoas se acomodaram no alto de rochas e em troncos caídos pelas margens do lago, vagando para a frente e para trás, quando queriam reabastecer seus pratos.

Madisun era de uma estranha quietude e Jess percebeu quando foi para a floresta. Ela sempre mantinha um olho nas pessoas que iam ao abrigo das árvores, para atender as chamadas da natureza. Ursos, lobos e coiotes eram raros, mas não incomuns. E, assim, Jess notou quando Evan também se dirigiu para o bosque, para perto de onde Madisun havia ido.

Ouviu-o chamar alguma coisa. Evan ficou no lugar por um momento, para depois desaparecer entre as árvores.

Curiosa, e um pouco preocupada, Jess se levantou e limpou sua traseira, em seguida, caminhando em seu rastro. Pisando suave, foi por entre os abetos altos. Um lampejo de vermelho chamou sua atenção. A camisa de Madisun. Prestes a chamá-lo, deu mais alguns passos adiante e então estancou, de um jeito abrupto.

A menina estava dando um amasso. Em Evan. A boca de Jess caiu e a adrenalina lhe queimou as veias. Ela ia matar. Aos dois.

Então, seus sentidos ficaram mais aguçados. Ouvindo soluços apertados, viu como a bonita cabeça escura de Madisun estava escondida no ombro de Evan e como a mão dele dava tapinhas nas costas da menina, pedindo-lhe “calma, calma”.

Jess se afundou nos calcanhares, não querendo se intrometer, perguntando-se se poderia ajudar.

Por fim, Madisun se afastou.

— Estou tão envergonhada... — ela balbuciou, assoando o nariz, ruidosamente.

— Nada há nada do que se envergonhar. Você segurou tudo tão bem, de manhã.

Acho que você realmente vai sentir falta de Petula.

— Sim, mas...

— Mas?

— Eu a amava e estou arrasada com sua morte. É que não é apenas Pet, é... Ah, caramba, acho que nunca vou sair daqui!

Como? Madisun estava planejando ir para a universidade, em Vancouver.

— Por que você diz isso? — Questionou Evan.

A menina deu um suspiro desesperado. Então:

— Desculpe, não devia estar falando desse jeito. Você está aqui de férias, não para ouvir meus problemas.

— Madisun, sou amigo de TJ e gostaria de ser seu. Amigos conversam uns com os outros e não apenas sobre coisas alegres.

A menina baixou a cabeça.

— Qual é o problema?

Falando para o chão, ela murmurou:

— Meu pai perdeu outro emprego ontem e eu já sei que vou ter de gastar mais de minha poupança para alimentar as crianças.

Jess fez uma careta. Maldito sujeito.

— Ele não vai conseguir outro emprego? — Perguntou Evan.

Madisun olhou depressa para cima e, em seguida, para baixo de novo.

— Ele vai entrar naquela bebedeira mais uma vez... Comprida... O pai é o perfeito clichê do índio bêbado. Isso pode durar semanas, talvez meses, até voltar a trabalhar de novo.

Outra longa pausa.

— E sua mãe... hã... Morreu?

— Não! Por que você acha... Ah, porque estava cuidando de minha irmã... Não, ela estava fora da cidade por alguns dias, porque sua mãe estava doente.

— E ela não tem um emprego?

— Com meus oito irmãos e irmãs mais novos em casa? E *ele* para cuidar? Não é pouco... Além disso, ele a engravidou quando a mãe estava no oitavo ano e ela nunca conseguiu terminar os estudos. O único emprego que conseguiu arranjar pagava muito mal.

Evan deixou escapar o ar com um silvo baixo. Jess não estava perto o bastante para ver a expressão em seu rosto, mas podia imaginar o que pensava. Imaginando os

paralelos que desenhava entre a vida de Madisun e sua própria infância.

— Desculpe — repetiu a garota. — Eu fico pensando que estou fazendo progressos e, logo em seguida, algo como isso acontece — ela suspirou. — Nunca vou sair daqui e é uma idiotice pensar diferente. Tenho um bom emprego e acho que deveria ser grata por isso...

Ele tocou seu ombro.

— É um bom emprego e tenho certeza de que você é grata. Mas não pode desistir dos sonhos, Madisun. Confio que você vai sair daqui — deu um longo e audível suspiro. — Eu saí.

Jess sugou a própria respiração. Teria apostado que Evan nunca, jamais, falaria sobre suas origens.

A cabeça de Madisun voltou para cima.

— O quê?

Ele assentiu com a cabeça.

— Isso é só entre nós, combinado? Eu cresci em Caribou Crossing — é assim que conheço TJ — e meus pais não eram muito diferentes dos seus. Ele a engravidou quando minha mãe estava no colégio. Ele bebia, teve problemas para manter um emprego. A melhor coisa que fez foi nos abandonar. Então, lá estávamos, Broo... Humm, minha mãe e eu. Ela era como sua mãe, não tinha muitos requisitos para arrumar trabalho. Ou a... Hã... Personalidade para manter um emprego. Passamos tempos difíceis. Eu sabia que um dia iria embora — deu um pequeno sorriso irônico. — Há um tempo, um velho amigo disse que eu era o menino mais decidido que havia conhecido. Era, sim, e consegui. Saí e transformei meu sonho em realidade.

Madisun lançou um olhar cínico.

— Menino branco, o que torna tudo mais fácil.

— Não se diminua. Você é brilhante e talentosa, carrega o que é preciso para ter sucesso. Talvez vá ter de trabalhar um pouco mais, mas para cada pessoa que a desprezar porque você é mulher ou nascida americana, irá conhecer alguém que vai se curvar para lhe dar uma chance. Você só precisa encontrar as pessoas certas, trabalhar duro e nunca perder a confiança.

Ela encolheu os ombros.

— Sim, está bem, você está certo. Já sei disso, pela maneira como os professores da escola me tratam. A única coisa que pode me impedir é o dinheiro e minha situação em casa. Só ontem à noite, percebi isso, de fato.

— O que aconteceu? —Evan perguntou, com cuidado.

— Ele chegou depois que os bares já estavam fechados, bêbado como um gambá... — ela se calou.

O corpo de Evan ficou tenso.

— Ele bateu em você?

Madisun olhou para o chão e balançou a cabeça, sem pressa.

— Não desta vez — ela levantou a cabeça e o encarou. — Foi quando vi que...

Ele nunca vai me deixar ir.

Os músculos de Jess se retesaram. Ela jamais imaginou que o pai de Madisun lhe machucava. No entanto, devia ter adivinhado. Droga, a vontade dela era socar aquele sujeito e sabia que Evan pensava igual. De alguma forma, precisava levar a menina para longe do pai e ajudá-la a encontrar seu caminho.

Madisun ainda estava olhando para Evan.

— Seu pai batia em você?

— Às vezes.

Ela assentiu com a cabeça, como se já soubesse.

Os olhos de Jess se encheram de lágrimas quando, na ponta dos pés, retornou. Os dois compartilhavam de algo que, graças a Deus, nunca poderia entender por completo.



Quando o grupo voltou para casa, depois do almoço, Evan sentiu a tensão no ar. A dor de Jess, o desespero de Madisun, sua própria raiva com a triste situação da menina. E, claro, algumas lembranças remanescentes dos punhos de seu pai.

Os outros hóspedes não pareceram captar o que acontecia. Estavam meio torpes, e com sono, depois de horas cavalgando ao ar livre, para não mencionar o excelente repasto.

Tentando afastar os sentimentos negativos pelo menos por um tempo, puxou Rusty ao lado de Jess e Knight. Para sua surpresa, ela lhe lançou um grande sorriso, tão quente que quase o jogou para fora da sela. Não disse nada, porém.

Depois de alguns minutos, Evan falou:

— Quer falar sobre Petula?

A boca de Jess formou um círculo e, depois, transformou-se em um sorriso torto.

— Sim, quero. Obrigada, Ev.

Assim, ela começou a falar em voz baixa, quase como se para si. Contou como a conheceu, como Pet sempre fora tão dócil. Narrou histórias engraçadas, outras comoventes.

Evan ouvia quase uma glorificação, narrada por alguém que sabia tudo sobre o animal desaparecido e o amava profundamente. Era um cavalo, sim, que diferença

aquilo fazia?

Com a iniciativa, ele percebeu que enfim tinha entrado no mundo de Jess, no qual os cavalos podiam ser quase tão importantes quanto eram as pessoas.



Ali estava ela, tagarelando para Evan, sobre um cavalo, como nos velhos tempos. Ele sempre escutava assim, também, e ela sabia que era porque estava interessado nela, preocupado com ela, e não porque desse a mínima para cavalos.

— De qualquer forma — ela terminou sua fala, lançando um olhar de culpa — essa foi Petula e vou sentir sua falta.

— Claro que vai — devolvendo um sorriso simpático. — Obrigado por me contar. Ela era uma ótima égua.

Palavras simples e, ainda assim, parecendo sinceras. Sim, Evan tinha mudado. E estava se identificando com toda aquela coisa de cavalos, realmente.

— Agradeço por me ouvir falar sobre ela. Eu estava precisando muito disso.

Evan já sabia daquilo, daí lhe ter dado tal presente. Caramba, se Jess fora louca pelo velho, quanto mais perigoso poderia ser o novo Evan?

Pingos repentinos de chuva, gordos e pesados, desabaram sobre a copa do chapéu que ela usava.

— Ai!

As mangas de sua camisa, o denim cobrindo as coxas, escureceram em grandes manchas. Mais à frente, os hóspedes exclamaram, em desalento, e a fila entrou em um trote. Jess decidiu deixar Madisun manter a liderança, em vez de assumir o controle. A menina sabia o que estava fazendo e isso iria aumentar sua confiança.

Jess avaliou as nuvens, de um ameaçador tom cinza-escuro.

— Vamos tomar toda a chuva — disse para Evan. — Foi uma estupidez não trazer os ponchos. Não sei no que eu estava pensando.

— É apenas água — ele retrucou.

De fato, enquanto a chuva salpicava com mais força, e as pessoas ficavam mais molhadas e úmidas, Jess ouviu mais risadas do que reclamações.

A chuva fria foi refrescante e ela adorou o cheiro empoeirado, quando a chuva espirrava no chão seco. Felizmente, eles não estavam longe de casa. O chão não estava escorregadio e Madisun os deixou trotar por um longo trecho. O grupo logo voltou ao passo de caminhada, ao se aproximar do estábulo. Tanto os cavaleiros quanto os cavalos estavam encharcados e as pernas dos animais estavam revestidas de lama.

Quando puderam desmontar, Jess disse:

— Vão se secar e aquecer, pessoal. Madisun e eu cuidaremos dos cavalos.

Ficou contente ao ver que todos ignoraram o comando. Brincando entre si, sacudindo os cabelos molhados no rosto, atrapalhavam-se com as tiras de couro e as fivelas úmidas e escorregadias. Entretanto, conseguiram desencilhar os animais, armazenando os arreios e as selas no estábulo, enquanto Jess e Madisun levavam os cavalos para o pasto.

— Chocolate quente! — Exclamou Kim. — Vamos vestir roupas secas e depois invadiremos a cozinha de Kathy. Aposto que ela vai nos deixar preparar chocolate quente.

— TJ, Madisun — disse Ann —, vocês deveriam vir conosco.

— Para mim, está ótimo — disse Madisun. — TJ?

Chocolate quente soou como uma boa ideia. Só que em casa, na banheira, sozinha. Seguido por uma cama e, com sorte, uma noite de sono profundo.

— Obrigada, acho que vou passar.

À medida que os outros saíram, Evan se demorava, ficando para trás.

— Você está abatida. Deixe-me levá-la para casa.

Ela lhe lançou um sorriso cansado, pensando que a única coisa melhor do que chocolate quente e ir para a cama sozinha seria compartilhá-los com ele.

— Obrigada, eu estou bem. Preciso de algum tempo sozinha.

— Você tem certeza de que não há nada que eu possa fazer?

Ele poderia ser um homem diferente, um homem que quisesse ficar por ali, em vez de voltar para Nova York. Ele poderia ser um homem que a amasse...

No momento, Jess não queria nada mais do que se lançar em seus braços e ficar entre eles, para sempre. Em vez disso, balançou a cabeça.

— Você já fez. Não acho que teria sobrevivido hoje, sem você. O tal do Evan ainda é um danado de um bom amigo.

— Descanse um pouco, Jess. Chame se você precisar de alguma coisa. Promete?

Ele se inclinou e apertou os lábios úmidos na testa molhada da mulher. E ela colocou os braços ao redor de Evan e se agarrou, permitindo-se um breve momento de contato. Era tudo com o que podia lidar naquele exato instante, o jeito como se sentia sobre ele, sabendo como estava emocionalmente frágil.



Enquanto Jess ia embora, Evan ficou na chuva, desejando poder aliviar sua dor, de alguma maneira. Ele respeitava Jess como uma mulher forte e independente e, ainda assim, queria protegê-la. Nunca se sentira protetor ao lado de Cynthia.

Tomou um longo banho de chuveiro, depois correu debaixo da garoa, para a pousada. Vozes lhe diziam que os outros estavam reunidos na cozinha e ele foi direto para o telefone.

Felizmente, ela respondeu.

— Olá, Cynthia. Você está ocupada?

— Evan. Estou no escritório, é claro que ocupada. O negócio da Dynamite? Lembra-se?

— Claro. Desculpe-me por incomodá-la.

— Você não está me incomodando!

O tom exasperado lhe indicou que, se não antes, agora sim estava atrapalhando.

Mordendo o lábio, olhou para fora da janela. Apesar da chuva, o pássaro estava lá, sua cabeça inclinada na direção dele. Parecia que estava fazendo uma pergunta. E, enfim, ele já sabia a resposta.

— Cynthia, tenho pensado bastante, desde que cheguei aqui e...

— Espere.

Evan imaginou Cynthia erguendo a mão para cima, do jeito que fazia quando precisava pensar. Ele obedeceu. Durante alguns longos segundos. Então, ela falou:

— Você é um pino quadrado.

— Perdão?

— Nós dois pensamos que você era um pino redondo, mas não é. Nunca iremos nos encaixar, não é?

A reação de Cynthia o surpreendeu. Ele sentiu uma onda inebriante de alívio e se viu sorrindo. Então, ficou sério e disse, com calma:

— Acho que não. Sinto muito. Devia ter percebido isso mais cedo e, sinceramente, pensei que nosso relacionamento fosse exatamente o que sempre havia desejado.

— Sei. Talvez você precisasse voltar para casa para descobrir.

Seu tom de voz era fosco. Ele não conseguia ler o que ela estava sentindo.

— Essa mulher, Jess — continuou ela. — Você a ama.

— Não! Bem, sim, de certa forma. Quero dizer, eu sempre a amei. Como uma amiga próxima... — E um objeto de seu desejo, o que não iria mencionar.

— Não é o que parece, daqui, pelo menos...

— Cynthia, nada aconteceu.

Ele estremeceu e se sentia culpado com a meia verdade, sabendo que se mencionasse o beijo, só iria machucá-la.

— Eu sei que você não iria me trair. Não é esse o ponto. A questão é que nosso relacionamento não está indo a lugar nenhum — Sua calma parecia excepcional.

— Então... Acho que estamos terminando?

Era isso que ele pretendia, mas Cynthia parecia ter assumido o controle e deu uma risada sem nenhuma ponta de humor:

— Bem, isso é o que significa “venho pensando bastante”, não é? Além disso, você está certo. É o melhor. Para os dois.

Embora soubesse que ambos eram pessoas de pouca emoção, não conseguia acreditar que ela podia estar tão calma quanto àquilo.

— Mas você não está... Com raiva, ou magoada?

Cynthia deu outra risada e esta, na verdade, trazia uma nota de humor.

— De que adiantaria? Você me conhece, Evan. Sou eminentemente prática. Odeio perder tempo ou emoção. Nós fizemos tudo certo, mas é hora de seguir em frente. Separados.

Parecia um anticlímax. Não que ele quisesse uma cena. Dois anos, no entanto, deveriam terminar com um gemido, pelo menos, se não com um estrondo.

Droga. Foi exatamente assim que ele e Jess haviam terminado, há dez anos. Só que o tinham feito por e-mail, algo ainda mais impessoal.

Ele não podia deixar tudo acabar daquela maneira.

— Cynthia, você está realmente bem?

— Claro. Desapontada, mas, para ser honesta, já suspeitava que isso não ia funcionar.

Evan se perguntou se ela estava reescrevendo a história em sua cabeça, o que não importava.

Cynthia seguiu em frente:

— Quando você me disse que estava indo para casa...

— Aqui não é minha casa! Nova York é minha casa! Só vim aqui para conferir esse investimento.

— Ah, Evan, você não me engana. Não se engane. Você tinha coisas que precisava saber. Parece-me que está entrando em contato com uma parte que esteve enterrada em um lugar bem profundo, durante muito tempo.

Não era do estilo dela brincar de psiquiatra amadora, e o fato, tanto quanto suas palavras, fizeram-lhe parar. Além disso, ela falava de um modo muito parecido com o de Jess, quando disse que talvez ele precisasse voltar a Caribou Crossing para se reencontrar.

— Talvez você esteja certa — admitiu —, é que estou confuso.

Teria Evan, pela primeira vez com Cynthia, admitido sua vulnerabilidade?

Se assim foi, ela a afastou, rebatendo de uma maneira brusca:

— Você vai resolver as coisas — e fez uma pausa. — Já falou com sua mãe?

— Não!

Meu Deus, o que estava acontecendo com Cynthia? Ela se transformou de namorada em terapeuta, em menos de cinco minutos? Seria esse seu jeito de empurrar de lado as emoções e fingir que ele não a havia machucado?

— Humm — disse Cynthia, pensativa. — Bem, acho que necessita fazer isso. Você saiu de casa quando era ainda um menino, Evan. Precisa de uma resolução adulta para a coisa toda, ainda que seja uma decisão de cortar todos os laços.

Ela e Jess tinham algumas coisas em comum, realmente. Evan se sentiu encurralado.

— Vou pensar sobre isso.

— Ahã. Bem, faça o que tiver de fazer. Agora, preciso correr. Vamos ver... Tenho algumas coisas suas. Vou deixar em seu apartamento e pegar os itens que larguei por lá, e devolver suas chaves. Mande as minhas pelo correio, quando voltar à cidade... Ou, quem sabe, podemos tomar um drinque, um dia.

A boa, velha e eficiente Cynthia.

— Claro, seria bom.

— Então, tchau.

— Cynthia?

Ela já tinha ido embora.

Ele desligou o telefone. Quem era a mulher com quem tinha acabado de conversar, e de terminar? Cynthia era mesmo assim, tão prática, tão adaptável, ou estava apenas mantendo sua dignidade? Isso o irritou, porque, depois de dois anos juntos, ele não poderia dizer o que ela estava sentindo. Antes, ele admirava sua contenção emocional. Agora, por estranho que fosse, desejava conhecê-la melhor. Evan gostava de Cynthia e acreditava que, por trás de sua reserva, ela também gostava dele. Quando voltasse para casa, iria convidá-la para uma bebida. Talvez pudesse ser melhor amigo do que tinha sido namorado. De alguma forma, as coisas estavam se alinhando, durante a semana.

Olhou para fora da janela. O pássaro estava ocupado, bicando a madeira e o som de risadas vinha da cozinha. Junto com o aroma de chocolate quente. De repente, sentiu-se mais alegre. Uma caneca fumegante pareceu ser exatamente o que mais precisava.



Evan dormiu como nunca. Quase sempre, antes de seu alarme disparar, estava acordado, porém, quarta-feira de manhã ele conseguiu dormir, apesar do zumbido. Muito atrasado para o café, correu para o saguão da pousada e pegou um *muffin* e uma xícara de papelão com o delicioso café da Kathy. E roubou um par de maçãs, para ele e para Rusty.

Quando chegou ao estábulo, ficou satisfeito ao ver que tanto Jess quanto Madisun estavam com os olhos límpidos e sorrisos genuínos. Mal podia reprimir o desejo de abraçar cada uma delas, por muitas diferentes razões. Embora conhecesse Madisun há pouco mais de uma semana, ela quase parecia uma irmã que nunca teve. Quanto a Jess... Seus sentimentos estavam longe de ser fraternais. E agora, enfim, podia admitir, sem sentir culpa. Ele era um homem solteiro, ela era uma mulher solteira. Não havia nada de errado em se sentir atraído.

Evan deixou seu olhar permanecer nela, apreciando tudo o que dizia respeito àquela mulher. Ela podia não ser alguém que se vestisse na última moda, mas, caramba, parecia sempre fantástica. Calça jeans bem usada cobria curvas muito femininas, uma camisa azul-claro abrigava braços bronzeados e fortes e um lindo pescoço. Um cinto de couro largo exibia sua cintura fina e enfatizava as curvas, acima e abaixo. Os cabelos presos em um rabo de cavalo brilhavam sob a luz do sol pálido.

A melhor coisa, a coisa mais cativante, contudo, era seu rosto. Suas linhas eram limpas e fortes, e inefavelmente femininas. A boca era generosa e expressiva, quase tanto quanto aqueles olhos cor de chocolate que podiam brilhar com o riso, derreter com as lágrimas ou chiar com a paixão.

Paixão. Ele tinha visto isso em seus olhos, a mesma paixão que sentia e que procurou reprimir. O que os dois fariam com esse sentimento?

— Evan? — Ela chamou, com um sorriso zombeteiro. — Alguém o amarrou e você não pode se mexer?

Tinha sido ela.

— Só apreciando a manhã — respondeu Evan, dirigindo-se depois ao estábulo para pegar os arreios e a sela de Rusty.

Assim que o grupo estava na trilha, seus pensamentos se perderam em Jess. Uma vez solteiro, os dois poderiam ser mais do que amigos? Bem, por que não fazer uma análise?

Fato 1: Estava atraído por ela. Isso era inegável. Só de pensar nela, sentia-se endurecer, condição indesejável para um homem sentado em uma sela de couro

inflexível.

Fato 2: Apesar de Jess ter dito que só queria que fossem amigos, Evan sabia que ela sentia grande atração por ele. A paixão daquele beijo, na semana anterior, o carinho em seu olhar, tudo isso confirmava aquela percepção. No entanto, na ocasião, ele estava com Cynthia, e os dois se seguraram. O que o levava ao ponto seguinte.

Fato 3: Estavam ambos solteiros, agora. Até ali, tudo bem.

Rusty tentou agarrar as folhas de uma rosa selvagem, espinhos e tudo. Evan puxou bruscamente as rédeas.

— Esqueça isso.

As palavras ecoaram em sua cabeça e ele suspirou. Tinha evitado a consideração do fato mais importante. E que sempre esteve lá.

Fato 4: Jess morava em Caribou Crossing. Mais que isso, ela pertencia ao lugar. Assim como Rusty, as rosas com seu perfume inebriante e o esquilo que espiava a fila de cavaleiros, de cima de uma cerca. Seu coração estava ali, com a filha, os pais, aquele maldito Dave Cousins e seus amados cavalos. Em Nova York, ela iria murchar aos poucos, como uma das bonitas rosas faria, se ele a arrancasse de seu caule.

Evan não poderia repetir o ato: fazer amor com ela, para depois abandoná-la.

Ela sabia disso também, percebeu, e estava se protegendo. Quando disse que queria que fossem “apenas amigos”, não foi só por causa de Cynthia. Jess sabia que qualquer coisa além levaria à dor e, quem sabe, a mais dez longos anos de solidão. Se eles fossem amigos, pelo menos poderiam ficar em contato.

Seriam os dois tão ingênuos a ponto de pensar que podiam fazer uma amizade dar certo? E qual era a alternativa? Dizer adeus era simplesmente impensável.

Quando o grupo fez uma pausa, espalhando-se para colher morangos silvestres, Evan achou mais fácil evitar Jess do que ter de lidar com sentimentos confusos. E foi até Madisun.

— Está tudo bem em casa? — Perguntou em voz baixa.

Ela encolheu os ombros.

— Sim e não.

Lado a lado, caminharam para mais longe do grupo.

— Ele não voltou para casa, de noite — disse ela. — Mas voltará, cedo ou tarde. Vou precisar lidar com isso — Madisun lhe tocou o braço. — Obrigada pelo papo de ontem. Ajudou muito saber que você também teve uma vida difícil em casa e que conseguiu se realizar.

— Você também vai.

Uma ideia vinha se formando em sua mente. Ele tinha pensado na Fundação Gimme a Break, embora houvesse burocracia demais, ainda mais se se considerasse que

ela era uma canadense. Além disso, ele queria que uma oferta fosse algo pessoal.

— Tenho uma proposta para você — disse Evan, para em seguida emendar —, uma proposta de negócio.

Madisun inclinou a cabeça.

— Vou lhe emprestar o dinheiro para ir para a universidade.

— O quê? Você não pode fazer isso! — O rosto jovem franziu como uma carranca.

— Posso e vou fazer. Vou lhe dar os recursos para a moradia, matrícula e os livros.

Ela estava balançando a cabeça, perturbada.

Evan seguiu em frente.

— Sei que vai precisar enviar dinheiro para casa, para as crianças, e não quero que vá trabalhar de garçoneiro. Você pode trabalhar para mim, quando isso se encaixar em seu horário escolar. E espero que me envie um e-mail, uma vez por semana, com um relatório de progresso sobre o que está aprendendo e o que está pensando, em termos de futuro.

Desta vez, a cabeça de Madisun balançava com vigor.

— Não tem nada de proposta de negócios aí! E você, o que ganha com isso?

— Eu sou um consultor de investimentos. Estou apostando que, um dia, Madisun Joe vai ser uma empresária bem-sucedida e irá se envolver em uma empresa, que será um bom investimento.

Madisun olhou para Evan, como se ele tivesse perdido o juízo.

— Não posso deixar você fazer isso. Estava apenas desabafando quando disse aquilo ontem, sobre nunca sair daqui. Eu vou fazer isso. Por minha própria conta.

— Não tenho nenhuma dúvida, embora possa levar mais de um ano. O que será perda de tempo, para você e para mim. Quero você na universidade neste outono — e fez uma pausa. — A não ser, é claro, que você não queira.

Seu rosto se iluminou.

— Claro que quero! — As lágrimas transbordaram e ela se atirou nos braços de Evan.

Ele a abraçou brevemente, depois se afastou.

— Ei, as pessoas vão começar a fofocar!

Madisun secou as lágrimas.

— Nem posso acreditar. E meu pai, Evan? Ele nunca vai permitir...

— Eu vou falar com seus pais e vamos resolver isso.

— Madisun? — Era Jess que chamava.

A menina esfregou o resto de umidade em suas bochechas.

— Hora de voltar para a trilha. Ah, Evan, estou tão animada!

— Marque uma hora para poder me encontrar com seus pais e, enquanto isso, melhor manter segredo.



Após o almoço, Jess e Madisun estavam se preparando para outra sessão de comunicação e de cuidados com os cavalos. Quando a menina deixou cair a caixa com as escovas pela segunda vez, Jess lhe perguntou:

— O que há com você hoje?

Madisun se voltou para ela e, em seguida, um sorriso iluminou seu rosto.

— Ah, TJ, estou tão feliz, não posso guardar isso comigo.

Era uma reviravolta desde o dia anterior. Jess sorriu de volta.

— O que aconteceu, Madisun?

— Tenho certeza de que Evan não se importaria se lhe contasse.

— Evan?

— Ele vai financiar minha ida para a universidade! Este ano!

— Ah, meu Deus! — Atordoadada, Jess se deixou absorver pela ideia. — É incrível...

— Ele não é o melhor?

Ah, sim.

— Ele realmente é o máximo. — Era a grande chance da garota e ela bem que merecia. Jess a abraçou. — Vou sentir sua falta, mas estou muito feliz por você. — Um pensamento a atingiu: — Seus pais estão de acordo?

O rosto de Madisun se nublou um pouco.

— Ainda não, mas terão de estar. Evan vai falar com eles. Mamãe vai querer, ela sempre disse que queria que eu fosse além do que ela conseguiu... Já meu pai... Bem, preciso acreditar que Evan poderá persuadi-lo.

Jess esperava que sim, também. E talvez pudesse fazer mais do que esperar...

Ela passou pela sessão de comunicação, chamando Madisun para ajudar, e então colocou os hóspedes para trabalhar escovando e limpando seus cavalos.

Quando os animais ficaram prontos, os hóspedes subiram o morro, até a pousada, e Evan, como de costume, permaneceu acenando para Madisun, quando ela correu para a velha picape. Sem dúvida, estava ansiosa para voltar para casa e marcar a reunião com os pais.

— Acho que você precisa regressar logo para a fazenda e fazer as tarefas, antes da noite do carroção de hoje — disse Evan, dirigindo-se a Jess.

— Sim.

Ela o estudou com gosto, bronzado, forte e bonito, de camisa e jeans. A vontade de abraçá-lo era quase uma dor física. Jess queria convidá-lo para jantar em casa; queria fazer amor com ele e fazê-lo uma parte de sua vida. Entretanto, deu um ligeiro passo para trás.

— Madisun me contou sobre sua oferta. É simplesmente maravilhoso, Ev.

Ele deu de ombros, sem jeito.

— Ela é uma boa menina e merece sua chance. Nem todos podem conseguir bolsas de estudo para Cornell.

— Você pode ter uma batalha difícil com o pai.

— Ele bate nela. — Sua voz era gelada.

Um calafrio a percorreu e ela fechou os braços sobre o peito.

— Eu não sabia disso ou teria feito alguma coisa. Ela não fala muito sobre a família.

— As crianças maltratadas não costumam fazer isso...

Seus olhares se encontraram. *Ah, Evan, eu gostaria de poder corrigir todas as coisas ruins que já aconteceram com você.* Ela limpou a garganta.

— Talvez ajude se pudesse ir com você. Eles me conhecem e você é um completo estranho. Eu poderia tranquilizá-los, dizendo que você é digno de confiança e...

— E que não sou algum tipo de psicopata, como ele?

Ela estudou sua mandíbula apertada.

— Se você acertar o senhor Joe, não vai ajudar Madisun em nada.

Ele engoliu em seco.

— Você pode ter de me lembrar.

Ela não teve nenhum problema de imaginar Evan socando o pai de Madisun. O pensamento que deveria tê-la desgostado, ao contrário, fez seu coração disparar. Evan nunca seria um brigão, mas lutaria para proteger alguém com quem se preocupava.

— Você é um bom homem, Evan Kincaid.

Ele balançou a cabeça, com impaciência.

— Estou feliz de ajudar. Ela não devia ter contado e sim manter silêncio sobre isso.

Ele estava envergonhado pelos elogios, o que também foi algo cativante. Por que, por todos os diabos, tudo sobre aquele maldito homem tinha de ser tão atraente?

— É difícil manter segredos, se somos amigos próximos — murmurou ela, pensando com culpa no grande segredo que vinha escondendo de Evan.



Enquanto desempenhava seu papel no churrasco da noite, observando Evan com o canto do olho e flagrando-o a assisti-la, Jess não podia deixar de se lembrar do beijo de uma semana antes. Tanta coisa acontecera desde então e eles não mais puderam nada...

É claro que ela não queria beijar Evan. Bem, seu cérebro não, mas todas as outras partes de seu corpo — o coração, a alma e o sexo — queriam e muito.

Ela passou a noite tentando fingir que ele era apenas mais um hóspede e, até quando estava conversando com alguém, ou no meio de uma dança alegre com Jimmy B, sentia-se inteiramente consciente de sua presença.

Foi quase um alívio quando Hank e Gavin começaram a tocar uma música lenta e Evan a puxou em seus braços. Porque não tinha certeza de que poderia passar mais um momento sem tocar naquele homem. Na verdade, era tudo o que poderia fazer para evitar fundir seu corpo contra o dele.

— Não lhe contei sobre Cynthia — murmurou ele.

— Cynthia?

Jess não acreditou que ele iria estragar sua única dança juntos falando da namorada...

— Nós terminamos.



JESS TROPEÇOU E escancarou a boca, envergonhada e apavorada com a maneira que seu coração se comportou, com um salto dentro do peito.

— O... O que aconteceu?

— Tivemos uma conversa civilizada. Ela me disse que eu era um pino quadrado num buraco redondo.

— Ela lhe deu um pontapé?

Evan franziu o rosto, com uma careta exagerada:

— Poderíamos evitar esses termos? — Então, sorriu. — Na verdade, eu comecei e ela acabou. Não pertencemos um ao outro e ambos percebemos isso ao mesmo tempo.

— Você está bem? — Ele soava e agia de um jeito incrivelmente calmo. Se ela tivesse acabado de terminar com um namorado, estaria arrancando os cabelos.

— Sim. E acho que Cynthia também está.

— Bem... Isso é ótimo. Melhor descobrir agora do que depois de casados.

E nós, onde é que ficamos? Jess se perguntou, para depois responder à própria dúvida: *Em lados opostos do continente.*

— Acho que Cynthia e eu podemos acabar como amigos. Eu a valorizo demais.

Valoriza demais? Como assim?

— Pensei que ela fosse sua mulher perfeita. Se não é, o que você está procurando?

Evan deu uma ligeira franzida na testa.

— Eu... Ainda não cheguei tão longe.

Jess levou a cabeça para trás.

— Experimente. Agora que você é crescido, qual seria sua ideia de mulher perfeita?

Foi sua vez de tropeçar. Quando recuperou o ritmo, Evan disse:

— Bem, alguém com inteligência e ambição, e que ame Nova York tanto quanto eu.

— Parece com a Cynthia...

Teria ele ouvido certa ironia em sua voz?

— Hã... Talvez desejasse um pouco mais de... Hã... Faíscas. Alguém mais brincalhona, mais divertida. A última semana me ensinou que a vida não tem de ser séria todo o tempo.

— Ótimo.

Ele ainda não tinha falado nada sobre o amor. Parecia que Evan ainda queria manter seus sentimentos trancados.

— E você, Jess, qual sua ideia de homem perfeito? Você é jovem, bonita, vibrante. A-amorosa. — A voz de Evan tropeçou na última palavra. — Não vai ficar sozinha para sempre.

— Eu não me apaixono fácil — respondeu ela, com severidade.

— E se o fizesse, seria com um homem que estivesse imerso em toda essa coisa de casa nas montanhas e tal. Alguém que fosse parte de sua vida aqui.

Ela assentiu com a cabeça.

— É uma boa vida. Rob, meus pais, Dave, família e amigos.

— Cavalos — disse ele, em voz baixa. Os cantos de seus lábios se curvaram um pouco, embora os olhos estivessem tristes.

Ah, sim, Evan nutria sentimentos por ela, também. Não era apenas uma questão física entre eles. Se qualquer um dos dois fosse uma pessoa diferente, poderiam ter algum futuro. Jess se obrigou a devolver o sorriso e a confirmar:

— Cavalos, sim.

Não apenas os animais em si, também o campo, todo o estilo de vida junto ao qual tinha crescido; ela não conseguia se imaginar sobrevivendo em qualquer outro lugar que não fosse aquele. E Evan, embora tivesse aprendido a apreciar o tempo passado ali, claramente sentia um vínculo essencial com Nova York.

De repente, Jess se sentiu tão cansada que seus pés pareceram feitos de chumbo. Viveu em um espremedor emocional mais de uma vez, durante a semana. Parou de se mover.

— Estou acabada, Ev — olhou para o relógio. — É hora de encerrar as coisas.



Evan percebeu como Jess esperou por ele para encontrar um lugar no carroção de feno, depois se içou no lado oposto, pensando que seria melhor assim. Estava se sentindo tão confuso quanto há uma semana.

Uma coisa muito estranha lhe acontecera. Quando Jess pediu para ele descrever a mulher perfeita, uma imagem logo lhe veio à mente. Ela puxava Knight, depois de um rápido passeio, e se virava para ele, que vinha ao lado com Rusty, com os olhos brilhando. Seu rosto se iluminava por uma alegria semelhante à dele. Era um absurdo. Sim, ele estava atraído por ela, e Jess não tinha lugar em seu mundo, exceto nas franjas.

E bem no fundo de seu coração.



O passeio de quinta-feira estava planejado para começar no meio da manhã, porque envolvia outro piquenique. Embora pudesse ter dormido até mais tarde, Evan acordou cedo, inquieto. Seu tempo no Crazy Horse estava chegando ao fim. Sentia-se bem quanto a muitos assuntos, apesar de um senso de negócios inacabados.

Ele se juntou aos outros para o café e só cutucou sua comida, não conseguindo se concentrar na conversa. Ele tinha as coisas mais ou menos resolvidas com Jess, mas, e sobre Brooke? Se voltasse para Nova York sem ver a mãe, continuaria se perguntando para sempre sobre o que poderiam ter conversado?

Droga. Ele abrira o coração para ela tantas vezes, quando menino, e em cada oportunidade se viu pisoteado... Por que deveria tentar de novo? Repetia-se que era apenas curiosidade. Jess lhe contara que ela havia mudado e talvez ele quisesse ver por si mesmo. Por que diabos era tão custoso acreditar que fosse verdade?

Levantando-se da mesa, procurou por Will, em seu escritório.

— Você pode me chamar um táxi? Vou para Caribou Crossing.

— Vai demorar meia hora para um táxi chegar até aqui, e Marty vai comprar mantimentos, daqui a pouco. Por que não vai com ela?



Marty tentou conversar, durante a viagem e, com Evan não muito falante, desistiu.

— Onde você quer ficar? — Perguntou, quando chegaram aos arredores da cidade, que contava com novos postos de gasolina e lojas de fast-food, desde que estivera lá.

— Em qualquer lugar, na rua principal.

Esperava que o coração de Caribou Crossing ainda continuasse pequeno o suficiente para que as lojas se mantivessem a uma curta distância umas das outras.

Ele estava certo, notou, assim que Marty parou em um sinal vermelho e pôde olhar em torno. Pequeno, mas mais pitoresco do que se lembrava.

Ela o deixou em frente à drogaria e Evan caminhou alguns quarteirões até onde o salão de beleza se localizava. Vários edifícios históricos, incluindo o Wild Rose Inn, de Dave Cousins, e The Gold Nugget Saloon, em que seus pais costumavam beber, haviam sido restaurados. Flores e tinta fresca tornavam a cidade encantadora.

Na verdade, ele estava protelando e avaliando Caribou Crossing, em vez de se concentrar no motivo pelo qual se via ali.

De pé, em frente ao salão Beauty is You, Evan inspirou profundamente várias vezes e se lembrou de que não era um homem de recuar diante de um desafio. Com o coração a martelar no peito, atravessou a rua e abriu a porta. Um sino tocou e vários rostos se viraram.

Seus olhos logo se fixaram em um deles. Deus, ela parecia jovem. Linda. Seu olhar se prendeu nos cabelos loiros, brilhantes, que desciam em ondas até os ombros, rosto e braços levemente bronzeados, o corpo esguio envolto em uma bata de cor creme, cheia de bolsos e com o nome do salão gravado.

Ele nunca a tinha visto tão bem!

A mão de Brooke subiu ao pescoço.

— Evan?

A voz estava tão trêmula e presa que ele mal conseguiu ouvir. Ela veio em sua direção, movendo-se de maneira incerta, como um cego que tateia em um lugar desconhecido.

— Sou eu.

Ela deu um suspiro engasgado e desatou a chorar.

Rapidamente, outra mulher, vestida com uma bata igual, com cabelos castanhos encaracolados e de brilho dourado, correu até ela.

— O que está acontecendo? — E pôs um braço protetor em torno de Brooke.

— Sou o filho dela. Não nos vemos há algum tempo...

— Ah, meu Deus do céu! Você é o Evan! — Ela liberou Brooke e lhe estendeu a mão. — Sou Kate Patterson. Já ouvi muito a seu respeito.

Distraído, ele apertou sua mão e depois se voltou para a mãe:

— Você está bem?

Com a ponta dos dedos, ela afastou as lágrimas.

— Não posso acreditar nisso.

— Quando você tiver uma folga, podemos tomar um café?

— Vão agora — ordenou Kate —, eu termino a escova da Madge.

— Tem certeza? — Perguntou Kate.

Sem perceber, ela se viu tirando a bata com as mãos trêmulas, despenteando os cabelos no processo. A outra mulher — tia de Jess, supôs Evan — aproximou-se para ajudá-la. Sob a bata, Brooke usava uma blusa azul, sem mangas, e saia cáqui.

Pareceu-lhe mais um sonho do que a vida real, como se estivesse apenas observando e não participando, quando caminhou ao lado da mãe, sem que se tocassem ou falassem, na direção de um café a poucas dezenas de metros, descendo a rua. Ao longo do trajeto, ele suportou os olhares curiosos de várias pessoas, lembretes de que estava em uma pequena comunidade na qual todos os moradores se conheciam, e não na grande e anônima Nova York.

Eles se sentaram em um dos cantos, no fundo do pequeno salão, e pediram café a um homem de meia-idade que cumprimentou Brooke pelo nome e o olhou com desconfiança, através dos óculos com aro de metal. Quando a bebida chegou e por fim ficaram sozinhos, ela perguntou, com urgência:

— Você está bem?

Se ele estava bem? Como diabos ele poderia responder àquela pergunta?

— Você está... Doente?

Evan não deveria se surpreender que ela pudesse supor isso, afinal havia ficado longe por tanto tempo...

— Não, estou muito bem.

Ela soltou um longo suspiro e a tensão em seu rosto diminuiu. Brooke estudou o filho por cima da mesa, como se o estivesse absorvendo por inteiro.

— Deixe-me olhar para você, Evan Kincaid. Não posso acreditar como ficou tão bonito!

— Você também está muito bem, Brooke.

Na verdade, apesar de algumas pequenas rugas ao redor dos olhos e da boca, ela parecia mais jovem do que dez anos antes. Escolhera estilos simples para cabelos, maquiagem e roupas, que muito lhe convinham. No passado, ou estava completamente desarrumada ou se aprontava de maneira muito chamativa. Uma década depois, parecia bem mais saudável, quase elegante.

Evan havia passado muito tempo remoendo sua raiva materna. Diante dela, no entanto, teve dificuldade para reconhecer a mulher que um dia o fizera sofrer tanto.

— Você parece muito diferente.

Ela assentiu com a cabeça.

— E estou — Brooke respirou fundo. — O que você está fazendo aqui?

— Eu vim para o Crazy Horse, por um lado, para fazer um trabalho para um cliente e por outro, de férias. — Evan fez uma pausa, percebendo que firmara sua mandíbula. — Estou aqui há uma semana e meia.

— Você não... — ela baixou a cabeça.

— Não, não telefonei nem visitei. Eu não queria... — decidiu-se pela honestidade. — Não queria ver você e achei que também não gostaria de me ver. As coisas tinham terminado entre nós há muito tempo, Brooke.

Lágrimas transbordaram dos olhos da mulher, que ergueu a cabeça e fitou o filho.

— Você tem todo o direito de me odiar.

— Não sei se odeio você. Estava zangado, ferido. Era você que me odiava.

A expressão de Brooke foi de incredulidade:

— Eu odiava você? Como pôde pensar uma coisa dessas?

Ela parecia ter uma memória seletiva. Com raiva, ele aproveitou para cutucar a mãe.

— Você disse que eu arruinei sua vida.

— Não!

Raiva, mágoa, todas as emoções que ele tinha enterrado tão bem subiram à superfície.

— Você disse que se não tivesse ficado grávida, estaria em Los Angeles, curtindo a vida. Em vez disso, estava presa em uma cidade caipira, com uma criança chorona.

Enquanto ele falava, Brooke abaixou a cabeça de novo e enterrou o rosto nas mãos. Por um momento, manteve tal postura. Aos poucos, entretanto, levantou o olhar. Lágrimas de dor desciam por suas faces.

— Sinto muito, Evan. Eu me senti deprimida, algumas vezes, e acho que falei umas coisas horríveis. Mas nunca quis dizer nada daquilo, especialmente sobre você.

— Bem, você as fez parecer muito críveis.

Brooke se encolheu, para depois se endireitar.

— Peço desculpas, do fundo do coração. Estava muito mal e... Sei que isso não serve como desculpa, mas, meu cérebro... Não estava no lugar, mais da metade do tempo...

O pedido de desculpas parecia genuíno e a raiva de Evan começou a se dissolver.

— Jess Bly... Cousins... Contou-me sobre seu transtorno bipolar e alcoolismo, disse que você estava em uso de medicação e frequentando o A.A.

— Eu deveria ter feito isso há anos.

— Sim, deveria mesmo.

Ela encarou seu rosto com os olhos azuis esverdeados, que o filho havia herdado, inchados e avermelhados.

— Sinto muito. Fui uma péssima mãe.

Ele não se opôs nem sentiu que ela estivesse procurando uma desculpa educada. E suspirou:

— Estou contente por você ter conseguido melhorar sua situação, Brooke.

— É tarde demais — perguntou, em voz baixa —, para nós?

Evan estudou seu rosto. Havia uma dignidade lá que nunca tinha notado.

Uma semana antes, ele teria dito que sim. Quando chegou lá, naquela manhã, não sabia direito o que pretendia. E continuava assim.

— Uma das coisas que se deve fazer no A.A. — continuou ela —, é entrar em contato com as pessoas que prejudicou. Pedir desculpas e, se possível, fazer as pazes. Fiz isso com todos, menos você. Bem, você e seu pai, mas não tenho ideia de onde encontrá-lo e, mesmo que tivesse, não acho que seria uma boa ideia.

— Pode ter certeza.

Ela assentiu, com um meneio.

— Já com você... Sim, eu sabia como chegar até você, mas não tinha coragem para fazer, justo quem mais machuquei.

— Então, se disser que a perdoo, isso deixa as coisas acertadas com Deus e o A.A.?

Sim, soou amargo. Não à toa, ela se retraiu.

Depois, voltou e se inclinou para a frente, empurrando a intocada caneca de café de lado e descansando os antebraços sobre a mesa.

— Claro que não. Não estou fazendo isso tanto para mim como para você. Quero que saiba que nunca foi sobre você, Evan. As coisas horríveis que fiz e disse, nunca foram porque merecesse. Você foi um bom menino, a única pessoa que amei de verdade até hoje.

Ele bufou.

— Amou? Você nunca me amou!

— Ah, sim! Mas não o suficiente para... Colocar a cabeça no lugar. Sinto muito, Evan.

Sim, ela tinha dignidade. Estava presente em cada gesto, em cada palavra. Ela ganhou isso também. Tudo fruto do próprio esforço.

— Para constar — Evan se viu dizendo —, posso até perdoar você. Nunca pude compreender o que você passava. Quando criança, provavelmente não poderia. Mas, como adulto, talvez devesse olhar para trás com um pouco de reconhecimento e perspectiva.

Um sorriso brincou nos lábios de Brooke.

Ele seguiu em frente.

— Tenho refletido muito, durante esses dias. Reexaminando partes de minha vida.

— Isso parece saudável.

— Acho que você precisa muito disso, também.

Desta vez, o sorriso chegou e persistiu por alguns segundo.

— Nem me fale...

— Jess me disse que você fala de mim.

— Eu costumo me gabar... — seus lábios voltaram a se curvar. — Estou tão orgulhosa de você, Evan. Você era o garoto mais ambicioso da cidade, apesar de não ter nenhum incentivo em casa. Trabalhou duro e fez tudo isso acontecer. Você é um sucesso tão grande!

— Eu me dei bem, sim, só que poderia ter sido mais gratificante.

Afinal, por que ele falou aquilo?

— Sério? — A mãe inclinou a cabeça para o lado. — Como assim? Ah, Evan, eu achei que você já tinha encontrado tudo o que procurava.

Ela parecia genuinamente preocupada.

Naquele momento, Evan percebeu que estava tendo uma conversa de verdade com a mãe. Uma conversa que estava centrada nele, e com a qual ela transparecia uma aparente preocupação com sua felicidade. O pensamento o surpreendeu. Ele começou a brincar com seu café, piscando algumas vezes para lutar contra as lágrimas.

Em seguida, olhou para Brooke.

— Minha definição de sucesso sempre teve a ver com dinheiro e status. Ah, e também em ser o melhor naquilo que sei fazer, o que me permite usar minhas habilidades para ajudar as pessoas ricas a ficarem ainda mais ricas.

As sobrancelhas dela se juntaram.

— Humm... Tenho certeza de que você pode ganhar um monte de dinheiro fazendo isso, e posso ver que isso pode não ser tão satisfatório assim. O que você preferia fazer?

— Ajudar as pessoas comuns a alcançar objetivos significativos para elas. Como possuir sua própria casa, ter dinheiro suficiente para se aposentar com conforto, e assim por diante.

Brooke mantinha um sorriso caloroso no rosto.

— A maioria de nós precisa desse tipo de ajuda. Somos bastante incapazes no que diz respeito a fazer poupança, definir prioridades. Não é que não queiramos, é que pode ser muito desanimador descobrir como levar isso adiante.

— Exatamente! — Evan sorriu para ela. — Quanto às pessoas ricas, até que gosto de ajudá-las a participar com algum dinheiro financiando causas que valham a pena.

— Claro. E aposto que isso os faz sentir melhor sobre eles próprios também. Ela entendeu. O sorriso do filho se alargou.

Brooke sorriu de volta, seus olhos parecendo enevoados. E disse:

— Sinto muito, Evan, tenho clientes com hora marcada e não posso deixar só a Kate...

Senso de responsabilidade. Gestão do tempo. Difícil crer que ela era Brooke Kincaid.

— Claro, foi rude de minha parte aparecer sem avisar, mas...

— Mas você estava com medo de...

— Isso mesmo. De dar pra trás. Sim, estava.

— Estou contente que não fez isso.

— Eu também.

Ele jogou alguns dólares sobre a mesa, ao lado das canecas de café ainda cheias.

— Vou levá-la de volta.

Do lado de fora do salão de beleza, ela parou e ele esperou a mãe falar:

— Sobre o A.A. — retomou, com calma —, e fazer as pazes com as pessoas que prejudicamos... Eu gostaria de fazer isso, Evan. Sei que nunca poderei compensar toda a dor que lhe causei quando era um menino, mas amo você e quero que saiba que, se houver qualquer coisa que eu possa fazer para...

— Você já fez muito por hoje, mãe.

Era a primeira vez que ele usava o termo, desde criança, e a palavra parecia lhe pesar na língua.

— É muito bom ouvir você me chamar de mãe... — devolveu, com voz embargada.

Evan não quis lembrá-la de que Brooke nunca quis ser tratada assim. Talvez ela se lembrasse, ou não. Naquele instante, não lhe importava.

— Foi bom sermos capazes de falar a verdade. Ter você ouvindo e tentando me compreender, de fato.

— Foi maravilhoso! — E com a voz ainda tremendo, perguntou: — Vou ver você de novo, ter notícias suas?

— Eu... Não ficaria de todo surpreso.

— Irei entender se você decidir não entrar em contato comigo. E vou ser grata por hoje, para sempre. Nossa, querido, foi o que de mais bonito já me aconteceu.

Lágrimas caíram por seu rosto.

Os olhos de Evan se inundaram, de novo.

— Foi legal para mim também.

Até então, não haviam se tocado. Ali, com olhos repletos de lágrima encarando outros, marejados, Brooke deu um passo para a frente, desajeitado, Evan levantou os braços, sem qualquer traço de habilidade, e eles se abraçaram.

A mãe parecia estranha nos braços do filho. Pequena, e não frágil, o perfume de alguma flor tropical exalando dos cabelos. Os braços dela se fecharam em suas costas. Brooke o abraçou como quem sonhava muito com a cena.

Ao se separarem, ambos enxugaram os olhos. Em seguida, sem mais palavras, ela correu para dentro do salão.

Evan caminhou pela rua, sem enxergar nada, enquanto tentava controlar as lágrimas.



Naquela tarde, enquanto o grupo trotava de volta para o estábulo, beijado pelo sol e pelo vento, depois de horas ao ar livre, Jess olhou preocupada para Evan. Ele tinha ficado tão quieto, o dia todo. Não parecia triste ou preocupado, só pensativo. Estaria planejando uma estratégia para lidar com os pais de Madisun, que concordaram com uma visita, à tardinha?

Quando os hóspedes subiram para os chalés, Evan disse a Madisun e Jess:

— Vocês me dão quinze minutos?

— Claro — respondeu Madisun, a voz entrecortada pelos nervos.

— Vamos fazer seu pai ouvir a razão — assegurou Jess.

As duas mulheres limpavam as selas, quando Evan reapareceu. Madisun soltou um assobio e Jess parou, segurando o fôlego. Lá estava ela de jeans sujos, enquanto ele usava um terno cinza-escuro, camisa branca impecável e uma gravata elegante. Ele quase parecia um estranho, e muito bonito, em suas roupas de trabalho. O Evan de Nova York.

Jess olhou para baixo e não conteve o riso. Eram botas de vaqueiro, embora ele as tivesse limpado até que brilhassem sob uma fina camada de poeira.

— Ei, vaqueiro, você vai usar essas coisas quando voltar para a cidade?

Ele sorriu de volta.

— Nunca se sabe. Angélica, minha assistente, daria uma gargalhada.

Sim, ele tinha um escritório, funcionários, clientes. Um negócio. Uma vida. Ela devia continuar se lembrando dessas coisas.

Com uma nota de adoração a seu herói, Madisun falou:

- Acho que você está maravilhoso, Evan.
- Obrigado, será que vou causar boa impressão em seus pais?
- Eles irão se surpreender.



Seus pais tinham mais é de ficar surpresos, pensou Evan. Ele faria tudo que pudesse para fazê-los concordar com a proposta. Ele sabia que Madisun tinha idade suficiente para sair de casa, se quisesse, e também que ela levava muito a sério suas responsabilidades com os irmãos, por isso era importante que os pais apoiassem o plano.

Jess levou a própria caminhonete, e Evan foi com Madisun em seu velho veículo, com décadas de uso. Ela pegou a estrada para a cidade e depois entrou em uma ramificação, terminando em um bairro degradado, com casas que eram barracos ou reboques em mau estado de conservação, em que na maioria dos quintais nascia lixo e não flores.

— Vivi a uma ou duas quadras para baixo — disse ele. A garota devolveu um sorriso nervoso em sua direção.

Estacionaram e saíram do carro, esperando por Jess, que seguia atrás. Juntos, com Madisun entre ambos, subiram os degraus da frente de um barraco deteriorado, com brinquedos quebrados espalhados pelo quintal e algumas flores que se esforçavam para brotar. A porta estava aberta, com uma tela rasgada que a bloqueava.

Madisun bateu na madeira e gritou:

— Mãe, pai, chegamos!

Ela abriu a porta de tela e os chamou para dentro:

— Esperem aqui.

Evan estudou a sala cheia, com seu mobiliário gasto, pratos sujos e cinzeiros transbordando. Um bebê bonito, de cabelos negros, usava uma fralda e nada mais, sentado em um canto do tapete manchado, mastigando uma boneca Barbie sem roupas, com cabelos desgrenhados. Um par de olhos castanhos os estudou com curiosidade, em silêncio.

Ele olhou para Jess, que parecia soturna. Um som de vozes altas veio de outra sala e, depois, uma Madisun corada retornou.

— Meus pais já vêm. As crianças, exceto pela Susie aqui, estão no parque.

Ela pegou o bebê nos braços e a menina murmurou com prazer.

Os três se sentaram, sem dizer palavra, por cerca de cinco minutos. Então, entrou uma mulher, seguida por um homem. As calças e a camiseta da senhora Joe estavam desbotadas, mas limpas, e seus cabelos foram bem penteados e presos com uma faixa vermelha. O senhor Joe usava uma camiseta gasta e jeans que caíam sob uma barriga de bebida. Seu andar não era muito firme e ele segurava uma garrafa de cerveja aberta.

O estômago de Evan se contraiu. Era um homem que batia na esposa e na filha.

Madisun ficou de pé, segurando o bebê, e era evidente que não sabia o que fazer.

Jess, assumindo o controle da situação, levantou-se e disse:

— Olá, é bom vê-los de novo. Gostaria que vocês conhecessem Evan Kincaid, um velho amigo. Ele cresceu aqui, mas agora vive em Nova York.

Evan se levantou, também, caminhando na direção deles com a mão estendida. O casal pareceu surpreso, mas retribuiu o gesto. Ninguém ofereceu comida ou bebida, e Evan ficou aliviado. Não queria que a visita durasse mais tempo do que ele precisava para aquilo.

— Mary-Anne diz que você tem uma ideia de pagar pelos estudos dela? — Perguntou a mãe, mal se ouvindo o que ela dizia.

— Vamos nos sentar e conversar — respondeu Evan.

Quando todos estavam acomodados, delineou seu plano.

— Por que ocê ia fazer isso? — Disse o pai, com suspeita, mastigando as palavras.

Sua esposa lançou um olhar sob os cílios para o marido e, em seguida, outro para Evan.

— Ela é uma boa menina — Mais uma vez, suas palavras foram ditas em voz baixa, apesar de firme.

— Sei que é — disse Evan. — E merece uma chance de estudar e explorar suas opções.

— Vocês podem confiar em Evan — Jess interrompeu. — Sei que esse arranjo parece incomum, só peço que acreditem em mim. Ele respeita Mad... Mary- Anne e não vai fazer nada que possa machucá-la.

— Ele está tentando comprar a menina — bufou o Sr. Joe.

— Não!

Evan e Jess responderam juntos, enquanto Madisun, que esteve quieta na porta, ofegou. Talvez tenha espremido Susie, porque o bebê soltou um gritinho.

— Não é assim — disse Jess. — Tudo o que ele quer de Mary-Anne é que ela vá para a escola e estude muito.

— Eu quero isso para ela — disse a senhora Joe, com uma suavidade tristonha —, mas o que acontece é que ela nos ajuda a alimentar as crianças. Eu não vejo como podemos fazer isso sem ela.

— Ela vai ter um emprego em meio período — disse Evan. — E vai enviar dinheiro para casa, enquanto o senhor — parou de falar e fixou o olhar no homem — deixar sua esposa e seus filhos em paz.

Ele ouviu Jess e Madisun engolirem em seco, sem despregar os olhos do pai dela.

O homem olhou para ele, o rosto ficando vermelho, Evan cada vez mais tenso. *Dê-me uma desculpa.* Ele nunca tinha socado um homem na vida, mas estava preparado para fazê-lo. O fato de perceber que iria gostar da cena o chocou.

Depois de um momento, o outro homem baixou o olhar e murmurou:

— Num sei de que merda ocê tá falano...

Evan percebeu que suas mãos tinham se fechado em punhos. Forçou-se a abrir os dedos. Engolindo em seco, falou:

— Meu pai me batia e fazia isso com minha mãe. Eu sei do que estou falando.

Outro suspiro tenso de Jess.

Os olhos do senhor Joe se ergueram, fixados em seu rosto com mau humor e um toque de medo.

Evan continuou:

— Um homem de verdade não agride mulheres ou crianças. Se um covarde faz isso, alguém deve impedi-lo. Como os policiais. Foi o que aconteceu com meu pai. O senhor me entende?

O homem deu um grunhido.

Evan sabia que não ia ser assim tão simples, só que era um começo.

O casal não pediu mais detalhes. Evan imaginou se os pais de Jess estivessem naquela situação e um estranho viesse oferecer um acordo semelhante. As perguntas levariam dias, eles iriam exigir referências e verificar cada uma em detalhes.

Foram os Blys que chamaram a polícia, no caso de seu pai. Eles o tinham protegido. Pensou que talvez pudesse ligar para Wade Bly e ter uma conversa sobre a família de Madisun. Jess e sua mãe tentavam protegê-lo do estresse, mas pelo que Evan tinha notado, Wade ainda era um homem forte. Um homem que preferia proteger a ser protegido.

Ao sair, Madisun os acompanhou até a picape de Jess. Ainda segurava Susie nos braços e, de repente, entregou o bebê para a amiga, colocando os braços em volta de Evan para abraçá-lo com força. Todo seu corpo tremia.

— Não acho que eles concordaram, de verdade. E, Evan, obrigado pelo que você disse sobre ele deixar mamãe e as crianças em paz.

Ele a abraçou de volta.

—Vou garantir que haja alguém de olho nele — Evan se afastou, segurando Madisun pelos ombros. — Vai ser difícil. Ir embora e deixar sua mãe e os irmãos.

Deixar Jess, os cavalos, Kathy e Will.

— Eu sei — e o encarou com firmeza. — Mas quero fazê-lo. E preciso tentar. Não vou desapontá-lo.

Ele sorriu e a soltou.

— Claro que não, basta perceber que não tenho expectativas específicas. Só quero que você seja verdadeira para si própria, trabalhe duro e que fique em contato comigo. Não vou discutir suas decisões. Se quiser uma opinião, porém, terei prazer em fornecê-la.

— Vou contar com isso — Madisun se voltou para Jess. — Espero que possamos manter contato, também.

Jess sorriu e entregou o bebê de volta.

— Claro que sim.

Pingos pesados de chuva começaram a tamborilar sobre seus ombros e Jess disse:

— É melhor levar Susie para dentro, Madisun.

A menina correu para a porta, enquanto os dois subiam apressados na cabine da picape. Ela ligou o motor e pôs os limpadores na máxima velocidade, porque a chuva já caía forte. O rádio ligou e tocou alguma música country fanhosa, mas Jess o desligou.

Seguiram em silêncio algum tempo, até que ela descansou a mão no braço dele.

— Ficaremos de olho neles. Dave e eu e meus pais.

— Obrigado.

Dave de novo. O homem com quem ela sempre pôde contar.

Jess quis manter a mão em seu braço, mas precisou mudar de marcha em uma curva.

— Só mais alguns dias até que você esteja de novo em sua casa.

— Tive dias maravilhosos.

Quando entrou na rodovia, ela perguntou com timidez:

— Você não vai ver Brooke?

Ele permaneceu calado. Quando ela se virou para Evan, viu seu sorriso.

— O que foi?

— Eu a vi, esta manhã.

— Evan!

— Jess, preste atenção na estrada!

A picape havia desviado para o acostamento.

Jess pôs o pé no freio, fazendo o veículo rabear no cascalho, sacudir e, no fim, parar.

— Você foi ver Brooke e não me contou? Eu mato você! — E examinou o rosto dele. —Correu tudo bem?

Ele concordou com um gesto.

— Tivemos uma conversa. E pude ver o que você quis dizer sobre ela ter mudado.

— E agora? Você vai ficar em contato?

— Acho que sim. Deixamos isso no ar e... Nós nos abraçamos e... Eu me senti bem.

Jess se atirou sobre o banco e lhe deu um estranho e entusiasmado abraço.

— Isso é ótimo!

Evan a segurou, a terceira mulher que havia estado em seus braços em um só dia, cada uma especial para ele, em sua própria maneira. Só Jess, no entanto, fazia seu sangue ferver. Ele soltou um gemido.

— Pô, mulher, é difícil sermos apenas amigos.

Ela levantou a cabeça.

— Eu sei. Desde que você chegou, eu me sinto... Como uma adolescente, cheia de hormônios.

— Eu também. — Ele queria enxugar aqueles pingos de chuva dos traços suaves do rosto dela, beijar seus lábios carnudos da cor de rosas selvagens. Puxá-la no colo e dar um amasso, como adolescentes. — E como Cynthia e eu terminamos...

— E não faz sentido começar um relacionamento comigo aqui e você em Nova York.

— Não. Não iria dar certo.

Jess empurrou o corpo para longe dele, de volta para o banco do motorista.

— Não costumo ser tão sensível. Já vai ser difícil demais deixá-lo ir, do jeito que está.

— É... — Evan forçou um sorriso. — Desta vez vamos realmente trocar e-mails.

Ela revirou os olhos e deu a partida na caminhonete.

A vontade de Evan era convidá-la para jantar, para que pudessem passar um pouco mais de tempo juntos, embora soubesse que poderia não resistir à tentação.



No momento em que deixou Evan no Crazy Horse, trovejava. Jess ficou grata por ter lavado a picape, em vez de montar em Conti. Com aquela chuva, mal podia enxergar a estrada ao ir comprar mantimentos, depois para a farmácia e, finalmente,

para casa, no Bly Ranch. Um vento a acompanhou e ela teve de lutar contra ele para ir do carro até a porta da cozinha.

Molhada e sem fôlego, bateu a porta atrás de si e se sacudiu como um cachorrinho, pulverizando o heeler antes de se abaixar para cumprimentá-lo. O cômodo vazio e às escuras fez lembrá-la que estava sozinha em casa. Os pais tinham saído para jantar e jogar bridge e Robin foi passar a noite com Dave para que pudessem trabalhar em seu projeto de ciências.

— Somos apenas nós dois, rapaz — murmurou para Pepper, enquanto ela o deixou sair um pouco para fazer suas necessidades.

Procurou manter-se ocupada com seus afazeres, senão poderia enfrentar a tempestade, pular de volta na picape, seguir para o Crazy Horse e dar em Evan o beijo apaixonado que vinha crescendo dentro dela, há tantos dias.

A luz de mensagem na secretária eletrônica estava piscando. Ela havia desligado o celular mais cedo, ao visitar os pais de Madisun. Deveria apertar o botão e checar os recados. De fato, porém, queria se trocar e continuar seu turbilhão de afazeres.

O telefone tocou e ela olhou para o aparelho, indecisa. Devia ser para os pais, era mais provável. Deixou cair nas mensagens e ouviu a voz frenética de Dave.

— Jess? Jessie, onde está você?

Ela pegou o fone.

— Dave? Estou aqui.

— Ah, Jessie... — A voz de Dave parou e, naquele instante, seu mundo virou de cabeça para baixo.

Não é com Robin, por favor, não deixe ser Robin. Eu farei qualquer coisa se não for Robin. Mas ela sabia que era. Lágrimas deslizaram por seu rosto.

— Ela está muito mal? — Sussurrou.

— Mal. Mas não... Sem esperança.

Jess ouviu sua respiração profunda, lutando para manter o controle.

Não sem esperança? Meu Deus, ela está tão mal assim?

— Ela foi atropelada por um carro — disse ele. — A culpa é minha, Jessie. Estava chovendo e eu devia ter ido buscá-la na casa de Kimiko. Ela voltou a pé, vestindo roupa escura. Um carro virou a esquina, muito rápido. O motorista freou, o carro derrapou e... Jesus!

Ele sugou o ar, a voz oscilando.

— Dave! Ela está muito machucada?

— Eles acham que o baço foi dilacerado, talvez rompido, o sangue pode estar vazando na cavidade abdominal. Eles precisam operar logo, talvez removê-lo.

— Baço? — Para que servia um baço? — Você pode viver sem um baço, não pode?

— Sim, mas se eles operarem ela pode precisar de uma transfusão.

— Ah, meu Deus! E eles não têm sangue suficiente?

Era o que ela temia desde que o sangue de Robin, quando bebê, fora identificado.

— Não, o sangue dela que tínhamos congelado não é suficiente. Eles entraram em contato com os bancos de sangues raros e estão enviando algum para cá, por via aérea. Mas pode ser que um avião ou helicóptero não consiga pousar se o tempo continuar assim. Pensaram também em levá-la de helicóptero para Vancouver, o que levaria tempo, além de ser uma viagem atribulada.

Ela respirou fundo para depois soltar o ar.

— Evan — Jess disse o nome, apavorada.

— Sim. Não há ninguém em Caribou Crossing com o mesmo tipo de sangue. Evan e seu pai foram os únicos.

— Eu sei! — Ela retrucou. Sua mente em pânico não conseguia pensar direito. — Não temos escolha, não é?

— Eu daria tudo que tenho se tivesse. Mas é a vida de Robin.

— Ah, Senhor! Dave, jamais quis que ele soubesse.

Sua fala era a essência da amargura.

— Nem eu.

Ela engoliu em seco.

— Estamos perdendo tempo. Vou guiar até lá para pegá-lo.

— Você vai dizer a ele?

— Como posso levá-lo para o hospital sem nenhuma explicação? — Respondeu com gravidade. — Sim, vou dizer a ele.

Ela bateu o telefone no gancho.

Robin. Ah, Deus, faça Robin ficar bem.

Ainda com a roupa úmida, ela abriu a porta da cozinha, mal percebendo quando Pepper correu para dentro, e voou para a picafe. Não teve ideia de como chegou tão rápido ao Crazy Horse e pareceu que apenas alguns segundos se passaram antes de estar batendo à porta do chalé de Evan. *Por favor, faça com que ele esteja aqui e não no salão.*

A porta se abriu e ela disparou para dentro. Ele deu uma olhada em seu rosto, em seguida, agarrou-lhe os ombros.

— O que há de errado?

Ela sacudiu suas mãos para fora.

— Robin sofreu um acidente!

— Ah, não! Sinto muito. Há algo que eu possa fazer?

— Ela precisa de sangue.

Ele assentiu, obviamente sem compreender nada.

— Uma transfusão? O hospital tem pouco sangue? Você precisa de doadores?

— Sim!

Se fosse assim tão simples. Ela poderia deixá-lo pensando que era só aquilo?

— Claro que vou ajudar! — Ele já estava alcançando o casaco pendurado em um cabide, perto da porta. Então, parou e puxou sua mão de volta. — Talvez eu não seja capaz de doar. Tenho um tipo de sangue incrivelmente raro.

Ela olhou para ele. O pânico se acalmou quando viu que o momento enfim havia chegado. Com o fato acontecendo, sentiu-se quase a se acalmar.

— Eu sei. É o que acontece com Robin — disse Jess.

Ele franziu o cenho.

— Sério? Mas é tão raro. Dave não tem o mesmo tipo?

Um alívio temporário. Ela podia deixá-lo acreditar.

Não. Era a hora da verdade. Ela balançou a cabeça, negando.

— Ninguém na cidade é do mesmo tipo. Apenas Robin. E você.

— Mas... Ah, meu Deus!

Seu rosto ficou branco e ele procurou no escuro pelo encosto de uma cadeira.

Incapaz de encontrar seus olhos, Jess olhou para os dedos fechados. E pronunciou as palavras que nunca pretendeu dizer:

— Ela é sua filha.

— Mas...

O sentido de urgência de Jess voltou.

— Eu sei que você merece uma explicação, Evan, só que ela está ferida. E precisa de sangue. Agora!

— Sim — disse ele, desenrolando os dedos da cadeira, devagar. Depois, mais rápido: — Sim, é claro — E estava em movimento de novo, empurrando os pés em suas botas.

Na picape, ele abriu a porta do passageiro.

— Entre! Eu vou dirigir. Você está chorando.

Estava?

Evan correu para o lado do motorista, enquanto ela subia.



Concentrando-se no imediato, no físico, Evan ajustou o assento, bateu a primeira marcha e martelou o pé no acelerador. A picape derrapou no cascalho enlameado, então ele trocou para a segunda, os pneus agarraram, e o veículo partiu. Trovejava e um vento traiçoeiro era forte o suficiente para abalar a resistente caminhonete.

— Ela sofreu um acidente? — Perguntou. — Quanto está ferida?

— É o baço! Talvez esteja rompido. Eles têm de operar.

Baço. Abdome superior, lado esquerdo. Certa vez, ele teve um leve caso de mononucleose e seu baço ficou inchado e dolorido. Que merda o baço fazia?

Com a voz rouca, Jess falou:

— Dizem que ela pode viver sem o baço. É a cirurgia, o sangue, que é o problema.

O sangue. Esse sangue maldito, estranho que ele tinha herdado. Por que diabos teve de passá-lo para sua... Filha?

Filha. *Ela é sua filha*, Jess tinha dito. Filha. Filha. A palavra soava em sua cabeça.

A filha de Jess era sua filha.

O preservativo rasgado. Jess tinha dito que estava bem.

Ela não tinha dito a ele. Ela não tinha dito a ele, porque queria aquele Dave Cousins — o cara que todas as meninas pensavam ser perfeito para ser o pai de um filho.

— Será que Dave sabe? — Perguntou com aspereza.

— Sobre o acidente? Sim, foi ele que me chamou.

— Não é isso! Ele sabe que sou... O pai de Robin?

Robin. Ele tinha uma filha chamada Robin. Aquela garota bonita com o rabo de cavalo, a ótima vaqueira, a menina com uma compostura muito além de sua idade, a criança era dele.

— É claro que Dave sabe — ela retrucou.

Grande! O único que ela tinha deixado no escuro era o doador do esperma. Ele poderia estrangulá-la.

No entanto, quando olhou para Jess, as luzes de um carro que passava refletiram as lágrimas em seu rosto. Merda. A única coisa que importava agora era a menina. Ele tinha de ir para o hospital e deixá-los enfiar uma agulha em seu braço. Todo o resto... Iria pensar depois.

Quando estacionou a picape debaixo da placa de EMERGÊNCIA, ambos saltaram e correram para a porta. Ele a abriu e Jess foi direto para os braços de um homem. Dave Cousins: a versão mais velha do menino que Evan tinha admirado, em segredo.

O pai de sua filha. Outro homem em quem ele gostaria de dar um soco.

Jess e Dave se abraçavam, enquanto Evan caminhava na direção deles. Os dois estavam em um casulo privado, alheios a tudo. Jess soluçava e dos olhos de Dave vazavam lágrimas, até que ele disse, com a voz entrecortada:

— A culpa é minha. Sinto muito.

Culpa dele? Era culpa de Dave que a vida de Robin estava em perigo? Evan fechou as mãos em punhos.

Jess levantou a cabeça, olhou para Dave, e rebateu, com raiva:

— Não se culpe! Só não faça isso! — Então, enterrou o rosto nos ombros dele.

Enquanto Jess soluçava, Dave murmurou:

— Ah, Jessie, não suporto pensar nela machucada, não nossa menina...

Evan nunca tinha se sentido mais supérfluo. Eles eram uma família — a mulher, o homem e a menina que estava em uma cama, em algum lugar, nas proximidades. E ainda assim, ele estava ali, porque seu sangue corria nas veias da criança. Era necessário e, no entanto, era também indesejável.

Como se tivesse pensado em voz alta, Dave levantou a cabeça e olhou para ele, por cima da cabeça curvada de Jess.

Dave respirou fundo, de maneira audível:

— Evan — disse, tentando manter a calma.

Seus olhos estavam vermelhos e inchados, o rosto molhado. No entanto, ainda havia uma imensa dignidade em suas feições. Evan conseguiu ler a agonia do homem com o acidente e reconheceu, com facilidade, quanto Dave odiou ter de pedir sua ajuda. Quanto temia ver Evan entrar na vida de sua filha.

Sua raiva desapareceu.

— Dave. — Ele acenou uma confirmação. — Onde está o médico?

Jess se afastou de Dave e passou o antebraço a esmo no rosto encharcado.

— Onde está Robin? Eu preciso vê-la. E o médico. Vamos continuar com isso.



UMA ENFERMEIRA COM cabelos grisalhos acompanhou Evan até um cubículo e logo seu sangue estava sendo drenado, enquanto ela lhe perguntava sobre HIV e hepatite.

— Meu sangue está bom — disse ele. — Com frequência sou chamado a doar e eles estão sempre fazendo os testes.

— Isso é um alívio. — Ela lhe deu um tapinha em um dos ombros.

Por acaso já lhe era sabido que ele era o pai biológico de Robin? Se sim, como Dave tinha explicado isso a ela? Por que estava pensando essas coisas? Tudo o que importava era Robin ficar bem.

Depois de doar sangue, descansar, comer algo e beber suco, Evan foi liberado. Quando entrou na sala de espera, Jess e Dave estavam aconchegados em um dos sofás e não perceberam sua presença.

Ele se sentou em uma cadeira, do outro lado da sala, fora de sua linha de visão, e esperou, tentando deliberadamente manter a mente em branco. Depois de uma hora ou um pouco mais, um cirurgião foi falar com Jess e Dave. Evan escutou e soube que Robin havia passado por uma esplenectomia e estava se recuperando muito bem.

Com os braços entrelaçados, ambos seguiram o médico para a sala de recuperação.

Quer dizer, Evan tinha servido seu propósito, sem sequer ver Robin. Ninguém ali precisava mais dele ou desejava sua presença. E ele estava cansado, muito cansado. Aliviado, chateado, exausto.

Ele chamou um táxi e esperou do lado de dentro da porta do hospital, observando a chuva que ainda caía, até que o carro chegou. O motorista quis conversar, mas Evan caiu para trás e fechou os olhos, sentindo-se totalmente drenado.

Eles tinham bombeado um balde de sangue para fora de seu corpo, o que decerto podia explicar o esgotamento. E também havia a intimidade entre Jess e Dave que o deixara deprimido, por alguma razão. Além do medo pela segurança de uma menina que sequer conhecia.

O principal motivo, porém, o que o havia derrubado mesmo foi descobrir, uma década depois, que era pai...

Jess havia mentido para ele, naquela época e durante a semana passada e meia.

Quando o táxi parou em sua porta, Evan enfiou a mão no bolso. Vazio. Havia deixado a carteira e as chaves dentro do chalé, destrancado. Ao entrar, encontrou a carteira, pagando a corrida.

Então, ficou de pé e sem rumo, no meio da sala de estar. Na mesa de café, notou uma nota e uma bandeja coberta. O bilhete dizia o seguinte: *Evan, você está bem? Você quis sair para jantar, como fez na semana passada? Aqui está um lanche, caso esteja com fome. Não se esqueça, estamos passando* Return to snowy river *no salão, hoje à noite.* Foi assinado por “Kathy”, com uma cara feliz.

Olhou para o desenho de sorriso curvado, levantou a tampa da bandeja e estudou o arranjo caprichado de frios, queijos, pães caseiros, frutas e biscoitos. Ele não tinha apetite. Não por comida nem por companhia.

Abriu a geladeira e viu que ela tinha deixado algumas bebidas de frutas. Em seguida, fechou a porta e encheu um copo de água gelada, que bebeu em um só gole.

Evan olhou o relógio. Eles ainda estariam acordados, com o filme quase terminando. Talvez ele devesse ir até lá e dizer-lhes que estava bem. Em vez disso, pôs a tampa de volta na bandeja, afundou em uma cadeira e apagou a luz.

Por que Jess não tinha contado a ele?

Seu coração dolorido forneceu uma resposta. Ela poderia ter tido uma queda por ele, quis compartilhar uma noite especial, mas era a Dave quem amava.

Por que isso deveria incomodá-lo? Ele não queria que Jess o amasse, não queria ter um filho. Como ela pôde ser tão insensível sobre seus direitos, seus sentimentos?

E o que dizer agora? Qual seria seu lugar? Onde desejaria ficar?

Os dois, era claro, não queriam Evan em suas vidas. Bem, Jess o queria como um amigo. Um amigo casual. Não só resistiu a uma relação física, como teve o cuidado de garantir que ele nunca se encontrasse com Robin, recusando sua ajuda em seu projeto de sonhos. Que tipo de amigos isso os tornava?

Como poderia ser amigo de uma mulher que o havia enganado de maneira tão cruel?

Ele gemeu, levantou-se e começou a andar. Por que havia escutado Gianni? Por que teve de ir para lá?

Se não tivesse ido...

Jesus, se não tivesse ido, Robin poderia não ter recebido o sangue de que precisava. Trêmulo, respirou. Graças a Deus, por Gianni.

Não se lembrava de alguma vez ter se sentido tão cansado. E lá no fundo, bem no fundo, também estava doendo. Jess tinha razão: quando criança, Evan aprendera a bloquear os sentimentos. Ele tinha um bom cérebro, de modo que havia se voltado para a razão e o intelecto. Durante a semana, passou a achar que as emoções pudessem ser uma coisa boa, sim. E agora, lembrou-se de como elas também podiam machucar de modo tão doloroso.

Tropeçando, foi até o banheiro, com as pernas pesadas, dobrando-se para abrir a torneira da banheira. Na borda de mármore, em torno da banheira, havia uma bandeja de vime contendo uma grande variedade de óleos aromáticos e sais de banho. Escolheu um pacote qualquer e o atirou na água. Tirando as roupas, Evan se sentiu tão lento e desajeitado que parecia ter sido drogado.

O ar foi carregado com um aroma delicioso. Ele não definiu com exatidão do que se tratava, apenas se sentiu como se estivesse ao ar livre. Eram aromas com predominância do verde, como pinho, e algo de flores, como rosas selvagens inebriantes. Afundou na água. Uma vez dentro, ficou imaginando como seria capaz de reunir energia para subir novamente. Estava cansado demais até para pensar e a imersão era muito bem-vinda. Amassou uma toalha e se recostou, descansando a cabeça sobre ela.

No dia seguinte, haveria coisas para pensar e discutir com Jess. Talvez deixasse fluir a raiva e a mágoa e Deus sabe mais o quê, mas, naquele instante, saudou o esquecimento.

Algun tempo depois, acordou com o som de um suave bater na porta do chalé. Kathy, deduziu. Tinha de responder, apesar de não ter vontade de falar com ninguém. A água estava fria, porém. Logo, devia se levantar.

Ouviu a porta do chalé se abrir.

— Evan?

Era Jess. Jesus, algo de errado com Robin? Ele deveria ter ficado e não se entregue a uma mágoa tão pueril. De súbito, pôs-se de pé, espirrando água por todo o banheiro, e saiu correndo em direção à sala.

— O que há de errado?



Jess ficou olhando oitenta quilos de um corpo masculino, musculoso, nu, pingando no chão.

Não era o que tinha em mente quando decidiu passar por lá, para ver se ele estava acordado e, caso não, deixar um bilhete.

O olhar da mulher desceu do rosto para o peito, de lá para a barriga e mais para baixo. Ah, céus, ele tinha crescido e encorpado. Um rubor aqueceu seu rosto e ela se forçou a retornar sua visão para o rosto dele.

— Robin está bem? — Ele quis saber.

— Ah! Mas sim, claro, você pensou..? Puxa, Ev, eu sinto muito. Não quis assustá-lo. Ou, hã, perturbar seu banho.

Ela tentou controlar os olhos, embora eles parecessem ter vida própria e continuassem a passear por aquele corpo.

Evan se virou e retornou para o banheiro, dando-lhe a oportunidade perfeita de confirmar que sua bunda era uma verdadeira coisa de outro mundo.

Ele voltou, amarrando um roupão de banho azul-marinho.

— Você tem certeza de que ela está bem?

Embaraçada com a atenção que estava dando ao corpo dele, Jess retrucou:

— Claro que tenho certeza. Você acha que eu estaria aqui, se fosse de outra forma? Dave está com ela. Estou indo para casa, trocar de roupa e apanhar algumas coisas para Robin — ela sorriu ao dizer isso. — Ela até me deu uma lista. E disse que eu deveria ficar em casa e dormir um pouco, porque parecia muito cansada.

— Ela está acordada?

— Esteve. Tempo suficiente para me dar ordens.

— Então, ela está mesmo bem?

— Fisicamente, ela vai ficar bem. Sai do hospital em menos de uma semana, mas não volta às atividades normais, entre um e dois meses. Se pudermos amarrá-la todo esse tempo.

— Quer dizer que ela é uma criança ativa?

— Se é... Rob já quebrou ossos e teve suas contusões, porque é destemida. Sempre está de pé depressa, deixando Dave maluco, ele se preocupa demais com ela — Jess sorriu. — Eu era exatamente assim, quando criança.

— E está diferente, agora?

— Hã, talvez não.

Ambos ficaram quietos por um momento e, então, ele disse:

— Jess, você devia ter me contado. — Sua expressão tinha ficado fria. Amarga.

Por que ela veio? Estava cansada demais para falar sobre o assunto.

— Quando descobri que estava grávida? — Perguntou, na defensiva. — Evan, eu sabia que você não queria ter filhos.

Ele parecia quase tão exausto quanto ela.

— Isso é verdade. Mas, eu não tinha o direito de saber?

Como iria conseguir discutir? Ela encolheu os ombros, impotente e sobrecarregada.

— Não posso fazer isso. Agora, não. Por favor.

Depois de um breve instante, Evan deu um aceno relutante.

— Tudo bem. Você passou por muita coisa, hoje à noite. E na outra noite, com Petula.

Petula. Jess fechou os olhos de repente. Deus, Robin também poderia ter morrido. Engoliu em seco contra uma onda de náusea.

Um carro em alta velocidade, uma tarde escura, a chuva, e ela talvez perdesse sua preciosa filha. Jess respirou fundo e ele saiu como um soluço trêmulo. Incapaz de controlar as lágrimas, ela enterrou o rosto nas mãos.

Outras mãos, fortes, tocaram nas dela, suavemente, e as arrastaram para longe. Então, Evan a puxou para seus braços.

— Ei, desculpe! — Murmurou, quando ela descansou o rosto sobre o coração de Evan, deixando que o tecido do roupão absorvesse suas lágrimas. Os batimentos cardíacos eram fortes e regulares, uma presença que a acalmava, assim como as mãos que lhe acariciavam as costas. E a voz dele, a dizer: — Está tudo bem agora, Jess. Tudo está bem. Robin vai ficar bem.

Ela levantou a cabeça, poucos centímetros.

— Eu sei, eu sei. É apenas... Alívio, eu acho.

— Você disse que ela estava acordada e falando? O que ela disse?

Jess deu um sorriso trêmulo.

— Ela estava com raiva de si própria por ser tão descuidada. E pensando no futuro, quando estaria de pé de novo, cavalgando. Foi um alívio ouvi-la soar tão normal.

— Seus pais sabem o que está acontecendo? Não os vi, no hospital.

— Liguei para eles, de lá. Estavam jogando bridge, na casa de amigos. O médico disse que não poderiam visitar Rob, essa noite. Minha mãe ficou preocupada de o pai ficar chateado, então eu disse para não irem ao hospital. Eles vão amanhã.

Ela franziu o cenho.

— Eu queria ficar lá, mas é o último dia dos hóspedes no Crazy Horse e não acho justo deixar a Madisun lidar com tudo sozinha.

— É provável que Robin durma a maior parte do dia. Seus pais estarão lá.

— E o Dave.

— É...

— Ele está com ela, agora. Disse que Rob tinha razão, que eu devia ir para casa e dormir um pouco. Só que não vejo como vou conseguir fazer isso.

— Ele é o único que sabe que sou, hã, o pai biológico?

Jess escapou um pouquinho de seus braços e olhou para ele.

— Sim. Quando descobri que estava grávida, ele foi o primeiro a quem contei. Quando decidimos nos casar, queríamos que Robin percebesse quanto a amávamos. Não queríamos que ninguém, muito menos ela, tivesse qualquer dúvida quanto a isso. Queríamos que ela estivesse segura, em uma família feliz e amorosa.

Um canto da boca de Evan se inclinou para baixo.

— Sim, também teria querido isso para ela. Robin é uma garota de sorte.

Jess quase podia sentir sua dor. Ela o conhecia tão bem. Evan estava pensando nos próprios pais. Estava feliz por Robin, mas triste por ele e por tudo que tinha perdido.

Algo ocorreu e ela enrijeceu.

— Seus pais lhe negaram uma infância feliz — disse, devagar.

Ele deu de ombros.

— Uma notícia velha. Faz tempo que deixei isso para trás.

Jess duvidava muito, embora não fosse o que ocupasse sua mente.

— Então, neguei-lhe Robin. Sim, era seu direito saber. Não devia ter decidido por você. — Droga, ela não estava se expressando direito. — Isso faz algum sentido?

— Você está se penitenciando porque fui ferrado duas vezes. Não tive uma infância feliz, e não consegui ver minha filha ter uma infância feliz.

Os olhos dela inundaram, mais uma vez.

— E a culpa é minha.

Ele suspirou.

— Admito que fiquei chateado ao descobrir, e também tenho de admitir ser muito possível que você estivesse certa. Eu não queria filhos. Deus sabe o que teria feito.

Jess permaneceu em silêncio, enquanto Evan continuava:

— Certo, talvez suas intenções tenham sido boas. Principalmente, porque você queria o melhor para Robin e deu isso a ela. Tenho certeza de que Dave é um pai melhor do que jamais conseguiria ter sido.

Ela fez uma careta.

— Acho que você seria um pai fantástico.

— Sim, bem... Você diz isso porque é minha mais fiel torcedora. Sempre foi.

Não, Evan. É porque eu te amo. As palavras saltaram em sua mente com tanta força que ela teve medo de que houvessem escapado em voz alta.

Jess olhou para o rosto dele, vendo-o cansado e triste. Evan parecia assim. Estava sofrendo, e por causa dela. Ela faria qualquer coisa que pudesse aplacar aquela dor.

Sim, ela o amava. Sempre o amou. Provavelmente, sempre o amaria. Como pôde alguma vez pensar em se enganar, pensando de outra forma? Escondeu o rosto contra o peito dele, com medo de que Evan pudesse ler a verdade em seus olhos.

Ele apoiou o queixo no topo de sua cabeça.

— Ah, Jess.

— Eu devia ir embora.

— Você não deve dirigir por aí. Vou levá-la para casa. Ou... Você poderia ficar aqui.

— Ficar?

Sua voz tremeu. O que ele estava sugerindo?

— Estamos exaustos. Seria bom para nos apoiarmos. Talvez você possa dormir um pouco.

Súbito, Jess se viu tão cansada que mal pôde ficar de pé mais um instante.

— Sim, por favor — murmurou ela, quando seus joelhos começaram a ceder.

Evan a amparou e levou até seu quarto, colocando-a na cama.

— Há alguém para quem precise telefonar?

— Não. Meus pais acham que estou no hospital e Dave, que estou em casa, dormindo — bocejou com força. — Eu tenho o celular dele. E se acontecer alguma coisa, ele ligará.

— Ótimo.

Evan puxou-lhe as botas para fora, apagou a luz e, depois, deitou a seu lado, no escuro.

— Ah, sim — ela suspirou enquanto o corpo dele se curvou, protetor, em torno dela, encaixando sua frente nas costas de Jess. E, assim, rapidamente, ela adormeceu.



Jess acordou tão de repente quanto adormecera. Sua roupa lhe apertava, estava com sede e notou uma presença quente em suas costas...

Seu corpo congelou quando ela catalogou as sensações. Um delicioso perfume de pinho, a rugosidade do tecido felpudo, o sussurro de respiração contra seu pescoço. Evan. Ela estava nos braços de Evan.

Robin! Tudo retornou em um flash, e a adrenalina subiu. O celular de Dave estava em sua bolsa. Se tivesse tocado... Fora isso o que a tinha acordado?

Apressada, pulou para fora da cama. Ouviu Evan chamando seu nome ao correr para a sala e, ao luar e à luz das estrelas através das janelas sem cortinas, encontrar sua bolsa. Sacou o telefone e verificou o display. Não havia mensagens, graças a Deus, e menos de uma hora havia se passado desde que chegara ao chalé. Ainda assim, com o aparelho na mão, não pôde resistir de ligar para o hospital.

Uma enfermeira a tranquilizou de que Robin estava bem, dormindo profundamente. E de que Dave também dormia, em uma cama ao lado de Robin.

— Está tudo bem?

Evan tinha vindo para se juntar a ela.

— Ela está bem.

Ele ficou à frente dela, os cabelos despenteados, roupão torto. O homem que amava. O homem com quem tinha feito um bebê — a maravilhosa filha que tinha.

Ela sabia o que queria, naquela noite no Zephyr Lake. Uma lembrança perfeita, antes de o garoto que ela amava sair da cidade. Uma lembrança que havia sido arruinada por sua negação, por seu abandono.

Ali, de pé, porém, notou com absoluta clareza o que desejava, de novo. Só uma noite.

Ela deu um passo para a frente e se encostou nele, com a boca tocando seu peito. Não o beijou, apenas descansou os lábios ali, sentindo o calor de sua pele, as cócegas sensuais dos cachos dos cabelos. Ela soprou o ar contra ele.

Evan percebeu.

— Jess?

Ela o enredou com os braços e, após um momento, os braços dele já estavam em volta da mulher, segurando-a com timidez.

Ela pensou no fato de Evan estar nu sob o roupão de banho. Lembrou-se de como estava lindo, molhado do banho. Cada célula de seu corpo estava consciente daquele homem.

E a consciência se movia na direção do desejo. Para ele, também. Sob o roupão, Jess sentiu sua excitação crescente. Ela levou a parte inferior do corpo para ainda mais perto.

Ele respirou fundo.

— Jess?

Seu corpo flertou com o dele, enquanto mexia os quadris de um lado para outro. Levantando-se na ponta dos pés, ela deu um beijo no oco das clavículas. A pulsação

dele saltou de maneira irregular e suas mãos deslizaram até o alto das coxas de Jess, puxando-as contra ele, com força.

Ela o amava e o queria.

Afastou-se um pouco, para que pudesse olhar em seus olhos. Antes que dissesse qualquer coisa, ele se inclinou e a beijou. Era como estar voltando para casa. Seus lábios eram a combinação perfeita — macios, mas firmes, suaves, mas exigentes. Eles acariciavam, provocavam e mordiscavam. Então, sua língua acariciou o vinco entre os lábios de Jess e ela se abriu para ele, revelando não só a boca como o coração.

O corpo de Evan estremeceu e, em resposta, também o dela.

A língua dele seduziu a dela em uma dança de acasalamento que a fez mexer os quadris em um ritmo constante. Os jeans que usava eram muito apertados. Queria se livrar da roupa que restringia seus movimentos. E que ele tirasse o roupão de banho, para sentir cada centímetro de sua pele contra a dela.

No entanto, antes, precisava de segurança.

— Ev? Se fizermos isso, prometa-me que não vamos perder nossa amizade. Não pode ser como da última vez.

Ele balançou a cabeça.

— Não vai ser. Não vou perder você duas vezes.

Ela se afastou e se atrapalhou um pouco com o cinto do roupão. Evan o tinha amarrado com um laço que, afinal, soltou-se com facilidade. A peça de tecido caiu no chão. Jess afastou o roupão e olhou o que, naquele corpo forte e tão masculino, iria preenche-la.

Após alguns segundos, ele disse, com voz áspera:

— Vai ficar só olhando ou quer tentar algo pelo tamanho?

— Tudo isso. Eu quero tudo isso.

— Gulosa! — Murmurou ele, puxando-a de volta em seus braços.

O roupão pendia frouxo de seus ombros e ela escorregou as mãos para baixo, para acariciar os glúteos firmes.

Ele estendeu a mão para a frente de sua camisa.

— São colchetes — sussurrou Jess.

— Humm...

— Não são botões, são colchetes de pressão.

Ela enganchou uma mão na parte superior de cada metade de sua camisa, puxou com suavidade, e o topo estalou, entreabrindo.

— Entendi.

Evan afastou a mão dela e a substituiu pelas suas. O primeiro puxão foi gentil. Ele tentou outro e o próximo colchete também estalou. Ele sorriu.

Então, inclinou-se e beijou a pele nua que acabara de se revelar. Abriu cada colchete, um a um, “Adorei essa camisa”, e beijou e lambeu e beijou de novo. Os lábios e a língua criavam um caminho de fogo direto para o centro de seu corpo e ela se contorcia de desejo.

Ele puxou a camisa para fora da calça e terminou de desabotoar. Em seguida, desapertou o cinto e o botão de sua cintura, abriu-lhe parte do zíper e lambeu seu umbigo.

Precisando sentir sua dureza contra o corpo, mais uma vez, ela lhe puxou os cabelos, instando-o a ficar de pé. Quando se levantou, Jess deslizou seu roupão, chovendo sobre Evan beijos pelo rosto, nariz e, por fim, lábios.

A boca de Evan voltou a se abrir, beijando-a com avidez. Em seguida, ele a afastou e a segurou, de maneira que ela ficasse reta, descansando os lábios contra sua testa. Ela sentiu o ar quente contra sua pele, enquanto Evan ofegava com certa rudeza. O peito dele subia e descia no dela, ambos se movendo com vigor, como se tivessem acabado de correr.

Evan pôs as mãos em seus ombros e separou os corpos.

— Jess, você tem certeza? Se vamos parar, temos de fazê-lo agora.

Ela se sentia gloriosa. Ele a queria, sem reservas. Sim, esta era a noite que ela desejou, quando tinha dezessete anos. *Ah, Senhor!*

— Diga-me que você tem camisinha.

— Ah sim, tenho camisinha. — Ele a balançou em torno. — De quantas precisa?

Ela jogou a cabeça para trás e riu.

— Isso depende mais de você do que de mim, não é, garotão?

Evan tomou Jess pelos braços, do modo que havia feito antes, ao levá-la para dormir, mas desta vez ela não estava nem um pouco sonolenta. Jess saboreava cada momento, que a fazia se sentir feminina, quase delicada. Ele era muito maior do que ela, muito mais forte. E ela amava isso.

— Homem das cavernas — ronronou, enquanto ele caminhava em direção ao quarto.

Ele grunhiu de maneira adequada e primitiva e jogou a mulher em cima da cama de dossel. Ela saltou uma vez, então se acomodou na suavidade do edredom. Quando tentou se sentar, aquela manta suave a envolveu como uma nuvem.

— Fique quieta — ordenou ele, enquanto tirava uma de suas meias.

Ela fez uma careta. Não via nada de erótico em velhas meias e pés suados.

Contudo, Evan parecia pensar diferente. Suas mãos se demoraram em seu pé direito, o último a ficar descalço. Apertou suavemente, massageando, e ela gemeu de

prazer. No final do dia, seus pés sempre doíam, e isso era pura bênção. Quase a distraía da dor entre as coxas.

— Gostoso? — Quis saber Evan.

— Mmmm... — O quarto estava escuro e ela mal podia ver seu rosto, imaginando que ele estava sorrindo. — Pode fazer no outro?

— Seu desejo é uma ordem.

Quando ele terminou, ela disse:

— Acenda a luz, quero ver você.

— Boa ideia.

Ele clicou no interruptor e deslizou o zíper dos jeans dela até embaixo. Jess empurrou os calcanhares na cama e ergueu os quadris para ajudá-lo a puxar a calça. Ai, que vergonha! Seus jeans estavam decorados com baba cavalo e outras substâncias que preferiu não lembrar.

Evan não mostrava nenhum sinal de sentir nojo, ao puxar os jeans para baixo dos quadris da mulher, sem pressa, depois para baixo dos joelhos, até retirá-la por completo.

Jess o observou, enquanto ela a estudava. A luz dourada e muito fraca devia ser lisonjeira. Antes de murmurar, o rosto dele transparecia quanto a considerava bonita:

— Deus, como você é linda, Jess.

Ela olhou para seu corpo e por um momento pensou em Cynthia: magra e chique, e que, sem dúvida, só usava lingerie sexy e cara.

Jess era magra o suficiente, embora musculosa para uma mulher. Sutiã comum azul, de algodão, calcinha de biquíni e, horror dos horrores, sem ter depilado as pernas, àquela altura iluminadas pela luz do abajur. Por que diabos havia pedido para ele acender a luz?

Ela olhou para sua ereção. Não parecia intimidado por ela não ter depilado as pernas...

Ah, é mesmo, foi por isso que ela quis a luz. Para que pudesse estudar seu corpo, em toda sua perfeição. Ela deu um pequeno grunhido de desejo.

— Você encorpou, de fato, Evan Kincaid.

— Era como filhote de cachorro: tinha pés grandes. Você devia saber que eu ia crescer.

— Não é neles que eu estou interessada, seu tonto. Venha aqui.

Obediente, deitou-se ao lado dela.

Ela se virou de lado e seu corpo encontrou com o dele, com um impacto suave que a fez estremecer de desejo. Livre do jeans, a parte inferior de seu corpo

pressionou firmemente o dele, com apenas uma fina tira de algodão a separá-los. Ela se moveu, procurando a posição perfeita para poder esfregar... Sim! Bem ali.

E, então, lembrou-se.

— Camisinha — sussurrou-lhe nos lábios.

— Droga, esqueci.

Sua luta para levantar, enquanto o edredom o prendia, fez com que ela risse. Quando ele entrou no banheiro, ela se pôs sob o edredom, escondendo as pernas não depiladas. Puxou a coberta até o pescoço e sorriu para ele, com certa timidez, quando Evan retornou. Ele jogou um par de pacotes na mesinha de cabeceira e ergueu um canto do edredom.

— Pronto?

— Sim.

Ela esperava que ele fosse deslizar ao lado dela, mas, em vez disso, ele deu um forte puxão e atirou todo o edredom no chão.

Ela engasgou.

— Está com frio? — Perguntou ele.

— Congelando... — Ela lutou contra o desejo de esconder as pernas. — Preciso de um corpo quente. Você pode encontrar um?

Ele veio se juntar a ela, ambos deitados de lado, e os corpos se reuniram, da cabeça aos pés, em um abraço persistente. O fogo, temporariamente controlado, crepitou de repente, e Jess gemeu quando se colou nele. Evan pressionou de volta, movendo-se devagar contra ela, a tensão se acumulando dentro da mulher.

Ele tocou em seus seios sobre o algodão. Mamilos, duros e doloridos, tensos pelas carícias.

— Vamos tirar isso — balbuciou ele.

Ela se sentou e levantou os braços acima da cabeça, quando Evan se ajoelhou ao lado dela e lhe elevou o sutiã. Ele segurou o algodão esticado na altura dos ombros, aprisionando-a.

— Veja que linda... Tão linda.

Jess olhou para baixo: seios esticados, altos e firmes, com mamilos desavergonhados apontando para a frente. Talvez ela realmente fosse linda.

— Vai ficar só olhando? — Repetiu as palavras dele, com um sussurro rouco, querendo ser sensual e chegando bem perto disso.

— Gosto de ficar olhando quando sei que, sempre que quiser, vou poder tocar.

— Tocar?

Jess imaginou seu toque e a dor entre suas coxas se intensificou.

— A-ca-ri-ci-ar — Evan desenhou a palavra, em si uma carícia, e fez sua pele formigar.

— Lamber — suspirou ele, e Jess percebeu que sua língua estava correndo nos lábios enquanto observava o rosto de Evan.

A garganta do homem se moveu quando ele engoliu.

— Chupar — foi o mais suave dos sussurros.

Ela fechou as coxas apertadas. Poderia uma mulher gozar apenas com o som da voz de um homem?

— Eu quero você.

Era sua própria voz. Ela ainda não tinha sido capaz de falar.

— Eu quero você, também.

Em um movimento rápido, Evan tirou seu sutiã pelo resto do caminho que faltava. Em seguida, deitou-a de costas na cama, inclinou-se e começou a acariciar seus seios, usando os lábios, a língua e a respiração, deixando-a louca.

Impaciente, ela estendeu a mão, pretendendo tocá-lo para infligir tamanho prazer e uma dor igualmente delirante.

Ele se afastou.

— Não faça isso. Ou vou explodir.

Ela olhou para ele.

— Bem, estou perto de explodir, também, e você não está mostrando nenhum sinal de misericórdia.

Evan deu uma risada áspera.

— Eu sou um homem.

— Essa foi minha teoria. E fui testá-la.

— Ah, Jess, permita-me um pouco de dignidade.

— Pare de me torturar, então.

— Em breve.

Ele deslizou a mão para baixo de sua barriga e ela ficou tensa, esperando que fosse escorregar dentro de sua calcinha. Em vez disso, ele passou a mão do lado de fora e a aprisionou ali, os dedos pressionando o algodão úmido entre suas pernas.

— Evan — chorou. — Eu quero você dentro de mim!

Por fim, ele se moveu rapidamente, puxando a calcinha para fora. Em poucos segundos, foi deslizando, lento e suave, para dentro dela. O corpo liso e ansioso de Jess o tomou, deleitando-se nas sensações. Aquele homem era Evan. Ela mal podia acreditar. Quem mais poderia fazê-la sentir-se assim?

Ele a estava torturando e, ainda assim, preenchendo uma necessidade profunda. Seu amante nos sonhos, e seu amigo mais antigo. Ele era seu amor.

Evan começou a se mover mais rápido, mais forte. E o cérebro de Jess se fechou. O corpo assumiu o comando e subiu a seu encontro. Jess estava tropeçando e quase chegando à borda, quase pronta para cair, quando o ouviu gemer e sentiu-o estremecer. Os movimentos dele, tão intensos e incontrolláveis, levaram-na para além da borda e ela gozou, gloriosamente.

Quando abriu os olhos, foi para ver Evan olhando dentro deles.

— Ah, Ev, isso foi...

— Muito rápido, eu sei, sinto muito, Jess. Desejei você toda a semana e perdi o controle.

— Que bom...

— Como?

— Parece que controle é a última coisa que você quer quando está fazendo amor — Ela deu um suspiro trêmulo. — Foi maravilhoso.

— Deus, eu me senti bem. Você é fantástica.

Jess sentiu uma pontada de melancolia. Se ele, de fato, era seu amante dos sonhos, deveria estar sussurrando palavras de amor.

Ele rolou e se levantou. Ela suspirou. De volta à realidade. Do banheiro, ouviu a banheira gorgolejar quando Evan soltou a água. Jess puxou o edredom de volta na cama e entrou sob ele. Ele voltou e lhe entregou um copo de água. Estava gelada e saborosa.

— Estou morrendo de fome — disse ela, surpresa ao perceber o fato.

Ele riu.

— Que romântico.

Quase tão romântico como dizer: “Deus, eu me senti bem” e soltar a água da banheira, ela pensou. No entanto, às vezes, uma garota precisa manter a boca fechada.

— Não jantou? — Perguntou.

Ela balançou a cabeça, negando.

— Eu também não. Espere um minuto.

Quando voltou, ela gritou com prazer.

— Chega pra lá — disse ele.

Quando ela o fez, Evan dispôs um prato no centro do edredom. O estômago de Jess roncou ao ver a variedade de frios, queijos e pães, bem como frutas e biscoitos. Ele saiu de novo e desta vez voltou com um par de garrafas.

— Manga ou morango com ginseng?

— Nham, nham, manga... De onde veio tudo isso?

— Kathy. Estava aqui quando voltei do hospital.

Ele pegou um par de travesseiros que haviam caído no chão e ambos se apoiaram neles, cobertos até a cintura, troncos nus.

— Eu amo piqueniques — disse ela.

— Eu nunca tive um piquenique na cama.

Ahá, eis uma coisa que ela tinha a mais do que a sofisticada Cynthia.



Fazer piquenique com uma Jess nua a seu lado foi uma experiência sensual e divertida. Eles lamberam as migalhas do peito um do outro e se serviram de morangos. Quando terminaram de comer tudo que Kathy deixara, Evan levou o prato para a sala e o depositou na mesa de café.

Então, percebeu que não tinha fechado as cortinas e que estava lá, de pé e pelado. Ele se aproximou da janela. Lá fora, não havia nada além de árvores altas, estrelas cintilantes e uma gorda Lua crescente. A vista era serena e encantadora. Ele quis compartilhá-la com Jess, e se sentiu um tolo. Ela via este céu todas as noites de sua vida.

A sensação de irreabilidade caiu sobre ele. Tinha acabado de fazer amor com Jess Bly Cousins. E isso lhe pareceu perfeitamente natural. Perfeitamente... Perfeito. Muito melhor do que alguma vez com qualquer outra mulher. Mais excitante e intenso, e também mais confortável e mais divertido. Ele podia ser ele mesmo com Jess. Podia até rir.

Quando voltou para o quarto, Jess o cumprimentou com um bocejo enorme. Por seu lado, ela também achou que podia ser natural com ele, afinal.

Por um instante, Evan pensou em todos os problemas que permaneciam sem solução. Robin, e qual o papel que poderia desempenhar em sua vida. Sua missão para Gianni. Os planos de carreira de Jess. Ele tinha certeza de que havia mais problemas entre eles, embora, no momento, seu cérebro não quisesse explorá-los.

O edredom cobria a garota até a cintura. Acima dele, seios pálidos e deliciosos, contrastavam de maneira atraente com a pele bronzeada do pescoço, rosto e braços. Os longos cabelos brilhantes estavam emaranhados na altura dos ombros e as faces estavam coradas. Ele teria ficado na porta, observando-a para sempre, desde que Jess não o estivesse chamando de volta para a cama. Entre bocejos.

Ele subiu debaixo das cobertas e ela se aninhou em seus braços.

— Tão cansada... — murmurou ela, quando ele estendeu o braço para apagar a luz.



Quando Jess voltou a acordar, o relógio de cabeceira lhe contou que havia dormido menos de uma hora. Ela escorregou da cama e ligou para o hospital. Quando voltou, Evan perguntou, no escuro:

— Rob está bem?

— Sim.

Ela deslizou ao lado dele e acendeu o abajur, ao lado da cama.

— Evan, o que você pretende fazer em relação a Robin?

Ele assobiou baixinho.

— Essa é uma boa pergunta — apoiou-se nos travesseiros e prendeu as mãos atrás da cabeça. — Não pensei no assunto completamente, mas... Não adianta discutir se você deveria ter me contado ou o que eu poderia ter feito. O fato é que Robin cresceu acreditando que Dave é seu pai.

Para onde tinha ido seu amante apaixonado? Aquele homem estava falando de maneira uniforme, sem paixão. O velho Evan das decisões racionais, não emocionais.

— Você diz que Dave tem sido um ótimo pai, não é?

— Sim — murmurou Jess, com pena de Evan.

— O importante é Robin. Não meu ego, não o de Dave.

— Sim.

Evan assentiu com a cabeça e talvez fosse apenas um truque da iluminação, mas ela achou que ele parecia triste.

— Não sei como poderia ajudar Robin se ela soubesse que o homem que ela chamou de pai a vida inteira não é seu pai. E que o pai de verdade é um desconhecido que fugiu de sua mãe e dela.

— Quem fugiu dela? Você nunca soube...

Ele deu de ombros.

— O melhor é Robin continuar acreditando no que sempre acreditou. Não há nenhuma razão para qualquer coisa mudar.

Nenhuma razão.

— Você... Não se importa? — Ela se aventurou a perguntar.

Ele balançou a cabeça com impaciência.

— Como posso me importar? Nem conheço Robin. Você garantiu que isso acontecesse. Mal pus os olhos sobre ela.

Suas palavras picavam e ela sentiu que isso o machucava tanto quanto doía nela. Sim, ele tentava ser objetivo, apesar de suas emoções estarem presentes. Testando, ela

disse:

— Você não quer ter nada a ver com ela?

Evan respirou fundo, trêmulo e, antes de piscar, Jess pensou ter visto a umidade molhar seus olhos.

— Gostaria de saber como ela está indo. Vou doar mais sangue, para que você possa ter sempre à mão. Quero que me prometa que, sempre que houver alguma coisa de que ela precise e que você e Dave não possam providenciar, vai me avisar.

O coração de Jess doía pelo menino, pelo homem, que nunca tinha tido uma família adequada. Mas sua primeira prioridade era Robin. Ela tocou no ombro de Evan.

— Você está bem?

— É claro. — No entanto, não parecia.

Com um suspiro, ela descansou a cabeça em seu peito. Evan não desceu o braço para curvá-lo ao redor de Jess. Ao contrário, desligou a luz.

— Durma um pouco, Jess.

A ideia era tentadora. No entanto, como deveria ser a única noite que passariam juntos, ela não queria desperdiçá-la. Se pudesse apenas encontrar uma maneira de chegar até Evan, ultrapassando aquela barreira invisível que ele erguera. Passou os dedos entre os pelos do peito dele. Então, a inspiração veio. Afastou-se e deslizou para fora da cama.

— Jess? Não vá. Ainda não.

Bem, isso foi um sinal de esperança.

— Ah, não estou indo agora — e falou com sotaque. — Carma, parceiro!

Jess recuperou o roupão de Evan do chão e o vestiu. Em seguida, encontrou as botas de cowboy que ele havia puxado para fora de seus pés. Então, dirigiu-se para a porta do chalé e, estremeando no ar frio da noite, correu até a caminhonete.

CAPÍTULO 15



DOIS MINUTOS DEPOIS, Jess estava de volta ao quarto. Evan ficou sentado na cama, sob o edredom, com os braços cruzados sobre o peito.

— O que está acontecendo?

Ela sorriu para sua expressão de perplexidade, sem responder, deslizando o roupão de seus ombros.

— Tudo bem, não estou dormindo — disse ele, com os olhos brilhando, para que ela soubesse que conseguira romper a invisível barreira. — Entre aqui.

Esticando o braço, ela tomou o velho chapéu que trazia na picafe e o plantou na cabeça.

— Botas e um chapéu, a nécessaire de uma vaqueira — disse ela. — Quem precisa de roupas?

Ele começou a sorrir, também.

— Deixe-me adivinhar, você está planejando ir fazer um pouco de equitação?

Aliviada por tê-lo trazido para fora de seu medo, Jess correu a ponta da língua ao redor dos lábios.

— Se conseguir encontrar uma montaria que valha a pena...

— Um nobre corcel?

— E que tenha movimentos suaves — murmurou, desejando ficar calçada em suas botas, que estavam sujas demais. Tirou-as dos pés e subiu na cama, ao lado dele. — Precisa ter vigor. Uma personalidade doce, e firme. Reprodução perfeita.

Ela inclinou a cabeça para estudá-lo.

— Dentes fortes...

Ele riu.

Ela se inclinou para a frente, para soltar um beijo em sua boca.

— Boa largura entre os olhos — beijou sua testa — sugere que há um cérebro dentro.

— Orelhas... — Jess afastou os cabelos dele para trás e examinou uma delas. Beijou-a, passou a língua ao redor da borda e ele se contorceu, com um pequeno gemido. — Sensível e receptivo. Tudo muito bom. — Ela brincou com a outra orelha e penteou os cabelos com os dedos. — Pelo brilhante.

Sentada sobre os calcanhares, ela levou o edredom para baixo em alguns centímetros.

— Ombros poderosos. — Deu um beijo em cada um, desceu a coberta até a cintura e balançou a cabeça, em aprovação. — Boa profundidade de peito. Sim, a resistência deve estar muito boa.

O corpo dele tremia, de tanto rir.

Só parou quando ela se inclinou para a frente, para tomar um mamilo em sua boca. Segurando o chapéu com uma mão, para que não amassasse, Jess chupou e sentiu Evan se contorcer. E notou uma onda de excitação no próprio corpo. Soltando-o, comentou :

— Belas marcas. — Ela chupou seu outro mamilo, em seguida, e se sentou, ordenando: — Gire o corpo.

— O quê?

Jess puxou o edredom para fora, observando o impulso orgulhoso de sua ereção, sentindo a dor de formigamento se apertando em seu sexo. Bateu-lhe de leve no quadril.

— Pronto... Bom garoto.

Evan riu e obedeceu. Jess passou as mãos sobre suas nádegas.

— Bem musculoso — falou, em apreciação. — Já entendi: você é um dos bem fortes.

Ela mordeu uma de suas nádegas e ele gritou. Em seguida, passou as mãos na parte de trás de suas pernas, acariciando e massageando os músculos. O desejo estava se apossando dela e era tudo que precisava acontecer para que ele conseguisse parar de gemer daquele jeito.

— Vamos ver o outro lado, de novo — disse ela.

Gentilmente ele rolou para ela. Sua vista caminhou de sua atraente ereção para o rosto dele, e ela sorriu ao ver o brilho em seus olhos.

— Como está até agora, tudo bem? — Questionou ele.

Ela franziu os lábios e fingiu estar pensando.

— Sim, devo reconhecer que parece ser um belo exemplar — Jess deixou que seu olhar descesse abaixo da cintura de Evan. — A medida parece muito boa.

Era, de fato, muito boa e ela estava morrendo de vontade de tê-lo dentro de si, embora fosse divertido prolongar sua tortura.

Ela trabalhou as pernas dele com as mãos, apreciando a firmeza de seus músculos, as cócegas dos pelinhos contra seus dedos.

— Pernas em forma, bem musculosas. Avalio um bom equilíbrio, assim como força.

Ele riu.

— Você já está acabando com a inspeção ou há algo que tenha esquecido?

Jess abriu as coxas dele e estendeu a mão entre elas, permitindo-se acariciar a pele macia que cobria seu forte eixo. Ele suspirou com prazer e ela deixou escapar um conteúdo:

— Humm.

— Então, senhora, vai comprar esse cavalo?

— Não sem fazer um passeio de teste.

Evan deu uma risada sexy.

— Vai me colocar para trotar?

Ela sorriu de volta.

— Posso ter uma cavalgada?

— Só se for isso que quiser — a voz dele era rouca. — O cavaleiro é que está no controle, lembra-se?

— Mas a montaria tem o poder supremo, porque é maior e mais forte.

— Tudo o que esta montaria deseja é agradá-la.

— Ah, Evan, você definitivamente sabe fazer isso.

— Então me diga o que você gostaria que eu fizesse. Ou, melhor, mostre.

Ela pegou um pacote de preservativos.

— Eu adoraria montar em você sem sela, mas...

Assim que disse essas palavras, uma imagem de si, grávida de Evan, brilhou em sua lembrança. Tomou fôlego, trêmula, sabendo que poderia fazê-lo de novo — engravidar — desta vez, de modo deliberado. Era o momento certo do mês. Acontecera antes, só de fazer amor com ele uma única vez.

Não! O que estava pensando?

Jess colocou o pacote na boca e o abriu com os dentes, jogando a embalagem no chão. Com meticulosa lentidão, cobriu o membro.

— Estou autorizado a formar a cavalaria? — Perguntou Evan.

Ela considerou e balançou a cabeça, negando. Se ele a acariciasse nos seios, correndo dedos sedutores até suas coxas, ela perderia o controle. Desta vez, queria marcar o ritmo.

— Confie em mim — balbuciou a garota. — Deixe-me levá-lo para um passeio e prometo que você vai gostar.

Ela o agarrou com confiança e ele gemeu.

— Não duvidei disso por um segundo. Só não torture demais sua montaria, tudo bem?

— Sou uma cavaleira muito atenciosa. Por exemplo — disse isso a se levantar, inclinando para a frente para pairar sobre ele —, vamos começar de maneira lenta, mas agradável. Sempre começamos um passeio com uma caminhada vagarosa, como aquecimento.

Jess baixou o corpo ligeiramente, orientando a ponta de seu membro a entrar nela. Logo, desceu um toque a mais, e depois ainda um pouco, absorvendo-o com uma lentidão que era tanto êxtase quanto agonia.

Evan colocou as mãos atrás da cabeça e ficou a admirar, até que ela se sentasse de vez sobre ele.

— Você é linda, Jess.

Ela se endireitou, sentindo o calor de seu olhar acariciá-la e a seu corpo.

— Maravilhosa posição — observou ele. — E agora, o que fazemos? Orelha, ombro, quadril, calcanhar? Parece que seus calcanhares estão muito para trás.

Ela os apertou em suas pernas.

— Melhor, para estimulá-lo.

Então, girou seus quadris e flexionou os músculos profundamente dentro do corpo. Ele gemeu e empurrou para cima. Ela acariciou seu quadril, com suavidade.

— Devagar, agora.

— Você me estimulou — Ressaltou. — Com esses calcanhares ossudos.

— São ossudos nada! — Jess se torceu para trás, para olhar. — Tudo bem, talvez sejam.

E foi direto ao assunto, estabelecendo um ritmo lento e excitante que logo fez com que os dois corpos ficassem lisos de suor. Evan a obedeceu, deitado e imóvel, ou o mais imóvel que conseguia, enquanto Jess se levantava e descia, apertava e liberava, curvava-se de lado e se aprumava. Ela usava sua própria excitação como guia, construindo o clímax e depois acalmando de novo, de alguma forma confiando que a necessidade e o autocontrole de Evan corresponderiam aos dela.

— Pronto para um pouco de trote? — Gemeu ela.

— Pronto como nunca para um galope. — A voz de Evan estava rouca de desejo.

— Tudo em seu tempo.

Jess acelerou o movimento, sentindo que os corpos ficavam cada vez mais tensos ao se aproximar da linha de chegada. Ela descansou a mão em seu peito, sobre o coração, apalpando o pulsar latejante, e respirou fundo, enchendo as narinas com o aroma almiscarado de sua paixão. Ela estava perto, tão perto.

— Estamos prontos para o galope? — Suas palavras escaparam entre dentes cerrados.

Jess se obrigou a diminuir, parando de se mover. Ela se sentou no corpo dele, sentindo a poderosa saliência de Evan dentro dela, levando-a de volta para a borda do clímax.

— Lembra-se de minhas lições? Você não vai direto de um trote para um galope. Primeiro, prepara o animal.

O rosto dele estava corado, os olhos brilhantes.

— Você está preparado, Evan?

Ele deu um grunhido de frustração, e ela viu o brilho de seus olhos. Evan estava aproveitando o jogo tanto quanto ela.

Ela se levantou o suficiente para esticar uma das mãos por debaixo dela, capturando suas bolas firmes e apertando-as com cuidado.

A cabaça dele foi para trás e seu corpo ficou tenso sob o dela.

— Tentando me jogar para fora? — Brincou ela.

— Este cavalo quer galopar. Agora.

— Bem, se você está tão cheio de energia...

Ela se mexeu mais uma vez, acelerando o ritmo até que ele não pôde mais se segurar e seu corpo se ergueu da cama, empurrando-se incontrolavelmente dentro dela, alcançando as partes mais profundas de seu corpo e da alma, levando suas sensações e emoções a correr juntas, como se Jess e Evan estivessem se dirigindo para um único objetivo.

Ela jogou fora o chapéu e soltou um grito, e ele riu de alegria. Então, sua respiração ficou presa e ele suspirou, “Ah, Jess!”, logo que a mulher começou a gozar em cima dele. Jess atirou a cabeça para trás, permitindo que as ondas de prazer corressem por dentro de seu corpo, enquanto Evan se empurrava com força, uma e outra vez, bem no fundo dela.

Depois, quando a sucessão de tremores dos dois cedeu, Jess desabou, quase sem sentido, sobre Evan.

O peito dele estava arfando, escorregadio de suor, seus cachos de cabelos lhe faziam cócegas nos seios. O próprio corpo da mulher ainda pulsava com a sensação. Espasmos ocasionais ainda a abalavam. Os braços dele estavam em torno de seu corpo,

segurando-a como se nunca mais fosse soltá-la. Como desejava que isso fosse verdade. Ao fim, os corpos se acalmaram e ambos ficaram imóveis.

De alguma maneira, ela encontrou forças para deslizar para fora e ficar ao seu lado.

Evan lidou com o preservativo, passando o braço em torno dela.

— Jess?

— Humm?

Aquilo escapou como um ronronar feliz e sonolento. E ela sorriu.

— Sobre essa coisa de campo de treinamento...

Jess ficou tensa. Ele não tinha a mínima noção do momento? Era hora de o homem estar todo meloso e carinhoso.

— Ahã... — ela devolveu, com cautela.

— Você está falando sério sobre isso?

Ela se afastou e se pôs sentada, passando os dedos pelos cabelos emaranhados, puxando-os para trás.

— Bem, claro. O que você quer dizer?

Ele estava deitado de lado, olhando para ela.

— Você costumava ter todos aqueles sonhos. Cavalos de corrida, rodeio, escolas de equitação. Eu só queria saber se... Se você gosta de sonhar ou se... Bem, se realmente está decidida a fazer se transformar em realidade.

Jess deixou os cabelos soltos caírem sobre seus ombros.

— Eu tenho pensado muito e ocupei boa parte da semana passada nisso. Sim, quero que se concretize e estou preparada para fazer o que deve ser feito. Este não é apenas outro sonho. — Não era de admirar que ninguém mais levasse seus sonhos a sério, se nem ela própria conseguia. Firme, acrescentou: — Este sonho vai se transformar em realidade.

— Tudo o que posso dizer é: tenha certeza. Você tem um bom trabalho aqui e é ótima nele. Não há nada de errado em descartar um sonho antigo em favor de um novo.

Ah, Evan, você poderia ouvir suas próprias palavras?

— Eu sei. Mas eu quero este, e acredito nele. O que aconteceu é que fui muito covarde para ir atrás — e estreitou os olhos. — Foi outra profecia autorrealizável, sabe? Criamos esses estereótipos sobre você ser um desajeitado e eu, não muito inteligente.

— Nunca tinha pensado dessa maneira. Sinto muito.

— Ei, fizemos isso um ao outro. Fui eu que aceitei, Ev. Achei que não tivesse inclinação para os negócios. Bem, não sou assim tão ruim. E dirijo o rancho de papai

há mais de um ano.

Evan se levantou para sentar, colocando os travesseiros nas costas.

— Não há nada de errado em pedir ajuda.

— Não.

Por que ela não tinha feito isso antes? Foi medo de sofrer muito, no caso de falhar? Ou de que a realidade não estivesse à altura de seu sonho? Era muito mais fácil sonhar do que colocar esforço em algo para fazer funcionar. Era muito mais seguro sonhar do que correr tantos riscos. Se não fosse por Evan, talvez Jess nunca tivesse descoberto isso.

Certa vez, ela lhe havia sugerido que voltasse a Caribou Crossing, para se reencontrar. Talvez ela precisasse que Evan estivesse ali para poder se encontrar, também.

— Tem razão. Conversei com Dave no fim de semana e ele vai me ajudar.

— Ah. Bem, isso é bom. — Ele pareceu surpreso.

Droga, ela não queria ferir seus sentimentos.

— Sei que você se ofereceu, e isso foi muito legal. Mas seria tão impraticável, com você em Nova York e eu por aqui.

— Está tudo bem, Jess — disse ele, calmamente, cruzando os braços sobre o peito nu. — Você não precisa dar desculpas. Já tinha dito que não queria minha ajuda. Estou contente por não ser orgulhosa demais para pedir ajuda a alguém.

Ah, sim, ele estava magoado, definitivamente.

— Só vou dar algumas orientações — as palavras soaram frias. — Tenho certeza de que Dave possui toda capacidade para isso, mas duvido que ele já tenha preparado uma proposta para esse tipo de financiamento.

— Seria ótimo, Ev — respondeu ela, de mansinho, esperando que Dave ao menos se dignasse a olhar o material que Evan enviasse.

— Tive uma ideia que vocês deveriam avaliar — falou. — Se quiserem fornecer bolsas de estudo para pessoas que não têm como pagar para assistir, e que podem se beneficiar, poderia pensar em criar uma fundação beneficente. E, ao mesmo tempo, tocar como negócio.

Perplexa, ela franziu a testa enquanto o ouvia, a voz dele ganhando animação e velocidade à medida que prosseguia.

— Com a fundação, o que você oferecesse para pessoas como Gianni e Elena não seria um investimento a lhes dar retorno, e sim uma dedução fiscal que lhes faria economizar dinheiro. Além disso, se eles quiserem, o envolvimento em fazer algo de valor.

Os olhos dela se arregalaram ao tentar captar o sentido da ideia.

— Como aquela fundação do Gimme a Break, da qual você falou — a excitação se acendeu dentro de Jess. — Parece incrível! Será que um homem de negócios como Gianni ia topar uma coisa dessas?

— Muitos fazem — Evan desviou o olhar e seu tom voltou à formalidade quando falou: — Você e Dave podem discutir isso com ele.

Seus braços ainda estavam cruzados sobre o peito, o que não a impediu de procurar sua mão.

— Evan, obrigada, é brilhante! Eu sabia que havia um problema em meu modelo de negócio, um dos motivos porque nunca consegui imaginar um plano mais sólido. Não queria que tudo fosse um simples “ganhar dinheiro”, ainda assim precisava atrair investidores. Fazer com que as pessoas doem para a caridade é uma coisa diferente. E eu adoraria envolver pessoas como Gianni e Elena no planejamento e na decisão de quem ficaria com as bolsas de estudo. Talvez eles pudessem fazer parte do conselho? — Novas ideias emergiam e a deixavam energizada.

Enquanto Jess se emocionava com as perspectivas, sua mão estava quente e imóvel na dela.

Então, devagar, cruzou os dedos nos dela.

— Já montei vários desses tipos de fundações. A oferta de ajuda está aberta a qualquer momento, para você e para Dave. Significaria muito para mim ajudá-la a alcançar seu sonho.

Tanto que ele toparia até trabalhar com Dave. Ela penetrou nos olhos dele, tentando entender. E, de repente, conseguiu. Evan a amava e aquilo era o mais próximo que podia para reconhecer o sentimento. Apesar de ambos poderem nunca mais ficar juntos como um casal, ele pretendia lhe oferecer um presente de amor.

Jess se inclinou e tocou seus lábios nos dele.



— Obrigada. Muito obrigada.

Ela pensou sobre a alegria e a dor de trabalhar com Evan. Será que ele a visitaria de novo? Eles voltariam a fazer amor? Ela queria tanto aquele homem. Então, lembrou como havia sido covarde por não perseguir seus sonhos. E não só da carreira.

Adolescente, grávida pelo amor de sua vida, o que ela tinha feito? Preferiu se esconder, a contar a Evan. Ela nunca lhe deu, ou a eles, uma chance.

Lá estava ela, outra vez, apaixonada por aquele sujeito tão especial, e pronta para deixá-lo ir embora sem lhe dizer o que sentia. Ela nunca tinha dito essas palavras a

Evan.

Jess baixou a cabeça, sentindo-se mal preparada para fazê-lo. Estava suada e desgrenhada, tinha bolsas debaixo dos olhos e suas pernas amolecidas não tinham sido depiladas. Cynthia estaria perfeita, talvez com lingerie de seda e rendas. Mas Evan tinha terminado com ela e fez amor com a boa, velha e simples Jess Bly Cousins. Tinha até lhe tirado as meias, sujas, e o jeans, nojento, para isso.

Ela endireitou a espinha e o olhou nos olhos. Respirou fundo e falou:

— Eu amo você, Evan.

Sua boca se abriu e, em seguida, o rosto ficou inexpressivo. Jess conhecia aquilo. Significava que ele estava processando informações, analisando e decidindo como reagir. Droga! Desejou que ele, apenas por uma vez, reagisse com o coração em vez do cérebro.

— Eu também amo você, Jess — respondeu, com cuidado, e ela sabia que nada iria correr bem se continuasse assim. — Sempre amei. Você é... Uma amiga especial e estou muito feliz por termos nos reencontrado. E compartilhar esta noite foi... Especial. Outro maravilhoso presente.

Ele enviava uma mensagem clara. Pode ser que ela devesse aceitar, sem luta. Era o que a Jess velha e covarde teria feito.

Suspirou mais uma vez.

— Eu amo você assim, Ev, mas também de outra maneira. Daquela que só acontece uma vez na vida. E sei que, ainda que seja difícil, podemos tentar fazer dar certo.

A expressão dele não se alterou: rasa e controlada.

Contudo, qualquer que fosse o custo, Jess ia falar tudo o que sentia. Pela primeira vez, Evan Kincaid ia saber exatamente o que ela sentia.

— Eu quero que você fique. Sei que ama Manhattan, mas você se encaixou bem aqui. Você se divertiu, eu vi quanto. Se planeja mudar seu negócio para uma nova direção, faça isso aqui. Claro que não seria tão cheio de pessoas ricas e importantes, mas você encontraria inúmeros desafios. Poderíamos ter uma vida maravilhosa. Fique.

Ele não disse nada, por segundos. Então, deu um suspiro que atravessou todo o corpo.

— Sinto-me lisonjeado, Jess. Honrado. Mas minha casa é Nova York, assim como seu lar é aqui.

O lar dela seria ali, de fato? Ou com Evan? Como podia pedir que se mudasse do lugar que amava, se ela própria não estava preparada para fazer aquilo?

Então, pesou seu amor por Caribou Crossing contra o que sentia por Evan, testando as dores concorrentes em seu coração.

— Honestamente, não sei se conseguiria viver em Nova York, mas tentaria... Se você me quisesse. Poderíamos pensar em algo sobre Robin com Dave e...

— Não! — Ele balançou a cabeça com energia. — Não, Jess, nem sequer pense nisso. Você e Robin pertencem a este lugar. Você é como... As rosas selvagens.

Seu olhar encontrou o dela, seus olhos tão tristes como a dor no coração de Jess.

— Quanto ao amor, bem, eu nunca me importei tanto com alguém quanto me importo com você, mas nem tenho certeza de que saiba o que é o amor.

E estendeu a mão para tocar seu rosto.

— Você vai ser sempre assim para mim, especial. Eu faria qualquer coisa por você. Quero que seja muito feliz, Jess.

Ela iria lutar até o final, fosse ele amargo ou doce.

— Estar com você é que me faz feliz.

Evan fechou os olhos.

Ele estava errado, simplesmente errado. Por que não conseguia enxergar?

— E estar comigo o deixa feliz, não é verdade?

— Sim, mas...

— Dê-se uma chance, dê uma chance para nós. Permita-se amar, Evan. Eu sei que isso existe dentro de você. — Ela sentiu como se estivesse implorando por sua vida.

— Jess, você pertence a este lugar e minha vida está em Nova York.

Uma vida em que trabalhava muito duro em um emprego que não lhe trazia realização. Em que tinha conhecidos, em vez de amigos. Ela mordeu o lábio e conteve os comentários. Não queria parecer rancorosa. Além disso, ficou claro que tinha perdido. Ele não estava pronto para abrir o coração, ou talvez não fosse capaz. Jess sentiu pena de Evan, talvez até mais do que de si.

Até teria chorado, se já não estivesse sem lágrimas.

Jess retirou a mão de seu rosto, beijou sua palma, passou os dedos em torno do beijo, e a devolveu para Evan.

— Entendo. Pelo menos, desta vez eu tentei, em vez de correr.

Ela olhou para o relógio de cabeceira. Quase amanhecia e ela se alegrou. Sua noite com Evan se acabava, definitivamente. Àquela hora, sentia-se calma, sabendo que era uma calmaria antes da tempestade. De jeito nenhum ia desmoronar na frente dele. Deslizou para fora da cama.

— Tenho de ir.

Ele mordeu o lábio.

De maneira metódica, ela reuniu as roupas que Evan lhe havia tirado.

— Jess, eu...

Ela apertou os botões de pressão da camisa, lembrando-se de como ele havia aberto.

— Vejo você mais tarde.

A tempestade estava se aproximando, os olhos ficavam úmidos. Puxou as botas para cima e se dirigiu à porta.

Atrás dela, ouviu-o dizer:

— Sinto muito.



Sinto muito. Que patético. Mantendo forte controle sobre as emoções desgastadas, Jess dirigiu até o hospital, ansiosa por ver a filha. Robin, dormindo, tinha um aspecto pálido, sob a luz artificial. Dave dormia ao lado de sua cama, e o sangue de Evan corria nas veias da filha, os dois pais que a protegiam. Jess se inclinou para beijá-la na testa.

As pálpebras de Rob se contraíram. Aos poucos, ela abriu os olhos e formou a imagem.

— Mãe? Posso ir para casa?

— Ainda não, querida. Como você se sente?

Robin deu de ombros, fez uma careta e disse, estoicamente:

— Nada demais — e bocejou. — Onde está o papai?

— Dormindo, bem ali. Você vai voltar a dormir, agora.

— Tudo bem — balbuciou. — Não se esqueça de alimentar Concha e Pepper.

E já estava dormindo, antes de Jess poder responder.

Sentindo-se mais tranquila e segura, Jess foi para casa. E se deu uma congratulação pela coragem. Recusou-se a permitir que as lágrimas viessem, ou a se sentir idiota por ter feito o que fez. Não tinha feito esse papel e sabia que Evan a amava tanto quanto se permitia amar.

Pena que não o suficiente.

Ao se aproximar do rancho, desligou o motor e deixou o veículo correr, até parar. Entrou na casa silenciosa. Estava tão cansada e o corpo doía em lugares em que nada sentia, há anos. No chuveiro, ficou imóvel, deixando a cascata de água quente cair sobre o corpo. Quando as lágrimas vieram, fechou os olhos e ergueu a cabeça para a ducha.

Ela o tinha perdido. Mais uma vez.

Embora se repetisse que sua amizade era melhor do que nada, muito melhor, pareceu-lhe um conforto tênue. Ela desejava Evan Kincaid de coração, alma e mente, para sempre.

Havia chorado tanto nos últimos dias, que o manancial logo secou. Quando fechou as torneiras e pegou a toalha, sentiu-se trêmula e desconfortável. Bem, para o inferno com esse sentimento. Recusou-se a ceder.

Jess esfregou o tecido felpudo sobre todo o corpo, com vigor, trazendo um calor rosado para a pele. Lembrou-se que fora corajosa e forte. Sua vida era tão cheia, tão rica, ainda que nunca tivesse um homem para amar. Tinha a família, os amigos e, logo, o danado do campo de treinamento, com o logotipo de botas de cowboy que Robin desenhara.

Foi para o quarto e escolheu uma de suas camisas mais enfeitadas e, porque eram audaciosas como ela, as botas de cowboy vermelhas, que usava quando ia dançar.

Separou algumas coisas para Robin e desceu as escadas. A cozinha exalava cheiro de bacon e café, quando entrou.

Do fogão, a mãe se virou:

— Como está Robin?

— Bem. Vai ficar fora da agitação por um tempo, mas o médico disse que ficará bem.

Sua mãe a envolveu em um abraço. As lágrimas malditas ameaçaram escapar e ela se afastou para se servir de uma caneca de café.

O pai, que estava sentado na mesa da cozinha com sua caneca de café, disse:

— Foi o que o pessoal do hospital disse, quando ligamos. Fico feliz em saber que é verdade. A esplenectomia parecia uma coisa muito séria.

Ele balançou a cabeça.

— Rob superou até você, Jess. Nunca estive tão assustado, desde aquele dia que Ranger se recusou a pular a cerca e você voou sobre ela.

— Eu não quebrei um osso — Jess se vangloriou.

— É, mas teve uma concussão — a mãe lembrou.

— Ah, sim, tinha me esquecido.

Seus pais trocaram olhares divertidos.

— Não ouvi você entrar — disse o pai.

Ela tentou não corar.

— Entrei em silêncio, para não acordar vocês.

— Você parece cansada — disse a mãe. — É melhor voltar cedo, hoje à noite.

— Pode apostar que vou.

Miriam colocou pratos de ovos mexidos e bacon na mesa.

— Wade, e as torradas?

— Sim, senhora — disse ele, colocando quatro fatias de pão na torradeira e descendo o interruptor.

Jess pegou uma tira de bacon crocante e a mordiscou.

— Não queria ir trabalhar hoje. Devia ficar no hospital, com Rob.

— Irei assim que terminar o café — disse a mãe.

— Também vou — completou o pai —, assim que der algumas instruções para o pessoal do rancho.

— Iremos cuidar dela — Miriam assegurou. — E aposto que o pai dela também vai estar lá.

O pai dela. Dave.

O médico sugeriu que fosse para casa, na noite anterior, e dormisse um pouco, mas ele se recusou categoricamente. Sim, Dave estaria lá para se assegurar de que estava tudo bem com Robin. Ele se culpava pelo acidente e viraria ainda mais superprotetor, o que poderia irritar Robin. Jess deu um suspiro.

A mãe tocou em sua mão.

— Pode trabalhar, querida, e não se preocupe com nada.

Trabalhar e ver Evan. O coração deu uma guinada: conseguiria lidar com isso?

Então, aprumou-se. Claro que sim. E ele faria o máximo para tornar tudo mais fácil para ela. Seria meio estranho entre os dois, mas logo ia passar. Até ali, ambos tinham vivido tantas coisas que ela sabia que pretendiam continuar como amigos, para sempre.

O fato de ansiar para que vivessem algo muito mais especial era algo com que deveria lidar. Jess era especialista em enfrentar a realidade, com pensamento positivo, encarando tudo com coragem. Ergueu o queixo.

— A propósito, não contei a vocês sobre Madisun Joe. Ev vai colocá-la na universidade. Fui junto para falar com os pais dela, para que entendessem que ele não era nenhum pervertido.

O pai assobiou.

— Isso é generoso da parte dele.

— Ev é um bom rapaz — disse a mãe.

— Um bom homem — corrigiu Jess.

Evan de fato já era um homem. Tinha a mente aberta e era um cara flexível; ele se preocupava com outras pessoas e queria ajudá-las. Era digno de seu amor, embora não soubesse o que fazer com ele.

— Madisun merece isso — a mãe continuou. — Mas fiquei surpresa que o pai dela tenha concordado. O que ela ganha é importante para a família.

— Ev vai garantir que Madisun tenha dinheiro para mandar para casa.

Sua mãe sorriu.

— Sim, acho que sim.

Jess esvaziou a caneca. Ainda precisando de cafeína, levantou-se para recarregá-la.

— É importante que ela possa sair daquela casa, tão logo seja possível. O pai bate nela. Ela nunca me contou isso, mas se abriu para Evan.

— Maldição! — Seu pai esmurrou a mesa com o punho.

— Dá vontade de ir lá e socá-lo, não é, pai?

— Dá. Ou, pelo menos, chamar a polícia.

— Madisun está saindo.

— Há outras crianças — disse ele, com severidade. Miriam ficou atrás dele, com as mãos apoiadas em seus ombros.

— Eu sei. Evan disse que não haveria dinheiro se ele machucasse a mãe dela ou as crianças, mas vamos precisar manter os olhos neles.

— Com certeza.

Ela estudou o rosto determinado do pai e, acima dele, a mandíbula firme da mãe.

No momento, ela podia estar se sentindo mal como o diabo, mas a vida reservava momentos maravilhosos.

— Eu amo vocês dois, sabem?

CAPÍTULO 16



NA PARTE DA manhã, Evan estava se sentindo um pouco grogue pela falta de sono, e totalmente confuso. Muito tinha acontecido nas últimas horas.

Descobrira que tinha uma filha, Jess tinha pedido que ficasse em Caribou Crossing. Ela havia se oferecido para se mudar para Nova York e, ainda por cima, tornaram-se amantes...

Jess lhe dissera que o amava.

A filha dele estava no hospital, após uma cirurgia de grande porte, e ele ainda não a conhecia. Era provável que nunca o fizesse.

Balançando a cabeça, foi tropeçando até o banheiro, para uma chuveirada, começando com água quente e depois virando para a fria, na esperança de que isso o ajudasse a dar sentido à confusão em sua mente. De nada adiantou.

O melhor a fazer seria pegar um táxi para o aeroporto e esperar o próximo voo para longe dali. Era o que o velho Evan teria feito.

Ao contrário, porém, vestiu jeans e uma camisa limpa e foi olhar para fora das portas de vidro da varanda. A luz do sol se infiltrava entre as árvores. Abriu a porta de correr para sentir o aroma fresco da manhã. Um *ratata* soou a certa distância, embora não visse seu pica-pau. Tudo tão calmo em contraste com seu tumulto interior. Descalço, saiu na varanda e respirou.

— Bom dia, Evan — uma voz lhe chamou, suave.

Olhou para o lado e viu Ann sentada em sua varanda, com os pés apoiados no parapeito.

— Bom dia.

— Sentimos sua falta, a noite passada.

— Desculpe. Algo inesperado surgiu e... — encolheu os ombros, esperando que ela não levasse o assunto adiante.

— Foi uma noite ótima. Vai ser difícil ir embora daqui...

Seria mesmo. Muito mais do que há dez anos.

— Verdade.

— Neste momento, minha vontade é de largar tudo e me mudar para cá. Abrir uma clínica para as famílias. Só suspeito que, ao voltar para casa, mude de ideia. Mas é tentador.

— É mesmo — ele não estava mentindo. — Lembra-se dos primeiros dias, quando George vivia dizendo que este lugar tinha entrado em seu sangue?

— Pois é, e agora estamos iguaizinhos a ele.

Aquilo lhe fez bem: sair na varanda e conversar casualmente com Ann. Adiado o momento em que teria de enfrentar Jess.

Ann olhou para o relógio.

— Hora do café.

Evan voltou para dentro, para calçar as meias e as botas, e depois se dirigiu para o salão de jantar da pousada. Se telefonasse ao hospital, eles lhe diriam como estava Robin? Claro que não, ele não era da família. Jess iria lhe contar se surgisse algum problema. Não iria?

Quando deu suas desculpas pela noite anterior, os outros foram educados o suficiente para não se intrometer. Ninguém mencionou Robin, então imaginou que Jess não queria que soubessem, para não lançar uma cortina de tristeza no último dia deles por ali. Certamente, todos estavam em alto-astral.

Ficou em silêncio, a maior parte do tempo. Havia tanta coisa em sua mente. Tinha uma filha e prometera não se intrometer na vida dela. Jess confessou que o amava e ele a magoara.

Sua mãe dissera que o amava. Duas mulheres em dois dias. E ele nunca se vira como alguém que pudesse ser amado.

Após o café da manhã, Kathy disse:

— Temos alguns mimos para vocês darem aos cavalos — e mostrou uma enorme tigela com um amontoado de bolas de cor escura.

— Eu me lembro desses — disse Thérèse. — Do que mesmo são feitos?

— Farinha de aveia, melão, cenoura, maçã e um pouco de farinha de trigo e óleo para mantê-los juntos. São bons para os cavalos e eles amam!

Cada hóspede recheou um saquinho com algumas das bolas e seguiu para os chalés, para se preparar para o passeio matinal.

Quando Evan entrou no estábulo, junto com os demais, e viu Jess paramentada em sua roupa de vaqueira e botas vermelhas, sensuais, seu coração balançou, doloroso, no peito.

Ela os cumprimentou com um sorriso brilhante:

— É o último dia e eu quero parabenizá-los. Vocês atravessaram um longo caminho.

Os outros começaram o processo, já familiar, de corresponder cada sela e arreios aos cavalos certos, e Evan foi até Jess. De perto, viu que os olhos dela estavam um pouco vermelhos e inchados.

— Como está Robin?

— Indo muito bem.

— E você, como está?

— Tudo bem — disse ela, com um rápido sorriso forçado. Em seguida, o rosto suavizou e o sorriso se tornou real. — Honestamente? Estou cansada e um pouco deprimida. Mas bem.

Queria abraçá-la, mas o pátio estava cheio de hóspedes.

— Foi uma noite especial. Obrigado, Jess. Nunca vou me esquecer dela — disse ele.

Ela assentiu com a cabeça.

No entanto, Evan não podia deixar as coisas assim.

— Algum arrependimento?

Ela fechou os olhos, por um momento, depois os abriu e negou com a cabeça.

— Não, não me arrependo de nada do que fiz.

Que frase estranha. Ela queria dizer que se arrependia de algo que *ele* tinha feito, ou não fizera?

— Ah, Evan — disse ela, com um suspiro. E estendeu a mão para tocar seu rosto. Em seguida, virou-se e foi para o estábulo. Já a alguns passos dele, Jess parou e se virou.

— Evan?

— Sim?

— Não conte aos outros hóspedes sobre Rob, ok? Madisun sabe, mas é particular.

Ele concordou com um gesto e foi iniciar sua rotina, que já se parecia de sua natureza.

Era uma manhã das mais estranhas. Apesar do cansaço, seus sentidos estavam aumentados, talvez porque fosse o último dia, a última vez que faria tudo aquilo.

Estava ciente de como havia pulado para a sela de maneira tão leve, ciente da quente aspereza do pescoço de Rusty em sua mão. Dos padrões manchados de luz e

sombra, enquanto cavalgava através do bosque, do som dos esquilos e dos gritos dos pássaros.

Quando ele e os outros galoparam pelas colinas, sabia que guardaria a lembrança, assim como a da noite passada, dentro de seu coração, para sempre. Comovente. Alegre.

Ele deu um grito e se encontrou parelho com Jess. Ela se virou para rir dele, jogando a cabeça para trás, deixando o chapéu cair contra suas costas, levando a mão livre para desatar o cordão que prendia o rabo de cavalo. Ela era selvagem, linda e, na noite passada, fora sua.

Toda vez que olhava para ela, pensava: *Essa mulher me ama, ela se ofereceu para passar a vida comigo*. Era difícil absorver a ideia, assim como lidar com a ideia de ter uma filha.

O passeio levou o grupo para além dos lagos que tinham visitado antes e das colinas nas quais o gado pastava. Eles pararam para pegar morangos silvestres e enterrar o rosto em flores rosadas. Então, Jess os levou por um caminho arborizado até outro pico rochoso, quando todos puderam admirar a paisagem que se espalhava abaixo deles.

O assombro deu lugar à fome, porque um cheiro sedutor chegava naquela direção. Kathy, Will e Marty estavam lá, com um *brunch* que oferecia um pouco de tudo, desde panquecas até costelas grelhadas.

Havia jarros de mimosas, feitos com champanhe sem álcool, suco de laranja fresco e *flutes* de cristal para beberem. Eles fizeram diversas rodadas de brindes aos anfitriões, a TJ, Madisun e Marty, aos próprios hóspedes e aos cavalos.

De tempos em tempos, as pessoas se afastavam para verificar os animais. Kathy disse:

— Não contem a TJ, mas os cavalos gostam de panquecas.

Então, claro, todos começaram a oferecer panquecas. Sandy escolheu flores silvestres amarelas e alaranjadas e as prendeu na crina escura de seu cavalo de pelo cinza, com outras mulheres seguindo seu exemplo.

Evan estava ao lado de Rusty, rasgando uma panqueca em pedaços para dar ao cavalo:

— Coisa de mulher, hein, amigão?

Ao mesmo tempo, arrancou uma rosa selvagem e a segurou perto do rosto, memorizando o perfume e, então, ofereceu a Rusty. O animal a estudou por um momento, em seguida abriu a boca e levou-a aos dentes. Ele mastigou, parecendo bizarro quando uma pétala se pendurava para fora de seus grandes lábios escuros.

Evan riu e fez um carinho em seu pescoço. Ficou ali, de pé, contente, acariciando

Rusty e vendo os demais repetirem a ação com os próprios parceiros.

Ele mal tinha conversado com Jess. Havia algo diferente nela. Devia estar física e emocionalmente exausta, depois de uma semana que tinha incluído a morte de Petula, o acidente de Robin e sua própria... Evan não queria pensar em rejeição, mas que outra palavra se aplicava?

E, ainda assim, parecia serena. Mais confiante? Orgulhosa, talvez. Como se tivesse passado pelo inferno e saído do outro lado, ainda mais forte. Aquilo fez seu coração doer, pensar que tinha sido parte de sua penitência.

Quando todos estavam prontos para ir, o piquenique concluído, as cilhas apertadas novamente, Jess disse:

— Madisun, você pode nos liderar de volta para casa?

A menina sorriu.

— É claro! — E levou seu cavalo para a frente da fila.

Evan ficou para trás, entrando na fila logo antes de Jess. Não houve oportunidade de conversa ao longo da primeira meia hora, enquanto cavalgavam por uma trilha de montanha, em zigue-zague. Em seguida, o grupo chegou a uma estrada rural, na qual foi possível uma montaria lado a lado. Ele segurou Rusty para trás até que Jess trouxesse Knight a seu lado.

— Madisun gosta de liderar o grupo — disse ele. — É legal de sua parte deixar que ela faça isso.

— Ela merece. Essa menina trabalha muito por aqui. Vou sentir falta dela, quando for para a faculdade.

— Fizemos uma boa equipe, conversando com os pais dela.

— Sim, Evan. Fazemos uma boa equipe.

Ele se virou para a mulher, que olhava para a frente, não para ele. Depois disso, pareceu que nenhum deles tinha mais nada a dizer.



Quando o grupo retornou ao curral, Jess procurou logo um canto reservado e, pela quarta vez no dia, ligou para o hospital. Assim que teve uma resposta tranquilizadora, a bateria do celular de Dave morreu. Ela havia emprestado o telefone dele à noite, no hospital, e, de manhã, esquecera de pegar o seu, que ainda estava ligado ao carregador no Bly Ranch.

Voltando ao estábulo, viu como os hóspedes faziam as atividades em câmera lenta.

— Síndrome do último dia — como ela e Madisun chamavam.

Todos estavam relutantes em partir, e terminar as férias. Em se despedir de seus cavalos, de seus novos amigos e, acima de tudo, das pessoas que se tornaram, no Crazy Horse.

Ela recolheu diversos abraços de despedida e apertos de mão.

Evan disse:

— Quer jantar, hoje à noite?

Ela balançou a cabeça, negando. Em seu coração, já lhe tinha dito adeus.

— Quero estar com Rob o máximo de tempo que me permitirem. E você não pode perder o jantar de despedida de Kathy e Will. Estou acabada, quando o horário de visita terminar, vou para casa e para a cama.

— Entendo.

Jess não saberia dizer se ele ficou aliviado ou triste. Apenas sabia que não podia contemplar outra jornada com ele. A noite do dia anterior havia sido especial e ela preferia manter aquela lembrança como a última. Afinal, com dez anos de atraso, guardaria a lembrança que tanto desejou.

E sim, era uma lembrança pungente. Não porque Evan não a amava, mas por, honestamente, ela confiar que sim. Tão preso no passado, ele não se permitia perceber isso.

As pessoas tinham de mudar e crescer. Era a lição que Kathy e Will tentavam ensinar no Crazy Horse e que Jess acabou por aplicá-la em si própria.

Assim, enquanto os hóspedes circulavam no curral, relutantes em partir, ela se dirigiu até a recepção do hotel, para usar o telefone do escritório.

Depois de fechar a porta do ambiente, puxou os cabelos para trás em um rabo de cavalo e colocou um bloco de papel e lápis em sua frente. Então, controlou a respiração e discou um número que havia memorizado, e nunca usado.

Após alguns toques, uma voz masculina atendeu:

— Vitale.

Ela engoliu em seco.

— Gianni? Aqui é TJ Cousins, do Crazy Horse.

— TJ! É bom ouvir sua voz. Traz de volta boas lembranças. Como vai?

— Estou bem. E o senhor?

— Tentando lembrar que há mais vida além do trabalho. Elena sempre me diz isso.

— Por favor, envie meus cumprimentos a ela — e fez uma pausa. — Eu sei que Evan Kincaid vai conversar com o senhor, mas queria lhe falar diretamente. Ele diz que o senhor ainda está interessado no campo de treinamento.

— É verdade, mas entendi que você não está tão adiantada no planejamento quanto eu esperava.

Jess se encolheu, mas logo endireitou os ombros.

— Isso mesmo, admito que nunca realizei nada parecido antes. Apesar de administrar um rancho, assim como o sucesso dos passeios a cavalo no Crazy Horse.

— Evan disse que iria lhe fornecer diretrizes para o que precisamos.

— Ele me disse e agradeço. Hoje, já conto com a ajuda de um de nossos mais bem-sucedidos empresários locais, e espero ter algo para lhe apresentar, em breve. Deixe-me perguntar uma coisa, porém: o que o senhor acha da ideia de uma fundação beneficente que pudesse fornecer bolsas de estudo a pessoas merecedoras que não possam pagar, e que realmente se beneficiariam delas?

— Evan me explicou isso e acho que tem um grande potencial. Conversei com Elena e ela adorou a ideia.

— Que ótimo. Não sabia que Evan tinha falado sobre isso com o senhor.

— Ele quis falar, por causa do potencial de um conflito de interesses. Você sendo uma velha amiga e tudo mais. Eu respondi que confiava no julgamento dele.

Conflito de interesses? Nunca pensara nisso e viu que ainda tinha muito a aprender.

— Confio no julgamento dele, também — disse ela.

— Então, o que acha da possibilidade, TJ? Que tal começarmos a tratar do assunto como um projeto de equipe e descobirmos como fazer funcionar? Elena queria isso desde o início, e ela estava certa, mas os velhos hábitos costumam a morrer. Isso, em parte, porque preciso de você, e dos cavalos. Para continuar me lembrando.

Seu coração deu um salto.

— Sério? — Ela queria cantar e dançar de alegria, mas se esforçou para manter a atenção. — Gianni, prometo ser totalmente eficiente e profissional. Tenho recursos aqui para me basear e dou as boas-vindas a todas as sugestões que possam dar. Às de Evan também, claro — ela poderia trabalhar com ele. As coisas ficariam mais fáceis, com o tempo. — *Ela* é, de fato, o especialista.

— Só mais algumas coisas — Gianni riu. — Diga-me, TJ, como é que Evan se deu cavalgando? Ele é um dos sujeitos mais tensos que já conheci na vida, embora seu trabalho seja de primeira qualidade.

— Ele se soltou surpreendentemente bem. Acho que vai trazer uma nova perspectiva ao trabalho. Evan terá de lhe agradecer por isso.

— A você também, imagino.

Jess riu.

— E a um animal chamado Rusty.

Ele voltou a rir.

— Cavalos são ótimos professores, não é?



Pareceu-lhe uma eternidade aguardar os outros hóspedes e Madisun fazerem suas despedidas e seguirem seu caminho, mas Evan esperou com paciência.

Jess tinha ido até a pousada por alguns minutos e, tão logo voltou, ele percebeu nela uma emoção incontida. A mulher devia estar ansiosa para passar o resto do dia com a filha.

Quando, por fim, só restaram ambos, ele disse:

— Vou caminhar com você até sua picape.

Jess lhe tomou as mãos, segurando apertadas. Com a voz borbulhante, disse:

— Ev, telefonei para Gianni.

— Sério? Quando?

— Agorinha! Ah, meu Deus, não posso acreditar! Ele quer começar a tocar o projeto, todos nós trabalhando juntos, como uma equipe. Com ele e Elena desde o início, para participar de tudo, seja a fundação beneficente ou a empresa ou qualquer outra coisa!

A boca de Evan se abriu.

— Não me diga!

— Ele pareceu estar falando sério. E muito animado — Jess se contorcia como um filhotinho de cachorro, a excitação ondulando pelo próprio corpo. — Disse que será um projeto de equipe. Todos juntos, você em especial, em quem ele e eu tanto confiamos.

O coração de Evan se aqueceu.

— Está dizendo que quer minha ajuda? — Jess confiava nele para ajudá-la a alcançar seu sonho.

Ela deu um pequeno sorriso:

— Se você e Dave conseguirem descobrir como se dar bem...

Ele fizera a oferta e seguiria com ela, independentemente de quanto tudo ficasse estranho.

— Ele é um cara legal — disse ela.

Evan suspirou.

— Sim, sei que é. Ele sempre foi. O idiota fui eu.

Tudo bem, então Dave era um homem melhor do que ele. Pelo menos, podia tentar parar de se portar como um idiota sobre o assunto.

— Sim, foi. Mas cresceu um pouco.

Seu coração se animou, sabia que era verdade. Socou-a no ombro, de brincadeira.

— Obrigado por isso. Você também cresceu.

Ela meneou a cabeça.

— É. Já estava na hora.

Em seguida, sua expressão ficou séria e ela olhou para o chão.

— Bem, já deveria ter ido.

— Eu sei que você está ansiosa para ver Robin.

Evan quase se viu tentado a perguntar se poderia ir junto, mas qual seria o propósito de fazê-lo? Antes, ficara curioso para conhecer a filha de Jess. Sabendo que Robin também era sua filha, as coisas haviam mudado. Porque, claro, ela não era *sua* filha; era de Dave. Todos concordavam que seria o melhor para Robin.

Se a conhecesse ou conversasse com ela, haveria muito a perder.

No entanto, havia algo que ele desejava:

— Você pode me enviar uma fotografia?

Jess ergueu a cabeça e estudou seu rosto por um longo momento. Aí, caminhou até a picape, abriu a porta e procurou no porta-luvas. Voltou segurando uma carteira desgastada pelo uso e fina. De dentro, extraiu algo e lhe entregou.

Era um instantâneo de Robin, com um grande sorriso, montada em seu cavalo.

— Obrigado.

— Diga se quiser mais. Ou... Qualquer outra coisa.

— Poderei ver você de novo, antes de ir?

Ela desviou o olhar:

— Acho que não, já dissemos tudo, não?

— Imagino que sim.

Evan sabia que Jess queria ir para o hospital. Ainda mais, imaginou que ela precisava ficar longe dele. Os olhos dela estavam úmidos e ele também não estava longe das lágrimas.

Jess se inclinou para a frente e tocou os lábios nos dele. Muito depressa. Muito breve.

— Tchau, por enquanto, Ev.

— Eu amo você, Jess.

As palavras saltaram de sua boca antes que ele percebesse que as estava dizendo.

O rosto dela ficou imóvel e Evan se perguntou o que havia feito. Depois, ela apenas balançou a cabeça, com calma.

—Também amo você — e pigarreou. — Agora, saia daqui antes que eu chore.

Evan ficou olhando para aquele rosto, memorizando cada centímetro. Depois, recuou, aos poucos. As lágrimas começaram a rolar por suas faces. Queria abraçá-la apertado, confortá-la, mas nada do que pudesse dizer aliviaria a dor de Jess. Ou a dele.

Caminhou até seu chalé sem olhar por cima do ombro uma única vez. Bateu a porta e se inclinou contra ela, descansando os antebraços sobre a madeira áspera, a testa contra as mãos. Mãos que estavam curtidas e calejadas. Um legado do campo que levaria de volta.

Junto com as botas de cowboy, o chapéu de vaqueiro, uma relação tênue com a mãe, e uma multidão desordenada de lembranças.



Jess dirigia a picape pela estrada abaixo, confiando que os pneus encontrariam as pistas de cascalho. Piscava contra as lágrimas, que se recusavam a parar de sair, por isso, antes de entrar na rodovia, parou no acostamento e se permitiu um longo choro. Depois, dirigiu-se ao hospital, correndo para um banheiro feminino para banhar o rosto com água fria.

— Controle-se, garota — murmurou para o próprio reflexo.

Sem dúvida, já tinha vivido dias melhores. Estava empolgada com Gianni e seu campo de treinamento, e nem isso conseguia sobrepujar a tristeza de saber que Evan estava voltando para casa. Como sempre soube que faria.

Evan disse que a amava. Espontaneamente. Foi quase um choque, embora soubesse que o sentido que ele dava à palavra amor era diferente do que ela ansiava que ele sentisse.

Os dois seriam amigos para sempre. Sorriu para seu rosto, no espelho, e viu as linhas de tensão suavizarem.

Evan iria trabalhar com ela e Dave, e Gianni e Elena, e seu sonho do campo de treinamento de cowboys se tornaria realidade. Afinal, depois de tanto tempo. Um sonho no meio de tantos até que não era tão ruim.

O melhor: ela era uma nova mulher. Mais forte e mais corajosa. Soltou os cabelos, deu-lhes uma afofada e foi para o quarto de Robin, com suas atrevidas botas vermelhas.

A cena lá dentro era um bálsamo para sua alma machucada. Seus pais e Dave estavam sentados em volta da cama de Rob, falando em voz baixa. A primeira a vê-la foi sua filha:

— Mamãe, você está aqui!

Jess se aproximou para abraçá-la, com cuidado.

— É bom vê-la, querida.

— Eu quero ir para casa, agora.

— Como eu sabia que você ia dizer isso?

Dave assistiu à conversa das duas com uma expressão preocupada no rosto. Jess sorriu de volta, tranquilizadora.

— Bem, hoje foi o adeus de outro lote de hóspedes do Crazy Horse.

— E nosso antigo colega de classe? — A voz dele tinha uma entonação algo irônica.

— Ele se divertiu, mas ficou feliz por voltar para casa. Não há nada aqui para ele

— *Evan não vai ficar entre você e Robin*, era o que ela tentava dizer entre palavras e olhares.

O rosto de Dave relaxou e ele sorriu. Foi quase o mesmo bom e velho sorriso ensolarado que ela tinha conhecido, antes da doença de Anita.

Jess se sentiu tentada a contar à família tudo sobre seu telefonema a Gianni, mas aventou que a emoção seria demais para Robin. A notícia podia esperar mais um pouco.

Pouco depois de Jess chegar, seus pais foram para casa jantar, restando apenas ela, Dave e uma desgastada Rob. Apesar de seus protestos por ter de ficar mais tempo no hospital, ficou claro que a menina estava exausta e com dores.

Quando a hora de visitas se encerrou, Jess saiu, com Dave.

— Está mesmo tudo bem? — Perguntou ele. — Com Evan?

— Acho que sim. Ele não quer estragar as coisas.

— Ele não quer estragar as coisas para ele, você quer dizer.

— Talvez. Mas acho que ele está mais preocupado com o que é do interesse de Robin.

Haviam saído do hospital e caminhavam na direção de sua picape:

— Jessie, você ainda está apaixonada por ele? — Seu tom de voz era solidário.

Os ombros de Jess caíram.

— Estou... Parece ser meu destino.

Ele colocou um braço ao redor dela.

— Pobre menina.

— Não é tão ruim assim... Pelo menos, tenho meus amigos!

As palavras pareciam ocas, e Jess adivinhou, pela maneira como Dave a abraçava forte, que também soaram assim para ele.

— Se quiser falar sobre isso...

Ele era um homem tão doce.

— Obrigada, Dave. Prefiro falar sobre minha boa notícia, no entanto. Não quis falar lá dentro para não excitar Robin, mas estou explodindo para dizer para alguém — e contou a ele tudo o que tinha planejado com Gianni.

Embora Dave tenha feito uma careta com a ideia de trabalhar com Evan, deu em Jess um grande abraço e um beijo.

— Estou tão feliz por você. E feliz por poder ajudar.

Ela dirigiu de volta para casa sem pressa, mal conseguindo manter os olhos abertos. Uma vez lá, forçou-se a comer alguma coisa, sem ao menos perceber o que estava ingerindo. Depois, encheu a banheira de água quente e pulou lá dentro, para acordar quase uma hora depois, na água fria. Gelada, apesar da brisa quente que entrava pela janela do quarto, vestiu um pijama de flanela de inverno.

Outra noite, um chapéu de cowboy e um corpo nu; agora, um pijama de flanela.

Antes, fora Evan. Ela fechou os olhos com a lembrança, na esperança que a seguisse em seus sonhos.



EVAN ACORDOU NO sábado, com a primeira ressaca de sua vida. O jantar final tinha sido quase um banquete e os hóspedes passaram por garrafas e garrafas de champanhe e vinho. Ele não se incomodou em dizer não quando as pessoas se ofereciam para lhe encher o copo.

Seu humor esteve estranho. Ora sentia prazer e calma contemplando as realizações da semana e a nova direção que planejava dar à vida. Ora, via-se deprimido, tentando afogar a tristeza no vinho, sem pensar em Robin e seu relacionamento com Jess, por e-mail.

Quando chegou ao saguão da pousada, de manhã, suas entranhas se reviraram com o cheiro de bacon e linguças. Kathy lhe entregou um copo com uma mistura marrom.

— Beba isso antes de falar comigo — ordenou ela.

A cura para ressaca? Apesar do gosto péssimo, seu estômago não se rebelou.

— Não costumo beber demais — resmungou ele, irritado consigo.

— Você não foi o único que exagerou. Em poucos minutos, irá se sentir melhor.

Palavras proféticas. Em dez minutos, estava mastigando junto dos outros hóspedes, enfiando, alegre, fatias crocantes de linguça na boca.

No jantar, toda a conversa girou em torno das férias no Crazy Horse. No café, havia uma clara mudança de tom, até nas aparências. Os cabelos, quase sempre despenteados durante todos aqueles dias, estavam cuidadosamente arrumados. Os jeans foram substituídos por roupas de viagem e a conversa abordava voos e o que os aguardava de volta, em casa. O trabalho acumulado. Os negócios que poderiam ou não ter sido resolvidos.

Evan pensou nas páginas do material que Angélica enviara e que ele precisaria estudar durante a viagem. Ela se resumiu apenas aos assuntos mais urgentes. O que significava que deveria haver montanhas de cartas e centenas de e-mails para responder.

Ah, bem, tinha um almoço marcado com Gianni e Elena, para o dia seguinte. Ele poderia contar histórias sobre o Crazy Horse, falar sobre Jess, debater ideias para o projeto do campo de treinamento.

E, na segunda-feira, faria Angélica dar muitas risadinhas, quando descrevesse seu primeiro dia sobre um cavalo. Ele tinha a fotografia para comprovar: sua montaria em Rusty.

Evan estava levando para casa várias fotos, inclusive algumas com Jess. E duas de Jess e Robin cavalgando juntas. Já eram três as fotos da filha que nunca conheceu pessoalmente.

Depois do café da manhã, as pessoas permaneceram perto da porta da frente da pousada. O furgão do Crazy Horse faria duas viagens para Williams Lake, uma para os voos da manhã e outra para os da tarde. Evan tinha deixado para fazer a reserva tão tarde que o único voo que conseguiu foi o das quatro da tarde. Ele se despediu dos que estavam partindo antes e, pela primeira vez, cartões de visita foram trocados.

— Não se esqueçam de nos enviar notícias — lembrou-lhes Kathy —, assim poderemos colocá-los em nosso boletim informativo trimestral.

Quando as pessoas ainda pareciam predispostas a ficar, Will disse:

— Vamos sair em meia hora, pessoal. Quem ainda não terminou de arrumar suas coisas, comece a se mexer.

Os hóspedes saíram correndo, Evan seguiu Kathy quando ela voltou para a cozinha.

— Ainda sobraram algumas dessas guloseimas de cavalos?

— Vai descer para se despedir de Rusty?

— E dos outros. O máximo que tiver, por favor.

— Saindo...

Ele pegou uma maçã da tigela, sempre abastecida, enquanto ela arrumava um saco plástico cheio de bolas redondas.

Ela lhe entregou as guloseimas.

— Aqui está, seu amante de cavalos.

Ele ponderou o rótulo, enquanto descia o morro para o pasto cercado. Nunca, em um milhão de anos, teria se considerado um amante de cavalos.

Mickey e Raindance, o *appaloosa* que Madisun montava, pastavam, perto da cerca, e ele não viu Rusty. Mickey relinchou quando Evan passou pelo portão, outros dois cavalos emergiram das árvores, e logo Rusty trotou em sua direção.

Ele foi cercado pelos animais e alimentou cada um deles, distribuindo guloseimas até o saco ficar vazio. Ele o enfiou no bolso da calça, acariciou focinhos e deu tapinhas nos pescoços. Aos poucos, os cavalos se afastaram, ficando só ele e Rusty, que não demonstrava intenção de querer ir embora.

O cavalo pôs a cabeça para baixo, bufou ar nas botas de Evan e ergueu a cabeça de novo, gentilmente cutucando o peito do homem. Evan acariciou o pescoço e penteou com os dedos a crina espessa do cavalo. A pele estava quente sob o sol, tanto quanto os ombros e a cabeça de Evan, que não usava o chapéu de cowboy que se acostumara a carregar, todos os dias. O ar cheirava a trevo e, de modo mais moderado, a cavalo. Desde quando, nas últimas duas semanas, o odor de cavalo tinha se tornado atraente? Ele respirou fundo, desejando que pudesse prender o perfume em seus pulmões para levar para casa.

Nova York. Os gases dos escapamentos dos carros e os charutos importados. A agitação da vida na pista rápida. Ele amava Nova York. E, no entanto... Era tão tranquilo ficar ali parado, sem fazer nada, acariciando um cavalo...

Lembrou-se de como se sentia inquieto em seus primeiros dias no Crazy Horse.

— Você me ensinou muito — murmurou para Rusty. — Você e Jess.

A orelha do cavalo se contorceu.

— Apreendi a relaxar, e também a enxergar um novo sentido de direção.

Rusty bufou, com delicadeza.

— Você é um bom garoto. Apesar de ter esmagado meu pé, no primeiro dia. — Sorriu com a lembrança, e com o momento em que Rusty soprou espuma de maçã sobre sua camisa e Jess uivou de tanto rir. Evan pegou a maçã de seu outro bolso e segurou na palma da mão. — Sem truques, hoje — alertou.

Foi a segunda vez que ele ofereceu uma maçã a um cavalo. Rusty a pegou com cuidado, até com educação.

Toda vez que comesse uma maçã, ele se lembraria de Rusty cuspiendo uma maçã mastigada de volta. E também da torta de maçã de Miriam Bly, compartilhada em torno de uma mesa de cozinha na qual as pessoas o tratavam como alguém da família.

Calor, carinho. Diversão.

Jess, de seu jeito franco, havia dito que não parecia que Evan se divertia muito em Nova York. Ela estava certa. Sim, ele jantava com mulheres encantadoras, ia a festas, tomava drinques em boates e ia ao teatro, mas se divertira muito mais naquelas duas semanas do que em todos os anos morando em Nova York. Sim, ele teria mesmo de fazer algumas mudanças, quando voltasse.

Voltar. Para casa. Manhattan. Fumaça do trânsito, buzinas, jantares gourmet.

Que merda! Ele devia estar se concentrando nas coisas boas. No que ele amava. Um café duplo e o *New York Times*, sozinho, na parte da manhã. Armandando grandes esquemas em todos os continentes e fusos horários.

Sim, ele adorava essas coisas, apesar de se ver pensando no chocolate quente de Kathy e no café simples de Miriam... Em ajudar Madisun e Jess a realizar seus sonhos, e Wade e Miriam a conseguir criar um pouco mais de segurança financeira. Talvez até Brooke, a lidar com questões financeiras, que ela achava intimidantes. Na verdade, em aprender a conhecer sua mãe e a gostar dela.

Acima de tudo, pensou em Jess. Em sua risada contagiante, nos olhos castanhos, cheios de alma. Nela nua em cima de seu corpo, com um brilho sexy nos olhos e um chapéu de cowboy na cabeça.

Rusty o cutucou com a cabeça e Evan voltou a acariciar o pescoço do cavalo.

Sentia mais amor e paixão por Jess do que por qualquer mulher que já conhecesse. Ou que poderia imaginar conhecer, um dia.

— Eu a amo.

Ao dizer essas palavras em voz alta, percebeu, enquanto as pronunciava, o que realmente queriam dizer. Significavam que ele a amava não apenas como amigos, mas com a mesma intensidade de Jess: “Daquela que só acontece uma vez na vida”.

— Meu Deus, como tenho sido tolo...

Rusty o olhou com curiosidade. A cabeça do cavalo subiu e desceu uma vez.

Evan riu.

— Sim, até você concorda. Jesus...

Então, riu mais alto.

— Eu amo Jess Bly. Eu a amava desde o dia em que a conheci, quando éramos só crianças de sete anos. E nunca percebi... Meu Deus, vinte anos!

De repente, seus joelhos ficaram fracos e ele se encostou em Rusty como apoio. Sempre achou que não conhecia o amor, quando, na verdade, ele estava em seu coração o tempo todo; o problema é que teve muito medo de reconhecer.

Ele amava Jess do jeito que ela o amava.

Ele a amava há vinte anos e tinha desperdiçado os últimos dez. E estava se preparando para perder outros mais. Disposto a jogar fora o amor dela. Tudo porque esteve preso a padrões pueris, formados quando o amor se mostrou uma proposição assustadora.

Sim, ele era louco por Nova York, mas poderia se tornar louco por Caribou Crossing também; já tinha andado boa parte do caminho. O que ele percebeu, enfim, foi que o verdadeiro sonho em seu coração se chamava Jess. Ela e seus cavalos e

chapéus de cowboy, seus dedos sujos e botas revestidas de estrume. Sua generosidade, seu coração mole. Os seios picantes, o bumbum cheio de curvas, o pacote todo.

Filha e tudo o mais.

— Robin — balbuciou, pela primeira vez provando o nome da menina e se permitindo vislumbrar a garota em sua plenitude. Ele poderia conhecê-la. Não apenas se permitir a amar Jess, como a própria filha.

Não teria mais de hesitar sobre ter filhos e um dia ser um bom pai. Robin existia e ele, com a ajuda de Jess, se tornaria um ótimo padrasto. Talvez com o tempo, ambos pudessem ter filhos. Entretanto e primeiro, existia Robin.

O som de cascalho pisado invadiu seus pensamentos. Virou-se para avistar a van que ia para o aeroporto. Impulsivo, levantou o braço, sinalizando para que Will parasse.

— Falo com você depois — disse a Rusty, e em seguida, saltou sobre a cerca. — Posso pegar uma carona para a cidade?

A porta se abriu e eles o deixaram entrar.

— Uma compra de última hora? — Perguntou Sandy.

— Por aí.

Will os levou para o aeroporto, em primeiro lugar, com todos os hóspedes conversando, animados, enquanto Evan alimentava os próprios pensamentos. Esperou, com impaciência, por uma nova rodada de despedidas. Talvez percebendo seu humor, Will ficou em silêncio ao dirigir para a cidade, estacionando no supermercado.

— Obrigado — disse Evan. — Pode deixar que dou um jeito de voltar.

Depois, com as pernas trêmulas, caminhou pelas poucas quadras que o separavam do hospital. Não sabia o que iria dizer, apenas que precisava finalmente conhecer Robin Cousins.

Recebeu as indicações da enfermeira, na recepção, e logo encontrou o quarto de Robin. Rezando para que Dave não estivesse lá, espiou pela porta. A menina estava sozinha, apoiada em uma pilha de travesseiros, assistindo a TV que estava suspensa acima de sua cama.

Forçou-se pela porta antes que tivesse tempo de mudar de ideia.

Ela olhou para cima. Enormes olhos de chocolate, como os de Jess.

— Oi — disse ela —, procurando alguém?

A filha dele. Ela era a filha dele. Precisou limpar a garganta antes que pudesse fazer as palavras sair.

— Você, na verdade.

— Eu? Mas... Ah, eu vi você no último sábado, no Crazy Horse. Certo?

Sua voz era forte, as maneiras, confiantes. Robin se parecia muito com a mãe, mas a personalidade transformou em algo único aquelas características familiares.

— Sim, estive hospedado lá.

Ela usou o controle remoto para desligar a TV.

— Lá não é o máximo?

— Com certeza, é. E gostei muito do show que você e sua mãe fizeram. Você é uma vaqueira maravilhosa.

— Eu venho montando desde antes de saber andar — disse ela, vaidosa.

Evan riu.

— Sua mãe costumava dizer exatamente a mesma coisa.

— Ah, é? Você conhece a mamãe? Ah, espere, você é o homem que foi jantar a semana passada, quando eu estava no papai.

— O próprio. Eu cresci aqui. Com sua mãe. E seu pai — ele forçou a última palavra.

— Legal — Evan estava imaginando coisas ou se vira quando Robin inclinou o queixo? — E onde está morando, agora?

— Em Nova York.

— Uau! Isso é... incrível! Eu absolutamente *tenho* de ir lá um dia.

Ele sorriu, pensando em mostrar sua cidade para ela e Jess. Poderiam andar a cavalo no Central Park, ir ao teatro, explorar o Greenwich Village e parar na Magnolia Bakery, para comer alguns biscoitos. Havia coisas em Nova York que tanto uma como outra adorariam, desde que Jess soubesse que voltariam depois para Caribou Crossing.

Evan fechou os olhos, por alguns instantes. Ele estava sendo muito confiante? Jess tinha dito que o amava. E lhe pedira para ficar. Ela seria feliz, não seria?

Ou era um sonho que ela não queria, de fato, que se tornasse realidade? Se fosse assim, Jess poderia dispensá-lo. Começou a suar frio.

— Ei, senhor, você está bem?

Ele passou a mão trêmula pelo rosto e tentou sorrir.

— Estou. E você? Ouvi sobre seu acidente.

— Estou bem. Agora dói quando eu me mexo. Bem, até quando não me mexo. Mas logo estarei montando em Concha, de novo.

Se Jess o aceitasse, Evan teria anos de preocupação com essa menina. Primeiro, seria uma garota imprudente, depois, uma adolescente destruidora de corações.

— Estou contente que você esteja passando bem.

— Então, você veio aqui para ver a mamãe?

— Eu vim porque queria conhecer você.

— Legal. Ei, você não me disse seu nome.

— É Evan Kincaid.

— Eu sou Robin Cousins.

A menina estendeu a mão e ele a segurou, tremendo: a primeira vez que tocava sua filha. Robin tinha um aperto firme e ele odiou precisar soltar aquela mãozinha pequena e quente. Quando o fez, seus dedos formigavam e os olhos estavam úmidos.

Ele tinha gerado aquela garotinha.



Do hospital, caminhou de volta para o centro da cidade. Pensou em parar e contar a Brooke o que estava planejando, decidindo depois que podia esperar. Eles teriam muitas oportunidades para conversar. Achou que a nova Brooke ficaria encantada em receber Jess e Robin na família.

Além disso, já tinha começado a resolver as coisas com a mãe.

Ocorrera-lhe antes, na van de Will, que havia algumas coisas que precisava fazer para se provar digno de Jess. Algumas podiam ser riscadas da lista. Como aprender a montar e a apreciar o campo, que ela tanto adorava. E se reconciliar com Brooke.

Restavam duas coisas. Uma, conhecer Robin. A outra envolvia uma pessoa que era intrínseca na vida de Jess. E de Robin.

Evan endireitou os ombros e entrou no Wild Rose Inn.

O saguão era uma versão elegante do cowboy rústico, mencionado por Gianni, nos dias da corrida do ouro, e funcionou muito bem. Atrás do balcão da recepção, uma mulher de meia-idade parou de acionar o teclado de seu computador e olhou para cima, com um sorriso acolhedor.

— Estou procurando por Dave Cousins.

— Em seu escritório, por esse corredor, à esquerda.

Ele seguiu as instruções e parou na porta aberta.

— Dave?

De sua mesa, o homem olhou para cima.

— Evan — disse ele, com cautela.

Evan endireitou os ombros.

— Quando éramos crianças, você me ofereceu sua amizade e fui tolo o suficiente para menosprezar isso. A oferta ainda vale?

Dave tinha um daqueles rostos que revelam emoção. Evan leu sua desconfiança e seu medo. O outro homem se levantou, dirigiu-se até a porta e a fechou.

— Isto é sobre Robin.

— Sim. E Jess.

Ele não tinha sido convidado a sentar nem queria. Muito menos Dave, ao que pareceu. Esse ficou ao lado da porta, os braços cruzados sobre o peito. Evan falou:

— Eu amo Jess. Acho que sempre a amei. E acredito que ela também me ama.

Dave fechou os olhos e, quando os reabriu, seu rosto havia envelhecido uma década.

— Ela sempre o amou — retrucou, em voz baixa.

Naquele instante, Evan o respeitou imensamente. Sabia que Dave tinha visto o que estava por vir e, no entanto, ele não protestou ou negou.

— Vou me mudar para Caribou Crossing. Quero me casar com Jess, se ela aceitar.

Dave respirou fundo e Evan se apressou.

— Não vamos contar a Robin sobre... Nada. Serei seu padrasto e você continuará a ser o pai dela.

Dave passou a mão sobre a mandíbula tensa.

— Agradeço por isso.

— Você é o pai dela. Foi quem a criou, quem a amou. Só quero fazer parte de sua vida também. Podemos resolver isso, Dave. Vai dar certo.

— Tudo bem — respondeu ele, com uma voz sem emoção.

Evan estremeceu com a escolha das palavras. Tudo que Dave possuía desde que a noiva morreu era Robin, e Jess. Como podia estar “tudo bem” com Evan vindo interferir nisso?

— Eu amo Jess — disse Evan de novo, como justificativa.

— Sim, posso ver isso. E Jessie merece... Tudo. Ela é a melhor.

— Eu sei... Não posso acreditar como fui tão estúpido de não perceber isso antes — e deu uma risada nervosa. — Nem tenho certeza de que ela vai aceitar. Fui um idiota, ela pode pensar que eu não valho o aborrecimento.

Um canto da boca de Dave se levantou.

— Jess não é do tipo que guarda rancor — disse Dave, pensativo. — Ela pode obrigar você a dizer coisas bonitas e coisa e tal, mas acho que no fim vai acabar vendo as coisas a sua maneira. Quando é que vai pedi-la em casamento?

— Estava pensando em hoje à noite. Eu tenho a ideia de...

— Você sempre fez questão de planejar as coisas em detalhes. — Havia uma sugestão de ironia na voz do homem.

— Dave, você vai manter isso em segredo? Quero surpreendê-la e há algumas coisas que preciso fazer antes.

— Como comprar uma aliança?

— Sim, isso.

Dave o estudou com o rosto solene.

— Certifique-se do que está fazendo. Não a machuque, Evan.

O “de novo”, não dito, pairava no ar, entre eles.

— Não farei isso. Prometo a você.

Um impulso fez Evan estender a mão.

Dave parou por um mero segundo, antes de sacudi-la com firmeza. Depois disse:

— Sente-se e me conte o que está pensando.

Evan fez uma pausa. Será que realmente podia falar com Dave sobre aquilo? O cara tinha feito uma oferta, uma oferta de amizade. Evan não ia recusá-la, de novo.



JESS SORRIU, CANSADA, quando saiu do hospital, no final da tarde. Era sempre difícil lidar com Robin quando ela estava doente ou machucada. A pobre garotinha nunca queria reconhecer que se sentia mal e sempre queria sair da cama.

Olhou em volta, à procura de Dave. Foi muito gentil da parte dele sugerir um jantar tranquilo, no pequeno bistrô italiano da cidade. Jess tinha muito para lhe dizer. Além disso, era outra maneira de distraí-la do fato de que sabia que Evan estava em um avião, voando de volta para Nova York. O amor de sua vida seria seu amigo de mensagens via e-mail e parceiro de negócios. Ah, bem, poderia ser tudo muito, muito pior.

Ev havia passado no hospital para conhecer Robin. Quando a filha contou para ela, Jess não soube no que pensar, fora que Evan era um homem de palavra. Ele não iria voltar atrás em sua promessa de manter o segredo da paternidade de Robin.

Jess olhou ao redor, outra vez. Onde estava o Dave? A picape dele estava parada na parte da frente do estacionamento, a cabina vazia. Ela estava cansada e sabia que as portas estariam destravadas, então, aproximou-se e subiu no banco do passageiro. Depois de se acomodar, descansando a cabeça no encosto, fechou os olhos.

Ela mal se mexeu quando o ruído e o movimento lhe disseram que Dave tinha subido.

— Oi, bonitão — brincou, sem ouvir resposta.

O homem estava um pouco desajeitado para ligar a picape e sair do estacionamento, e normalmente, ela teria brincado com isso. No entanto, estava sem energia para se incomodar em fazê-lo. Ficaria de olhos fechados e descansaria até que ele estacionasse no restaurante.

— Você vai nos comprar uma garrafa de um bom vinho tinto — disse Jess.

— Na verdade, tinha outra coisa em mente.

A voz era de Evan. Ela se endireitou no banco e ficou de boca aberta:

— Você não foi embora!

Ele se olhou no retrovisor.

— Aparentemente, não.

Estava vestindo jeans e suas botas, que tinham sido engraxadas até brilhar. A camisa branca tinha as mangas arregaçadas e vários botões abertos. Estava bronzeado, com aparência saudável e trazia um brilho em seus olhos quando sorriu para ela.

Jess franziu a testa, sem compreender.

— Você está aqui e está roubando a picape de Dave...

Ele riu.

— E sequestrando sua ex.

Ela olhou para fora. Jess estava na rodovia, na direção norte, e não conseguia entender aquela situação.

— O que está acontecendo?

— Relaxe. Tudo será revelado.

Ele virou para uma estrada de terra. Uma estrada antiga, sinuosa, que levava ao Zephyr Lake. Evan Kincaid estava em Caribou Crossing e a estava levando para o Zephyr Lake. Será que ela poderia se atrever a esperar que...?

O lago surgiu à vista, piscando, azul atrás de uma tela de álamos. O único veículo por ali era o deles.

Evan estacionou e ela saiu, com os joelhos fracos. Quando ele lhe entregou uma cesta de vime de piquenique, Jess logo a segurou e o seguiu. Ele carregava um cobertor xadrez, que parecia novo, e um cooler azul e branco, com um adesivo Wild Rose Inn estampado na lateral.

A vontade dela era voltar a perguntar o que era tudo aquilo. Por outro lado, se não falasse nada, poderia manter as esperanças.

Evan a conduziu a um lugar perto do lago, enquanto abria o cobertor. Jess depositou a cesta de piquenique, tirou as botas e se sentou. Ele também tirou as botas e se posicionou ao lado dela. Abrindo a tampa do cooler, tirou duas taças de cristal, que entregou para ela.

— Não é o vinho tinto — disse ele, puxando uma garrafa de champanhe.

Dom Pérignon. Ela reconheceu o rótulo da festa de aniversário de vinte e cinco anos do casamento de seus pais. Evan arrancou a folha que cobria a rolha de cortiça.

Zephyr Lake e champanhe. Teria ela caído no sono no banco da picape de Dave e vivia um sonho maluco?

As taças geladas suavam em suas mãos. A umidade fria a convenceu de que estava acordada.

Ela tremia e o coração batia tão depressa que mal podia respirar. Agora, o medo estava em guerra com a esperança. Ainda era Ev, o cara de Nova York, o que nunca se permitiria amar. Jess tinha de saber, antes que explodisse de tensão.

— Evan?

Ele tirou a rolha.

— Achei que poderia fazer as coisas direito, desta vez.

— As coisas? — Jess guinchou e precisou limpar a garganta. — Da última vez, tivemos frango para viagem e cerveja e eu o seduzi.

Ele estava concentrado em encher as taças, de modo que ficassem com bolhas e não transbordassem.

— Deixe-me adivinhar — questionou ela, com a voz vacilante. — Desta vez, é você quem está me seduzindo?

Ele arrumou a garrafa no cooler, pegou uma taça das mãos de Jess e a colocou na tampa do cooler.

— Isso vem depois. Em primeiro lugar, quero lhe pedir...

Jess ofegou e o interrompeu:

— Pedir? Em casamento? — E por acaso havia algum outro tipo de proposta? Bem, existia uma proposta comercial, mas não era o cas...

— Ei, não derrame o champanhe! — Ele estendeu a mão com rapidez, para segurar a outra taça e a colocou ao lado da sua. — Tive uma conversinha com Rusty, pela manhã. Você sabe o que dizem sobre bom senso? Bem, esse velho amigo tem bem mais do que o suficiente.

Sim, Jess tinha razão de ter esperanças. E começou a rir, enquanto as lágrimas escorriam pelo rosto, até seus lábios. Quando sorriu, provou sal em sua língua.

— Você quer dizer...?

Evan lhe sorriu com gentileza e carinho.

— Eu amo você, Jessica Bly Cousins. Você é meu amor, aquele que só acontece uma vez na vida. Você é meu sonho. Quero voltar para Caribou Crossing e me casar com você.

— Ah, Evan... — Será que ela podia acreditar nisso? Timidamente, disse: — Mas você ama Nova York.

— É verdade, e você também vai amar, quando levar você e Robin para visitar a cidade. Mas posso amar Caribou Crossing. As últimas duas semanas me mostraram que posso.

Ela presenciou a mudança na frente de seus olhos.

— Eu sei que pode — resfolegou.

Evan lhe tomou uma das mãos, prendendo-a entre as suas, e Jess percebeu que elas tremiam. Ele estava com medo de que Jess não fosse aceitar.

— Você disse que me amava, Jess. É verdade? Quer se casar comigo e ser minha melhor amiga, meu único amor, para sempre e sempre?

— Eu... — O coração queria dizer que sim, mas faltava uma pergunta. — E Robin?

Ele sorriu.

— Ela é maravilhosa. Ficaria honrado em ser seu padrasto.

— Ah, Evan. Sim. Sim, eu vou me casar com você! — Ela se atirou em seus braços, derrubando-o para trás.

Os braços de Evan vieram ao redor dela, pressionando-a com tanta força que mal podia respirar.

— Jesus, Jess, como eu a amo. E como fui tolo!

— Sim, foi. Ainda assim, amo você, Ev. Para sempre e sempre.

NOTA DA AUTORA



CRESCI EM UMA cidade e vivi tanto em Victoria quanto em Vancouver, na Columbia Britânica, de maneira que é mais do que natural que escreva principalmente sobre ambientes urbanos. No entanto, também passei muito tempo no campo, que adoro, e fui uma das muitas meninas que se apaixonaram por cavalos, quando criança, e nunca se esqueceu desse sentimento. Então, acho que é mais do que hora de saciar meu *eu* adulto, com um pouco de romance em estilo country.

Em vez de definir minhas histórias em uma cidade de verdade, criei Caribou Crossing. Ela é um apanhado de uma série de pequenas cidades do interior da Columbia Britânica. Situada às margens da antiga Cariboo Wagon Road, tem uma história de mineração de ouro e, hoje, sua economia se baseia na pecuária e no turismo. (Se você está se perguntando se há um erro de digitação na última frase, não, não há, é apenas mais uma de nossas coisas estranhas, na Columbia Britânica. O animal é um caribu, “caribou” em inglês, e a região tem esse nome por causa dele, mas se escreve “Cariboo”... Vá entender.)

Um sonho perfeito é um começo para mim, de uma segunda maneira. Em geral, minha musa me leva a escrever sobre estranhos que se encontram e se apaixonam, mas desta vez ela me apontou na direção de uma história de reencontro. Descobri que há uma dinâmica diferente quando a heroína e o herói têm um passado compartilhado (e um grande segredo escondido). Foi muito agradável escrever a história de Jess e Evan e espero que tenham gostado de lê-la.

E que você procure pela história de amor dos pais de Jessica, no romance *Um amor perfeito*, além do romance sobre a mãe de Evan, Brooke, em *Um estranho perfeito*.

Gostaria de agradecer a todas as pessoas que ajudaram a transformar este livro em realidade: Audrey LaFehr e Martin Biro, em Kensington; Emily Sylvan Kim, da Agência Prospect; e meu grupo de crítica, Michelle Hancock, Betty Allan e Nazima Ali.

Adoro compartilhar minhas histórias com os leitores e amo ouvir suas críticas e comentários. Escrevo sob os pseudônimos Susan Fox, Savanna Fox e Susan Lyons. Você pode me enviar um e-mail pelo susan@susanlyons.ca ou fazer contato por meio de meu site, em www.susanfox.ca, no qual encontrará trechos de livros, bastidores, receitas, um concurso mensal, meu boletim e outras guloseimas. Você também pode me encontrar no Facebook, em facebook.com/SusanLyonsFox.